

WILLIAM PETER BLATTY

O Exorcista



Com imagens do filme

William Peter Blatty
O Exorcista

Título original: *The Exorcist*

Blatty, William Peter, 1928

Copyright © 1971

Literatura estrangeira - Ficção – Romance - Horror

Edição, adaptação para o português brasileiro, revisão, correção, tradução parcial, formatação, capa, seleção de imagens e apresentação: Angelo Menezes

Os direitos das imagens usadas neste livro são da Warner Brothers.

© William Peter Blatty – 1971

© Warner Brothers – 1973

© Todos os direitos reservados.

Este *e-book* foi desenvolvido com o propósito único de disponibilizar a presente obra em português brasileiro. A comercialização deste produto é proibida por lei.

O Exorcista / William Peter Blatty : Com imagens do filme

© Copyleft – Todos os direitos reservados.

Menezes, Angelo, 1973 –

angelomenezes@gmail.com

Recife, 2009

APRESENTAÇÃO

Não é à toa que a obra-prima do estadunidense William Peter Blatty é considerada a mais assustadora história de horror já escrita. Vários são os fatores que envolvem e fazem de *O Exorcista* um livro respeitado pela crítica e por admiradores do gênero em todo o mundo. Sua mística vai muito além de uma história complexa e bem desenvolvida, a começar pelo fato de que, segundo o autor, o livro, de 1971, foi inspirado num artigo publicado no *Washington Post* de 20 de agosto de 1949, sobre um longo e terrível exorcismo de um menino de 14 anos que teria ocorrido na Bunker Hill Road, 3210, em Mount Rainier, subúrbio de Washington. Ocorre também que apenas dois anos após o seu lançamento a obra ganhou uma das melhores adaptações para a grande tela já produzidas por Hollywood, cujas filmagens foram marcadas por acontecimentos sinistros, como um incêndio no *set* de filmagens e a morte de pelo menos seis pessoas envolvidas com a produção do filme – entre eles o ator Jack MacGowran, que acabara de concluir a sua parte nas filmagens.

O roteiro adaptado de *O Exorcista* ficou pronto em abril de 1972, e o filme estreou no cinema em pleno dia de Natal do ano seguinte, estupezando a audiência nos Estados Unidos, e afugentando muitos espectadores desavisados das salas de exibição, por medo ou porque chegavam a passar mal durante as sessões. A produção, do próprio autor – vencedor do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado –, somada à excelente direção de William Friedkin, foi decisiva na resolução de um longa-metragem que já nasceu clássico e imbatível. Outro Oscar, dos dois obtidos pelo filme, foi o de Melhor Som. No ano 2000, *O Exorcista* ganhou sua versão definitiva, com som e imagem remasterizados digitalmente, mais alguns efeitos visuais que a tecnologia da época não disponibilizava, e 11 minutos de cenas adicionais, deixados de fora da versão original.

Apresentar uma obra literária comparando-a à sua versão cinematográfica pode ser uma ofensa para qualquer clássico, mas o mesmo não sucede com *O Exorcista*. Não só pela popularidade alcançada pelo filme, mas sobretudo porque toda a atmosfera e ambientação da primeira foi extraída e perfeitamente adaptada para a segunda, obtendo o efeito maximizante que o cinema bem trabalhado é capaz de proporcionar, pelo realismo alcançado por Friedkin da visão autoral de Blatty, não obstante a natureza compacta do formato. Numa única frase, livro e filme se completam e se fortalecem.

É curioso como as imagens de O Exorcista jamais são esquecidas por quem o assiste, mesmo que uma única vez. E eis porquê a obra sempre figura no pódio dos maiores clássicos de terror: a aura de O Exorcista é ominosamente real e tende a impressionar as pessoas a ponto de fazê-las acreditar que tal aberração é possível, causando medo, pois sua trama é de algum modo convincente tanto na perspectiva científica quanto no ponto de vista cristão. Em todo caso, “é apenas um filme”, como disse a ainda adolescente Linda Blair, atriz que protagonizou a menina Regan numa interpretação comovente, que não recebeu a estatueta do Oscar por injustiça da Academia. Mas além do fato de ser só uma obra de ficção, O Exorcista não é uma apologia demoníaca – como alguns pensam –, mas uma história que aborda tanto a fé espiritual das pessoas e a posição da Igreja sobre as práticas de exorcismo, quanto a versão científica da medicina para tais fenômenos. Mais que isso, o leitor ou espectador atento e imparcial percebe que o mistério e a ciência estão bastante intrínsecos e se confundem na obra.

Sob essa ótica, talvez os mais relutantes apreciem a leitura e até assistam à adaptação deste *best-seller*. Nesse caso, o ideal, também aqui, ainda que livro e filme se completem, seria ler para depois assistir. Ver a película primeiro, no entanto, não compromete a leitura, pois cada versão é uma experiência única, sendo o filme digno do livro, e o livro merecedor do filme.

Adaptação da obra para o português do Brasil

A ideia de adaptar O Exorcista para o português brasileiro e disponibilizá-lo como *e-book* na internet surgiu algum tempo após eu finalmente ter encomendado o livro, e só notar que se tratava de uma versão de Portugal depois de começá-lo a ler. Sim, a frustração foi inevitável, sobretudo pelo simples fato de eu ser brasileiro, e o português lusitano ser suficientemente distinto do meu. Ocorre que além de algumas palavras, expressões e frases terem me soado estranho, outras fizeram-me parar várias vezes para consultar, inclusive, o Dicionário de Português do Mário Prata – menos mal que eu o tinha –, mas nem isso foi suficiente. Além do mais, eu não teria dado risadas, que de outro modo seriam descabidas, em passagens como: *A senhora tem filhos?* – *Sim, tenho.* – *Rapazes?* – *Não, uma rapariga.* O pior é que depois disso, procurei e notei que não há uma edição brasileira do livro no mercado.

Procurando na internet, terminei achando, para a minha surpresa, a mesma versão que eu havia lido, disponível para *download*. Na época, eu acabara de desenvolver uma legenda com o texto traduzido muito fielmente das falas em inglês, então pensei que poderia fazer o mesmo com o livro, a partir da tradução de Maria Amélia O'Neil para o português europeu, adicionando fotos do filme para ilustrá-lo, o que ficaria ainda mais interessante. Foi o que comecei a fazer em abril de 2005, quando capturei imagens de um arquivo AVI do filme, selecionei 56 delas e as dispus nas partes correspondentes às cenas no então arquivo DOC do livro. Contudo, após alguns poucos dias de trabalho, deixei o projeto de lado e só o retomei em julho de 2009, quando, incentivado por uma amiga, aproveitei parte de um período de férias e finalmente o concluí. O lado positivo do atraso de mais de quatro anos para o desenvolvimento deste *e-book* é que ele terminou sendo lançado em conformidade com as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Como método, preferi fazer uso, a princípio, do recurso localizar e substituir, do editor de documentos, ao invés de ir lendo e mudando tudo na hora, buscando palavras, expressões e sufixos comuns aos falantes de Portugal, além de espaçamentos duplos, palavras separadas, travessões e parágrafos muito juntos ou muito afastados, entre outros, que havia numa quantidade imensa e deram muito trabalho. Para as falas da Regan possuída, aproveitei grande parte do português lusitano, que combinou com a linguagem requintada do demônio no original. Também usei uma versão em inglês do livro para traduzir os trechos omitidos e outros que não me agradaram na versão lusitana. Os últimos ajustes vieram numa leitura geral de revisão. Por fim, o texto foi convertido em PDF, formato mais confortável para a leitura em telas de computador.

Como critério de adaptação linguística, procurei combinar palavras e expressões de modo a tornar o texto o mais fiel possível ao original, de acordo com o falar do povo brasileiro, sem regionalismo, prezando pela elegância e o estilo na narrativa.

Sem mais, espero que este *e-book* ilustrado e adaptado para o português do Brasil seja do agrado dos fãs brasileiros da literatura de horror; principalmente dos adoradores de O Exorcista, a quem disponibilizo especialmente, com grande satisfação.

Angelo Menezes
Cidade mal-assombrada do Recife, inverno de 2009.

O Exorcista

*A meus irmãos Maurice, Edward e Alyce e à querida
memória de meus pais.*



O Exorcista

O EXORCISTA

©1971, William Peter Blatty

"Assim que [Jesus] pisou em terra, lá encontrou com Ele um certo homem que por um longo tempo estava possuído por um demônio... Muitas vezes tinha se apoderado dele, então foi amarrado com correntes... mas ele teria rompido os elos em pedaços... E Jesus lhe perguntou, dizendo, 'Qual é o teu nome?' E ele disse Legião..."

Lucas 8: 27-30

James Torello: Jackson foi pendurado naquele gancho de açougue. Ele era tão pesado que o torceu. Passou três dias naquela coisa até bater as botas.

Frank Buccieri (rindo): Jackie, você tinha de ter visto o cara. Parecia mais um elefante. E quando o Jimmy o picou com o chuço elétrico...

Torello (excitado): Ele estava girando, pendurado naquele gancho, Jackie. Jogamos água em cima dele para dar mais carga no chuço, e ele berrando...

Excerto da escuta telefônica do FBI no telefone da Cosa Nostra relatando o assassinato de William Jackson.

...Não há outra explicação para algumas das coisas que os comunistas fizeram. Como o padre com oito pregos cravados no crânio... E aqueles sete garotinhos e seu professor. Estavam rezando o Pai Nosso quando os soldados vieram em cima deles. Um deles sacou a baioneta e cortou a língua do professor. Outro pegou uns palitos e enfiou nos ouvidos dos sete garotinhos. Como tratar casos assim?

Dr Tom Dooley

Dachau.

Auschwitz.

Buchenwald.

PRÓLOGO





Iraque Setentrional

O sol escaldante fazia brotar bolhas de suor da testa do velho, mas ele rodeava com as mãos o copo de chá quente, como que para aquecê-las. Não conseguia se libertar do pressentimento: estava colado às suas costas como gélidas folhas molhadas.

A escavação terminara. A mamoa fora peneirada extrato por extrato, e o recheio examinado, etiquetado e embarcado: contas e pendentes, objetos de glíptica, falos, almofarizes de pedra polida manchada de ocre, vasos vidrados. Nada de especial. Uma caixa assíria de toucador, em marfim. E um homem. Ossos de um homem. Os restos frágeis do tormento cósmico que outrora o tinham feito pensar se a matéria seria Lúcifer tateando o regresso ascensional ao seu Deus. No entanto, agora já sabia mais. O cheiro do alcaçuz e da tamarga levava o seu olhar para as colinas cobertas de papoulas, para as planícies de juncos, para o raio esfarrapado da estrada semeado de pedras que se precipitavam para o horror. Mossul ficava a nordeste; a leste, Erbil; ao sul, Bagdá e Kirkuk e a fornalha ardente de Nabucodonosor. Cruzou as pernas por debaixo da mesa, em frente à solitária *chaykhana*¹, e olhou as manchas deixadas pela erva nas botas e na calça de cáqui. Bebericou o chá. A escavação terminara. O que iria começar? Tentou clarear o pensamento, como se limpasse a argila fresca de um achado, mas não conseguiu identificá-lo.

Alguém respirou ruidosamente dentro da *chaykhana*; o proprietário, mirrado, arrastou-se na sua direção, levantando o pó

¹ Casa de chá.

(Nota do editor)

com os sapatos de fabricação russa, acalcanhados como chinelos, com os contrafortes rangendo debaixo dos seus calcanhares. O escuro de sua sombra projetou-se sobre a mesa.

"Kaman chay, chawaga?"

O homem de cáqui balançou a cabeça, olhou-lhe os sapatos sem cadarços, endurecidos, por assim dizer, pela espessa camada de resíduos produzida pela dor de viver. A substância do Cosmos, refletiu ele calmamente: matéria; mas, de certo modo, ao fim e ao cabo, espírito. O espírito e os sapatos eram só aspectos de uma substância essencial, uma substância primordial e totalmente outra.

A sombra deslocou-se. O curdo parou, esperando como a uma antiga dívida. O velho de cáqui levantou a vista e fixou uns olhos desbotados e úmidos, como se tivessem coladas às íris membranas de casca de ovo. Glaucoma. Em outro tempo não poderia ter amado este homem.

Puxou da carteira e a esquadrinhou, à procura de uma moeda entre o recheio amarrotado: alguns dinares; uma carteira de motorista iraquiana; um calendário de doze anos atrás, de plástico desbotado, com uma inscrição nas costas: "Quem dá aos pobres, empresta a Deus." O calendário tinha sido impresso na Missão dos Jesuítas. Pagou o chá e deixou uma gorjeta de cinquenta fils em cima de uma mesa escavada, da cor da tristeza.

Encaminhou-se para o jipe. O silêncio foi quebrado pelo leve ruído metálico da chave de ignição. Parou um momento absorvendo aquela calma. Aglomerados no cume de um alto monte, os telhados de Erbil pairavam muito ao longe, em linha quebrada, sobre as nuvens, como bênção pedregosa e enlameada. Nas costas, as folhas agarraram-lhe com mais força a carne.

Alguma coisa estava à espera.

"Allah ma'ak, chawaga."

Dentes podres. O curdo com um sorriso amarelo dizia adeus. O homem de cáqui procurou algum calor dentro de si e conseguiu arranjar um adeus e um sorriso forçado, que desapareceu quando olhou para outro lado. Ligou o motor, deu uma volta em U, excêntrica e apertada, e dirigiu-se para Mossul. À medida que o jipe ganhava velocidade, o curdo olhava confuso, com a sensação de ter perdido qualquer coisa. O que desaparecera? O que sentira ele na presença do desconhecido? Talvez segurança, recordou; uma sensação de proteção e profundo bem-estar. Agora diminuía na distância, com a velocidade do jipe. Sentiu-se estranhamente só.

Por volta das seis e dez o meticuloso inventário terminara. O conservador de antiguidades de Mossul, um árabe de faces

flácidas, escrevia com cuidado, à escurinha, a última entrada no registro. Parou um instante levantando o olhar para o amigo, ao mesmo tempo em que mergulhava o aparo da caneta no tinteiro. O homem de cáqui parecia absorvido nos seus pensamentos. Junto de uma mesa, mãos nos bolsos, olhava fixamente uma réstia do passado, ressequida e etiquetada. O conservador o observou, curioso e imóvel, depois, continuou escrevendo, com letra firme, esmerada e pequena. Por fim deu um suspiro e pousou a caneta, ao ver as horas. O trem de Bagdá partia às oito. Riscou a página e ofereceu chá. O homem de cáqui balançou a cabeça, de olhos fixos num objeto que estava em cima da mesa. O árabe o olhava, vagamente perturbado. O que pairava no ar? Havia algo no ar. Levantando-se, aproximou-se. Sentiu umas vagas picadas na nuca quando o amigo, movendo-se por fim, apanhou um amuleto e o segurou pensativo nas mãos. Era uma cabeça de pedra verde do demônio Pazuzu, personificação do vento de sudoeste. Tinha poder sobre a doença e a moléstia. A cabeça estava furada. O dono do amuleto usara-o para se proteger.

— O mal contra o mal — murmurou o conservador, abanando-se vagarosamente com uma revista científica francesa que tinha uma mancha de azeite na capa feita pelo contato de um dedo. O amigo não se mexeu nem fez comentários.

— O que há com você?

Não obteve resposta.

— Padre?!

No entanto, o homem de cáqui pareceu não ouvi-lo, absorvido pelo amuleto, o último dos seus achados. Um segundo depois o pousou e olhou interrogativamente o árabe. Tinha dito alguma coisa?

— Nada.

Murmuraram despedidas.

À porta, o conservador agarrou a mão do velho com inusitada firmeza.

— Meu coração tem um desejo, padre: que você não fosse embora.

O amigo respondeu-lhe brandamente, falando de chá, do tempo, de coisas a fazer.

— Não, não, não; queria dizer, para casa.

O homem de cáqui fixou o olhar numa migalha de grão-de-bico cozido que se aninhara no canto da boca do árabe; todavia, o seu olhar continuou distante.

— Para casa — repetiu. Estas palavras pareciam afirmar que alguma coisa terminara.

— Os Estados Unidos — acrescentou o conservador árabe, perguntando imediatamente a si mesmo porque o fizera.

O homem de cáqui fixou a fundo a preocupação do outro. Nunca achara difícil amar aquele homem.

— Adeus — disse, num murmúrio; depois voltou-se rapidamente e seguiu pelo triste aglomerado das ruas, numa viagem de volta pra casa, cuja distância parecia de certo modo indeterminada.

— O verei daqui a um ano! — gritou da porta o conservador. Mas o homem de cáqui nunca olhou para trás. O árabe viu a sua silhueta diminuir ao cruzar uma rua estreita esquinada, quase esbarrando com uma carruagem que vinha em velocidade. Na cabine levava uma velha árabe corpulenta, de rosto oculto na sombra de um véu de renda preta que a envolvia como um sudário. Imaginou que ela estava apressada para algum encontro. Logo perdeu de vista o seu amigo apressado.

O homem de cáqui caminhava como que compelido. Afastando de si a cidade, percorreu os subúrbios e atravessou o Tigre. Próximo das ruínas, abrandou o passo, pois a cada passada o pressentimento incipiente assumia uma forma mais sólida e mais horrível. Não obstante tinha de saber. Tinha de se preparar.

Uma prancha de madeira colocada sobre a torrente lamacenta do Khors rangeu sob o peso do seu corpo. E então chegou; parou no túmulo onde outrora brilhara Nínive, a das quinze portas, o covil temível das hordas assírias. Agora a cidade jazia, estirada, na poeira sangrenta da sua predestinação. E todavia ele estava ali, o ar estava cheio dele, daquele Outro que lhe invadia os sonhos.

Um guarda curdo, ao voltar de uma esquina, suspendeu a arma e começou a correr de encontro a ele, então parou abruptamente. Com um aceno de reconhecimento sorriu e prosseguiu na sua ronda.

O homem de cáqui vagueou pelas ruínas. O Templo de Nabu. O Templo de Istar. Sentiu vibrações. Parou no palácio de Assurbanipal; em seguida, olhou de soslaio para uma informe estátua de calcário *in situ*: asas esboroadas, pés providos de garras, pênis túrgido, saliente, ereto, e a boca tensa, esticada numa cara feroz. O demônio Pazuzu.

O Exorcista



De repente, ele sucumbiu.

Ele sabia.

Aquilo se aproximava.

Fixou a poeira. As sombras aumentavam. Ouviu matilhas de cães selvagens latindo em torno da cidade. O sol começava a desaparecer no horizonte. Baixou as mangas da camisa e as abotoou quando se levantou uma brisa cortante vinda de sudoeste.

Dirigiu-se apressado para Mossul e para o trem, com o coração apertado pela gélida convicção de que breve teria de enfrentar um velho inimigo.

I: O PRINCÍPIO



CAPÍTULO UM

Assim como a rápida e fatal labareda da explosão de sóis é debilmente registrada pelos olhos dos cegos, o princípio do horror passou quase despercebido. O estrépito do que se seguiu foi de fato esquecido e talvez nem sequer relacionado com o horror. Era uma coisa difícil de avaliar.

A casa era de aluguel. Sombria, acanhada. De tijolo; de estilo colonial, afogada em hera; no bairro de Georgetown, em Washington, D.C. Um dos limites do *campus* da Universidade de Georgetown ficava do outro lado da rua; nas traseiras, um aterro íngreme mergulhava verticalmente na Rua M e mais além corria o lamacento Potomac. Na noite de 1º de abril, a casa estava imersa em silêncio. Chris MacNeil, recostada na cama, revia o seu texto para a filmagem do dia seguinte; sua filha, Regan, dormia perto do vestibulo; o casal de criados de meia-idade, Willie e Karl, dormia embaixo, num quarto junto da copa. Por volta da meia-noite e vinte e cinco, Chris levantou os olhos do roteiro com um franzir de sobrancelhas intrigado. Ouvira o som de pancadas rápidas. Estranhas. Abafadas. Profundas. Em séries ritmadas. Um código estranho, com a marca de um morto.

Que estranho.

Ficou à escuta por um momento. Depois, não ligou mais; mas, como as pancadas persistiram, não conseguiu se concentrar. Atirou o roteiro em cima da cama.

Deus, que saco!

Levantou-se para investigar.

Saiu para o corredor e olhou ao redor. Aquilo parecia vir do quarto da Regan.

O que é que ela está fazendo?

Caminhou silenciosamente pelo corredor e as pancadas se tornaram mais fortes de repente, muito mais rápidas; mas quando empurrou a porta e entrou no quarto, cessaram abruptamente.

O que diabo está acontecendo?

Sua linda menina de onze anos estava dormindo, agarrada firmemente a um grande panda de pelúcia de olhos redondos. O *Pookey*. Desbotado por anos de apertos, anos de beijocas, abraços e beijos molhados.

Chris aproximou-se da cabeceira da cama e inclinou-se sobre ela para cochichar:

— Rags, você está acordada? Respiração regular. Pesada. Profunda. Chris deu uma olhada pelo quarto. Uma luz difusa vinda do vestibulo refletia-se, pálida e quebrada, nos quadros de Regan, nas suas esculturas; em bichos de pano. *Tudo bem, Rags. A burra da sua mãe está se arrastando. Diga “1º de abril!”* Em todo caso, Chris sabia que aquilo não era costume dela. A criança era por natureza acanhada e muito tímida. Quem seria então o engraçadinho? Algum alma sonolenta impondo ordem no ruído do encanamento ou do aquecimento? Uma vez, nas montanhas do Butão estivera durante horas olhando para um monge budista, sentado na posição de lótus, em meditação. Por fim, pensava tê-lo visto em levitação. Talvez. Sempre que contava a história a alguém, acrescentava invariavelmente “talvez”. E talvez a sua mente, hábil narradora de ilusões, tivesse dado muita importância às pancadas.

Que merda! Mas eu ouvi!

De repente deu uma olhada rápida para o teto. Ali! Pequenos arranhões.

Ratos no sótão, pela mãe do guarda! Ratos!

Suspirou. *É isso mesmo. De rabo comprido. Tum, tum.* Sentiu um estranho alívio. E depois notou o frio. O quarto estava gelado. Foi de ponta de pé até à janela. Examinou-lhe. Estava fechada. Apalpou o radiador. Estava quente.

Mas o que é isso?

Intrigada, foi novamente até à cama e pôs a mão no rosto de Regan. Macia como seda e transpirando ligeiramente.

Devo estar doente!

Olhou para a filha, para o seu nariz arrebitado, para a cara sardenta e, num impulso carinhoso e rápido, debruçou-se e deu-lhe um beijo. “Eu te amo tanto”, murmurou. Depois, voltou ao quarto, à cama e ao roteiro.

Chris continuou a estudar durante mais um tempo. O filme era uma comédia musical, uma nova versão de *Mr. Smith goes to Washington*¹. Tinha-lhe sido acrescentado um entrecho suplementar sobre insurreições no *campus*. Chris era a protagonista. Desempenhava o papel de uma professora de Psicologia que tomara o partido dos rebeldes. E ela o detestava. *É estúpido! Esta cena é absolutamente estúpida!* O seu cérebro, embora inculto, nunca confundia a propaganda com a realidade e, como uma gralha-azul curiosa, procurava inexoravelmente, por entre a verborreia, a cintilação do fato escondido. E por isso, para ela, a causa dos rebeldes era “estúpida”. Não fazia sentido. *Como é que pode?*, perguntava a si própria. *Conflito de gerações? Isso é um lixo! Eu tenho trinta e dois anos. Isso é simplesmente idiota, e fim de papo; é uma...!*

Fique fria. Mais uma semana.

Os interiores já tinham sido rodados em Hollywood. Só faltavam algumas cenas exteriores no *campus* da Universidade de Georgetown, que começariam a ser filmadas no dia seguinte. Era feriadão de Páscoa e os estudantes tinham partido.

Começou a ficar com sono. Sentia os olhos pesados. Voltou a uma página anterior, rasgada de maneira singular. Sorriu, pensativa. O seu diretor inglês, quando estava muito nervoso, rasgava com as mãos agitadas e trêmulas uma tira de papel da margem da folha que tivesse mais à mão e, centímetro a centímetro, a mastigava até a reduzir a uma bola.

Querido Burke.

Bocejou. Olhou com carinho para as margens do roteiro. As páginas pareciam ratadas. Lembrou-se dos ratos. *Os bastardinhos tinham ritmo.* Anotou mentalmente que na manhã seguinte teria de dizer ao Karl para lhes armar ratoeiras. O roteiro escorregou-lhe dos dedos relaxados. Deixou-lhe cair. *Estúpido. É estúpido.* A mão hesitante tateou à procura do interruptor. *Aqui está.* Suspirou. Ficou um momento imóvel, quase adormecida; depois, com uma perna preguiçosa, afastou a roupa. *Calor desgraçado.*

¹ Filme conhecido no Brasil como A Mulher Faz o Homem.
(Nota do editor)

Uma neblina de orvalho, macia e leve, cobria as vidraças.

Chris adormeceu. E sonhou com a morte no seu aspecto mais horrível — com a morte, como se ainda ninguém soubesse o que era a morte: enquanto qualquer coisa retinia, ela arquejante sumia deslizando para o abismo, pensando e repensando *eu não tornarei a existir, vou morrer, não tornarei a existir por toda a eternidade; oh Papai!, não permita. Não permita que isso aconteça, não me deixe desaparecer para sempre*, e dissolvendo-se, libertando-se, ouviu retinir, retinir...

O telefone!

Saltou da cama com o coração aos pulos e deitou a mão ao telefone; sentia um vazio no estômago, completamente oco, e o telefone tocando.

Atendeu. Era o assistente do diretor.

— A caracterização é às seis, querida.

— Certo.

— Como está se sentindo?

— Se eu for ao banheiro e não arder, estou no lucro. — Ele caiu na gargalhada.

— Até logo.

— Certo. E obrigada.

Desligou. Sentou-se um momento, imóvel, pensando no sonho. Teria sido um sonho? Parecia mais um pensamento no limiar do despertar. Aquela claridade terrível. O luzir da caveira. O nada. Irreversível. Não podia concebê-lo. *Meu Deus, não pode ser!* Refletiu. Por fim baixou a cabeça. *Mas é.* Foi ao banheiro, colocou um roupão, desceu correndo para a cozinha, para a vida, para o *bacon* a fritar. — Ah, bom dia, Sr.^a MacNeil.

Willie, cinzenta e apagada, de olhos empapuçados e violáceos, espremia laranjas. Um vestígio de sotaque suíço, como o de Karl. Enxugou as mãos a uma toalha de papel e encaminhou-se para o fogão.

— Deixe, Willie, eu vou buscar.

Chris, sempre sensível, tinha notado o seu ar cansado, e enquanto Willie, resmungando, voltava para a lava-louça, a atriz derramou café numa xícara e dirigiu-se para a mesa de jantar. Sentou-se, sorrindo com ternura para a bandeja. Uma rosa vermelha. Regan. *Aquele anjo.* Muitas vezes, de manhãzinha, quando Chris trabalhava, Regan se levantava da cama, muito devagar, descia à

cozinha e deixava uma flor. Depois, de olhos sonolentos, regressava novamente ao sono. Chris balançou a cabeça, pesarosa, recordando; por pouco não lhe chamara Goneril. *Claro. Vamos lá. Prepare-se para o pior.* Chris sorriu, ante a recordação. Tomou um gole de café. Quando tornou a olhar para a rosa ficou triste de repente. De olhos grandes, verdes, magoados, num rosto de criança abandonada. Lembrara-se de outra flor. Um filho. Jamie. Morrera há muito tempo, com três anos, quando Chris era muito nova e corista anônima da Broadway. Tinha jurado nunca mais se entregar como se entregara ao Jamie e ao pai, Howard MacNeil. Desviou os olhos da rosa, e como a sua memória de morte fumegasse do café, acendeu rapidamente um cigarro. Willie lhe trouxe o suco e Chris lembrou-se dos ratos.

— Onde está o Karl? — perguntou à criada.

— Estou aqui, senhora!

Karl pareceu vindo da despensa, felino, sorrateiro. Autoritário, deferente, dinâmico e subserviente, com um pedaço de *Kleenex* num corte que fizera no queixo ao se barbear.

— Sim? — disse junto à mesa. Musculoso, careca, de olhar brilhante e nariz curvado.

— Karl, nós temos ratos no sótão. É melhor arranjar ratoeiras.

— Onde é que tem ratos?

— Acabei de dizer.

— Mas o sótão está limpo.

— Bom, certo, temos ratos asseados!

— Não há ratos.

— Karl, eu os ouvi esta noite. — disse Chris calmamente, controlando-se.

— Talvez fosse o encanamento — sugeriu Karl —, ou as tábuas.

— Ou talvez ratos! Você vai comprar as malditas ratoeiras e deixar de discutir?

— Sim, senhora! — apressou-se. — Estou indo!

— Não, agora não, Karl! As lojas estão todas fechadas!

— Estão fechadas! — disse Willie, repreensiva.

— Vou ver. — replicou e foi embora.

Chris e Willie trocaram um olhar e Willie, balançando a cabeça, voltou a se ocupar do *bacon*. Chris tomou mais um gole de café. Estranho. Homem estranho. Tão trabalhador como a Willie, muito leal e discreto. No entanto, havia qualquer coisa nele que a deixava vagamente desconcertada. O que seria? Um certo ar

arrogante? Desafio? Não. Mais alguma coisa. Qualquer coisa difícil de determinar. O casal já estava com ela quase há seis anos, no entanto Karl era ainda um hieróglifo indecifrável, uma máscara que falava, respirava, cumprindo-lhe as tarefas com suas pernas inchadas. Não obstante, por trás da máscara algo se movia. Ela podia ouvir um mecanismo qualquer pulsar como uma consciência. Apagou o cigarro; ouviu o ranger da porta da frente ao ser aberta e depois fechada.

— Estão fechadas — resmungou Willie.

Chris comeu sem apetite um pouco de *bacon*, voltou para o quarto, onde vestiu o seu conjunto de suéter e saia. Viu-se ao espelho e olhou solenemente para o cabelo curto, ruivo, sempre com aspecto desgrenhado, para o rosto pequeno, bem lavado e cheio de sardas. Entortou os olhos e fez uma careta boba. *Olá, menininha linda do lado! Posso falar com o seu marido? Com o seu amante? Com o seu cafetão? Oh! O seu cafetão está no asilo? Aqui é da Avon!* Deu língua para si mesma. Depois deixou pender o corpo. *Ah, Cristo, que vida!* Pegou a caixa das perucas, desceu as escadas, cabisbaixa, e saiu para a rua arborizada, num frio pungente.

Fora de casa, parou um instante e aspirou o ar da manhã. Olhou para a direita. Ao lado da casa, velhos degraus de pedra precipitavam-se na Rua M, lá muito embaixo. Um pouco mais adiante ficava a entrada superior da Car Barn¹, antes usada como abrigo de bondes elétricos: mediterrânea, telhado de telha marselha, torreões rococó, tijolo antigo. Olhou pensativa para tudo aquilo. *Legal. Que rua legal. Caramba! Por que é que não fico aqui? Comprar a casa... Começar a viver?* Ouviu o repicar de um sino. Olhou na direção do som. A torre do relógio do *campus* de Georgetown. A ressonância melancólica ecoou no rio; vibrou; penetrou-lhe no coração cansado. Continuou caminhando para o trabalho. Para aquela horrível charada; para aquela palhaçada reles e grotesca, sem valor nenhum.

A sua depressão diminuiu quando atravessou o portão principal do *campus*; e mais ainda ao olhar para os camarins atrelados que se alinhavam ao longo do caminho, na parte sul da cerca; pelas oito horas da manhã, na altura em que o dia verdadeiramente começava, quase voltara a ser ela mesma. Começou a discutir sobre o roteiro.

— Olha só, Burke! Dá uma olhada nessa porcaria, por favor!

¹ *The Car Barn*: um dos blocos de graduação da Georgetown University.

(Nota do editor)

O Exorcista

— Ah, estou vendo, é um roteiro. Mas que bom! — O diretor Burke Dennings, tenso e malicioso, com o olho esquerdo piscando, mas mesmo assim com um brilho travesso, cortou-lhe, com perícia cirúrgica e mãos trêmulas, uma tira estreita de uma página do roteiro e grasnou: — Vou mastigá-lo!

Estavam no terraço em frente do edifício da administração, cercados pelo grupo dos atores; luzes; técnicos; figurantes e maquinistas. Aqui e ali, alguns espectadores, na sua maioria da Faculdade dos Jesuítas, espalhavam-se pela relva. Montes de crianças. O operador, aborrecido, pegou no *Daily Variety* quando Dennings, exalando o leve cheiro do primeiro gim da manhã, pôs o papel na boca dando uma risadinha.

— É verdade, estou extraordinariamente satisfeito por terem lhe dado um roteiro.

Era um homem evasivo, frágil, que rondava pelos cinquenta. Falava com um forte e engraçado sotaque inglês, tão cerrado e formal que transformava em elegâncias as mais grosseiras obscenidades. Quando bebia parecia sempre perdido de riso, constantemente lutando consigo mesmo para manter a compostura.

— E agora me diga, minha querida... O que é que há? O que há de errado?



No roteiro, a cena em causa exigia que o reitor da imaginária faculdade discursasse numa reunião de estudantes num esforço para impedir uma ameaça de “greve branca”. Em seguida Chris devia subir correndo as escadas do terraço, arrancar o megafone do reitor e, apontando para o edifício principal da administração, gritar: “Vamos botá-lo abaixo!”

O Exorcista

— Isto não faz sentido algum — disse Chris.
— Bem, é perfeitamente compreensível — mentiu Dennings.
— Mas por que diabo eles tinham de pôr o edifício abaixo, Burke? Para quê?
— Está me gozando?
— Não, estou só perguntando “por quê?”
— Porque está lá, meu amor!
— No roteiro?
— Não, ali no terreno!
— Pois bem, não faz sentido, Burke. Ela não tinha nada que fazer isso.

— Tinha, sim senhora.
— Não, não tinha.
— Mandamos chamar o autor, então? Parece que ele está em Paris!
— Escondido?
— Trepando!

Tinha os olhos brilhantes na cara balofa, enquanto as palavras, pronunciadas com dicção impecável, subiam nítidas e claras em direção às espirais góticas. Chris encostou-se ao ombro dele rindo.

— Oh Burke, você é impossível, desgraçado!
— Sou, sim. — Disse isto com a modéstia de César ao confirmar os boatos da sua tripla recusa da coroa.
— E agora, já podemos continuar?

Chris nem ouviu. Olhava furtiva e embaraçadamente para um jesuíta que estava ali próximo, tentando verificar se ele teria ouvido a obscenidade. Moreno, de face vincada, cheia de rugas, parecia um lutador de boxe. Teria uns quarenta anos. Os seus olhos irradiavam uma vaga tristeza, um certo sofrimento. No entanto, quando se fixaram nos dela, eram cordiais e tranquilizadores. Ouvira. Estava sorrindo. Olhou para o relógio e foi embora.

— Então, podemos continuar ou não?

Virou-se indiferente.

— Sim, claro, Burke, vamos a isso.

— Graças a Deus!

— Não, espera!

— Mas que chatice!

Chris queixou-se da fala final da cena. Parecia-lhe que o ponto culminante era atingido com a oposição entre a sua fala e a sua corrida, logo a seguir, pela porta do edifício.

— Não acrescenta nada — disse. — É ridículo.

— Pois é, querida, pois é — concordou Burke com sinceridade. — No entanto, como o montador insiste que se faça, aqui estamos, como vê.

— Não, não vejo.

— Não, é claro que não. É estúpido. Sabe, como a cena seguinte começa com o Jed caminhando na nossa direção, saindo de uma porta — deu uma risadinha —, o montador tem a certeza de ser promovido se a cena precedente terminar com você desaparecendo por uma porta.

— Mas isso é idiota!

— Então! Já se sabe que sim! É uma merda! É simplesmente uma bosta sem tamanho! Mas agora, por que não vamos filmar? Confie em mim e eu a corto da montagem final. Deve ficar uma mixórdia bastante saborosa.

Chris riu e concordou. Burke olhou de relance para o montador, conhecido pelo seu feitio egoísta e excitável, muito dado a discussões que só serviam para perder tempo. Estava ocupado com o operador. O diretor deu um suspiro de alívio.

No relvado, ao fundo das escadas, enquanto esperava que as luzes aquecessem, Chris olhava para Dennings bombardeando um infeliz maquinista com obscenidades e ficar depois radiante de satisfação. Ele parecia se divertir com as próprias excentricidades. Contudo, Chris sabia que em dada altura da bebedeira ele poderia explodir subitamente em ataques de fúria; e se isso acontecesse às três ou quatro horas da manhã, era capaz de telefonar para pessoas importantes e insultá-las barbaramente por motivos fúteis. Chris se lembrava de um chefe de estúdio cuja ofensa consistira em observar-lhe calmamente durante uma projeção que os punhos da sua camisa estavam ligeiramente gastos, o que sugeriu imediatamente a Dennings acordá-lo às três da manhã para classificá-lo de “pederasta iletrado”, cujo pai seria “mais do que provavelmente louco!”

E, normalmente, no dia seguinte fingia-se de amnésico e se mostrava radiante com um refinado prazer, quando aqueles a quem tinha ofendido contavam detalhadamente o que lhes fizera. Porém, lembrava-se de tudo, se isso lhe conviesse. Chris recordou, sorrindo, a noite em que ele destruíra os escritórios do seu estúdio, numa fúria cega, atestada pelo gim; mais tarde, ao ser-lhe apresentada uma conta discriminada e fotografias *Polaroid* com os pormenores do prejuízo, ele as tinha maliciosamente posto de lado, dizendo serem “falsificações óbvias; o prejuízo foi muito, muito maior que isso!” Chris não acreditava que Dennings fosse um alcoólico inveterado ou um bêbado sem esperança de cura, mas, sim, que bebia porque era isso que esperavam dele: vivia segundo a sua lenda.

Bom, creio que é uma espécie de imortalidade, pensou ela.

Virou-se, olhando por cima do ombro, à procura do jesuíta que sorria. Passeava a distância; desanimado; uma nuvem escura à procura de chuva.

Chris nunca gostara de padres. Tão confiantes, tão seguros. E no entanto aquele...

— Está pronta, Chris? — Era o Dennings que falava.

— Sim, estou pronta.

— Muito bem. Silêncio! — disse o assistente do diretor.

— Motor! — ordenou Burke.

— Velocidade!

— E agora, *ação!*

Chris subiu os degraus correndo enquanto os figurantes aplaudiam e Dennings olhava para ela, tentando adivinhar o que se passaria na sua cabeça. Abandonara a discussão depressa demais. Dennings olhou significativamente o técnico do diálogo, que se aproximou respeitoso e lhe apresentou o roteiro aberto, como um acólito experiente apresentaria o missal ao padre numa missa solene.

Trabalharam sob um sol intermitente. Pelas quatro horas o céu estava coberto de uma espessa camada de nuvens e o assistente do diretor despediu a companhia, dando o trabalho do dia por terminado.

Chris partiu a pé em direção a casa. Estava cansada. Na esquina da Rua Trinta e Seis com a Rua Zero deu um autógrafo, a pedido de um caixeiro italiano que a chamara da porta da sua mercearia. Escreveu o nome e “Os melhores votos” num cartucho de papel marrom. Enquanto esperava para atravessar, olhou em diagonal para a igreja católica do outro lado da rua. Provida por padres jesuítas. Ouvira dizer que Jonh F. Kennedy casara lá com Jackie; tinha assistido lá a uma missa. Tentou imaginar John F. Kennedy no meio das velas votivas e das piedosas mulheres cheias de rugas, ou John F. Kennedy curvado em oração: *Eu creio... num entendimento com os Russos; eu creio, eu creio na... Apollo IV, entre o desfiar das contas dos rosários; eu creio... na Ressurreição e na Vida Eterna...*

Isso. É isso. Esse é o usurpador.

Ela olhava como um caminhão de cerveja carregava, com um tinir de agitações quentes, promessas encharcadas.

Atravessou. Quando descia a Rua Zero, ao passar pelo auditório da escola primária, um padre passou apressado por ela, com as mãos nos bolsos de um blusão de *nylon*. Novo. Muito nervoso. Barba por fazer. Mais à frente virou à direita e entrou por uma passagem que dava para um pátio atrás da igreja.

Chris parou junto à passagem, olhando-o com curiosidade. Parecia se dirigir para uma casa pequena de caixilhos brancos. Uma velha porta de tela rangeu ao se abrir e apareceu mais um padre. Parecia de mau humor e também muito nervoso. Fez um breve aceno ao homem novo e, de olhos baixos, caminhou apressado para uma porta que dava para a igreja. Mais uma vez a porta de tela da casa se abriu do lado de dentro. Outro padre. Parecia... *Espera, e era!* Aquele que sorria quando Burke tinha dito “trepada”. Simplesmente agora tinha um aspecto grave ao cumprimentar em silêncio o recém-chegado, passando-lhe o braço por cima do ombro num gesto bondoso e um tanto paternal. Levou-lhe para dentro e a porta de tela fechou-se com chiados cada vez mais fracos.

Chris pregou os olhos no chão. Estava intrigada. *Que manobras são essas?* Perguntou a si mesma se os jesuítas iriam se confessar.

Ouviu-se ao longe o ribombar de um trovão. Olhou para o céu. Iria chover? ...*a ressurreição de...*

Sim, sim, claro, na próxima terça-feira. Relâmpagos estalavam a distância. *Não nos chame, menino, nós chamaremos você.*

Puxou a gola do casaco para cima e continuou andando devagar. Desejou que caísse um pé-d'água.

Logo chegou em casa. Correu para o banheiro. Depois foi para a cozinha.

— Oi, Chris, como foi o dia?

Uma bonita loira de vinte e poucos anos estava sentada à mesa. Sharon Spencer. Nova. Do Oregon. Nos últimos três anos tinha sido preceptora de Regan e secretária de Chris.

— Oh, a estafa do costume. — Chris foi até à mesa e começou a examinar o correio. — Algo de interessante?

— Quer jantar na Casa Branca na próxima semana?

— Oh, sei lá, Marty; o que você quer fazer?

— Comer bombons até ficar enjoada.

Chris riu.

— A propósito, onde é que está a Rags?

— Lá embaixo, no quarto dos brinquedos.

— Fazendo o quê?

— Esculpindo. Acho que está fazendo um pássaro. É para você.

— Ainda bem, preciso de um — murmurou Chris. Foi até o fogão e encheu uma xícara de café quente. — Estava me caçoando com a história do jantar? — perguntou.



— Não, de maneira alguma — respondeu Sharon. — É na quinta-feira.

— Uma grande reunião?

— Não. Imagino que sejam só cinco ou seis pessoas.

— Não brinque!

Ficou satisfeita, mas na realidade não se surpreendeu. A sua companhia era procurada por motoristas de táxi, poetas, professores, reis. O que havia nela que lhes agradava? A vivacidade? Chris sentou-se à mesa.

— Como foi a lição?

Sharon, com um franzir de sobancelhas, acendeu um cigarro.

— Passamos outra vez um mau bocado com a Matemática.

— Hã? Deus, isso estranho.

— Também acho. É a matéria de que ela gosta mais — disse Sharon.

— Oh, bem, essas “novas matemáticas”! Deus, eu nem conseguiria arranjar dinheiro trocado para o ônibus se...

— Olá, mãe!

Entrou aos pulos porta adentro, com os braços magros estendidos. Tinha o cabelo ruivo apanhado em rabichos. O rosto era macio, brilhante, cheio de sardas.

— Venha cá, nojentinha! — Radiante, Chris a apertou num grande abraço, depois deu-lhe um caloroso beijo no rosto. Não podia reprimir a imensidade do seu amor pela filha. “Hummm-hummm-hummm!” Mais beijos. Depois afastou Regan de si e examinou-lhe o rosto com um olhar ansioso. — O que você

fez hoje? Algo interessante?

— Oh, coisas...

— Mas que tipo de coisas?

— Oh, deixe-me ver. — Tinha os joelhos encostados aos da mãe, balançando-se devagar para trás e para a frente.

— Bem, é claro, eu estudei.

— Hanrã!

— Ah, e pinte!

— O que você pintou?

— Oh, bem, flores, você sabe. Margaridas? Só cor-de-rosa. E depois... Ah, é verdade! Aquele cavalo! — De repente ficou excitada, de olhos arregalados. — Sabe, aquele homem tinha um cavalo, lá embaixo, junto do rio. Demos um passeio, sabe, mãe, e depois apareceu o cavalo. Era lindo! Oh, mãe, você tinha que ter visto. E o homem me deixou montar! Sério! Quer dizer, foi só um pouquinho!



Chris piscou o olho para Sharon, com uma certa malícia. “Teria sido ele?”, perguntou de sobrancelhas erguidas. Quando se mudara para Washington para fazer o filme, a loura secretária, que praticamente já fazia parte da família, vivera lá na casa, ocupando um quarto vago no segundo andar, até ter encontrado o “cavaleiro” numa estrebaria próxima. Como desde então Sharon precisasse de um lugar para estar só, Chris decidira alugar-lhe uma suíte num hotel caro e insistira em pagar a conta.

— Ele mesmo. — Sharon sorriu ao responder a Chris.

— Era um cavalo cinzento! — acrescentou Regan. — Mãe, a gente não pode conseguir um cavalo? Quer dizer, a gente pode?

O Exorcista

— Veremos, querida.
— Quando é que a gente pode ter?
— Vamos ver. Onde está o pássaro que você fez?
Regan ficou num momento estupefata; depois, voltou-se para Sharon, deu uma gargalhada, com o aparelho de ortodontia enchendo-lhe a boca, e timidamente disse, numa censura:
— Você foi dizer! — Depois sorriu para a mãe:
— Era uma surpresa.
— Quer dizer que...?
— Com o bico comprido, como você queria!
— Oh, Rags, que bom! Posso ver?
— Não, ainda tenho que pintá-lo. Quando é que vamos jantar, mãe?
— Está com fome?!
— Estou morrendo de fome!
— Credo, ainda não são nem cinco horas. De que horas foi o almoço? — perguntou Chris a Sharon.
— Oh, por volta do meio-dia — respondeu Sharon.
— Quando é que a Willie e o Karl voltam?
Tinha-lhes dado folga na parte da tarde.
— Acho que pelas sete — disse Sharon. — Mãe, a gente não podia ir ao Hot Shoppe? — suplicou Regan. — Pode ser?
Chris pegou na mão da filha e a beijou, sorrindo com ternura.
— Vá lá em cima depressa, vista-se e vamos.
— Oh, eu te adoro!
Regan saiu correndo para o quarto.
— Querida, ponha o vestido novo! — gritou Chris da cozinha.
— Quanto não daria você para ter onze anos? — disse Sharon absorta.
— É uma oferta?
Chris pegou as correspondências e sem prestar atenção começou a vasculhar toda aquela adulação escrita.
— Vai aceitar, não? — perguntou Sharon.
— Com a cabeça com que estou agora? Com todas as lembranças?
— É.
— Nem pensar.
— Reflita melhor.
— Estou refletindo. — Chris tinha pegado um roteiro que vinha acompanhado por uma carta cuidadosamente presa à

capa por um clipe. Era do Jarris, o seu agente.

— Tenho a impressão de ter-lhes dito que não queria mais roteiros por um tempo.

— Devia lê-lo — disse Sharon.

— Você acha?

— Sim, eu o li esta manhã.

— E que tal? Razoável?

— Estupendo.

— E tenho de fazer o papel de uma freira que descobre que é lésbica, não?

— Não, você não tem que fazer papel algum.

— Merda! Os filmes estão melhores que nunca. De que diabo você está falando, Sharon? Por que esse risinho?

— Querem que você seja a diretora — soprou Sharon, com ar pudico, juntamente com a fumaça do cigarro.

— O quê?!

— Leia a carta.

— Pelo amor de Deus, Sharon, você está me gozando! Chris percorreu a carta com olhos ávidos, esfomeados, devorando as palavras aos montes. "...um novo roteiro... um tríptico... o estúdio quer Sr. Stephen Moore... aceita o papel desde que..."

— Seja eu que dirija a sua parte!

Chris levantou os braços, soltando um grito de alegria áspero e estridente. Depois embalou a carta contra o peito com ambas as mãos. "Oh, Steve, você é um anjo, não esqueceu!" Filmando na África. Bêbado. Em cadeiras de lona. Vendo o tranquilo pôr-do-sol, vermelho-sangue. "*Oh, esse negócio é uma merda! Para o ator é uma porcaria, Steve!*" "*Oh, eu gosto!*" "*É um nojo! Não sabe o que costuma acontecer na nossa profissão? Dirigir um filme!*" "*Oh, sim.*" "*Então fazemos alguma coisa, algo que é nosso; quer dizer, uma coisa viva!*" "*Bem, então, mãos à obra.*"

"*Já tentei; não me aceitam.*" "*Por que não?*" "*Oh, deixa disso, você sabe muito bem porquê; pensam que não sou capaz.*" Grata recordação. Um sorriso amigo. O Steve, que amor!...

— Mãe, não consigo encontrar o vestido! — gritou Regan do patamar.

— Está no guarda-roupa — gritou Chris.

— Já procurei!

— Já vou! — gritou Chris. Examinou o roteiro por mais um momento. Depois foi ficando desalentada. — Provavelmente não presta mesmo para nada.

— Oh, deixe disso agora. Acho que é realmente bom.

— Oh, você até achava que o *Psico* precisava de uma sequência cômica.

Sharon riu.

— Mamãe?

— Já vou!

Chris levantou-se devagar.

— Vai se encontrar com alguém, Shar?

— Vou.

Chris apontou para o correio.

— Então vá. Podemos pôr tudo isso em dia amanhã de manhã.

Sharon levantou-se.

— Ah, não, espere — acrescentou Chris, lembrando-se de mais qualquer coisa. — Tem de ser posta uma carta no correio esta noite.

— Oh, está bem. — A secretária pegou o bloco de anotações.

— Mããããã! — Uma lamúria de impaciência.

— Espere que eu desço já — disse Chris a Sharon. Ia saindo da cozinha, mas parou quando viu Sharon olhar para o relógio.

— Ai, Chris, que é a hora da minha meditação — disse ela.

Chris a olhou atentamente, numa irritação muda. Durante os últimos seis meses tinha vindo observar a secretária. Transformara-se subitamente numa “sequiosa de serenidade”. Começara em Los Angeles pela auto-hipnose, que depois fora substituída por cânticos budistas. Durante as últimas semanas em que Sharon ocupara o quarto do segundo andar, a casa tresandara a incenso e a entoações monótonas de *Nam myoho renge kyo*¹ (“Entendeu? Basta continuar cantando assim, Chris, só isso, para conseguir o que deseja; alcançará tudo o que desejar...”) ouviam-se às horas mais impossíveis e mais inoportunas, a maior parte das vezes quando Chris estudava um texto. “Pode ligar a TV”, disse Sharon generosamente à patroa numa dessas ocasiões. “Está

¹ Mantra do budismo de Nitiren.

(Nota do editor)

estupendo. Posso cantar no meio de qualquer espécie de barulho. Não me incomoda nada.” Agora era a vez da meditação transcendente.

— Shar, você pensa realmente que esse tipo de coisa vai lhe fazer algum bem? — perguntou Chris, numa voz sem entonações.

— Me dá paz de espírito — respondeu Sharon.

— Está bem — disse Chris secamente. Virou as costas e deu boa-noite. Não disse nada acerca da carta e ao sair da cozinha murmurou “*Nam myoho renge kyo*”.

— Repita durante quinze ou vinte minutos — disse Sharon. — Talvez com você dê resultado.

Chris parou e pensou em dar uma resposta ao pé da letra. Depois desistiu. Subiu ao quarto de Regan e foi imediatamente ao guarda-roupa. Regan estava no meio do quarto olhando para o teto.

— O que é que há? — perguntou-lhe Chris enquanto procurava o vestido. Era de algodão azul-pálido. Tinha-o comprado na semana anterior e se lembrava de tê-lo pendurado no guarda-roupa.

— Barulhos esquisitos — disse Regan.

— Já sei. Temos amigos.

Regan olhou para ela.

— Hã?

— Esquilos, minha querida; esquilos no sótão.

A filha tinha nojo e terror de ratazanas e até os ratinhos a afligiam.

A procura do vestido foi infrutífera.

— Vê, mãe, não está aqui.

— Estou vendo. Talvez a Willie o tenha levado para a lavanderia com a outra roupa.

— Desapareceu!

— Bem, então ponha o azul-marinho. É bonito.

Foram ao Hot Shoppe. Chris comeu salada, enquanto Regan tomou sopa, comeu quatro pãezinhos, frango na frigideira, um *milkshake* de chocolate e uma dose e meia de torta de mirtilos com sorvete de café.

Onde é que ela põe aquilo tudo? — pensou Chris com ternura. — *Nos pulsos?* A criança era delgada como uma esperança fugaz.

Chris acendeu um cigarro depois do café e olhou pela janela, à sua direita. O rio estava escuro e parado, na expectativa.

— Gostei do meu jantar, mãe.

Chris virou-se para ela e, como tantas vezes acontecia, ficou sem respiração ao sentir novamente a dor de ver os traços de Howard no rosto de Regan. Era a incidência da luz. Baixou o olhar sobre o prato da filha.

— Não come mais torta?

Regan baixou a vista.

— Comi bombons.

Chris apagou o cigarro e sorriu.

— Vamos embora.

Estavam de volta antes das sete. Willie e Karl já tinham chegado. Regan correu para o quarto de brinquedos, no porão, ansiosa por terminar a escultura para a mãe. Chris foi à cozinha buscar o roteiro. Encontrou Willie preparando café; moído grosso; cafeteira sem tampa. Parecia irritada e rabugenta.

— Olá, Willie, que tal? Divertiram-se muito?

— Nem pergunte! — Juntou uma casca de ovo e uma pitada de sal ao líquido fervente da cafeteira. Tinham ido ao cinema, explicou Willie. Ela quisera ir ver os Beatles, mas Karl insistira em ir ver um filme artístico sobre Mozart. — É horrível — explodiu, ao baixar o fogo — aquele quadrúpede!

— Que pena. — Chris pôs o roteiro debaixo do braço. — Ô Willie, você viu o vestido que eu comprei pra Regan na semana passada? O de algodão azul?

— Vi no guarda-roupa dela esta manhã.

— Onde o colocou?

— Está lá.

— Por acaso não o teria levado, por engano, com a outra roupa para lavar?

— Está lá.

— Na roupa para lavar?

— No guarda-roupa.

— Não, não está. Já procurei.

Willie ia responder, mas cerrou os lábios e virou-se carrancuda para o café. Karl entrara.

— Boa tarde, senhora. — Foi à lava-louça buscar um copo d'água.

— Já armou as ratoeiras? — perguntou-lhe Chris.

— Não há ratos.

— Mas já armou?

— Armei, claro; mas o sótão está limpo.

— Que tal o filme, Karl?

— Excelente. — Tanto as costas como o rosto

apresentavam-se resolutamente inexpressivas.

Chris saiu da cozinha cantarolando uma famosa canção dos Beatles. Mas depois virou-se. Só mais uma alfinetada!

— Custou-lhe muito arranjar as ratoeiras, Karl?

— Não, não custou nada.

— Às seis da manhã?

— No mercado 24h.

Meu Deus!

Chris tomou um banho demorado e repousante e quando foi ao guarda-roupa do seu quarto buscar o roupão encontrou o vestido de Regan aparentemente desaparecido. Estava caído no fundo do armário todo amarrotado.

Chris o pegou. *O que o vestido está fazendo aqui?*

Ainda tinha as etiquetas. Durante alguns segundos, tentou recordar. Depois, lembrou-se de que no dia em que comprara o vestido também adquirira duas ou três coisas para si. *Talvez tenha colocado todas juntas.*

Chris levou o vestido para o quarto da Regan, pendurou num cabide e o colocou no guarda-roupa.

Deu uma olhada na roupa da filha. Bonita. Bonitas roupas. *Sim, Rags, veja bem, você não teria essas roupas na casa do seu pai, que nem sequer escreve.*

Quando se virou, vinda do armário, bateu com um dedo do pé numa cômoda. *Deus, me machuquei!* Ao levantar o pé para dar uma massagem no dedo reparou que a cômoda estava deslocada cerca de um metro. *Não admira ter dado uma topada. A Willie deve ter passado isto com o aspirador.*

Desceu ao gabinete de trabalho com o roteiro enviado pelo seu agente.

Ao contrário da enorme e pesada sala de estar, com a perspectiva das grandes janelas de sacada, o gabinete de trabalho tinha um ambiente de quente e discreto conforto, próprio para tios ricos trocarem segredos. Lareira com chaminé de tijolo, com painéis de carvalho, vigas entrecruzadas, de uma madeira que parecia já ter pertencido a uma ponte levadiça. Os poucos toques modernos que o gabinete tinha eram dados por um bar, almofadas de cores vivas e um tapete pertencente a Chris, em pele de leopardo, que cobria o chão de madeira de pinho junto à lareira acesa, e onde ela agora estava estendida, com a cabeça e os ombros encostados ao assento de um confortável sofá.

Voltou a ler a carta do agente. Fé, Esperança e Caridade; três histórias, cada uma com diretor e elenco diferentes. A dela seria a Esperança. Gostava da ideia e do título. Possivelmente insípido,

pensou, mas requintado. Provavelmente vão mudá-lo para qualquer coisa tipo “*Rock Around the Virtues*¹”.

A campainha da porta tocou. Burke Dennings. Um homem solitário, que aparecia muitas vezes. Chris sorriu com tristeza, balançando a cabeça, quando o ouviu lançar uma obscenidade ao Karl, a quem parecia detestar e a quem continuamente importunava.

— Olá, onde é que está essa bebida? — disse mal-humorado, de olhar fugidio, ao entrar na sala direto para o bar, com as mãos enfiadas nos bolsos da capa de chuva amarrotada.

Sentou-se num banco do bar. Irritado, de olhos inquietos, vagamente desapontado.

— Anda vadiando de novo? — perguntou Chris.

— Que diabo você quer dizer com isso? — resmungou ele.

— Você tem todo o aspecto disso. — Já o vira antes assim, quando tinham trabalhado juntos numa película, em Lausana. Na primeira noite que tinham passado lá, num hotel sossegado na margem do lago de Genebra, Chris não conseguira adormecer. Às cinco horas da manhã saíra da cama, resolvera se vestir e descer ao *hall* à procura de café ou de companhia. Na entrada, quando esperava pelo elevador, olhara pela janela e vira o diretor passeando à beira do lago, rígido, com as mãos nos bolsos do sobretudo, defendendo-se do frio glacial do inverno. Ao chegar à sala vinha ele entrando no hotel. “Nenhuma puta à vista!”, rosou com amargura ao passar por ela, de olhos baixos. Em seguida entrou no elevador e subiu para o quarto. Mais tarde, quando ela, brincando, se referira ao incidente, o diretor enfurecera-se e acusara-a de divulgar “alucinações flagrantes”, nas quais as pessoas “muito provavelmente vão acreditar, só porque você é uma estrela!”. Também a tinha definido como não passando de “uma louca lamuriante!”. Mas depois, num esforço para não lhe ferir os sentimentos, sugerira com brandura que, apesar de tudo, “talvez” ela tivesse visto alguém que muito simplesmente tomara por ele. “No fim das contas”, observara na ocasião, “acontece que a minha tetravó era suíça.”

Então Chris dirigiu-se para detrás do balcão e recordou-lhe o incidente.

— Oh, não seja tola! — respondeu Dennings. — Acontece que passei a tarde toda num maldito chá; um chá de faculdade!

Chris debruçou-se sobre o bar.

¹ Rock ao Redor das Virtudes, em tradução livre.
(Nota do editor)

O Exorcista

— Esteve mesmo num chá?
— Está certo, continue, cutuque!
— Você tomou um porre num chá — disse sarcástica — com jesuítas!

— Não, os jesuítas estavam sóbrios.
— Eles não bebem?
— Está maluca ou o quê? — berrou ele. — Beberam que nem uns odres! Eu, o que nunca vi foi ninguém aguentar tanto!

— Tenha cuidado, Burke! Olha a Regan.
— Ah, sim, a Regan — murmurou ele.
— Onde diabo está a minha bebida?
— Vai me dizer o que você foi fazer num chá da faculdade?

— As malditas relações públicas; algo que você devia fazer.

Chris passou-lhe um gim *on the rocks*.

— Meu Deus, como nós cagamos nos jardins deles — murmurou o diretor, piedosamente, levando o copo aos lábios.

— Ah, tá, vá, ria! Você só serve pra rir e mostrar parte da bunda.

— Mas agora eu só estou rindo.

— Bem, alguém tinha de dar um bom *show*...

— E quantas vezes você disse “porra”, Burke?

— Querida, isso é grosseiro — a censurou ele delicadamente — Agora me diga, como vai você?

Ela respondeu com um desconsolado encolher de ombros.

— Está deprimida? Vá, conte.

— Não sei.

— Diga ao tiozinho.

— Merda! Acho que vou beber qualquer coisa — disse ela, estendendo a mão para um copo.

— Pois beba, faz bem ao estômago. Então, agora, o que foi?

Ela derramou lentamente a vodca no copo.

— Você já pensou na morte alguma vez?

— Se já pensei...

— Na morte — interrompeu ela — Já pensou nisso alguma vez, Burke? O que significa? Quer dizer, o que realmente significa?

— Não sei — respondeu ligeiramente irritado. — Não, não penso; nunca pensei em tal coisa. É o que faço. Por que diabo você está falando nisso agora?

Chris tornou a encolher os ombros.

— Não sei — respondeu baixinho. Deixou cair o gelo no copo

e ficou a olhá-lo pensativa. — Sei... eu até sei — emendou.

— Penso que... bem, pensei nisso esta manhã... uma espécie de sonho... ao acordar. Não sei. Quer dizer, na realidade foi uma espécie de ideia que me passou pela cabeça... o que isso significa. Quer dizer, o fim — *o fim!* — como se fosse a primeira vez que tivesse ouvido falar nisso. — Balançou a cabeça. — Meu Deus, fiquei mesmo abalada!

Eu me senti como se estivesse caindo desse planeta amaldiçoado a centenas de milhões de milhas por hora.

— Ah, besteira. A morte é um alívio — resmungou Dennings.

— Para mim não, mané.

— Bem, você sobrevive nos seus filhos.

— Oh, deixa disso! Os meus filhos não são a minha pessoa.

— Ainda bem. Uma já chega.

— Quer dizer, pense nisso, Burke! Não existir... para todo o sempre! É...

— Oh, pelo amor de Deus!

Burke bateu com o copo na mesa.

— Vamos a outro.

— Sabe, eu não imaginava que os jesuítas bebessem.

— Claro, você é estúpida.

Os olhos dele começaram a ficar pequenos. Estava chegando ao ponto crítico. Chris se interrogava. Pressentia que lhe tinha tocado num ponto nevrálgico. Teria?

— Se confessam? — perguntou-lhe.

— Como vou saber? — berrou ele.

— Mas, você não estudou para...

— Onde é que está a merda dessa bebida?

— Quer café?

— Não seja ignorante. Quero é mais um copo.

— Beba um pouco de café.

— Vai, me dá mais um para a estrada.

— Um *Lincoln Highway*?

— Esse não presta e eu detesto bebida ruim. Vá, encha logo isso.

Fez deslizar o copo pelo balcão e ela derramou-lhe mais gim.

— Acho que talvez você devesse convidar uma gente — murmurou Chris.

— Convidar quem?

— Bem, qualquer um. — Encolheu os ombros. — Os mais importantes, percebe, padres.

— Nunca mais te largam. São uns sacanas — rosnou, bebendo o gim de um gole.

Pois é, ele está quase explodindo, pensou Chris, e mudou de assunto rapidamente: falou-lhe do roteiro e da sua oportunidade de dirigi-lo.

— Ah, bom — resmungou Dennings.

— Isso me assusta.

— Oh, bobagem! Minha filha, a única dificuldade da direção é fazer com que essa coisa espantosa pareça difícil. Quando fiz a primeira eu não tinha noção de nada, mas, como pode ver, aqui estou. É uma brincadeira de criança.

— Burke, para ser franca com você, agora que me ofereceram a oportunidade, nem sequer tenho certeza de ser capaz de dirigir a minha avó a atravessar a rua. Me refiro a toda essa porcaria da técnica.

— Não pense nisso; deixa tudo por conta do montador, do operador e da anotadora, querida. Arranje uns que sejam bons e eles fazem o trabalhinho pra você. O importante é manobrar o elenco e nisso você vai ser uma maravilha. Não só você pode ensinar as marcações e a pronunciar as falas, como também mostrar como é. Apenas se lembre do Paul Newman em *Raquel*, *Raquel*, e não seja tão histérica.

Chris parecia ainda ter dúvidas.

— Bem, mas toda essa parte técnica — disse ela preocupada. Embriagado ou sóbrio, Dennings era o melhor diretor no mercado. — Queria a sua opinião.

— Sobre o quê, por exemplo? — perguntou ele.

Durante quase uma hora investiu contra a barreira dos pormenores. Os dados eram fáceis de encontrar em livros, mas a leitura tinha o dom de impacientá-la. Preferia ler nas pessoas. Naturalmente curiosa, espremia-lhes o suco, extorquia-lhes toda a substância. Mas os livros não se podiam espremer. Os livros não passavam de conversa. Diziam “por conseguinte” e “evidentemente”, quando nada era evidente e os seus circunlóquios nunca podiam ser discutidos. Não podiam ser interrompidos com uma frase perspicaz e desconcertante. “Espera aí um pouquinho, eu sou estúpida. Pode repetir outra vez?” Não podiam ser picados, espremidos, dissecados. Os livros eram como o Karl.

— Querida, na verdade, o que você realmente precisa é de um esplêndido montador — cacarejou Dennings, arrematando: — Quer dizer, alguém que conheça realmente do ofício.

Mostrava-se encantador e espirituoso, e parecia ter ultrapassado o então ameaçado ponto perigoso.

— Desculpe, senhora, deseja alguma coisa?

Karl perfilava-se atento na porta do gabinete.

Olá, Thorndike — disse Dennings sorrindo. — Ou será Heinrich? Nunca me lembro.

— É Karl.

— Ah, sim, claro que é. Tinha-me esquecido. Diga-me, Karl, eram relações públicas o que você me disse que fazia na Gestapo, ou relações de comunidade? Me parece que há uma diferença.

Karl falou com delicadeza.

— Nem uma coisa nem outra, senhor. Eu sou suíço.

— Ah, sim, naturalmente. — O diretor deu uma gargalhada. — E suponho que nunca jogou boliche com Goebbels.

Karl, impenetrável, voltou-se para Chris.

— E nunca voou com Rudolph Hess!

— A senhora deseja alguma coisa?

— Oh, não sei. Burke, quer café?

— Foda-se o café.

O diretor levantou-se com um ar beligerante e saiu da sala e da casa a passos largos.

Chris balançou a cabeça e depois voltou-se para Karl. — Desligue os telefones — ordenou, inexpressiva.

— Sim, senhora. Mais alguma coisa?

— Oh, talvez um pouco de *Sanka*¹. Onde está a Rags?

— Embaixo, no quarto de brinquedos. Quer que a chame?

— Sim. É hora de ir pra cama. Olhe, não, espere um segundo, Karl. Não faça caso, é melhor eu ir ver o pássaro. Me arranje só o *Sanka*, por favor.

— Sim, senhora.

— E, pela milésima vez, peço desculpa pelo Burke.

— Eu não dou importância.

— Eu sei. É isso mesmo que o chateia.

Chris foi até o *hall* de entrada, abriu a porta das escadas do porão e desceu.

— Olá, nojenta, o que você está fazendo aí embaixo? Terminou o pássaro?

— Acabei, sim, vem ver! Vem aqui embaixo, já está pronto!

O quarto de brinquedos era apainelado e decorado com cores vivas. Cavaletes. Pinturas. Toca-discos. Mesas de jogos e uma mesa para escultura. Bandeiras vermelhas e brancas, decorações de uma festa, deixadas ali por um rapazinho, filho dos inquilinos anteriores.

¹ Café solúvel descafeinado cuja marca vem da corruptela do francês *sans caféine* (sem cafeína).

(Nota do editor)

— Nossa! Está formidável! — exclamou Chris, quando Regan lhe passou a escultura para as mãos. Ainda não estava bem seca e apresentava uma leve aparência com um “pássaro aflito”, todo pintado de cor de laranja, menos o bico, que tinha riscas verdes e brancas dos lados e um tufo de penas colado na cabeça.

— Gostou? — perguntou Regan.

— Se gostei, meu amor, gostei muito mesmo. Já arrumou um nome pra ele?

— Hum!

— Que nome ficará bem nele?

— Não sei — Regan encolheu os ombros.

— Deixe-me ver. — Chris bateu nos dentes com a ponta dos dedos. — Não sei. O que é que você acha? Que tal “Estupipássaro”? Hem? Só “Estupipássaro”, sem mais nada.

Regan ria, acenando com a cabeça, escondendo a boca com as mãos para não mostrar o aparelho.

— “Estupipássaro” por maioria de votos! Vou deixá-lo aqui secando e depois o levo para o meu quarto.

Chris, ao pousar o pássaro, reparou na tábua *ouija*¹. Bem ali. Sobre a mesa. Esquecera-se que a tinha. Quase tão curiosa a respeito de si própria como dos outros, comprara-a, em princípio, como um possível meio de desvendar motivações ao seu subconsciente. Não tinha dado resultado. Experimentara-o uma ou duas vezes com Sharon e uma vez com Dennings, que guiara o indicador de plástico com tal habilidade (“É você que está mexendo, minha cara?”), que todas as “mensagens” saíram obscenas, e depois atribuíra a culpa àquelas “porras daqueles espíritos!”

— Está brincando com o *ouija*?

— Estou.

— Sabe como se faz?

— É claro que sei! Olha, vou lhe mostrar. — Dirigiu-se para junto da tábua e sentou-se.

— Bem, minha querida, me parece que são necessárias duas pessoas.

— Não, mãe, não são. Eu faço sempre assim.

Chris puxou uma cadeira.

¹ Do francês *oui* (sim) e do alemão *ja* (sim). Prancheta contendo números e letras, em que se põe um objeto deslizante e à qual se faz perguntas no intuito de se estabelecer contato com seres de um suposto mundo espiritual.

(Nota do editor)

— Olha, vamos jogar as duas, está bem? — disse.

Regan hesitou.

— Está bem.

Tinha as pontas dos dedos pousadas no indicador branco e quando Chris estendeu a mão para pôr as dela, o indicador moveu-se rápida e subitamente para a posição do quadro marcada com “Não”.

Chris olhou para ela e sorriu com malícia.

— Mãe, antes fosse eu que estivesse fazendo isso!

— É isso? Você não quer que eu jogue?

— Não, quero! O capitão Howdy é que disse que “não”.

— O capitão quê?

— O capitão Howdy.

— E quem é o capitão Howdy, minha querida?

— Oh, sabe, eu faço perguntas e ele responde.

— Ah, sim?

— É. Ele é legal.

Chris tentou não franzir a sobancelha ao sentir uma vaga e repentina inquietação. A criança gostava profundamente do pai, no entanto, nunca reagira de modo evidente ao divórcio deles. E Chris não gostava disso. Talvez chorasse no quarto. Chris não sabia, mas receava que ela estivesse se reprimindo e que um dia as suas emoções viessem a explodir de forma prejudicial. Um companheiro de brincadeiras imaginário. Não lhe parecia saudável. E por que “Howdy”? Seria o diminutivo de Howard, do pai? Deve ser isso.

— Então como é que você, que nem sequer conseguiu arranjar um nome para um pássaro feito por você mesma, me aparece agora com essa de “capitão Howdy”? Por que o chama de “capitão Howdy”?

Regan riu.

— Porque é esse o nome dele, claro.

— Quem disse?

— Bem, ele.

— É claro!

— É claro!

— E o que mais ele lhe diz?

— Coisas.

— Que coisas?

Regan encolheu os ombros.

— Só coisas!

— Por exemplo.

O Exorcista

- Vou lhe mostrar. Vou fazer algumas perguntas a ele.
— Faça.



Com as pontas dos dedos pousadas sobre o indicador, Regan olhava para o quadro concentrada, de olhos fixos.

— Capitão Howdy, você acha a minha mãe bonita?

Passou-se um segundo... cinco... dez... vinte...

— Capitão Howdy?

Passaram mais alguns segundos. Chris estava surpreendida. Esperava que a filha fizesse deslizar o indicador até o canto onde estava escrito “Sim”. *Oh, pelo amor de Deus, o que virá agora? Hostilidade inconsciente? Oh, isto é uma loucura!*

— Capitão Howdy, isso realmente não é muito educado — censurou Regan.

— Talvez ele esteja dormindo, querida.

— Acha que sim?

— O que acho é que você já devia estar dormindo.

— Já?

Chris levantou-se. — Anda, amor! Já pra cama!

— Ele é um cocô — resmungou Regan. E subiu as escadas atrás da mãe.

Chris aconchegou-lhe a roupa e sentou-se na cama ao lado dela.

— Querida, no domingo não há trabalho. Quer fazer alguma coisa?

— O quê?

No princípio da sua chegada a Washington, Chris esforçara-se

por arranjar amigas pra Regan. Só tinha encontrado uma. Uma garota de doze anos chamada Judy. Mas a família de Judy fora passar a Páscoa fora, e Chris se preocupava com a possível solidão de Regan.

— Não sei — respondeu Chris. — Qualquer coisa. Quer ir dar uma volta? Ei, ver as flores de cerejeiras talvez! É uma ideia. Este ano floriram mais cedo! Quer ir?

— Ah, eu quero, mãe!

— E amanhã à noite um cinema, que tal?

— Oh, mãe, eu te amo!

Regan a apertou num abraço e Chris lhe devolveu com um fervor especial, murmurando: “Oh, Rags, minha linda, eu te amo!”

— Se quiser pode levar o Sr. Dennings.

Chris afastou-se para olhá-la.

— O Sr. Dennings?

— Bem, quer dizer, por mim pode ir.

Chris sorriu.

— Não, mas por mim não pode. Por que havia eu de levar o Sr. Dennings?

— Bem, você gosta dele.

— Oh, claro que gosto dele, querida; e você também, creio.

Regan não respondeu.



— Querida, o que está havendo? — Cutucou Chris sua filha.

— Você vai casar com ele, não vai, mãe? — Não era uma pergunta, mas sim uma afirmação amuada.

Chris explodiu numa gargalhada.

— Oh, meu amor, claro que não vou! Do que é que você está falando? O Sr. Dennings? De onde você tirou essa ideia?

— Mas gosta dele.

— Também gosto de pizzas, mas nunca me casaria com uma delas! Meu amor, ele é um velho amigo meu; mas é só um velho amigo meio maluco!

— Não gosta dele como do papai?

— Eu amo o seu papai, querida; sempre vou amar o seu papai. O Sr. Dennings vem aqui muitas vezes porque se sente sozinho; só por isso; é um amigo.

— É que eu ouvi dizer...

— Ouviu o quê? De quem?

Sinais de dúvida perpassaram-lhe pelos olhos; uma hesitação, depois um encolher de ombros.

— Não sei, me pareceu.

— Bem, é uma bobagem, portanto, esqueça isso.

— Está bem.

— Agora durma.

— Posso ler? Estou sem sono.

— Claro. Leia o seu livro novo, amor, até ficar cansada.

— Obrigada, mamãe.

— Boa noite, amor.

— Boa noite.

Chris mandou-lhe um beijo da porta e em seguida a fechou. Desceu as escadas. *As crianças! Onde vão buscar ideias desse tipo?* Gostaria de saber se Regan ligava Dennings ao seu pedido de divórcio. *Oh, vamos lá, isso é uma bobagem.* Regan apenas sabia que Chris tinha apresentado o pedido. No entanto, Howard desejara-o. Grandes separações. A corrosão do seu ego como marido de uma estrela. Ele encontrara outra pessoa. Regan não sabia disto. *Oh, deixa de toda essa psicanálise barata e faz o possível pra passar mais tempo com ela.*

Chris voltou ao gabinete de trabalho. Ao roteiro. Começou a ler. No meio da leitura, Regan veio falar com ela.

— O que foi, querida?

— São aqueles ruídos esquisitos, mãe.

— No seu quarto?

— É como se fossem pancadas. Não consigo dormir.

Onde diabo estão aquelas ratoeiras!

— Querida, durma no meu quarto, que eu vou ver o que se passa.

Chris a levou para o quarto, a pôs na cama e a cobriu com carinho.

— Posso ver um pouquinho de TV até dormir?
— Onde está o seu livro?
— Não consegui encontrá-lo. Posso ver?
— Claro que pode. — Chris sintonizou um canal na TV portátil do quarto. — Dá pra ouvir bem?
— Sim, mamãe.
— Tente dormir.

Chris apagou a luz e saiu para o *hall*. Subiu a estreita escada acarpetada que levava ao sótão. Abriu a porta e procurou o interruptor; o encontrou, acendeu a luz, curvando-se para entrar.

Olhou em volta. No chão de madeira de pinho havia caixas de papelão cheias de recortes de jornais e de correspondência. Mais nada, a não ser as ratoeiras. Eram seis, armadas. O sótão estava impecável. Até o ar cheirava a fresco e a lavado. Não era aquecido. Não havia canalização, nem radiador, nem buraquinhos no teto.

“Não há nada.”

Chris deu um pulo assustada. “Oh, meu Jesus!”, exclamou ofegante; virou-se rápida, levando a mão ao coração agitado.

— Jesus Cristo, Karl, não faça isso!

Ele estava parado na escada.

— Mil desculpas. Mas está vendo? Está limpo.

— Sim, está limpo. Muitíssimo obrigada!

— Talvez um gato seja melhor.

— O quê?

— Para caçar ratos.

Sem esperar resposta, acenou com a cabeça e foi embora.

Chris ficou durante uns momentos olhando para a porta, de olhos arregalados. Karl não tinha o mínimo senso de humor, ou, se o tinha, era tão pouco que ela nem se dava por isso. Não podia se decidir por nenhuma das hipóteses.

Pensou novamente nas pancadas, depois olhou para o teto inclinado. A rua era sombreada por várias árvores, muitas delas nodosas e entrelaçadas de trepadeiras; e os galhos de uma das tílias, entroncada, coberta de fungos, abrangiam um terço da fachada da casa. Seriam esquilos? *Devem ser. Ou galhos. É isso, podiam ser galhos.* As noites tinham sido ventosas.

“Talvez um gato seja melhor.”

Chris tornou a olhar para a porta. *O grande gênio?* De repente, sorriu com um ar atrevido e malicioso.

Desceu ao quarto de Regan, pegou qualquer coisa, levou

para o sótão e, passado um minuto, voltou ao quarto. Regan estava dormindo. Levou-lhe ao quarto dela, a deitou na cama e regressou ao seu. Desligou a televisão, deitou-se e adormeceu.

A casa ficou sossegada até de manhã.

Enquanto tomava o café, Chris disse a Karl, com ar despreocupado, que pensava ter ouvido durante a noite a mola de uma ratoeira se fechando.

— Quer ir ver o que se passa? — sugeriu Chris, tomando o café e fingindo-se absorvida na leitura do jornal da manhã.

Sem comentários, Karl subiu para investigar.

Chris cruzou com ele no *hall* do segundo andar. Karl voltava do sótão, olhando inexpressivamente para um enorme rato de feltro que trazia na mão. Encontrara-o com o focinho preso numa das ratoeiras.

Chris, ao se dirigir para o quarto, olhou espantada para o rato.

— Alguém está de brincadeira — resmungou Karl ao passar por ela. Levou o brinquedo para o quarto de Regan.

— De fato está acontecendo muita coisa — murmurou Chris, balançando a cabeça ao entrar no quarto. Tirou o roupão e se arrumou para ir ao trabalho. *Então, talvez um fato seja melhor, meu velho. Muito melhor.* Franzia todo o rosto.

Naquele dia, as filmagens correram sem dificuldades. Ao fim da manhã, Sharon apareceu no local e, no camarim ambulante de Chris, durante os intervalos das cenas, trataram ambas de assuntos que tinham entre mãos: uma carta para o agente de Chris (que ia pensar no roteiro); “aceitar o convite” da Casa Branca; um telegrama para Howard lembrando-lhe que telefonasse no aniversário de Regan; um telefonema para o seu administrador, perguntando se teria recursos que lhe permitissem suspender o trabalho durante um ano; planos para dar um jantar no dia 23 de abril.

No princípio da tarde Chris levou Regan ao cinema e no dia seguinte foram passear no *Jaguar XKE* de Chris. Visitaram locais de interesse: o monumento de Lincoln, o Capitólio, a lagoa das cerejeiras em flor; por fim, lancharam. Em seguida, atravessaram o rio e foram ao cemitério de Arlington e ao túmulo do Soldado Desconhecido. Regan ficou com um ar solene e mais tarde, junto ao túmulo de John F. Kennedy, pareceu tornar-se distante e um pouco triste.

Ficou um tempo olhando para a “chama eterna”, depois, em silêncio, agarrou na mão de Chris.

— Mamãe, por que é que as pessoas têm de morrer?

A pergunta trespassou a alma da mãe. *Oh, Rags, você também? Você também? Oh, não!* E no entanto, o que poderia dizer a ela? Mentiras? Não, não podia-lhe mentir. Olhou para o rosto da filha voltado para cima, com os olhos enevoados de lágrimas. Teria ela adivinhado os seus pensamentos? Já tinha acontecido tantas vezes antes... tantas vezes.

— Queridinha, as pessoas se cansam — respondeu a Regan com ternura.

— Por que é que Deus deixa?

Por instantes Chris ficou de olhar parado; estava confusa e perturbada. Como era descrente, nunca falara de religião a Regan. Achava a religião desonesta.

— Quem tem lhe falado de Deus? — perguntou.

— A Sharon.

— Ah! — Tinha de lhe falar a esse respeito.

— Mamãe, por que é que Deus nos deixa ficar cansados?

Baixando o olhar para aqueles olhos sensíveis e para aquela dor, Chris rendeu-se; não podia fazê-lo, não podia falar no que acreditava. — Bem, depois de um certo tempo Deus fica com saudade da gente, Rags, e quer que a gente volte.

Regan fechou-se no silêncio. Ficou calada durante a volta pra casa, e seu humor persistiu o resto do dia e durante a segunda-feira.

Na terça-feira, dia do seu aniversário, Regan pareceu melhorar. Chris a levou consigo para as filmagens e quando o trabalho do dia terminou todos os artistas e toda a equipe cantaram “Parabéns a Você” e apareceram com um bolo. Sempre bom e delicado quando sóbrio, Dennings mandou de novo acender as luzes e a filmou cortando o bolo. Disse-lhe que aquilo era um “teste cinematográfico” e prometeu fazer dela uma estrela de cinema. Ela parecia bastante satisfeita.

Porém, depois de jantar e abrir os presentes, deu a impressão de que todo o seu bom humor desaparecera. Nem uma palavra de Howard. Chris pediu uma chamada para Roma e um empregado do hotel a informou de que Howard não estava lá havia vários dias e que não podia se comunicar com ele. Encontrava-se algures num iate. Chris pediu desculpa.

Regan baixou a cabeça, tristonha, e rejeitou a sugestão da mãe para irem ao Hot Shoppe tomar um *milk-shake*. Sem uma palavra, desceu ao quarto de brinquedos, onde ficou até a hora de ir pra cama.

O Exorcista

Na manhã seguinte, ao abrir os olhos, Chris encontrou

Regan na sua cama, meio acordada.

— Mas por que é que... O que você está fazendo aqui? —
perguntou Chris, rindo.

— A minha cama estava tremendo.

— Você é uma boba. — Chris a beijou e puxou-lhe a roupa.

— Durma. Ainda é cedo.

O que parecia madrugada era o princípio de uma noite sem
fim.

CAPÍTULO DOIS

Parou à beira da plataforma solitária do metrô, procurando ouvir o ruído de um trem que acalmasse a dor que trazia sempre consigo. Com o bater do pulso, que só podia ser ouvido no silêncio. Mudou a mala para a outra mão e alongou a vista pelo túnel. Pontos luminosos alongavam-se pela escuridão, como guias para a desesperança.

Ouviu tossir. Olhou para a esquerda. Um miserável de barba grisalha a despontar estava sentado no chão, entorpecido no charco da própria urina; fitava o rosto vincado do padre com uns olhos amarelados. O padre olhou para o outro lado. Ele havia de se aproximar lamuriante. *Poderia ajudar um velho sacristão, padre? Pode?* A mão salpicada de vômito fazendo-lhe pressão no ombro. A procura atrapalhada da medalha. O tresandar do hálito de mil confissões, com o vinho, o alho e os velhos pecados, tudo junto num arrote, asfixiando... asfixiando...

O padre ouviu o miserável se levantar.

Não se aproxime!

Ouviu uns passos.

Oh, meu Deus, me deixe!

— Ei, padre!

Contraíu-se. Curvou-se. Não podia se virar. Seria um tormento procurar novamente Cristo por entre o mau cheiro e os olhos encovados; o Cristo de pus e excremento ensanguentado, o Cristo que não podia existir. Num gesto distraído apalpou a manga como se estivesse à procura de uma fumaça de luto invisível. Lembrou-se vagamente de um outro Cristo.

— Ei, padre!

O ruído de um trem se aproximando. O som de passos hesitantes. Olhou para o vagabundo. Cambaleava.

Desfalecia. Num ímpeto inconsciente e repentino, o padre encaminhou-se para ele, o agarrou e arrastou até o banco encostado à parede.



— Eu sou católico — murmurou o miserável. — Sou católico.

O padre o instalou com cuidado, o deitou ao comprido; viu o trem. Tirou um dólar da carteira e o pôs no bolso do casaco, depois pensou que ele o poderia perder. Pegou o dólar e o colocou num bolso da calça úmida de urina; em seguida, apanhou a mala e tomou o trem.

Sentou-se num canto e fingiu dormir. No fim da linha, saiu e foi a pé até à Universidade de Fordham. O dólar era para pagar o táxi.

Quando chegou à residência reservada aos visitantes assinou o nome no registro. Escreveu “Damien Karras”. Depois ficou olhando para o que escrevera. Havia qualquer coisa que não estava bem. Lembrou-se e, cansado, acrescentou, “S. J.”.

Ficou num quarto do Weigel Hall e uma hora depois conseguiu adormecer.

No dia seguinte foi a uma reunião da Associação dos Psiquiatras Americanos. Como orador principal, fez uma conferência subordinada ao tema “Aspectos psicológicos da evolução espiritual”. Passou um fim de tarde agradável na companhia de alguns psiquiatras, tomando umas bebidas e petiscando. Eles pagaram. Deixou-lhes cedo. Tinha de ir ver a mãe.

Andou até o edifício de apartamentos, de arenito acastanhado, caindo aos poucos, na Rua 21 Leste de Manhattan. Parando junto aos degraus da porta, ficou olhando para as crianças que estavam na entrada da casa. Desleixadas, mal vestidas, sem terem para onde ir. Recordou as expulsões, as humilhações:

O Exorcista

os regressos a casa com a namorada, uma garota da escola, e o encontrar a mãe numa esquina remexendo, esperançada, num caixote de lixo. Subiu os degraus e abriu a porta, como uma ferida dolorosa. Um cheiro de cozido, putrefação adocicada. Lembrou-se das visitas à Sr^a Choirelli e do seu minúsculo apartamento com os dezoito gatos. O cheiro era parecido. Agarrou-se ao corrimão e subiu dominado por um cansaço súbito e esgotante, que sabia ser causado por um sentimento de culpa. Não deveria tê-la deixado sozinha. Nunca.

Ela o recebeu com alegria. Uma exclamação, um beijo. Correu para fazer café. Uma imigrante. Morena; de pernas curtas, fortes e nodosas. Sentou-se na cozinha ouvindo-a falar. As paredes esqueléticas e o chão sujo infiltravam-se em seus ossos. O apartamento parecia um estábulo. Só tinha a Assistência Social e uns escassos dólares de um irmão todos os meses.



Ela sentou-se à mesa. Sr.^a Tal, tio Fulano. Ainda com sotaque de imigrante. Ele evitou aqueles olhos que eram poços de sofrimento; olhos que passavam dias à janela, olhos que ele não ousava enfrentar nem mesmo em sonhos.

Nunca deveria tê-la deixado.

Mais tarde escreveu-lhe uma carta. Ela não sabia ler nem escrever inglês. Depois dedicou algum tempo reparando o sintonizador de um rádio de plástico todo estalado. Era o mundo dela. O noticiário. O prefeito Lindsay.

O Exorcista

Foi ao banheiro. Jornais amarelados estendidos no ladrilho. Manchas de ferrugem na banheira e na pia. No chão um espartilho velho. Sementes da vocação. Fugira delas para o amor; e agora o amor desaparecera.

Às dez e quarenta e cinco a beijou e se despediu; prometeu voltar logo que pudesse. Partiu deixando o rádio sintonizado no noticiário.



Uma vez de volta ao quarto em Weigel Hall pensou em escrever uma carta ao padre provincial da província de Maryland. Já anteriormente discutira todo o assunto com ele: um pedido de transferência para a província de Nova Iorque, para estar mais perto da mãe; pedido para um lugar de professor e dispensa dos seus cargos. Ao apresentar esta última solicitação apontara como motivo a “incapacidade” para o trabalho.

O provincial de Maryland não se esquecera do assunto no decurso da sua inspeção anual à Universidade de Georgetown, função muito semelhante à de um inspetor-geral do exército ao conceder audiências particulares a quem tivesse reclamações a apresentar. Sobre o assunto da mãe de Damien Karras, o provincial inclinara a cabeça e manifestara a sua simpatia, mas a questão da “incapacidade” do padre, a julgar pelas aparências, parecia-lhe inconsistente. Karras, no entanto, insistira:

“Pois bem, Tom, é mais que a psiquiatria. Você sabe disso. Muitos dos problemas se resumem na vocação, no significado das suas próprias vidas. Que inferno, nem sempre é sexo o que está envolvido, é a fé, e eu não posso simplesmente ignorar isso, Tom, é demais. Preciso de uma saída. Também tenho os meus próprios problemas. Quero dizer, dúvidas.”

“Qual é o homem pensante que as não tem, Damien?” Homem aflito com muitos problemas, o provincial não insistira com ele para saber o motivo das suas dúvidas. Karras ficou-lhe grato por isso. Sabia que as suas respostas teriam o tom da loucura. *A necessidade de rasgar a carne com os dentes e de defecar em seguida. As nove primeiras sextas-feiras da minha mãe. Meias fedorentas. Os bebês da Talidomida. Uma notícia nos jornais sobre um jovem sacristão numa paragem à espera do ônibus. Assaltado por desconhecidos; regado com petróleo; incendiado.* Não. Seria demasiadamente sentimental, vago, existencial. Mais enraizado na lógica era o silêncio de Deus. No mundo existia o mal. E grande parte do mal era resultado da dúvida; de uma confusão honesta entre homens de boa vontade. Recusaria um Deus justo acabar com o mal? Não Se revelar Ele próprio? Não falar?

Senhor, dai-nos um sinal...

A ressurreição de Lázaro sumia num passado longínquo. Nenhuma pessoa agora viva ouvira a sua gargalhada.

Por que não um sinal?

Várias vezes o padre desejava ter vivido com Cristo; ter visto, ter tocado, ter sondado o Seu olhar. *Oh, Meu Deus, deixai-me ver-Vos! Fazei que eu saiba! Vinde em sonhos!*

O anseio o consumia.

Agora estava sentado à escrivaninha com a caneta em cima do papel. Talvez não fosse a falta de tempo que tivesse feito calar o provincial. Talvez ele compreendesse que no fim a fé era uma questão de amor.

O provincial prometera considerar o pedido, mas até o momento nada tinha sido feito. Karras escreveu a carta e deitou-se.

Acordou preguiçosamente às cinco horas da manhã, foi à capela de Weigel Hall, tirou uma hóstia do cibório; depois regressou ao quarto e rezou missa.

Et clamor meus ad te veniat, orou num murmúrio de angústia. “E até Vós chegue o meu clamor...”

Elevou a hóstia na consagração, com a lembrança dolorosa da alegria que outrora isso lhe dera; sentiu uma vez mais, como todas as manhãs, a angústia da visão longínqua e quase despercebida de um amor há muito perdido.

Fracionou a hóstia sobre o cálice.

“Deixo-vos a minha paz. A minha paz vos dou...”

Pôs a hóstia na boca e engoliu o gosto de papel do desespero.

Depois da missa limpou o cálice e o colocou cuidadosamente na mala. Correu para o trem das sete e dez, de volta a Washington, levando a dor dentro de uma mala preta.

CAPÍTULO TRÊS

Na madrugada de 11 de abril, Chris telefonou ao seu médico, em Los Angeles, e pediu-lhe que indicasse um psiquiatra em Washington para Regan.

— O que há de errado?

Chris explicou. A partir do dia seguinte ao aniversário de Regan — Howard não havia telefonado — notara uma mudança trágica e repentina no comportamento e na atitude da filha. Tinha insônia, estava irascível, com acessos de mau humor. Dava pontapés nas coisas, atirava com elas. Gritava. Não queria comer e, além disso, a sua energia parecia anormal. Movia-se constantemente, tocando em tudo, com ira, volteante; corria e dava saltos, de um lado para o outro. Não sabia as lições. Arranjara um companheiro imaginário de brincadeiras. Táticas excêntricas para chamar a atenção.

— Tais como? — perguntou o médico.

Primeiro começara com as batidas. Desde a noite em que Chris fora ao sótão investigar, ouvira-as novamente mais duas vezes. Em ambas as ocasiões reparara que Regan estava no quarto. E as batidas paravam no momento em que ela entrava. Em segundo lugar, continuou, Regan “perdia” coisas no quarto: um vestido, a escova de dente, livros, os sapatos. Queixava-se de que “alguém lhe mudava” os móveis. Finalmente, na manhã seguinte ao jantar da Casa Branca, Chris vira Karl no quarto de Regan pondo no lugar uma cômoda que fora deslocada através do quarto. Quando Chris lhe perguntou o que estava fazendo, ele repetiu o seu anterior “alguém anda de brincadeira”, e recusou-se a fazer mais comentários. No entanto, daí a pouco, Chris ouvira Regan na cozinha se queixando de que alguém tinha mudado todos os móveis do seu quarto, durante a noite, enquanto ela dormia.

Fora este o incidente, explicou Chris, que finalmente concretizara as suas suspeitas. Estava provado que era a filha quem fazia aquilo tudo.

— Refere-se a sonambulismo? Ela faz essas coisas enquanto dorme?

— Não, Marc, é quando está acordada. Para chamar a atenção.

Chris se referiu ao balançar da cama, que acontecera mais duas vezes, sempre seguido pela insistência de Regan em dormir com a mãe.

— Bem, isso pode ser fisiológico — sugeriu o médico.

— Não, Marc, eu não disse que a cama balança, eu disse que ela diz que balança.

O Exorcista

— E sabe se não balança?

— Não, não sei.

— Bem, podem ser espasmos crônicos — murmurou ele.

— O quê?

— Ela tem febre?

— Não. O que é que você acha? Devo levá-la a um psiquiatra ou o quê?

— Você falou das lições, Chris. Como ela vai com a matemática?

— Por que pergunta isso?

— Diga como é que ela vai — insistiu ele.

— Uma desgraça. Quero dizer, de repente começou a ficar mal.

Ele grunhiu.

— Mas por que é que pergunta? — repetiu ela.

— Bem, porque faz parte da síndrome.

— De quê?

— Não é nada de grave. Prefiro não fazer conjecturas pelo telefone. Tem um lápis aí?

Queria lhe dar o nome de um especialista de Washington.

— Marc, você não pode vir aqui? Gostaria que ela fosse examinada por você. — Jamie. Uma infecção que se prolongara. Naquela altura o médico de Chris receitara um antibiótico novo, de largo espectro. Ao tornar a providenciar a receita numa farmácia do bairro, o farmacêutico fora cauteloso. “Não quero alarmá-la, senhora, mas isto... Bem, é muito recente no mercado e na Geórgia descobriu-se que tem causado anemia plástica em...” Jamie. Jamie.

Morto. E desde então Chris já não confiava nos médicos. Só no Marc. E mesmo assim levava anos. — Marc, você não pode? — implorou Chris.

— Não. Não posso. Mas não se preocupe. Esse homem é esplêndido. É o melhor. Agora arranje um lápis.

Chris hesitou. Depois disse:

— Está bem — e assentou o nome.

— Faça com que ele a examine e diga-lhe para me telefonar — recomendou o médico. — E por enquanto esqueça o psiquiatra.

— Acha que sim?

Ele criticou acerbamente a facilidade com que a maior parte do público identificava doenças psicossomáticas e falhava na identificação do inverso: que as doenças somáticas eram muitas vezes a causa de pretensas doenças psíquicas.

O Exorcista

— Que me diria você — exemplificou ele — se fosse o meu médico assistente, do que Deus me livre, se eu lhe dissesse que tinha dores de cabeça, pesadelos, enjoos, insônia e embaçamento na vista? E que normalmente me sentia incoerente? Aborrecido de morte com o meu emprego? Diria que eu sou neurótico?

— Não sou a pessoa indicada para lhe responder, Marc; eu sei que você é maluco.

— Os sintomas que lhe dei, Chris, são idênticos aos do tumor cerebral. Examinemos primeiro o organismo. É o principal. Depois veremos.

Chris telefonou ao especialista e marcou consulta para aquela tarde. O seu tempo agora lhe pertencia. As filmagens tinham terminado, pelo menos para ela. Burke Dennings continuava a vigiar vagamente o trabalho do “segundo grupo”, uma equipe geralmente menos difícil, que filmava as cenas de menor importância, na sua maioria filmagens, de helicóptero, de vários exteriores em volta da cidade e também as acrobacias; cenas sem as vedetes. Mas ele queria que cada centímetro de filme ficasse perfeito.

O consultório do médico era em Arlington. Samuel Klein. Enquanto Regan se sentava irritada numa sala de observações, Klein levou a mãe para o seu gabinete, para uma história superficial do caso clínico. Chris descreveu-lhe a situação. Ele ouviu; acenou com a cabeça; tomou muitos apontamentos. Quando ela mencionou a cama balançando franziu a sobrancelha. Mas Chris continuou:



— Me pareceu que o Marc achou significativo o fato de a Regan estar mal em Matemática. Ora me diga, por quê?

— Você se refere a más lições?

— Sim, às lições, mas especialmente à Matemática. O que isso quer dizer?

— Bem, Sr.^a MacNeil, primeiro o exame e depois falaremos.

O médico pediu-lhe que esperasse e foi fazer um exame completo a Regan, o qual incluiu colheitas de urina e de sangue. A urina era para análise das funções hepáticas e renais; o sangue para várias análises hematológicas: diabetes, funcionamento da tireoide, contagem de glóbulos vermelhos para verificar a existência de uma possível anemia, contagem de glóbulos brancos para ver se havia uma doença rara do sangue.

Quando terminou, sentou-se a conversar com Regan, observando-lhe o comportamento; em seguida, voltou para junto de Chris e começou a passar uma receita.

— Ela parece ter uma doença de comportamento hipercinético.

— Uma o quê?

— Uma disfunção neurológica. Pelo menos, me parece. Ainda não se sabe exatamente qual é o funcionamento, mas verifica-se com frequência na primeira adolescência. Apresenta todos os sintomas: hiperatividade, irritabilidade, o fraco rendimento na Matemática.

— Ah, sim, a Matemática. Mas por que Matemática?

— Porque afeta a concentração. — Arrancou a folha da receita do bloco de papel azul e entregou-lhe. — Agora, isso é para *Ritalina*.

— O quê?

— Cloridrato de um éster metílico.

— Ah!

— Dez miligramas duas vezes por dia. Eu aconselhava uma dose às oito da manhã e outra às duas da tarde.

Ela olhou para a receita. — Um calmante?

— Um estimulante.

— Estimulante? Ela já está uma pilha de nervos.

— O seu estado não é exatamente o que parece — explicou Klein. — É uma forma de compensação excessiva. Uma reação excessiva à depressão.

— Depressão?

Klein disse que sim com a cabeça.

— Uma depressão — murmurou Chris. Ficou pensativa.

— Bem, você falou no pai dela — disse Klein.

Chris levantou a cabeça e fitou o médico.

— Acha que devo levá-la a um psiquiatra?

— Oh, não. Eu esperaria e veria o resultado da *Ritalina*.

Julgo que é essa a solução. Esperemos duas ou três semanas.

— Então, você acha que tudo são os nervos?

— Suspeito que sim.

— E as mentiras que ela diz? Isso vai fazer com que acabe com elas?

Ficou intrigada com a resposta de Klein, que lhe perguntou se ela já tinha notado que Regan praguejava e dizia obscenidades.

— Nunca — respondeu Chris.

— Bem, sabe, é um sintoma muito semelhante ao de mentir, incomum, por aquilo que você me conta, mas em certas doenças nervosas pode...

— Espere um pouco — interrompeu Chris perplexa. — De onde lhe veio essa ideia de a minha filha dizer obscenidades? Foi isso que disse, ou percebi mal?

O médico ficou olhando para ela durante um momento com uma certa curiosidade; ponderou e depois afirmou cautelosamente:

— Sim, eu acho que ela diz obscenidades. Ainda não havia reparado nisso?

— Não, ainda não me dei conta disso! Do que você está falando?

— Bem, ela largou um monte delas enquanto eu a examinava, Sr.^a MacNeil.

— Está brincando! Como o quê?

Ele olhou evasivo.

— Bem, acho que o vocabulário dela é bastante extenso.

— Sim, mas o que é que ela disse? Isto é, me dê um exemplo!

O médico encolheu os ombros.

— Refere-se a palavras como “merda”? Ou “porra”?

O médico descontraiu-se.

— Sim, empregou essas palavras — disse ele.

— E que mais disse ela, especificamente?

— Bem, Sr.^a MacNeil, especificamente, ela me aconselhou a manter os meus malditos dedos longe da boceta dela.

Chris ficou sufocada com o choque.

— Empregou essas palavras?

— Bem, não é incomum, Sr.^a MacNeil, e no seu lugar não me preocuparia com isso de modo algum. Faz parte da síndrome.

Ela balançou a cabeça, olhando para o chão.

— Custa realmente acreditar.

— Porém, duvido que ela percebesse o que estava dizendo — acrescentou o médico para sossegá-la.

— Sim, acredito — murmurou Chris. — Talvez não percebesse.

— Experimente a *Ritalina* — aconselhou — e vamos ver a evolução. Gostaria de observá-la novamente daqui a duas semanas.

Consultou um calendário sobre a escrivaninha.

— Deixe-me ver, pode ser na quarta-feira, dia 27. Está bom assim? — perguntou, olhando para Chris.

— Sim, claro — murmurou ela levantando-se.

Colocou a receita num dos bolsos do casaco. — Dia 27 está ótimo.

— Sou um grande admirador seu — disse Klein, sorrindo ao abrir a porta que dava para o *hall*.

Ela parou no limiar, preocupada, com a ponta de um dedo apertando o lábio. Olhou para o médico.

— Mas não acha que um psiquiatra... hã?

— Não sei. A explicação mais simples é sempre a melhor. Vamos esperar. Vamos esperar e depois veremos. — Teve um sorriso animador. — Daqui até lá tente não se preocupar.

— Como!?

Ela saiu.

No carro, a caminho de casa, Regan perguntou-lhe o que o médico tinha dito.

— Que você anda nervosa.

Chris decidira não lhe falar da sua linguagem. *Burke. Aprendeu com o Burke.*

Mais tarde contou a Sharon sobre o caso e perguntou se já ouvira Regan empregar aquelas obscenidades.

— Credo! Não — respondeu. — Quer dizer, nem sequer ultimamente. Mas, sabe, acho que a professora de Desenho fez uma observação. — Era uma professora particular que vinha a casa.

— Você quer dizer recentemente? — perguntou Chris.

— Sim, foi na semana passada. Mas você já a conhece. Imaginei que Regan talvez tivesse dito “maldição” ou “merda”. Qualquer coisa do tipo, sabe?

— A propósito, Shar, você tem lhe falado muito de religião? Sharon corou.

— Bem, um pouco; isso é tudo. Quer dizer, é difícil evitar. Sabe, ela faz tantas perguntas e... bem... — Deu uma rápida encolhida de ombros. — É muito difícil. Quer dizer, como posso respondê-la sem dizer o que creio ser uma grande mentira?

— Dê-lhe múltiplas escolhas.

Durante os dias que precederam o dia do jantar que ia oferecer, Chris teve um cuidado extremo em verificar se Regan tomava a sua dose de *Ritalina*. No entanto, até a noite do jantar, não conseguira notar nenhuma melhora perceptível. Para dizer a verdade, existiam leves sinais de um agravamento geral: a falta de memória aumentara, estava mais desleixada e uma vez queixara-se de enjoo. Quanto às táticas para chamar a atenção, embora não se repetissem as habituais, parecia ter surgido uma nova: queixas de um “cheiro” desagradável e repugnante no quarto de Regan. Perante a sua insistência, Chris um dia foi lá verificar e não lhe cheirou a nada.

— Você não sente?

— Mas está lhe cheirando agora? — perguntou Chris.

— É claro que está! — Regan franziu o nariz. — Como se estivesse qualquer coisa ardendo.

— Ah é? — Chris cheirou novamente.

— Não está sentindo o cheiro?

— Acho que sim, querida — mentiu ela —, cheira um pouquinho. Vamos abrir a janela um pouco e deixar entrar o ar.

Na realidade, não sentira cheiro algum, mas já resolvera temporizar, pelo menos até à próxima consulta do médico. Estava também preocupada com alguns outros assuntos. Um referia-se aos preparativos do jantar. Outro dizia respeito ao roteiro. Embora estivesse loucamente entusiasmada com a expectativa de ser diretora, uma instintiva prudência a tinha impedido de tomar uma decisão imediata. Entretanto, o seu agente lhe telefonava diariamente. Ela lhe dissera que tinha entregue o roteiro a Dennings para ele dar uma opinião e que esperava que o estivesse lendo em vez de mastigando.

A sua terceira e mais importante preocupação era o fracasso de duas especulações financeiras: a compra de obrigações convertíveis por meio de juros pagos antecipadamente e um investimento num projeto de extração de petróleo no Sul da Líbia. Entrara em ambas para camuflar rendimentos que de outro modo estariam sujeitos a enormes impostos. Mas acontecera algo ainda

pior: os poços estavam secos e as taxas de juros, subindo vertiginosamente, tinham provocado a venda das obrigações a baixo preço.

Eram estes os problemas que haviam obrigado o seu agente de negócios sombrio a voar para a cidade para discuti-los. Chegara na quinta-feira. Durante toda a sexta-feira Chris fizera-o esquematizar e explicar os assuntos. Por fim, adotou um procedimento que o agente achou prudente. Acenou a sua aprovação, mas ficou carrancudo quando ela falou em comprar uma *Ferrari*.

— Você está falando em comprar uma *Ferrari* nova?

— E por que não? Sabe, uma vez eu dirigi uma num filme. Se escrevêssemos para a fábrica e lhes lembrássemos isso, podia ser que nos vendessem um por uma pechincha.

Não acha?

Ele não achava. E a preveniu de que um carro novo era uma imprudência.

Bem, no ano passado fiz oitocentos mil dele e você me diz que eu não posso comprar um carro extravagante? Não acha que isso é ridículo? Para onde foi a massa?

Ele recordou-lhe que a maior parte do seu dinheiro estava ao abrigo do fisco. Seguidamente, enumerou as diferentes extorsões que exauriam o seu capital: o imposto federal sobre o rendimento; o imposto federal projetado sobre o rendimento; o imposto estadual; o imposto sobre os bens imóveis; a comissão de dez por cento para o seu agente; de cinco para ele; de cinco para o agente de publicidade; de um e um quarto entregue como donativo para o Motion Picture Welfare Fund¹; os gastos para manter um guarda-roupa de acordo com a moda; os ordenados de Willie, de Karl e de Sharon e da pessoa que lhe tomava conta da casa de Los Angeles; diversas despesas de viagem e, por fim, as suas despesas mensais.

— Você vai fazer um outro filme este ano? — perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Terei de fazê-lo?

— Sim, acho que seria melhor.

Chris pôs o rosto entre as mãos e o olhou mal humorada.

— E se fosse um *Honda*?

Ele não respondeu.

¹ Fundo de ajuda aos profissionais de cinema.

(Nota do editor)

Mais tarde, naquele dia, Chris tentou pôr de lado todas as preocupações; procurou se ocupar com os preparativos para a festa da noite seguinte.

— Vamos servir o *curry* em pé em vez de na mesa — disse ela a Willie e a Karl.

— Podemos pôr uma mesa ao fundo da sala, está certo?

— Muito bem, senhora — respondeu Karl prontamente.

— Willie, o que você acha de uma salada de frutas para a sobremesa?

— Sim, será ótimo — disse Willie.

— Obrigada, Willie.

Tinha convidado um grupo, uma mistura interessante. Além de Burke (“Não me apareça bêbado, maldição!”) e do jovem diretor do elenco secundário, esperava um senador (e a mulher); um astronauta da Apollo (e a mulher); dois jesuítas de Georgetown; os vizinhos do lado; Mary Jo Perrin e Ellen Cleary.

Mary Jo Perrin era uma vidente de Washington, gordinha e de cabelo grisalho, que Chris conhecera no jantar da Casa Branca e de quem gostara imensamente. Esperava que ela fosse austera e desagradável, mas pôde lhe dizer “Você não é assim mesmo”. Era efervescente e despreziosa.

Ellen Cleary era uma secretária de meia-idade da Secretaria de Estado: trabalhava na Embaixada dos Estados Unidos em Moscovo quando Chris esteve em turnê pela Rússia. Ela fez consideráveis esforços e passou maus bocados para livrar Chris de inúmeras dificuldades e embaraços surgidos no decurso das suas viagens, muitos dos quais, e não os menores, originados pela franqueza da ruiva atriz. Chris a recordara sempre com afeição durante anos e a procurara ao chegar a Washington.

— Ouça, Shar, que padres é que vêm? — perguntou ela.

— Ainda não tenho certeza. Convidei o diretor e o deão da faculdade, mas acho que o diretor vai enviar um representante. O seu secretário telefonou no fim da manhã dizendo que talvez ele tivesse de viajar.

— Quem é que ele vai mandar? — perguntou Chris com um interesse velado.

— Deixe-me ver. — Sharon percorreu os papéis cheios de notas. — Aqui está, Chris. O seu assistente... o padre Joseph Dyer.

— Esse é do *campus*, não é?

— Bem, acho que sim.

— Está bem.

O Exorcista

Ela pareceu ficar desapontada.

— Amanhã à noite não me perca o Burke de vista — disse.

— Esteja descansada.

— Onde está a Rags?

— Lá embaixo.

— Sabe, talvez fosse bom colocar a máquina de escrever lá embaixo, não acha? Quer dizer, assim podia vigiá-la enquanto escreve. Está bem? Não quero que ela esteja tão só.

— Boa ideia.

— Está bem, mas mais tarde. Vá para casa, medite e divirta-se com os cavalos.

Com os planos e os preparativos terminados, Chris, preocupada, viu-se novamente pensando em Regan. Tentou ver televisão. Não conseguia se concentrar. Sentia-se inquieta. Havia algo estranho na casa. Como que um pó espesso. Um silêncio opressivo.

Por volta da meia-noite tudo dormia.

Não houve perturbações naquela noite.

CAPÍTULO QUATRO



Quando recebeu os convidados vestia um conjunto de recepção verde-limão; túnica de longas mangas de sino e calça. Os sapatos eram confortáveis. Simbolizavam as suas esperanças para aquela noite.

A primeira a chegar foi Mary Jo Perrin, acompanhada do filho Roberto, de uns dezoito anos. O último foi o padre Dyer. Era novo e pequenino, de faces rosadas, de olhos tristes por trás de uns óculos de armação de aço. Desculpou-se à porta pelo seu atraso. “Não conseguia encontrar a gravata apropriada”, disse ele a Chris, inexpressivamente. Ela ficou olhando para ele estupefata durante uns segundos e depois soltou uma gargalhada. A depressão que sentira durante todo o dia começou a desaparecer.

As bebidas faziam efeito. Pelas nove e quarenta e cinco estavam todos dispersos pela sala jantando agrupados em conversas vibrantes.

Chris encheu o prato de *curry* fumegante e esquadrinhou a sala com os olhos à procura de Mary Jo Perrin. Estava sentada num sofá com o padre Wagner, o reitor jesuíta que tinha uma careca cheia de sardas e modos reservados e afáveis. Chris trocara poucas palavras com ele. Deslizou até o sofá e sentou-se no chão defronte da mesinha de café. A vidente ria, divertida.

— Oh, vamos lá, Mary Jô! — disse o reitor rindo, levando uma garfada de *curry* à boca.

— Sim, vamos lá, Mary Jô! — repetiu Chris.

— Mas que delícia de *curry*! — disse o reitor.

— Não está quente demais?

— De modo algum. Está mesmo no ponto. A Mary Jô me contava que havia um jesuíta que também era médium.

A vidente riu.

— Ele não acredita!

— Ah, *distinguo*. — corrigiu o deão. — Eu disse que era difícil de acreditar.

— Mas era médium, médium? — perguntou Chris.

— Naturalmente! — respondeu Mary Jo. — Ele até costumava levitar.

— Oh, eu faço isso todas as manhãs — disse o jesuíta calmamente.

— Quer dizer que ele fazia sessões de espiritismo — perguntou Chris à Sr.^a Perrin.

— Sim, fazia — respondeu ela. — Foi muito, muito célebre no século dezenove. Com efeito, foi talvez o único espírito do seu tempo que nunca foi abertamente acusado de fraude.

— Como já disse, não era jesuíta — observou o reitor.

— Valha-me Deus, mas era! — Ela riu. — Quando ele fez vinte e dois anos ingressou nos Jesuítas e prometeu não trabalhar mais como médium, mas o expulsaram da França — riu ainda mais — imediatamente depois de uma sessão que fez nas Tulherias. Sabem o que aconteceu? Durante a sessão disse à imperatriz que ia ser tocada pelas mãos do espírito de uma criança que se materializaria completamente, e quando acenderam todas as luzes — soltou uma gargalhada — o apanharam sentado, tocando com um pé descalço no braço da imperatriz! Podem imaginar o que foi, não?

O jesuíta sorria ao pousar o prato na mesa.

— Nunca mais me venha pedir desconto nas indulgências, Mary Jo.

— Deixe disso! Todas as famílias têm uma ovelha negra.

— Estávamos valorizando a nossa quota com os papas Médicis.

— Sabe, eu uma vez tive uma experiência — começou Chris a dizer.

Mas o reitor interrompeu:

— Está fazendo disso matéria de confissão?

Chris sorrindo disse:

— Não, eu não sou católica.

A Sr.^a Perrin riu:

— Oh, os Jesuítas também não.

Isso são calúnias dos Dominicanos — retorquiu o reitor. Depois, voltando-se para Chris, acrescentou;

— Desculpe, minha filha, estava dizendo...?

— Bem, dizia apenas que uma vez me pareceu ver uma pessoa em levitação. Foi no Butão.

Repetiu a história.

— Acham que é possível? — perguntou ao terminar. — Quer dizer, sério, vocês acham realmente possível?

Ele encolheu os ombros.

— Quem sabe? Quem sabe o que é a gravidade? Ou até, pensando bem, o que é a matéria?

— Quer saber minha opinião? — interrompeu a Sr.^a Perrin.

— Não, Mary Jo — disse o reitor. — Fiz voto de pobreza.

— Também eu — murmurou Chris.

— O que disse? — perguntou o reitor inclinando-se para a frente.

— Nada. Olhe, há uma coisa que eu queria lhe perguntar. Conhece aquela casa pequena que fica por trás da igreja ali defronte? — Apontou, vagamente.

— A da Santíssima Trindade? — perguntou ele.

— Sim, essa mesmo. Afinal, o que acontece lá?

— Oh, é lá que rezam missas negras — disse a Sr.^a Perrin.

— Missas o quê?

— Missas negras.

— Oh, ela está brincando — disse o reitor.

— Sim, eu sei — afirmou —, mas sou uma ignorante. Quer dizer, o que é uma missa negra?

— Oh, fundamentalmente, é uma paródia da missa católica — explicou o reitor. — Está ligada à feitiçaria e ao culto do Diabo.

— Sério? O senhor quer dizer que de fato existem coisas dessas?

— Eu realmente não posso afirmar. No entanto, ouvi dizer, certa vez, que uma estatística mostra que possivelmente algo em torno de cinquenta mil missas negras são rezadas a cada ano na cidade de Paris.

— Atualmente? — perguntou Chris espantada.

— Não sei, foi algo que ouvi.

— Sim, claro. Foi o serviço secreto jesuíta que lhe disse — troçou a Sr.^a Perrin.

— De maneira alguma. Ouço vozes — respondeu o reitor.

— Sabem, em Los Angeles — disse Chris — contam-se imensas histórias sobre a existência de cultos de feitiçaria na cidade. Perguntei muitas vezes a mim mesma se seria verdade.

— Pois, como disse, não sei — declarou o reitor. — Mas o Joe Dyer sabe. Onde está o Joe? O reitor olhou em redor de si:

— Está ali — disse, designando com a cabeça o outro padre que, de pé junto do bufê e de costas voltadas para eles, enchia o prato de comida pela segunda vez. — Ei, Joe!

O jovem padre voltou o rosto, impassível.

— Chamou, grão-reitor?

O outro jesuíta o chamou com um gesto.

— Já vou, só um minuto — respondeu Dyer, e continuou a atacar o *curry* e a salada.

— É o único duende do clero — disse o reitor, com um vislumbre de afeição. Tomou um gole de vinho. — Houve alguns casos de profanações na Santíssima Trindade a semana passada e Joe disse algo a respeito de um deles lhe lembrar algo que costumavam fazer nas missas negras. Por isso, suponho que sabe alguma coisa sobre o assunto.

— O que aconteceu na igreja? — perguntou Mary Jo Perrin.

— Oh, na realidade, é repugnante demais — respondeu o reitor.

— Conte; todos já acabamos de jantar.

— Não, por favor. É demais — objetou ele.

— Ah, qual é!

— Afinal, você não pode ler o meu pensamento, Mary Jo? — inquiriu ele.

— Oh, na realidade podia — respondeu ela —, mas acho que não sou digna de entrar nesse Santo dos Santos! — riu.

— É realmente nojento — principiou o reitor. Descreveu as profanações. No primeiro incidente, o velho sacristão da igreja descobrira um monte de excrementos humanos sobre a toalha do altar, bem em frente ao tabernáculo.

— Oh, isso é realmente nojento — declarou a Sr.^a Perrin, fazendo uma careta.

— Pois a outra foi ainda pior — observou o reitor. Depois falou indiretamente e empregou um dos dois eufemismos para explicar como fora encontrado no altar do lado esquerdo um pesado falo, modelado em barro, firmemente colado numa estátua de Cristo.

— É bastante doente, não? — concluiu ele.

Chris reparou que Mary Jo parecia verdadeiramente perturbada ao dizer:

— Isso basta, por enquanto. Desculpe ter perguntado. Mudemos de assunto, por favor.

— Não, eu estou fascinada — disse Chris.

— Sim, é claro, sou um homem fascinante.

Era o padre Dyer. Erguia-se na sua frente com o prato na mão.

— Escute, espere só um momento que volto já. Acho que tenho algo a tratar ali com o astronauta.

— Que espécie de coisa? — quis saber o reitor.

O padre Dyer ergueu as sobrancelhas numa suposta cara-de-pau.

— Você já tinha pensado num primeiro missionário na Lua? — perguntou ele.

Desataram todos a rir.

— O senhor é da estatura que convém — disse a Sr.^a Perrin. — Podiam colocá-lo na ponta do cone.

— Não, a mim não — corrigiu ele com um ar grave. Depois virou-se para o reitor e explicou: — Estou vendo se consigo arranjar o lugar para o Emory.

— É o nosso disciplinador no *campus* — explicou Dyer num aparte para as senhoras. — Lá em cima não há ninguém e é o que ele gosta, sabem? Parece que gosta de sossego.

— E então, quem ele ia converter? — perguntou a Sr.^a Perrin.

— O que quer dizer com isso? — Dyer, sério, virou-se para ela e franziu a sobrancelha. — Ia converter os astronautas. Isso mesmo. É disso que ele gosta. Sabe, uma ou duas pessoas. Grupos nunca. Duas ou três pessoas.

Dyer olhou com inexpressividade na direção do astronauta.

— Desculpem — disse, e os deixou.

— Eu gosto dele — declarou a Sr.^a Perrin.

— Eu também — afirmou Chris. Voltou-se em seguida para o reitor. — Não me disse o que se passa naquela casa — lembrou-lhe. — É um grande segredo? Quem é aquele padre que vejo sempre lá? Um moreno. Sabe a quem me refiro?

— É o padre Karras — esclareceu o reitor baixando a voz, com uma ponta de pesar.

— O que ele faz?

— É um consultor. — Pousou o copo de vinho e segurando-o pelo pé o fez rodar. — Sofreu um golpe muito duro a noite

passada, pobre rapaz.

— O que houve? — perguntou Chris numa preocupação repentina.

— A mãe dele faleceu.

Chris sentiu-se comovida, com uma sensação de dor que não podia explicar.

— Que pena — disse ela.

— Ele parece estar sofrendo muito — continuou o jesuíta. — Vivia sozinha e suponho que já tinha morrido há alguns dias quando a encontraram.

— Oh, que horrível — murmurou a Sr.^a Perrin.

— Quem a encontrou? — perguntou Chris com um ar grave.

— Foi o encarregado do prédio. Creio que até agora ainda não a teriam encontrado se não fosse... Bom, os vizinhos do lado queixaram-se de ouvir o rádio dela sem interrupção.

— É muito triste — murmurou Chris.

— Com licença, senhora, por favor.

Olhou e viu Karl com uma bandeja cheia de copos e licores.

— Claro, Karl, ponha-a aí; está ótimo.

Chris gostava de servir ela própria os licores aos seus convidados. Parecia-lhe que criava uma intimidade que de outro modo poderia faltar.

— Bem, agora vejamos; vou começar por vocês — disse ao reitor e à Sr.^a Perrin; e os serviu. Em seguida, percorreu a sala atendendo os pedidos, amável com todos os convidados; no fim da volta, os diversos grupos formavam novas combinações, com exceção de Dyer e do astronauta, que pareciam cada vez mais íntimos. — Não, na verdade não sou padre — Chris ouviu Dyer dizer muito sério, com o braço no ombro do astronauta sacudido pelo riso. — Na realidade, sou um terrível rabino da vanguarda. — E pouco depois ouviu Dyer perguntar ao astronauta: — O que é o espaço? — Quando o astronauta encolheu os ombros e disse que de fato não sabia, o padre Dyer o olhou muito sério e respondeu: — Pois devia saber.

Mais tarde, quando Chris lembrava com Ellen Cleary a sua estada em Moscovo, ouviu ressoar uma voz conhecida, estridente e zangada, vinda dos lados da cozinha.

Oh, Meu Deus! É o Burke!

Gritava obscenidades a alguém.

Chris desculpou-se e foi depressa à cozinha, onde Dennings insultava Karl violentamente, enquanto Sharon tentava em vão acalmá-lo.

— Burke! — exclamou Chris — pare com isso!

O diretor fez de conta que não a via e continuou se enfurecendo, com a saliva se espalhando nos cantos da boca, enquanto Karl, encostado à lava-louça, calado, de braços cruzados e expressão impassível, o olhava fixamente.

— Karl! — disse Chris irritada — Saia imediatamente daqui! Saia! Não vê como ele está?

Mas o suíço não se mexeu até que Chris começou de fato a empurrá-lo para a porta.

— Porco nazi! — gritou-lhe Dennings nas costas. Em seguida voltou-se alegremente para Chris esfregando as mãos. — Qual é a sobremesa? — perguntou com meiguice.

— A sobremesa! — Chris bateu com a mão na testa.

— Mas eu estou com fome — queixou-se Dennings. Chris voltou-se para Sharon.

— Dê-lhe de comer! Tenho de colocar a Regan na cama. E você, Burke, — pediu ela ao diretor — por Cristo, comporte-se! Há padres lá dentro! — Apontou.

Enrugou a testa e os olhos mostraram um interesse súbito, intenso e aparentemente genuíno.

— Também já reparou? — perguntou sem maldade. Chris saiu da cozinha e desceu ao porão para ver a Regan no quarto de brinquedos, onde a filha passara o dia. A encontrou entretida com o *ouija*. Parecia amuada; distraída; remota. *Bom, pelo menos não está fingindo*, refletiu Chris, e, na esperança de diverti-la, a levou à sala e começou a apresentá-la aos convidados.

— Oh, é encantadora! — disse a mulher do senador.

— Regan comportou-se singularmente bem, exceto com a Sr.^a Perrin, a quem não quis falar nem apertar a mão. Mas a vidente levou o caso para a brincadeira.

— Ela sabe que sou uma impostora. — Piscou o olho para Chris. Depois, com um curioso ar de inspeção, estendeu a mão e agarrou a de Regan com uma leve pressão, como se estivesse a tomar-lhe o pulso. Regan a sacudiu, brusca, e a olhou malevolamente.

— Meu Deus, meu Deus, deve estar cansada — disse a Sr.^a Perrin com naturalidade. Todavia, continuou observando Regan

com uma fixidez investigadora, uma ansiedade sem explicação.

— Você tem estado adoentada — murmurou Chris justificando. Olhou Regan. — Não é, querida?

Regan não respondeu. Manteve-se de olhos baixos.

Já tinha sido apresentada a todos exceto ao senador e a Robert, o filho da Sr.^a Perrin. Chris achou melhor desistir de apresentá-la a estes. Acompanhou-lhe até o quarto e a colocou na cama.

— Acha que pode dormir? — perguntou.

— Não sei — respondeu Regan ausente. Virou-se de lado e ficou olhando a parede com uma expressão distante.

— Quer que eu leia um pouquinho para você?

Balançou a cabeça.

— Está bem. Então vê se dorme.

Inclinou-se e beijou a filha. Em seguida foi até à porta e apagou a luz.

— Boa noite, amor.

Chris já ia saindo pela porta quando Regan lhe perguntou muito baixinho:

— Mãe, o que é que eu tenho?

Falou, perturbada, num tom cheio de desânimo, desproporcionado com o seu estado. Por um momento, a mãe sentiu-se abalada e confusa. Mas logo se recompôs.

— É como eu lhe disse, querida; são os nervos. O que você precisa é tomar esses comprimidos durante umas semanas, e tenho certeza de que vai se sentir ótima. Agora, veja se dorme, querida, está bem?

Nenhuma resposta. Chris esperou.

— Está bem? — repetiu.

— Está bem — murmurou Regan.

De repente, Chris notou que os seus braços se arrepiavam. Esfregou-lhes. *Meus Deus! Este quarto está gelado. De onde vem essa corrente de ar?*

Foi até à janela e verificou os caixilhos. Não encontrou nada. Voltou-se para Regan:

— Está bem quentinha, amor?

Regan não respondeu. Chris foi até a cama.

— Regan? Está dormindo? — murmurou. A filha tinha os olhos fechados e respiração profunda.

Chris saiu do quarto na ponta dos pés.

No *hall* ouviu cantar, e ao descer as escadas viu com prazer que o jovem padre Dyer tocava piano junto da grande janela da

sala e regia um grupo que tinha se formado à sua volta cantando uma canção alegre. Quando entrou na sala estavam terminando *Till We Meet Again*.

Chris dirigiu-se para o grupo, mas foi rapidamente interceptada pelo senador e pela mulher, já com os casacos no braço. Pareciam um pouco nervosos.

— Já vão embora?

— Oh, sentimos muito, minha querida.

— Tivemos uma noite maravilhosa — disse o senador efusivo —, mas a Martha, coitada, está com dor de cabeça.

— Sinto muito mesmo, mas eu estou muito indisposta — lamuriou a mulher do senador. — Vai nos desculpar, Chris. Foi uma festa muito agradável.

— Que pena que vocês vão embora — disse por sua vez Chris.

Acompanhou-lhes até à porta, ouvindo o padre Dyer perguntar lá dentro: “Há mais alguém aí que saiba a letra de *I’ll Bet You’re Sorry Now, Tokyo Rose?*”

Deu-lhes boa-noite. Na sua volta à sala viu Sharon surgir silenciosa, vinda do gabinete de trabalho.

— Onde é que está o Burke? — perguntou-lhe Chris.

— Lá dentro — respondeu Sharon, acenando com a cabeça na direção do gabinete de trabalho. — Ele está chumbado. O que o senador disse a você? Alguma coisa?

— O que quer dizer com isso? — perguntou Chris. — Foram embora e pronto.

— Bem, creio que foi melhor assim.

— Sharon, explique-se.

— Oh, foi o Burke — suspirou Sharon. Descreveu em voz baixa o encontro entre o senador e o diretor. Dennings de passagem lhe dissera, contou Sharon, que parecia haver “um pelo pubiano alheio flutuando no meu gim”. Voltando-se de seguida para o senador acrescentou num tom vagamente acusador: “Nunca vi este pelo na minha vida! E você?”

Chris começou a rir enquanto Sharon continuava a descrever como a reação embaraçada do senador provocara uma daquelas cóleras quixotescas de Dennings, em que ele exprimira a sua “gratidão sem limites” pela existência de políticos, visto que sem eles “não se pode distinguir, como vê, quem são os estadistas”.

Quando o senador se afastara ofendido, o diretor voltara-se para Sharon e lhe dissera com orgulho: “Ora vê? Eu não falei mal. Agora me diga, não acha que levei com muita discrição?”

Chris não pôde deixar de rir.

— Pois bem, deixe-o dormir. Mas é melhor ficar lá junto, caso ele acorde. Importa-se?

— De forma alguma. — Sharon entrou no gabinete de trabalho.

Num canto da sala, Mary Jo Perrin estava sentada numa cadeira, só e pensativa. Parecia nervosa; perturbada. Chris dirigiu-se para ela, mas mudou de ideia quando viu um dos vizinhos se encaminhar para o canto.

Chris dirigiu-se então para o piano. Dyer parou de dedilhar as teclas e ergueu a cabeça para cumprimentá-la.

— Sim, jovem senhora, e o que podemos fazer por você hoje? Temos uma oferta especial de novenas.

Chris riu juntamente com os outros.

— Pensei em vir saber as últimas notícias sobre o que se passa nas missas negras — disse ela. — O padre Wagner afirmou que você era o perito.

O grupo que se encontrava junto do piano calou-se interessado.

— Não, na realidade não sou — disse Dyer, tocando algumas notas de leve. — Por que fala de missas negras?

— perguntou ele com um ar grave.

— Há pouco alguns de nós estivemos falando sobre... bem... dessas coisas que encontraram na Santíssima Trindade... e...

— Ah, refere-se às profanações? — interrompeu Dyer.

— Há alguém que nos dê uma pista? — disse o astronauta.

— Decerto — declarou Ellen Cleary. — Também estou perdida.

— Pois bem, descobriram algumas profanações na igreja que fica ali ao fundo da rua — explicou Dyer.

— Que profanações? — perguntou o astronauta.

— Não falemos mais nisso — aconselhou o padre Dyer. — Digamos que foram obscenidades, está bem?

— O padre Wagner diz que você lhe contou que se assemelhava a uma missa negra — insistiu Chris —, e eu queria saber o que se passa nessas coisas.

— Na realidade, não sei muito — protestou ele. — De fato, a maior parte do que sei ouvi de outro *jes*.

— Que é um *jes*? — perguntou Chris.

— É a abreviatura de jesuíta. O padre Karras é o perito em todos esses assuntos.

De repente Chris prestou atenção.

— É aquele padre moreno da Santíssima Trindade?

- O conhece? — perguntou Dyer.
- Não, só tenho ouvido falar dele.
- Bem, parece que uma vez escreveu um ensaio a esse respeito. Sob o ponto de vista psiquiátrico, sabe?
- O que quer dizer? — perguntou Chris.
- O que quer dizer, o que quer dizer?
- Está afirmando que ele é um psiquiatra?
- Sim, claro! Deus, me desculpem. Pensei que sabiam.
- Ouçam, ao menos que haja alguém que me explique alguma coisa — tornou o astronauta impaciente. — O que se passa numa missa negra?
- Digamos que perversões. — Dyer encolheu os ombros.
- Obscenidades. Blasfêmias. É uma paródia diabólica da missa, onde adoram Satanás em vez de Deus e às vezes fazem sacrifícios humanos.
- Ellen Cleary balançou a cabeça e afastou-se.
- Isto para mim está ficando arrepiante. — Sorriu contrafeita.
- Chris não lhe prestou atenção. O reitor juntou-se discretamente ao grupo. — Mas como pode saber isso? — perguntou ela ao jovem jesuíta. — Se realmente essa coisa da missa negra existe, quem é que pode dizer o que se passa lá?
- Bem, acho que souberam a maior parte das coisas pelas pessoas que foram apanhadas e depois confessaram.
- Oh, deixe disso — disse o reitor. — Essas confissões não tinham valor, Joe. As pessoas eram torturadas.
- Não, só as pessoas indecentes — afirmou Dyer com suavidade.
- Houve um estrépito de gargalhadas vagamente nervosas.
- O reitor olhou para o relógio.
- Bem, realmente tenho de ir andando — disse ele a Chris. — Tenho de rezar a missa das seis na capela de Dahlgreen.
- E eu tenho a missa do banjo — disse Dyer sorrindo.
- Depois fixou os olhos num ponto da sala atrás de Chris e pôs-se sério de repente. — Bem, creio que agora temos uma visita, Sr.^a Mac Neil — avisou ele com um gesto feito com a cabeça.
- Chris voltou-se e abafou um grito ao ver Regan de camisola urinando em torrente em cima do tapete. Olhando fixamente para o astronauta, ela enunciou numa voz sem vida:
- Você vai morrer lá em cima.



— Oh, meu Deus! — gritou Chris, aflita, correndo para a filha.
— Oh, Deus, oh, querida, oh, venha, venha comigo!

Pegou Regan pelos braços e a levou rapidamente, dando, por cima do ombro, uma desculpa trêmula ao astronauta, branco como a cal: — Oh, desculpe! Ela tem andado doente; deve estar sonâmbula! Não sabia o que estava dizendo!

Chris ouviu Dyer dizer para alguém: “Talvez seja hora de partir.”

— Não, não, fiquem — protestou Chris, voltando-se por um momento. — Fiquem, por favor! Está tudo bem! Eu volto dentro de um minuto!

Chris parou ao passar pela cozinha para dizer a Willie que tratasse do tapete antes que a mancha ficasse indelével; em seguida subiu a escada com Regan e, no banheiro, a lavou e mudou-lhe a camisa. “Querida, por que você disse aquilo?”, perguntou Chris repetidas vezes. Mas Regan parecia não compreender e resmungava coisas sem nexo. Os seus olhos estavam vagos e velados.

Chris a colocou na cama e Regan pareceu adormecer quase imediatamente. Chris esperou um pouco, ouvindo-lhe a respiração. Depois saiu do quarto.

No fundo das escadas encontrou Sharon e o jovem diretor do segundo grupo ajudando Dennings a sair do gabinete de trabalho. Tinham chamado um táxi e iam conduzi-lo para a sua suíte no Sheraton Park.

— Tenham cuidado — aconselhou Chris quando partiram, um de cada lado, levando Dennings no meio.

Quase inconsciente, o diretor disse “Foda-se!” e desapareceu no nevoeiro, ao entrar no táxi.

Chris voltou à sala, onde os convidados que ainda restavam lhe demonstraram a sua simpatia quando lhes deu uma explicação resumida da doença de Regan. Ao mencionar as pancadas e outros fenômenos “para chamar a atenção” a Sr.^a Perrin olhou para ela intensamente. Uma vez, Chris olhou também para a convidada, esperando um comentário, mas a Sr.^a Perrin não disse nada e Chris continuou.

— Ela tem muitas crises de sonambulismo? — perguntou Dyer.

— Não, esta foi a primeira. Ou pelo menos a primeira de que me dei conta. Creio que é a história da hiperatividade, não será?

Na realidade não sei — disse o padre. — Já ouvi dizer que o sonambulismo é frequente na puberdade, a não ser que... — Interrompeu o que ia dizendo e encolheu os ombros.

— Não sei. Creio que seria melhor perguntar ao médico.

Durante todo o resto da discussão a Sr.^a Perrin esteve tranquilamente sentada olhando para as chamas da lareira. Chris reparou que o astronauta, que tinha naquele ano de cumprir uma missão na Lua, estava quase tão abatido quanto ela. Olhava para a sua bebida emitindo de vez em quando um som que procurava significar interesse e atenção. Numa espécie de entendimento tácito ninguém se referiu ao que Regan lhe dissera.

— Bem, tenho de rezar aquela missa — declarou por fim o reitor, levantando-se para partir.

Desencadeou uma debandada geral. Todos se levantaram e agradeceram o jantar e a noite.

Na porta da rua o padre Dyer pegou na mão de Chris e a olhou nos olhos com serenidade.

— Acha que haverá algum papel num dos seus filmes para um padre muito baixinho que sabe tocar piano? — perguntou ele.

— Bem, se não houver — Chris riu —, farei com que arranjem um para você, padre.

— Estava pensando no meu irmão — disse ele com ar solene.

— Ora você! — riu outra vez e, simpática e amavelmente, desejou-lhe boa noite.

Os últimos a partir foram Mary Jo Perrin e o filho. Chris

demorou com eles na porta com uma conversa sem importância. Pressentia que Mary Jo tinha algo na ideia, mas que não o dizia. Para demorar a sua partida, Chris perguntou-lhe a opinião acerca do uso contínuo que Regan fazia do *ouija* e da sua invenção do capitão Howdy.

— Pensa que pode ser prejudicial? — perguntou ela.

Na expectativa de uma negativa indiferente, Chris ficou surpreendida quando a Sr.^a Perrin franziu a sobrancelha e olhou fixamente para o chão. Parecia pensar; ainda na mesma atitude, saiu e juntou-se ao filho que esperava à entrada.

Quando por fim levantou a cabeça, os olhos ficaram na sombra.

— Eu o tiraria — disse ela, em voz baixa. Deu as chaves ao filho. — Bobby, dê partida no motor... Está frio.

Ele pegou as chaves, disse a Chris que gostara dela em todos os seus filmes e dirigiu-se timidamente para um gasto e velho *Mustang* estacionado na rua.

Os olhos da Sr.^a Perrin continuavam na sombra.

— Não sei o que pensa de mim — disse ela, devagar. — Muita gente me relaciona com o espiritismo, mas não é isso.

Sim, penso que tenho um dom — continuou, no mesmo tom —, mas não é oculto. De fato, me parece natural; perfeitamente natural. Como católica, acredito que todos temos um pé em cada mundo. Aquele de que estamos conscientes é o tempo. Mas de vez em quando uma excêntrica como eu apanha uma centelha do outro pé; e esse, penso... está na eternidade. Ora bem, a eternidade é atemporal. Lá o futuro é presente. Por isso, quando sinto o outro pé, creio que começo a ver o futuro. Quem sabe? Talvez não. Talvez seja tudo coincidência. — Encolheu os ombros. — Mas penso que não. E se é assim, é por isso que digo que é natural, entende? Mas agora o oculto... — Fez uma pausa escolhendo as palavras. — O oculto é uma coisa diferente. Mantive-me afastada dele. Creio que nos envolver com isso é perigoso. E isso inclui brincar com um *ouija*.

Até àquela altura, Chris pensara que ela era uma mulher eminentemente sensata. Contudo, agora havia qualquer coisa nos seus modos que a perturbava profundamente. Sentiu uma premonição arrepiante que tentou dissipar.

— Oh, deixe disso, Mary Jo! — Chris sorriu. — Você não sabe como funcionam os *ouija*? Não é nada mais do que o nosso subconsciente; é apenas isso.

— Talvez sim — respondeu, calmamente. — Talvez. Pode ser

tudo sugestão. Mas todas as histórias que tenho ouvido contar sobre sessões de espiritismo, *ouijas* e tudo o mais parecem conduzir à abertura de uma porta qualquer. Mas não para o mundo dos espíritos; você não acredita nele. Então, talvez uma porta para o que você chama o subconsciente. Tudo o que sei é que parece acontecerem certas coisas. E, minha querida, há por todo o mundo manicômios cheios de pessoas que se envolveram com o ocultismo.

— Está brincando comigo?

Houve um silêncio momentâneo. Depois a voz suave continuou a falar na escuridão.

Havia uma família da Baviera, Chris, em mil novecentos e vinte e um... Não me lembro do nome, mas era uma família de onze pessoas. Suponho que você pode verificar pelos jornais. Pouco tempo depois da experiência de uma sessão de espiritismo, enlouqueceram todos. Todos, e eram onze. Deu-lhes para queimar tudo o que tinham em casa e quando acabaram com a mobília, partiram para um bebê de três meses de uma das filhas mais novas. E foi nessa altura que os vizinhos intervieram e os obrigaram a parar... Toda a família deu entrada num manicômio — concluiu ela.

— Ah, cara! — suspirou Chris, pensando no capitão Howdy. Ele assumia agora um tom ameaçador. Doença mental. Seria isso? Era algo. — Eu sabia que devia levá-la a um psiquiatra!

— Oh, pelo amor de Deus — respondeu a Sr.^a Perrin, dando um passo para a zona iluminada —; não faça caso do que digo; faça só caso do seu médico. — Um tom de segurança forçada na sua voz não era convincente. — Sou formidável quanto ao futuro — disse a Sr.^a Perrin, sorrindo —, mas quanto ao presente não valho nada. — Mexia na carteira. — E agora onde pus os óculos? Vê? Já os perdi. Ah, estão aqui, bem aqui. — Encontrara-os num bolso do casaco. — Que linda casa — observou, pondo os óculos e olhando para a parte superior da fachada da casa. — Dá uma sensação de conforto.

— Meu Deus, que alívio! Pensei por um segundo que ia me dizer que a casa era assombrada!

A Sr.^a Perrin olhou para Chris.

— Por que havia eu de lhe dizer uma coisa dessas? Chris pensou numa amiga, uma conhecida atriz de Beverly Hills, que vendera a casa devido à sua teimosia em pensar que ela era habitada por um *poltergeist*¹.

¹ Suposta manifestação sobrenatural caracterizada por ruídos e deslocamentos de objetos, que seriam causados por um ou mais espíritos.

(Nota do editor)

— Eu não sei. — Teve um sorriso amarelo. — Por se tratar de você, creio eu. Estava brincando.

— É uma bela casa — disse a Sr.^a Perrin, com voz calma, tranquilizando. — Já estive aqui antes, sabe? Muitas vezes.

— Sêrio? Já esteve aqui?

— Sim, pertencia a um almirante, um dos meus amigos. De vez em quando recebo uma carta dele. Mandaram-no outra vez para o mar, pobre querido. Na realidade, não sei se é ele que me faz falta ou se é a casa. — Sorriu. — Mas talvez você volte a me convidar.

— Adoraria que voltasse, Mary Jo. De verdade. Você é uma pessoa fascinante.

— Bem, pelo menos eu sou a pessoa mais irritante que você conhece.

— Oh, deixe disso. Ouça, me telefone. Por favor. Me telefona na semana que vem?

— Oh, sim. Gostaria de saber como vai a sua filha.

— Tem o número do telefone?

— Sim, eu o tenho em casa, na agenda.

O que estaria mal?, pensou Chris. Qualquer coisa no seu tom de voz despertava-lhe suspeitas.

— Então boa noite — disse a Sr.^a Perrin —, e mais uma vez obrigada. — E antes que Chris lhe pudesse responder, começou a caminhar rapidamente pela rua afora.

Por breves momentos Chris ficou olhando para ela e depois fechou a porta da casa. Sentia uma enorme fadiga. *Mas que noite*, pensou; *que noite... mas que noite...*

Foi à sala e parou ao lado de Willie que, ajoelhada junto da mancha de urina, escovava o pelo do tapete.

— Pus vinagre branco — murmurou Willie. — Duas vezes.

— Está saindo?

— Talvez saia agora — respondeu Willie. — Não sei. Veremos.

— Não, não se pode realmente saber até que a droga da coisa seque.

Sim, agora você foi brilhante, fantoche. Foi realmente uma observação brilhante. Nossa Senhora, menina, vai pra cama!

— Vamos, deixe isso por agora, Willie. Vá dormir.

— Não, eu acabo.

— Então está bem. E obrigada. Boa noite.

— Boa noite, senhora.

Chris começou a subir a escada com passos cansados.

— O *curry* estava ótimo, Willie. Todo mundo gostou.

— Sim, senhora, obrigada.

O Exorcista

Chris foi ver Regan e a encontrou ainda dormindo. Então lembrou-se do *ouija*. Deveria escondê-lo. Jogá-lo fora? *Credo! A Perrin é mesmo pirada em relação a essas coisas*. No entanto, Chris se dava conta de que o companheiro de brincadeiras imaginário era mórbido e doentio.

Sim, talvez eu devesse jogá-lo fora.

Contudo, hesitava. Junto da cama, ao olhar para Regan lembrou-se de um incidente quando a filha tinha apenas três anos: foi numa noite em que Howard decidira que ela já não tinha idade para dormir com a chupeta, à qual se habituara. A havia tirado naquela noite e Regan gritara até às quatro da manhã; depois, tivera crises histéricas durante vários dias. Agora, Chris receava uma reação semelhante. *É melhor esperar até que eu fale no assunto com um médico*. Além disso, a *Ritalina* ainda não tivera oportunidade de fazer efeito, refletiu.

Por fim, resolveu esperar para ver o que acontecia.

Chris foi para o seu quarto e deixou-se cair na cama, fatigada; adormeceu quase imediatamente. O som de horríveis gritos histéricos, escutados no limiar da consciência, a fez acordar.

— Mãe, vem cá, vem cá, estou com medo!

— Sim, estou indo, está bem, querida, estou indo!

Chris correu pelo corredor até o quarto de Regan. Ouviu gemidos, choro, uns sons como de molas do colchão.

— Oh meu bebê, o que aconteceu? — exclamou Chris ao acender a luz.

Deus Todo-Poderoso!



O Exorcista

Regan, deitada de costas, toda retesada, com o rosto molhado de lágrimas e contorcida de terror, agarrava-se aos lados da cama estreita.

— Mãe, por que é que a cama está balançando? — gritou. — Faz ela parar. Oh, estou com medo! Faz ela parar. Mãe, por favor, faz isso parar!

O colchão sacudia violentamente para trás e para a frente.

II: O Gume

...Em nosso sono, a dor, que não se esquece, cai gota a gota no coração, até que, em nosso próprio desespero, contra nossa vontade, vem a sabedoria pela sublime graça de Deus... — Ésquilo

CAPÍTULO UM

Conduziram-na à última morada, num cemitério lotado, onde as pedras tumulares clamavam por ar.

A missa fora solitária como a sua vida. Os irmãos do Brooklyn. O merceiro da esquina que lhe fiava e prolongava os prazos de pagamento. Vendo-os enterrá-la na escuridão de um mundo sem janelas, Damien Karras soluçou com uma dor que durante muito tempo interpretara mal.

— Ai, Dimmy, Dimmy...

Um tio punha-lhe um braço sobre os ombros.

— Não se preocupe, ela agora está no Céu, Dimmy, está feliz.

Oh, meu Deus, permiti que seja assim! Oh, meu Deus! Oh, por favor! Oh, Deus, que assim seja, por favor!

Esperaram no carro enquanto ele se demorava junto ao túmulo. Não podia suportar o pensamento de ela estar sozinha.

Ao volante, até à estação da Pensilvânia, ouvia os tios falarem das respectivas doenças com sotaque de imigrantes.

“...enfisema... tenho de deixar de fumar... quase morri no ano passado, sabiam?”

Espasmos de raiva queriam brotar-lhe dos lábios, mas ele os empurrou para trás e sentiu-se envergonhado. Olhou pela janela: o Posto de Auxílio, onde, aos sábados de manhã, em pleno inverno, ela ia buscar leite e batatas, enquanto ele ficava na cama; o Jardim Zoológico do Central Park, onde ela o deixava no Verão, enquanto ia pedir esmola junto à fonte em frente do Plaza. Passando o Hotel, Karras desatou a soluçar e depois, sufocando as lembranças, limpou as lágrimas de remorsos pungentes. Perguntou a si mesmo porque teria o amor esperado por aquela separação, esperado pelo momento em que ele já não precisava tocar, quando os limites do contato e da resignação humanos se tinham reduzido ao tamanho de um santinho de luto impresso e enfiado na carteira: *In memoriam...*

Ele sabia. Aquela dor era antiga.

Chegou a Georgetown à hora do jantar, mas não tinha apetite. Andou de um lado para o outro dentro do pavilhão. Apareceram

amigos jesuítas dando os pêsames. Demoraram pouco tempo. Prometeram orações.

Pouco depois das dez apareceu Joe Dyer com uma garrafa de uísque. Mostrou-lhe com orgulho:

— *Chivas Regal!*

— Onde é que arranjou dinheiro para isso... na caixa dos pobres?

— Não seja idiota! Isso quebraria o meu voto de pobreza.

— Onde a arranjou, então?

— Roubei.

Karras sorriu e balançou a cabeça, enquanto ia buscar um copo e uma caneca de café, de estanho. Lavou-lhes na pequena pia do banheiro e disse “Acredito em você”.

— Nunca encontrei fé tão grande.

Karras sentiu a punhalada de uma dor familiar. Conteve-a e voltou para junto de Dyer, que estava sentado na cama de campanha removendo o lacre. Sentou-se ao lado dele.

— Quer me absolver agora ou mais tarde?

— Enche aí — disse Karras — e absolvamo-nos um ao outro.

Dyer encheu o copo e a caneca até cima.

— Os reitores de colégio não deviam beber — murmurou. — É um mau exemplo. Creio que o livreiro de uma terrível tentação.



Karras engoliu o uísque, mas não a história. Conhecia muito bem a maneira de ser do reitor. Era um homem cheio de tato e

sensibilidade que manifestava sempre indiretamente o seu afeto. Sabia que Dyer tinha vindo não só como amigo, mas também como emissário pessoal do reitor. Por isso, quando Dyer, de passagem, fez um comentário sobre a possível necessidade “de repouso” de Karras, o jesuíta psiquiatra o tomou como um bom augúrio e sentiu uma momentânea onda de alívio.

A companhia de Dyer era reconfortante; fazia-o rir; falou da festa e de Chris MacNeil; contou-lhe novas piadas sobre o prefeito de disciplina dos Jesuítas. Bebeu muito pouco, mas não deixava de encher o copo de Karras, e quando lhe pareceu que este já estava suficientemente entorpecido para dormir, levantou-se do catre, obrigou Karras a se estender, enquanto ele próprio, sentado à escrivaninha, continuou a falar até Karras fechar os olhos e começar a responder-lhe com grunhidos.

Dyer levantou-se e, desapertando os cadarços, tirou os sapatos de Karras.

— E agora vai me roubar os sapatos? — murmurou Karras com voz empastada.

— Não, eu leio a sorte nas rugas dos sapatos. Agora cale-se e durma.

— Você é um jesuíta larápio.

Dyer sorriu e o cobriu com um casaco que fora buscar num armário.

— Escute, alguém tem de se preocupar com as coisas aqui de casa. Tudo o que vocês sabem fazer é desfiar as contas e rezar pelos *hippies* da Rua M.

Karras não respondeu. A sua respiração era regular e profunda. Dyer foi de mansinho até a porta e apagou a luz.

— Roubar é pecado — murmurou Karras na escuridão.

— *Mea culpa* — disse Dyer baixinho.

Esperou um instante; por fim, convenceu-se de que Karras dormia e saiu do pavilhão.

No meio da noite, Karras acordou banhado em lágrimas. Tinha sonhado com a mãe. No sonho, estava à janela de um andar alto em Manhattan e a vira saindo de um quiosque do metrô, do outro lado da rua. Ela parara à esquina, com um saco de compras de papel pardo na mão, à procura de Karras. Ele acenou mas ela não o viu. Começou a atravessar a rua. De um lado para o outro, ônibus. Caminhões. A multidão hostil. Ela começara a ficar assustada. Voltara ao metrô, começando a descer. Karras, angustiado, saiu para a rua correndo e chorando chamando por ela; chorando por não a encontrar, chorando ao imaginá-la desamparada e perdida no labirinto dos túneis subterrâneos.

Esperou que os soluços cessassem; depois, procurando o uísque às apalpadelas, sentou-se no catre e bebeu na escuridão. As lágrimas corriam sem parar. Era como uma dor da infância.

Lembrou-se de uma chamada telefônica do tio:

“Dimmy, o edema afetou o cérebro dela. Não deixa nenhum médico se aproximar. Só diz coisas aos gritos. Até fala com o maldito rádio. Acho que tem de ir para Bellevue, Dimmy. Um hospital comum não atura isso. Imagino que se ficar lá uns dois meses fica como nova; depois, a trazemos aqui para fora. Está bem? Ouça, Dimmy, já a colocamos lá. Deram-lhe uma injeção e a levaram na ambulância esta manhã. Não quisemos incomodar você, mas há uma audiência e você tem de assinar os papéis. Agora... O quê?... Hospital particular? Mas quem tem dinheiro para isso, Dimmy? Você?”

Não se lembrava de ter adormecido.

Acordou entorpecido, com a lembrança do infortúnio a exaurir-lhe o sangue do estômago. Foi cambaleando até o banheiro; tomou uma ducha, fez a barba, vestiu a sotaina. Eram cinco e trinta e cinco. Abriu a porta que dava para a Igreja da Santíssima Trindade, paramentou-se e rezou a missa no altar do lado esquerdo.

“Memento etiam...”, orou com frio desespero. *“Lembrai-Vos da Vossa serva Mary Karras...”*

Viu a cara da enfermeira da recepção do Bellevue na porta do tabernáculo; ouviu novamente os gritos que vinham do quarto isolado.

— *É o filho dela?*

— *Sim, sou Damien Karras.*

— *Olhe, se eu fosse você não entrava. Está tendo um ataque.*

Olhara, pelo postigo, para o quarto sem janelas, com lâmpada sem quebra-luz, pendurada no teto e paredes almofadadas; era no quarto nu que tinha como único móvel o catre em que ela delirava.

“...concedei-lhe, rogamo-Vos, um lugar de refrigério, a luz e a paz...”

Quando os seus olhos se encontraram, ela calara-se de repente; viera até o postigo com uma expressão de perplexidade.

— *Por que você faz isto comigo, Dimmy? Por quê?*

Os olhos tinham uma expressão mais meiga do que a de um cordeiro.

“Agnus Dei...”, murmurou ao se curvar e bater no peito. *“Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do mundo, concedei-lhe o repouso eterno...”*



Ao fechar os olhos, segurando a hóstia, viu a mãe na sala da audiência, com as mãos cruzadas sobre o colo e uma expressão dócil mas confusa quando o juiz lhe explicava o relatório do psiquiatra de Bellevue.

— *Entende isso, Mary?*

Ela acenara que sim; não quisera abrir a boca; tinham-lhe tirado a dentadura.

— *Bem, o que tem a dizer a este respeito, Mary?*

— *O meu filho fala por mim* — respondera, com orgulho. Karras deixou escapar um queixume de angústia ao curvar a cabeça sobre a hóstia. Bateu no peito como se marcasse compasso e murmurou “*Domine, non sum dignus...* não sou digno... dissei uma só palavra e a minha alma será salva”.

Contra toda a razão, contra todo o entendimento, orou para que Alguém escutasse a sua oração.

Todavia, não pensava que isso acontecesse.

Depois da missa, regressou ao pavilhão e tentou dormir, mas não conseguiu.

Ao fim daquela manhã, apareceu inesperadamente um padre jovem que ele nunca vira. Bateu à porta e espreitou.

— Está ocupado? Posso falar com você um momento? Trazia nos olhos um fardo de impaciência e na voz um apelo dilacerante.

Durante uns segundos Karras o odiou.

— Entre — disse num tom de amabilidade. Interiormente, enraivecia-o aquela parte do seu ser que o tornava um homem desamparado, que não podia controlar, que jazia enrolada dentro de si qual pedaço de corda sempre pronto a se arremessar espontaneamente ao ouvir o apelo da necessidade dos outros. Não

o deixava em paz. Nem sequer durante o sono. No limiar dos seus sonhos fazia-se muitas vezes ouvir um som parecido com um grito breve e indistinto de alguém aflito. De tão distante era quase inaudível. Sempre o mesmo. E depois de acordar sentia durante alguns minutos a ansiedade originada pelo não cumprimento de um dever.

O jovem padre atrapalhou-se, vacilou, pareceu tímido.

Karras foi paciente com ele. Ofereceu-lhe cigarros, café instantâneo. Depois, conseguiu encarar com interesse o jovem e melancólico visitante quando este expôs gradualmente um problema habitual: a terrível solidão dos sacerdotes.

De todas as expressões de ansiedade que Karras descobrira na comunidade, aquela tornara-se ultimamente a mais corrente. Afastados da família, bem como de mulheres, muitos jesuítas recebavam também manifestar afeição por padres seus companheiros, ou criar amizades profundas.

— Por exemplo, gostaria de passar o braço pelo ombro de outro tipo, mas tenho imediatamente receio de que ele comece a pensar que sou bicha. Quer dizer, ouvimos falar de todas essas teorias a respeito de tantos que, desconhecendo-se, são atraídos pelo sacerdócio... É por isso que não o faço. Não vou ao quarto de ninguém, nem para ouvir discos, conversar, ou fumar. Não é que tenha medo de alguém; fico apenas aflito ao pensar que alguém pode se afligir por minha causa.

Karras sentiu o peso do outro deslizando lentamente para ele. Permitiu que se aproximasse. Deixou o jovem padre falar. Sabia que voltaria muitas vezes, para procurar alívio para a sua solidão, para fazer de Karras seu amigo; e quando tivesse compreendido que procedera assim sem medo nem desconfiança, talvez fosse capaz de arranjar amigos entre os outros.

O psiquiatra começou a se sentir cansado; viu-se sendo arrastado para o seu sofrimento pessoal. Olhou para uma placa que alguém lhe oferecera no último Natal. MEU IRMÃO SOFRE. EU COMPARTILHO DA SUA DOR. NELE EU ENCONTRO DEUS — ele leu. Um encontro frustrado. Culpava a si próprio. Traçara as vias do tormento de seu irmão e, contudo, nunca as tinha percorrido; ou assim acreditava. Pensava que a dor que sentia era a sua própria dor.

Por fim, o visitante olhou para o relógio. Era a hora do almoço no refeitório do *campus*. Levantou-se e preparou-se para sair. Parou olhando para um romance atual em cima da escrivaninha de Karras.

— Já o leu? — perguntou Karras.

O outro balançou a cabeça: — Não, não li. Devo ler?

— Não sei. Acabei de ler e não tenho a certeza de ter entendido — disse Karras mentindo. Pegou o livro e o ofereceu. — Quer levá-lo? Sabe, gostaria realmente de ouvir a opinião de outra pessoa.

— Bom, certo — disse o jesuíta examinando a dobra da sobrecapa do livro. — Vou tentar devolvê-lo em alguns dias.

Parecia mais bem disposto.

Ao ouvir a porta de tela ranger após a saída do outro, Karras sentiu uma paz momentânea. Pegou o breviário e dirigiu-se para o pátio, onde passeou vagorosamente, rezando o ofício.

À tarde, teve ainda outro visitante; o velho pároco da Santíssima Trindade, que se sentou numa cadeira perto da escrivaninha e lhe deu os pêsames pela morte da mãe.

— Rezei umas missas por ela, Damien. E uma por você — disse ele com um sopro asmático e vestígios de um sotaque estranho na voz.

— Foi muito atencioso, padre. Muito obrigado.

— Que idade tinha ela?

— Setenta anos.

— Uma idade bastante avançada.

Karras fixou a vista numa sacra que o pároco trouxera consigo. Uma das três utilizadas durante a missa. Coberta de plástico, tinha inscrita parte das orações ditas pelo padre. O psiquiatra perguntou a si próprio o que faria ele com aquilo.

— Pois bem, Damien, tivemos, hoje, aqui na igreja, mais um daqueles casos, sabe? Mais uma profanação.

O pároco contou-lhe que uma imagem da Virgem, colocada no fundo da igreja, fora pintada como uma prostituta. Em seguida deu a sacra a Karras.

— Esta verificou-se na manhã seguinte à sua partida para Nova Iorque, sabe? Foi no sábado? Sim, foi no sábado. Bem, dê uma olhada naquilo. Acabo de falar com um sargento da polícia e... bem... bem, olhe para a sacra, Damien, por gentileza.

Enquanto Karras examinava a sacra, o pároco explicou que alguém pusera uma folha datilografada entre o original e o plástico. O texto substituído, embora com algumas letras batidas e vários erros de datilografia, estava num latim basicamente fluente e inteligível, descrevendo, com vívidos e eróticos pormenores, um encontro homossexual imaginário entre a Santíssima Virgem Maria e Maria Madalena.

— Por enquanto basta, não precisa ler tudo — disse o pároco, tirando-lhe a sacra, como se receasse que ela

pudesse constituir motivo de pecado. — Trata-se de um excelente latim; quer dizer, tem estilo, um estilo de latim de igreja. Ora, o sargento diz que falou com um indivíduo, um psicólogo, o qual afirmou que a pessoa que tem feito tudo isto pode ser um padre, sabe, um padre muito doente. Crê que sim?

O psiquiatra refletiu durante alguns momentos. Depois, inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

— Sim, sim, talvez. "Um ato de rebelião, possivelmente num estado de sonambulismo completo. Não sei. Pode ser.

— É capaz de pensar em alguns candidatos, Damien?

— Não estou entendendo.

— Bem, não acha que mais tarde ou mais cedo eles o virão visitar? Quer dizer, os doentes do *campus*, se os houver. Não conhece nenhum assim? Quer dizer, com esta espécie de doença? Bem, creio que nada se revelaria.

— Bem, de qualquer modo, como vou saber, padre? O sonambulismo é uma maneira de resolver um grande número de possíveis situações de conflito e a forma habitual de solução é simbólica. Portanto, na verdade não sei. Se se trata de um sonâmbulo, é provável que arranje posteriormente uma amnésia completa acerca do que fez. Por conseguinte, nem sequer se terá um indício.

— E se fosse você a esclarecê-lo? — inquiriu o pároco com malícia. Puxou o lóbulo da orelha num gesto que Karras reparara ser-lhe habitual sempre que pensava que ele estava mostrando-se demasiado esperto.

— Realmente não sei — tornou o psiquiatra.

— Não, não, de fato não creio que você me conte alguma coisa. — O pároco levantou-se e caminhou para a porta. — Sabe o que é que vocês são, na realidade? Padres! — disse ele, num queixume.

Enquanto Karras sorria devagar, o pároco voltou atrás e deixou cair a sacra em cima da escrivaninha.

— Deve estudar essa coisa — murmurou. — Talvez lhe surja alguma ideia.

O pároco dirigiu-se para a porta.

— Procuraram impressões digitais nisto? — perguntou Karras.

— Duvido — respondeu. O pároco parou, voltando-se ligeiramente. — Afinal não andamos atrás de um criminoso, não é assim? É mais provável que se trate apenas de um paroquiano demente. O que pensa desta, Damien? Crê que possa ser alguém da paróquia? Sabe, eu penso que sim. Não foi um padre;

O Exorcista

foi um dos paroquianos. — Puxou novamente o lóbulo da orelha. — Não lhe parece?

— Realmente não sei — repetiu ele.

— Não, não creio que você me conte alguma coisa. Mais tarde, nesse dia, o padre Karras foi dispensado das suas obrigações como consultor e enviado para a Escola Médica da Universidade de Georgetown, como professor de Psiquiatria. Com ordens de “repousar”.

CAPÍTULO DOIS

Regan estava deitada na mesa de observações de Klein com os braços e as pernas encurvadas para fora. O médico, pegando-lhe num pé com ambas as mãos, o flexionou pelo tornozelo. Manteve-o assim tenso durante um momento, e depois o soltou. O pé, deixado à vontade, voltou à posição normal.

Klein repetiu isto várias vezes, mas sem obter outro resultado. Pareceu ficar descontente. Quando Regan, de repente, se sentou e lhe cuspiu na cara, disse a uma enfermeira para ficar na sala e voltou ao gabinete a fim de falar com Chris.

Era o dia 26 de abril. Ele estivera fora da cidade no domingo e na segunda-feira e Chris não conseguira encontrá-lo senão naquela manhã para lhe contar o que tinha acontecido no jantar e o subsequente sacudir da cama.

— *Estava se mexendo realmente?*

— *Estava se mexendo.*

— *Por quanto tempo?*

— *Não sei. Talvez dez segundos, talvez quinze. Quer dizer, isso foi tudo o que vi. Depois, pareceu ficar rígida e urinou na cama. Ou talvez tivesse urinado antes. Não sei. Mas de repente, caiu num sono profundo e só acordou na tarde do dia seguinte.*

O Dr. Klein entrou pensativo.

— Então? — perguntou Chris num tom ansioso.

Da primeira vez, ele a informara da sua suspeita de que o sacudir da cama tinha sido causado por um acesso de contrações clônicas, uma tensão e relaxação alternadas dos músculos. A forma crônica de tal estado, lhe dissera ele, era o espasmo clônico, indício, habitualmente, de uma lesão cerebral.

— Bem, o teste foi negativo — disse ele, e descreveu o processo, explicando que no espasmo clônico a flexão e o relaxamento alternados do pé teriam desencadeado uma sucessão de contrações clônicas. Contudo, ao se sentar, ainda parecia preocupado. — Ela levou alguma vez uma queda?

— Em que batesse com a cabeça? — perguntou Chris.

— Sim.

— Que eu saiba, não.

— E quanto a doenças de crianças?

— As habituais. Sarampo, caxumba e catapora.

— E crises de sonambulismo?

— Até agora nenhuma.

— Que quer dizer? Na festa não estava sonâmbula?

— Estava, sim. Ainda hoje não sabe o que fez naquela noite. E há ainda outras coisas de que não se lembra.

— Ultimamente?

No domingo, Regan ainda dormia, Chris atendeu uma chamada telefônica internacional de Howard.

— *Como vai a Rags?*

— *Os meus agradecimentos por ter telefonado no dia do aniversário dela.*

— *Estava num iate. E agora, pelo amor de Deus, me deixa em paz. Telefonei assim que voltei para o hotel.*

— *Oh, sim, claro!*

— *Ela não lhe disse?*

— *Você falou com ela?*

— *Falei. Por isso é que pensei que seria melhor lhe telefonar. Que diabo se passa com ela?*

— *Onde é que você quer chegar?*

— *É que ela me chamou de “chupa-rola” e desligou o telefone.* Ao relatar o incidente ao Dr. Klein, Chris explicou que,

quando por fim acordara, Regan não tinha a mínima lembrança da chamada telefônica nem do que acontecera na noite do jantar.

— Então talvez ela não estivesse mentindo a respeito da deslocação dos móveis — arriscou o Dr. Klein, como hipótese.

— Não entendi.

— Bem, foi ela própria que os deslocou, não há dúvida, mas talvez o fizesse durante um daqueles estados em que realmente não sabia o que estava fazendo. É um estado a que se chama automatismo.

É parecido com um estado de transe. O doente não sabe nem se lembra do que faz.

— Doutor, agora me lembrei de uma coisa. No quarto dela há uma grande cômoda de teca. Deve pesar umas meia tonelada. Pergunto: como é que ela poderia ter mudado aquilo?

— Em patologia, é bastante comum encontrar pessoas dotadas por vezes de uma força extraordinária.

— Ah, sim? Mas por quê? O que acontece?

— Ninguém sabe — respondeu o médico, encolhendo os ombros. — Agora, além do que já me contou — continuou ele —, me diga se reparou em qualquer outro comportamento estranho?

— Bem, ela se tornou muitíssimo desleixada.

— É estranho.

— É estranho nela. Mas espere! Ainda há mais! Lembra do

ouija com que ela tem brincado? Do capitão Howdy?

— O companheiro de brincadeiras imaginário.

— Pois bem, ela agora até já o ouve — explicou Chris.

O médico inclinou-se para a frente, de braços cruzados sobre a escrivaninha. Enquanto Chris continuava, ele se conservava profundamente atento e a reflexão reduzia-lhe as pupilas a pontos dardejantes.

— Ontem de manhã — contou Chris — a ouvi falar com Howdy no quarto. Ou por outra, ela falava e depois parecia esperar, como se estivesse brincando com o *ouija*. No entanto, quando espreitei para dentro do quarto, vi que não havia nenhum *ouija* lá; só a Rags; ela inclinava a cabeça, exatamente como se estivesse concordando com o que ele dizia.

— Ela o via?

— Creio que não. Tinha a cabeça um pouco virada para o lado, como quando está ouvindo discos.

O médico concordou, pensativo.

— Sim, sim, entendo. Mais algum fenômeno como esse? Ela vê coisas? Cheira-lhe a qualquer coisa?

— Cheirar... No quarto qualquer coisa continua a lhe cheirar mal.

— Cheiro de queimado?

— Oh, é isso mesmo! — exclamou Chris. — Como é que sabe?

— Muitas vezes é o sintoma de um tipo de perturbação na atividade químico-elétrica do cérebro. No caso da sua filha é no lobo temporal, entende? — Levou a mão à fronte. — Aqui em cima, na parte da frente do cérebro. É uma perturbação rara, mas provoca alucinações estranhas, geralmente antes de uma convulsão. Suponho que é a razão por que se confunde tantas vezes com a esquizofrenia, É causada por uma lesão no lobo temporal. Ora, como o teste do clônus não é concludente, Sr.^a MacNeil, me parece necessário fazer um EEG.

— Que é isso?

— Um eletroencefalograma, com o gráfico das ondas cerebrais. Normalmente é uma indicação bastante boa de funcionamento anormal.

— Mas pensa que se trata disso? Lobo temporal?

— Bem, apresenta a síndrome, Sr.^a MacNeil. Por exemplo, o desleixo, a combatividade, o comportamento socialmente embaraçante e também o automatismo. E, evidentemente, os acessos que fazem balançar a cama. São quase sempre seguidos por urinar na cama, ou por vômitos, ou por ambas as coisas, e depois por

um sono profundo.

— Quer fazer o teste agora mesmo? — inquiriu Chris.

— Sim, vamos fazê-lo imediatamente, mas ela vai precisar de um sedativo. Se ela se mover ou se contrair o resultado será nulo. Portanto, posso lhe dar, digamos, vinte e cinco miligramas de *Librium*?

— Deus meu! Faça o que entender — disse ela perturbada.

Acompanhou-lhe à sala de observações. Quando viu o médico apontar a seringa, Regan começou, aos gritos, a encher o ar com uma torrente de obscenidades.

— Ô, meu amor, é para lhe tratar! — exclamou Chris numa súplica. Depois, segurou Regan para mantê-la quieta enquanto o Dr. Klein dava-lhe a injeção.

— Volto já — disse o médico, fazendo um aceno. E, enquanto uma enfermeira empurrava o aparelho do EEG para a sala, saiu para atender outro doente. Ao voltar, pouco tempo depois, viu que o *Librium* ainda não fizera efeito. Pareceu ficar surpreso.

— Era uma dose bastante forte — fez com que Chris notasse.

Injetou mais vinte e cinco miligramas, saiu, regressou e encontrou Regan tratável e dócil.

— O que está fazendo? — perguntou Chris ao ver Klein aplicar os eletrodos no couro cabeludo de Regan.

— Colocam-se quatro de cada lado — explicou ele. — Isso permite obter uma leitura das ondas cerebrais dos lados esquerdo e direito do cérebro e depois fazer uma comparação.

— E para que é a comparação?

— Bem, as divergências podem ser significativas. Por exemplo, tinha um doente que costumava sofrer de alucinações — disse Klein. — Via coisas, ouvia coisas, coisas estas que, na realidade, não estavam de fato na sua frente. Pois bem, encontrei uma discrepância ao comparar as leituras das ondas cerebrais do lado direito e do lado esquerdo, descobrindo que realmente o homem tinha alucinações apenas num lado da cabeça.

— Isso é fantástico!

— O olho e o ouvido esquerdos funcionavam normalmente, só o lado direito é que tinha visões e ouvia coisas... Bom, está tudo preparado. Agora vejamos. — Ligou o aparelho e apontou para as ondas no visor fluorescente. — São os dois lados juntos —

explicou. — Agora estou procurando os picos — fez um desenho no ar com o dedo indicador —, especialmente as ondas de grande amplitude. Surgem de quatro a oito por segundo... O lobo temporal — explicou.

Estudou cuidadosamente a configuração das ondas cerebrais, mas não descobriu nenhuma arritmia. Não havia picos. Nem cúpulas achatadas. E quando procedeu às leituras de comparação, os resultados também foram negativos.

Klein franziu as sobrancelhas. Não conseguia entender. Repetiu o processo, mas não encontrou diferença. Chamou uma enfermeira para tomar conta de Regan e voltou ao gabinete com Chris.

— Que se passa, afinal? — perguntou Chris.

— O doutor sentou-se, pensativo, na beira da escrivaninha.

— Bem — disse ele —, o EEG provaria que ela tinha o que penso, mas a falta de arritmia não é para mim uma prova concludente de que não tenha. Pode se tratar de histeria, mas o quadro anterior e posterior à convulsão era muito estranho.

Chris franziu a testa:

— Sabe, você está sempre dizendo o mesmo, doutor — “Convulsão”. Qual é exatamente o nome dessa doença?

— Bem, não é uma doença — disse ele calmamente.

— Bem, como você a chama? Digo, especificamente.

— Você a conhece como epilepsia, Sr.^a MacNeil.

— Oh, meu Deus!

Chris afundou-se numa cadeira.

— Agora, encaremos a questão — disse o médico, procurando tranquilizá-la. — Estou vendo que, como a maior parte do público, a ideia que faz da epilepsia é exagerada e, provavelmente, contém uma grande dose de mito.

— Não é hereditária? — perguntou Chris, contraindo-se.

— Esse é um dos mitos — respondeu Klein calmamente.

— Pelo menos parece que muitos médicos o admitem. Olhe, praticamente, qualquer pessoa pode ter convulsões. Sabe, muitos de nós nascemos com um limiar bastante elevado de resistência às convulsões; alguns com um limiar baixo; portanto, a diferença entre você e um epilético é uma questão de grau. E isso é tudo. Apenas grau. Não é uma doença.

— Então o que é? Uma alucinação fantasista?

— Uma perturbação: uma perturbação controlável. E há muitas, muitas espécies, Sr.^a MacNeil. Por exemplo, você está agora aí sentada e por um segundo parece ficar ausente,

digamos, e perde um pouco do que estou dizendo. Pois bem, isso é uma espécie de epilepsia, Sr.^a MacNeil. É assim mesmo. É um verdadeiro ataque epilético.

— Sim, bem, isso não se passa com a Regan — refutou Chris. — E por que é que acontece assim de repente?

— Escute, ainda não temos certeza de que ela sofra disso. E, claro, talvez você tenha razão; é muito possível que seja psicossomático. No entanto, duvido. E, para responder à sua pergunta, há um sem-número de modificações nas funções do cérebro dos epiléticos que podem provocar uma convulsão: preocupações; fadiga; estados emocionais; uma determinada nota num instrumento musical. Por exemplo, uma vez tive um doente cujas crises se verificavam no ônibus, um quarteirão antes de chegar a casa. Finalmente, descobrimos a causa: a vibração da claridade de uma vedação de ripas brancas refletida na janela do ônibus. Assim, como vê, se viajasse a outra hora do dia ou se o ônibus andasse a uma velocidade diferente, ele não teria as convulsões. Uma lesão, uma cicatriz no cérebro causada por alguma doença em criança, era a causa daquilo. No caso da sua filha, a cicatriz seria na frente... em cima, no lobo temporal; quando fosse atingida por um determinado impulso elétrico com um dado comprimento de onda e uma certa frequência, se desencadearia, de um foco no interior do lobo, um surto repentino de reações anormais. Está entendendo?

— Creio que sim — suspirou Chris, abatida. — Mas para dizer a verdade, doutor, não entendo como toda a personalidade dela podia mudar.

— No lobo temporal isso é extremamente comum e pode durar dias ou até semanas. Não é raro ocorrer um comportamento destruidor ou até criminoso. De fato, há uma modificação tão grande, que há duzentos ou trezentos anos as pessoas com distúrbios no lobo temporal eram frequentemente consideradas possesas de um demônio.

— Eram consideradas o quê?

— Tomadas pela mente de um demônio. Sabe, qualquer coisa parecida com a versão supersticiosa da dupla personalidade.

Chris fechou os olhos e apoiou a testa numa das mãos.

— Por favor, me diga qualquer coisa boa — murmurou ela.

— Bem, não se alarme. Se for uma lesão, ela está, de certo modo, com sorte. Nessa altura, tudo o que teremos de fazer é remover a cicatriz.

— Ótimo.

— Ou pode ser só pressão cerebral. Olhe, gostaria de ver umas

radiografias da cabeça. Há um radiologista aqui no prédio e talvez consiga que ele a atenda imediatamente. Quer que o telefone?

— Meu Deus, sim; vá em frente.

Klein telefonou, combinando tudo. Disseram-lhe que receberiam Regan imediatamente. Desligou o telefone e começou a passar uma receita.

— Sala vinte e um, no segundo andar. Depois, é provável que lhe telefone amanhã ou na quinta-feira. Gostaria de ouvir um neurologista sobre este caso. No entanto, vou retirar a *Ritalina*. Vamos experimentar o *Librium* por uns tempos.

Tirou a folha da receita do bloco e entregou-lhe.

— Eu, no seu caso, faria o possível para não deixá-la sozinha, Sr.^a MacNeil. Nestes casos de sonambulismo, se é que se trata disso, é sempre possível que ela se machuque. O seu quarto fica perto do dela?

— Sim, fica.

— Ótimo. No térreo?

— Não, no primeiro andar.

— O quarto dela tem janelas grandes?

— Bem, tem uma. Por que faz essa pergunta?

— Pois, se eu fosse você, a fecharia; talvez até pusesse um cadeado. Num estado de crise, ela pode se atirar pela janela. Uma vez tive um...

— ...doente — completou Chris, com um sorriso cansado. Klein sorriu.

— Creio que tenho uma boa porção deles, na verdade.

— Bastantes.

Ela colocou o rosto entre as mãos e inclinou-se para a frente, pensativa.

— Sabe, pensei agora mesmo noutra coisa.

— Em quê?

— Bem, você disse que depois de um ataque ela cairia imediatamente num sono profundo. Como no sábado à noite. Não foi isso o que disse?

— Sim — concordou Klein —, foi isso mesmo.

— Pois então, como se explica que ela estivesse completamente acordada todas as outras vezes que se queixou de que a cama sacudia?

— Você não me contou isso.

— Bem, mas foi assim. Ela parecia estar realmente bem. Tinha ido ao meu quarto e pedido para se deitar na minha cama.

— Urinou na cama? Vomitou?

— Não, estava bem — volveu Chris, balançando a cabeça.

O Exorcista

Por momentos, Klein franziu a testa e mordeu devagar os lábios.

— Bem, vamos esperar pelas radiografias — disse por fim.

Esgotada e entorpecida, Chris levou Regan ao radiologista e ficou ao lado dela enquanto tiravam as radiografias; depois, a levou para casa. Ficara estranhamente silenciosa após a segunda injeção e Chris fez um esforço para cativá-la.

— Quer jogar ao monopólio ou a outra coisa qualquer? Regan respondeu que não com a cabeça e depois fixou a mãe com olhos desfocados que pareciam infinitamente distantes.

— Estou com sono — disse Regan numa voz tão longínqua quanto o olhar. Depois, voltando-se, subiu as escadas em direção ao seu quarto.

Deve ser o Librium, refletiu Chris enquanto a observava. Por fim, suspirou e foi para a cozinha. Serviu-se de café e sentou-se à mesa do jantar com Sharon.

— O que houve?

— Oh, Deus!

Chris jogou a folha da receita em cima da mesa.

— É melhor telefonar e pedir para providenciarem isso — disse ela. Depois, explicou o que o doutor tinha-lhe dito. — Se estiver ocupada ou tiver de sair não a perca de vista, ouviu, Shar? Ele... — Interrompeu-se e disse de repente. — Isto me fez lembrar uma coisa.

Levantou-se da mesa, subiu ao quarto da Regan e a encontrou debaixo dos cobertores, aparentemente dormindo. Em seguida, foi à janela e apertou o fecho. Olhou para baixo. A janela, na fachada lateral da casa, dava diretamente para as íngremes escadas públicas que mergulhavam na Rua M, lá muito embaixo.



Credo, é melhor chamar imediatamente um serralheiro.

Chris voltou para a cozinha, acrescentou a incumbência à lista que Sharon estava fazendo e disse a Willie o que queria para o jantar; por fim, telefonou para o seu agente, em resposta a uma chamada dele.

— O que há com o roteiro? — ele quis saber.

— Sim, é ótimo, Ed; vamos fazê-lo — disse ela. — Isto está marcado para quando?

— Bem, a sua história está marcada para julho. Portanto, você tem de começar a se preparar imediatamente.

— Quer dizer já?

— Quero dizer já. Isto não é representar, Chris. Você está envolvida em grande parte dos preparativos da produção. Tem de trabalhar com o cenarista, com o figurinista, com o caracterizador, com o produtor. E tem de escolher um operador e um montador e fazer os seus planos. Vamos lá, Chris, você conhece a onda.

— Oh, merda!

— Tem algum problema?

— Sim, tenho um problema.

— Que problema?

— Bem, a Regan está bastante doente.

— Oh, que pena! O que se passa?

— O médico ainda não sabe. Estou à espera de algumas análises. Ouça, Ed, não posso deixá-la.

— E quem está dizendo para deixá-la?

— Não, você não percebeu, Ed. Preciso estar em casa com ela. A menina necessita da minha atenção. Olhe, não lhe posso explicar, Ed, é muito complicado; então, por que não adiamos isso tudo por uns tempos?

— Não podemos. Querem concorrer ao *Music Hall* pelo Natal, Chris, e creio que estão se lançando a fundo na questão.

— Oh, pelo amor de Deus, Ed, podem esperar duas semanas. Vá, faça isso!

— Olhe, você me chateou porque queria dirigir um filme e agora de repente...

— Tem razão, Ed, eu sei — interrompeu ela. — Olhe, eu quero mesmo, realmente quero muito isso, mas você tem de dizer a eles que eu preciso de mais um tempo.

— Se o fizer vamos estragar tudo. É pra já, esta é a minha opinião. Olhe, de qualquer modo, eles não querem você, e isso não é nenhuma novidade. Só a aceitam por causa do Moore. E acho que

se forem até ele agora e lhe disserem: “Ela ainda não tem certeza se quer dirigir o filme”, ele vai se irritar. Então, vamos lá, Chris, tenha juízo. Olhe, faça o que bem entender. A mim não interessa. Não dá dinheiro, a não ser que seja um sucesso. Se quiser, eu peço um adiamento, mas acho que vai tudo pro ar. Então, o que é que eu digo a eles?

— Oh, céus — suspirou Chris.

— Não é fácil, eu sei.

— Não, não é. Bem, escute...

Ela refletiu. Depois, balançou a cabeça.

— Ed, realmente eles terão de esperar — disse, cansada.

— A decisão é sua.

— OK, Ed. Me dê um toque.

— Sim. Eu lhe telefono, não se preocupe.

— Você também, Ed. Tchau.

Desligou, deprimida, e acendeu um cigarro.

— A propósito, falei com o Howard. Já lhe contei? — disse voltando-se para Sharon.

— Oh, quando? Contou a ele o que está acontecendo com a Rags?

— Sim. O aconselhei a vir vê-la.

— E vem?

— Não sei. Creio que não — respondeu Chris.

— Podia-se esperar que ele fizesse um esforço.

— Eu sei — Chris suspirou. — Mas tem de entender porque é que ele desligou, Shar. Foi por isso. Eu sei que foi por isso.

— Por quê?

— Oh, toda aquela questão com a “Sr.^a Chris MacNeil”. E Rags fazia parte dela. Rags participava e ele estava de fora. Sempre eu e a Rags juntas nas capas das revistas; eu e a Rags nas exposições; mãe e filha, fadas gêmeas. — Pensativa, sacudiu a cinza do cigarro com um dedo. — Ah, bobagem! Quem sabe? É tudo uma confusão. Mas é difícil argumentar com ele, Shar; eu simplesmente não consigo. — Pegou num livro que estava junto de Sharon. — O que você está lendo?

— A que se refere? Ah, a isso. Isso é para você. Tinha-me esquecido. Foi a Sr.^a Perrin que o deixou aqui.

— Esteve aqui?

— Esteve, esta manhã. Disse que tinha pena de não a encontrar e que ia para fora, mas que vinha visitá-la logo que chegasse.

Chris inclinou a cabeça num gesto afirmativo e olhou para o título do livro: *Estudo sobre o Culto do Diabo e Fenômenos*

Ocultos Afins. Abriu-lhe e encontrou uma nota de Mary Jo Perrin escrita à mão:

Querida Chris:

Passei pela Biblioteca da Universidade de Georgetown e trouxe este livro para você. Tem alguns capítulos sobre as missas negras. No entanto, deve lê-lo todo; penso que achará os outros capítulos especialmente interessantes. Até breve.

Mary Jo

— Que senhora mais amável! — exclamou Chris.

— Realmente é — concordou Sharon. Chris folheou as páginas do livro.

— O que diz sobre as missas negras? É de pôr os cabelos em pé?

— Não sei — respondeu Sharon. — Não o li.

— Não é tranquilizador?

— Oh, essas coisas não me interessam — declarou Sharon após um bocejo.

— Que aconteceu ao seu complexo de Jesus?

— Oh, deixe disso.

Chris fez deslizar o livro sobre a mesa na direção de Sharon.

— Tome; leia-o e depois me diga do que se trata.

— E ter pesadelos?

— Para que você pensa que é paga?

— Para vomitar.

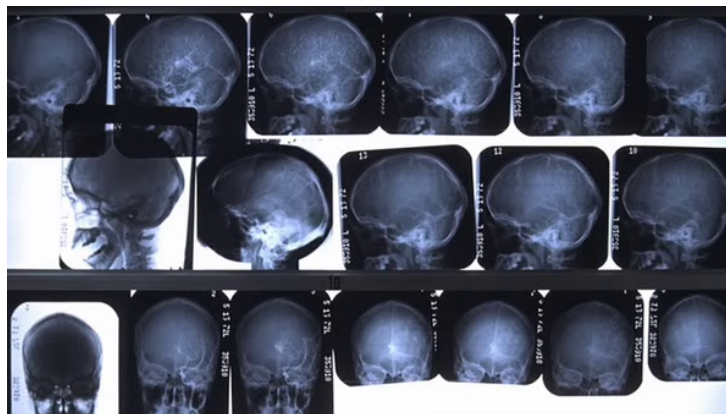
— Isso eu posso fazer — murmurou Chris ao pegar no jornal da tarde. — Se enfiar o conselho do seu agente de negócios garganta abaixo ficará vomitando sangue durante uma semana. — Irritada, pôs o jornal de lado. — Pode ligar o rádio, Shar? Quero ouvir o noticiário.

Sharon jantou em casa com Chris e depois saiu para um encontro. Porém, esqueceu-se do livro. Chris o viu em cima da mesa e pensou em lê-lo, mas sentiu-se muito cansada.

Subiu ao quarto de Regan, que parecia ainda estar dormindo sob os cobertores. Aparentemente, nem sequer tinha acordado. Foi à janela outra vez, para verificá-la. Ao deixar o quarto, Chris certificou-se de que a porta ficava aberta e fez o mesmo com a sua antes de se colocar na cama. Viu parte de um filme na televisão. Depois, adormeceu.

Na manhã seguinte, o livro sobre o culto do Diabo tinha desaparecido de cima da mesa. Ninguém se deu conta.

CAPÍTULO TRÊS



O neurologista consultado observou novamente as radiografias e procurou denticulos que dariam ao crânio o aspecto de ter sido batido como cobre martelado. O Dr. Klein estava de pé atrás dele, de braços cruzados. Ambos tinham procurado lesões e acumulações de líquido; um possível desvio da glândula pineal. Nesse momento queriam saber se se tratava de alguma coisa relacionada com um crânio de Luckenschadel, com as depressões que indicariam pressão intercraniana crônica.

Não encontraram nada. Era uma quinta-feira, dia 28 de abril.

O neurologista convocado tirou os óculos e os colocou cuidadosamente no bolso do lado esquerdo da bata.

— Não há nada aqui literalmente, Sam. Nada que eu veja.

Klein, carrancudo, olhou para o chão, balançando a cabeça.

— Isto não faz sentido.

— Quer tirar outra série?

— Creio não ser preciso. Vou tentar uma PL¹.

— Boa ideia.

— Entretanto, gostaria que você a visse.

— Que tal se fosse hoje?

¹ Punção lombar, do inglês LP (*lumbar puncture*).
(Nota do editor)

— Bem, estou — o telefone tocou. — Desculpe. — Levantou o auscultador. — Está?

— A Sr.^a MacNeil. Diz que é urgente.

— Em que linha?

— Na doze.

O médico carregou no botão da extensão.

— É o Dr. Klein, Sr.^a MacNeil. O que se passa?

A voz de Chris manifestava perturbação; ela estava à beira da histeria.

— Oh, Deus, doutor, é a Regan! Pode vir agora mesmo?

— Bem, que há de errado?

— Não sei, doutor. Simplesmente não sei descrever. Oh, pelo amor de Deus, dê uma passada aqui! Venha agora!

— Estou indo agora.

Ele desligou e discou para a recepcionista.

— Susan, diga ao Dresner para ficar com a minha consulta. — Desligou o telefone e começou a tirar a jaqueta. — É ela. Quer vir? É logo ali, depois da ponte.

— Disponho de uma hora.

— Vamos então.

Passados alguns minutos, chegaram à casa de Chris; da porta, onde Sharon os recebeu, ouviram gemidos e gritos de terror vindos do quarto de Regan.

— Sou Sharon Spencer — disse ela, com cara de assustada. — Entrem. Ela está lá em cima.

Levou-lhes até à porta do quarto de Regan, abriu-lhe com um empurrão e disse para dentro:

— Os médicos, Chris!

Chris veio imediatamente à porta, com a face contorcida num olhar de medo.

— Oh, meu Deus, entrem! — disse, trêmula. — Entrem e vejam o que ela está fazendo!

— Este é o Dr....

A meio da apresentação Klein interrompeu-se ao olhar para Regan. Gritando histericamente, ela batia com os braços no corpo e parecia lançar-se horizontalmente no ar, em cima da cama, e depois caía brutalmente, batendo, no colchão. Tudo estava acontecendo rápida e repetidamente.

— Oh, mãe, faz ele parar! — guinchava Regan aterrorizada.

O Exorcista

— Faz ele parar! Ele está tentando me matar! Faz ele parar! Faz ele paraaaaaar, mããããããããe!

— Oh, minha querida! — Chris, soluçando, levou o punho fechado à boca, numa contração, e o mordeu. Lançou a Klein um olhar suplicante.

— Doutor, o que é isto? O que se passa?

Ele balançou a cabeça com o olhar fixo em Regan, enquanto o estranho fenômeno continuava. Ela se levantava, cada vez, cerca de trinta centímetros e depois caía, com a respiração entrecortada, como se mãos invisíveis a tivessem levantado e atirado para baixo.

Chris tapou os olhos com uma mão trêmula.

— Oh, Jesus, Jesus! — exclamou com uma voz rouca.

— Doutor, o que é isto?

Os movimentos para cima e para baixo pararam abruptamente e a garota começou a se torcer de um lado para o outro, com os olhos virados para cima, de tal maneira que só se via o branco da córnea.

— Ai, ele está me queimando... me queimando! — Regan gemia. — Ai, estou ardendo! Estou ardendo!...

As pernas começaram a se cruzar e descruzar rapidamente.

Os médicos aproximaram-se mais, um de cada lado da cama. Ainda se contorcendo e com movimentos convulsos, Regan arqueou a cabeça para trás, pondo em evidência a garganta inchada e tumefata. Começou a murmurar algo incompreensível num tom estranhamente gutural.



— ...nowonmai... nowonmai...

Klein inclinou-se para tomar-lhe o pulso.

— Agora vamos ver o que se passa, querida — disse ele com meiguice.

E de repente, Regan, com a face contorcida por uma fúria medonha, sentou-se e deu-lhe malevolamente uma pancada, com o braço para trás, projetando-o, atordoado e cambaleando pelo quarto.

— A porca é minha. — gritou ela numa voz grossa e potente.

— É minha! Afaste-se dela! Ela é minha.

Uma gargalhada parecida com um latido brotou-lhe da garganta. Depois caiu de costas como se alguém a tivesse empurrado. Puxou a camisola para cima, expondo os órgãos genitais. — Venham para a cama comigo! — gritou para os médicos, e começou a passar freneticamente a mão pela vagina.

Momentos depois, Chris saiu do quarto correndo, sufocando um soluço, na altura em que Regan levou os dedos à boca e os lambeu.

Quando Klein se aproximou da cama, Regan parecia se enlaçar, acariciando os braços com as mãos.

— Oh, sim, minha pérola... — sussurrou naquela voz estranhamente grosseira. Tinha os olhos fechados, como num êxtase. — Minha filha... minha flor... minha pérola...

Depois, contorceu-se novamente, de um lado para o outro, gemendo repetidas vezes sílabas sem significado. E de repente sentou-se de olhos arregalados num terror sem remédio.

Miou como um gato.

Depois ladrou.

Depois relinchou.

Por fim, dobrando-se pela cintura, começou a fazer girar o tronco em círculos rápidos e enérgicos. Faltava-lhe o ar.

— Oh, façam ele parar! — pediu chorando. — Por favor, façam ele parar! Está doendo! Façam ele parar! Façam ele parar! Não posso respirar!

Klein já vira o suficiente. Levou a maleta para a janela e começou rapidamente a preparar uma injeção.

O neurologista ficou junto da cama e viu Regan cair para trás como se tivesse sido empurrada. Os olhos tornaram a se virar para cima nas órbitas e, rolando de um lado para o outro, Regan iniciou um murmúrio rápido em tom gutural. O neurologista inclinou-se mais e tentou percebê-la. Depois, viu Klein chamá-lo com um gesto. Dirigiu-se a ele.

— Vou dar *Librium* a ela — disse Klein baixinho vendo a seringa contra a luz da janela. — Mas vocês têm de segurá-la.

O neurologista acenou que sim. Parecia preocupado. Inclinou a cabeça de lado como se escutasse o murmúrio que vinha da cama.

— O que ela está dizendo? — perguntou Klein em voz baixa.

— Não sei. São apenas sons inarticulados. Sílabas sem sentido. — Todavia, a sua própria explicação parecia deixá-lo insatisfeito. — Mas ela as diz como se tivessem significado. Com cadência.

Klein fez um gesto com a cabeça em direção da cama e ambos se aproximaram silenciosamente, um de cada lado. Ao chegarem ela ficou rígida, como se estivesse em poder das garras de uma tetania; os médicos trocaram um olhar significativo. Depois, fixaram novamente Regan, que começou a arquear o corpo para cima, numa posição impossível, dobrando-o para trás como um arco, até que a frente da cabeça lhe tocou nos pés. Ela gritava com dores. Os médicos entreolharam-se numa interrogação muda, cheia de suposições. Depois, Klein fez um sinal ao neurologista. Porém, antes que este conseguisse agarrá-la, Regan caiu, flácida, num desmaio e urinou na cama.

Klein inclinou-se para a frente e levantou-lhe uma pálpebra. Tomou-lhe o pulso.

— Vai ficar assim um pouco — murmurou ele. — Acho que teve uma convulsão. Não lhe parece?

— Penso que sim.

— Bem, vamos tomar alguma garantia — disse Klein. Deu-lhe a injeção habilmente.

— Bem, o que você acha? — perguntou Klein ao colega enquanto aplicava um esparadrapo esterilizado na picada.

— É o lobo temporal. Claro, talvez se trate de esquizofrenia, Sam, mas o ataque é demasiado repentino. Ela não apresentou nenhum sintoma, certo?

— Não, não apresentou.

— E neurastenia?

Klein disse que não com a cabeça.

— Então histeria, talvez — arriscou o neurologista.

— Já pensei nisso.

— Claro. Mas ela tinha de ser um fenômeno para contorcer o corpo voluntariamente, como fez agora, não concorda? —

Balançou a cabeça. — Não, penso que seja patológico, Sam, a força, a paranoia, as alucinações. Esquizofrenia, está bem; engloba esses sintomas. Mas o lobo temporal também engloba as convulsões. Contudo, há uma coisa que me preocupa...

Ele arrastou as palavras, enrugando a testa, intrigado.

— Que é?

— Bem, na realidade não tenho certeza, mas penso que ouvi indícios de dissociação: “minha pérola”... “minha filha”... “minha flor”... “a porca”. Tive a sensação de que ela estava falando de si própria. Foi também essa a sua impressão ou estou lendo nas entrelinhas?

Klein bateu no lábio enquanto ponderava a pergunta.

— Bem, francamente, na hora não me ocorreu, mas agora que você tocou no assunto... — Murmurava pensativamente. — Pode ser. Sim. Sim, pode ser.

Depois, encolheu os ombros, afastando a ideia.

— Bem, vou lhe fazer já uma PL, enquanto ela está desmaiada; depois, talvez saibamos qualquer coisa.

O neurologista concordou com a cabeça. Klein remexeu na maleta, encontrou uma pílula e a pôs no bolso.

— Você pode ficar?

O neurologista consultou o relógio.

— Talvez uma meia hora.

Saíram do quarto e entraram no corredor.

Chris e Sharon estavam encostadas à balastrada, junto da escada, cabisbaixas. Quando os médicos se aproximaram, Chris limpou o nariz com um lenço todo machucado. Tinha os olhos vermelhos de chorar.

— Ela está dormindo — disse Klein.

— Graças a Deus — suspirou Chris.

— E está fortemente sedada. Provavelmente vai dormir até amanhã.

— Que bom — disse Chris, enfraquecida. — Doutor, me desculpe por me portar como uma criança.

— Está se portando muito bem — assegurou ele. — É uma provação assustadora. A propósito, apresento-lhe o Dr. David.

— Olá — disse Chris com um sorriso de desânimo.

— O Dr. David é neurologista.

— Que pensam disto? — perguntou ela aos dois.

— Bem, ainda acreditamos que se trata de qualquer coisa no lobo temporal — respondeu Klein. — E...

— Deus, de que diabo estão falando? — irrompeu Chris. — Ela tem-se comportado como uma psiconeurótica, como se tivesse desdobramento de personalidade! O que é que os senhores...

Bruscamente, recuperou a calma e baixou a cabeça, levando a mão à testa.

— Creio que estou completamente tensa — suspirou, cansada. — Me desculpem. — Levantou a vista, olhando Klein com perturbação. — O que dizia?

— Não houve mais de cem casos de dupla personalidade autenticados, Sr.^a MacNeil — respondeu David, dessa vez. — Isso é uma condição rara. Eu sei que agora é tentador encaminhar o caso para a psiquiatria, mas qualquer psiquiatra responsável esgotaria primeiro as possibilidades somáticas. Esse é o procedimento mais seguro.

— Tudo bem; qual é a próxima? — perguntou Chris, suspirando.

— Uma punção lombar — respondeu David.

— Na espinha?

O neurologista inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

— O que não vimos na radiografia e no EEG pode aparecer agora. Pelo menos esgotará outras possibilidades. Gostaria de fazê-la aqui, neste momento, enquanto ela está dormindo. Naturalmente, começaremos com uma anestesia local, mas o que estou tentando eliminar são os movimentos.

— Como ela pode saltar assim na cama? — perguntou Chris com o rosto contorcido pela ansiedade.

— Bem, penso que já discutimos isso antes — disse Klein.

— Os estados patológicos podem originar uma força anormal e um comportamento motor acelerado.

— Mas não sabe porquê — disse Chris.

— Bem, parece que isso tem qualquer coisa a ver com a motivação — observou David. — Mas é tudo quanto sabemos.

— Bem, e agora, com respeito à espinhal? — perguntou Klein a Chris. — Posso?

Ela suspirou e curvou-se, olhando para o chão.

— Sim — murmurou. — Façam o que tiverem de fazer para curá-la.

— Vamos tentar — disse Klein. — Posso usar o seu telefone?

— Claro. Venha, está no gabinete.

— Oh, a propósito — disse Klein no momento em que Chris se voltou para lhes indicar o caminho —, ela precisa da roupa da cama mudada.

— Oh, eu me ocupo disso — disse Sharon, que se dirigiu imediatamente para o quarto de Regan.

— Posso fazer um café para vocês? — perguntou Chris aos médicos, quando desciam a escada. — Eu liberei a tarde para os mordomos, então tem de ser instantâneo.

Klein e David recusaram.

— Reparei que ainda não consertou a janela — observou Klein.

— Não, mas já telefonei — respondeu Chris.

— Eles vêm amanhã colocar umas persianas que pode-se fechar com cadeado.

Ele fez um gesto de aprovação.

Entraram no gabinete de trabalho, onde Klein telefonou para o consultório e deu instruções a um assistente para que levasse até a casa o equipamento e os medicamentos necessários.

— E prepare o laboratório para umas análises raquianas — recomendou Klein. — Eu mesmo vou fazê-las logo após a punção.

Ao terminar, voltou-se para Chris e perguntou-lhe o que se passara desde que vira Regan pela última vez no consultório.

— Bem, na terça-feira — disse Chris, refletindo — não houve nada. Foi logo pra cama e dormiu profundamente até o fim da manhã seguinte. Depois... Oh, não, não — emendou. — Não, não dormiu tanto. Foi assim: Willie contou que a tinha ouvido andar pela cozinha muito cedo. Lembro-me de ter ficado contente por ela ter recuperado o apetite. Mas depois, segundo me parece, voltou pra cama, pois esteve deitada todo o dia.

— Dormindo? — perguntou Klein.

— Não, creio que esteve lendo — respondeu Chris. — Bem, comecei a me sentir um pouco melhor a respeito de tudo isto. Quero dizer, parecia que o *Librium* era mesmo aquilo que ela estava precisando. De certo modo, reparei que parecia abstrata e isso me aborreceu um pouco, mas mesmo assim foram umas grandes melhoras. Bem, a noite passada também não houve nada. Depois, esta manhã, recomeçou tudo — acrescentou respirando profundamente. — Caramba, recomeçou tudo! — balançando a cabeça.

Chris contou aos médicos que estava sentada na cozinha quando Regan correu, aos gritos, escada abaixo em direção à mãe, escondendo-se atrás da sua cadeira, ao mesmo tempo em que lhe agarrava o braço e lhe explicava, numa voz aterrorizada, que

o capitão Howdy, perseguindo-lhe, tinha-lhe beliscado, dava-lhe socos, empurrava, enquanto dizia obscenidades e ameaçava matá-la. “Lá está ele!” gritara no fim, apontando para a porta da cozinha. Depois, caíra no chão com o corpo sacudido por espasmos, ao mesmo tempo em que, respirando com dificuldade e chorando, dizia que Howdy estava lhe dando pontapés. Subitamente, Regan pusera-se de pé no meio da cozinha, de braços estendidos, e começara a rodopiar rapidamente “como um pião”, continuando a fazer esses movimentos durante vários minutos até cair exausta no chão.

— Depois, de repente — terminou Chris desolada — vi nela aquele... ódio, aquele ódio! E ela me disse...

Estava sufocada.

— Me chamou... Oh, Jesus!

Desatou a soluçar e, escondendo os olhos, chorou convulsivamente.

Klein foi calmamente até o bar, encheu um copo com água da torneira e dirigiu-se para Chris.

— Oh, merda, onde é que está o cigarro? — perguntou Chris, trêmula e suspirando ao limpar os olhos com as costas da mão.

Klein deu-lhe a água e uma pequena pílula verde.

— Experimente isto — aconselhou.

— É um calmante?

— Sim, é um calmante.

— Me dê duas.

— Uma é suficiente.

— Grande pródigo — murmurou Chris com um sorriso amarelo. Engoliu a pílula e depois entregou o copo vazio ao médico.

— Obrigada — disse, baixinho, e descansou a fronte nas pontas trêmulas dos dedos. Balançou a cabeça devagar. — Sim, foi então que recomeçou — continuou, abatida. — Tudo aquilo. Como se ela fosse outra pessoa.

— Como capitão Howdy, talvez? — perguntou David.

Chris, perplexa, levantou os olhos, fixando o neurologista, que a olhava atentamente.

— O que é que você quer dizer? — perguntou.

— Não sei — disse ele encolhendo os ombros. — Foi apenas uma pergunta.

Chris voltou para junto da lareira com um olhar ausente e alucinado.

— Não sei — disse entorpecida — era apenas uma pessoa diferente.

Após um momento de silêncio David levantou-se e explicou que tinha de ir ver um doente; depois de algumas frases tranquilizadoras, despediu-se de Chris.

Klein o acompanhou à porta.

— Vai verificar o açúcar? — perguntou-lhe David.

— Não, eu sou o idiota da aldeia de Rosslyn — respondeu Klein.

David esboçou um leve sorriso. — Eu mesmo também me sinto um pouco tenso com tudo isso — disse ele. Ficou pensando, com o olhar vago. — É um caso estranho.

Por um momento ficou dando pancadinhas no queixo, meditativo. Em seguida, levantou a vista e fitou Klein.

— Me diga o que descobrir.

— Vai estar em casa?

— Sim. Me telefone. — Fez um gesto de despedida e saiu. Pouco depois, após a chegada do equipamento, Klein anestesiou Regan com *Novocaína*, na região espinal, e, enquanto Chris e Sharon assistiam, extraiu o líquido cefalorraquidiano, vigiando o manômetro.

— A pressão está normal — murmurou.

Ao terminar foi à janela verificar se o líquido era claro ou turvo. Era claro.

Guardou cuidadosamente os tubos na maleta.

— Não é natural que aconteça — disse Klein às duas mulheres —, mas no caso de ela acordar durante a noite talvez precisem de uma enfermeira para lhe dar um sedativo.

— Não posso aplicar eu mesma? — perguntou Chris preocupada.

— E por que não uma enfermeira?

Ela não quis se referir à sua profunda desconfiança em médicos e enfermeiras.

— Prefiro eu mesma fazer isso — disse simplesmente. — Não poderia?

— Bem, as injeções são traiçoeiras — respondeu Klein. — Uma bolha de ar é muito perigosa.

— Oh, eu sei dar injeções — interrompeu Sharon. —, minha mãe dirigia uma casa de saúde no Oregon.

— Deus! Você faz isso, Shar? Pode ficar aqui esta noite? — perguntou Chris.

— Bem, desta noite em diante — interrompeu Klein — ela

pode precisar de alimentação intravenosa, depende de como vai reagir.

Pode me ensinar a fazer isso? — perguntou Chris, ansiosa.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sim, creio que posso.

Passou uma receita de *Torazina* solúvel e seringas de plástico esterilizadas. Entregou-lhe a Chris.

— Mande começar imediatamente.

Chris a entregou por sua vez a Sharon.

— Querida, faça isso para mim, você pode? Basta telefonar, que eles enviam. Gostaria de estar junto do doutor quando ele fizer aquelas análises... Importa-se? — perguntou ao médico.

Ele reparou na tensão que se presentia ao redor dos olhos dela, no ar confuso e de desamparo. Disse que sim.

— Eu sei o que sente — sorriu com ternura. — Sinto o mesmo quando falo do meu carro aos mecânicos.

Saíram precisamente às 18h30.

No seu laboratório, no edifício ocupado por médicos em Rosslyn, Klein fez algumas análises. Primeiro, o teor de proteínas. Era normal. Depois, fez a contagem de glóbulos,.

— Demasiados glóbulos vermelhos — explicou Klein — é sinal de hemorragia. E glóbulos brancos a mais quer dizer infecção.

Procurava especialmente uma infecção provocada por um fungo que muitas vezes era a causa de um comportamento crônico estranho. De novo, análise negativa. Por fim, Klein verificou a porcentagem de açúcar.

— Para quê? — perguntou Chris, atenta.

— Bem, vejamos. O açúcar do líquido cefalorraquiano — disse — deve corresponder a dois terços da totalidade do açúcar no sangue. Uma diferença importante abaixo dessa porcentagem significará uma doença em que as bactérias comem o açúcar do líquido cefalorraquiano. E se assim acontecer, isso poderá explicar os sintomas dela.

Mas não conseguiu encontrar nada.

Chris balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Aqui estamos novamente, pessoal — murmurou desolado.

Klein ficou um instante pensando. Por fim, virou-se e olhou para Chris.

— Tem quaisquer drogas em casa? — perguntou.

— Hã?

— Anfetaminas? LSD?

— Credo, não! Se tivesse, não mentiria. Não, não há nada disso lá.

Ele balançou a cabeça e olhou para o chão. Em seguida, levantou a vista e disse:

— Bem, acho que chegou a ocasião de consultarmos um psiquiatra, Sr.^a MacNeil.

Chris voltou a casa às 19h21; da porta da rua, chamou: “Sharon!”

Sharon não estava.

Subiu ao quarto da Regan. A menina ainda estava dormindo profundamente. Não se via nem uma só ruga na roupa da cama. Chris reparou que a janela estava aberta de par em par. Sentiu um cheiro de urina. *A Sharon deve tê-la aberto para arejar o quarto*, pensou. Fechou-lhe. Aonde ela teria ido?

Chris voltou para baixo assim que Willie entrava.

— Olá, Willie. Divertiu-se hoje?

— Compras. Cinema.

— Onde está o Karl?

Willie fez um gesto de abandono.

— Desta vez, me deixou ir ver os Beatles. Sozinha.

— Bom trabalho.

Willie levantou a mão com os dedos em V. Eram 19h35.

Às 20h01, quando Chris se encontrava no gabinete de trabalho falando ao telefone com o agente, Sharon chegou com vários embrulhos, deixou-se cair numa cadeira e esperou.

— Onde você estava? — perguntou Chris assim que desligou.

— Oh, ele não lhe disse?

— Quem é que não me disse?

— O Burke. Ele não está aqui? Cadê ele?

— Ele esteve aqui?

— Quer dizer que ele não estava quando você chegou em casa?

— Escuta, começa tudo de novo. — disse Chris.

— Oh, aquele maluco — censurou Sharon com um aceno de cabeça. Como não consegui que o farmacêutico trouxesse a encomenda quando o Burke apareceu, pensei que ele podia ficar com a Regan enquanto eu ia buscar a Torazina. — Encolheu os ombros. — Eu já devia prever.

— Sim, você já devia prever. E então, o que comprou?

— Bem, como pensei que tinha tempo, fui comprar uma capa impermeável para a cama dela. — Desfez um embrulho e o mostrou.

— Já comeu?

— Não. Acho que vou fazer um sanduíche. Quer um?

— Boa ideia.

— Como foram as análises? — perguntou Sharon ao se encaminharem devagar para a cozinha.

— Absolutamente nada. Todas negativas. Terei de levá-la a um psiquiatra — respondeu Chris com uma expressão de tristeza.

Depois dos sanduíches e do café, Sharon ensinou Chris a dar injeções.

— As duas coisas principais — explicou ela — são ter a certeza de que não há nenhuma bolha de ar e depois nos certificarmos de que não se apanhou nenhuma veia. Veja, aspira-se um pouco, assim — demonstrou — e vê-se se aparece sangue na seringa.

Durante algum tempo, Chris praticou com eficiência a técnica numa toranja. Depois, às 21h28, a campainha da porta principal tocou. Willie foi abrir. Era Karl. Ao passar pela cozinha para se dirigir ao seu quarto, deu boa-noite e observou que se esquecera de levar a chave.

— Quase não quero acreditar — disse Chris a Sharon. — É a primeira vez que ele confessa um erro.

Passaram a noite vendo televisão no gabinete. Às 23h46 Chris atendeu o telefone. Era o jovem diretor do segundo grupo. Falou com voz séria.

— Já sabe a notícia, Chris?

— Não, que há?

— Bem, a notícia não é boa.

— De que se trata? — tornou ela.

— O Burke morreu.

Estava bêbado. Tropeçou. Caiu pela escada ao lado da casa até o fundo, onde um pedestre que passava na Rua M o viu tombar na noite sem fim. Pescoço quebrado. Esse sangue foi a última cena dele.

Depois que o telefone lhe caiu dos dedos, Chris, de pé, começou a cambalear, chorando em silêncio, Sharon correu para ampará-la, desligou o telefone e a levou para o sofá.

— O Burke morreu — disse Chris soluçando.

— Oh, meu Deus! — exclamou Sharon sufocada. — Que aconteceu?

Mas Chris ainda não conseguia falar. Chorava.

Mais tarde, conversaram, durante horas. Chris bebeu, e recordou coisas de Dennings. Ora ria, ora chorava. “Oh, meu Deus”, disse a suspirar. “Pobre Burke... pobre Burke...”

Continuava a se lembrar do sonho que tivera, sobre a morte.

Por volta das cinco da manhã, Chris estava atrás do balcão do

O Exorcista

bar, de cotovelos apoiados, de cabeça baixa e olhos tristes. Esperava que Sharon voltasse da cozinha com cubos de gelo.

— Ainda não posso acreditar — suspirou Sharon ao entrar no gabinete.

Chris levantou os olhos, hirta. Deslizando rapidamente, como uma aranha, bem atrás de Sharon, com o corpo dobrado para trás em arco e com a cabeça quase a tocar nos pés, viu Regan, com a língua saindo e entrando rapidamente na boca, enquanto assobiava sibilante como uma serpente.



— Sharon! — exclamou Chris, estarrecida, ainda olhando para Regan.

Sharon se deteve. E Regan também. Sharon voltou-se e, não viu nada. Depois, soltou um grito de histeria ao sentir a língua de Regan, serpenteando, tocar-lhe num tornozelo.

Chris estava lívida.

— Ligue pro médico e tire-o da cama! Já!

Para onde quer que Sharon fosse, Regan a seguia.

CAPÍTULO QUATRO

Sexta-feira, 29 de abril. Enquanto Chris esperava no corredor do lado de fora do quarto, o Dr. Klein e um famoso neuropsiquiatra examinavam Regan.

Os médicos a observaram durante uma hora. Saltava. Rodopiava. Puxava os cabelos. De vez em quando, fazia caretas e tapava as orelhas com as mãos, como se não quisesse ouvir um ruído repentino e ensurdecedor. Proferia obscenidades. Gritava com dores. Depois, por fim, atirou-se para cima da cama, de cara para baixo, encolhendo as pernas sob o estômago. Soltava queixumes incoerentes.

O psiquiatra fez um sinal a Klein para se afastar da cama.

— Vamos aplicá-la um tranquilizante — cochichou ele. — Talvez eu consiga falar com ela.

Klein concordou e preparou uma injeção de cinquenta miligramas de *Torazina*. No entanto, quando os médicos se aproximaram da cama, Regan pareceu sentir a presença deles e virou-se rapidamente; quando o neuropsiquiatra tentou segurá-la, começou a gritar, numa fúria malévola. Mordeu-lhe. Lutou com ele. Manteve-o à distância. E foi só no momento em que chamaram Karl para ajudá-los que os médicos conseguiram mantê-la suficientemente quieta para que Klein pudesse lhe dar a injeção.

Como se a dose fosse inadequada, injetaram-lhe mais cinquenta miligramas e esperaram.

Regan começou a aparentar-se tratável. Em seguida, ficou sonolenta. Depois, olhou para os médicos com um espanto repentino.

— Onde está a mamãe? Eu quero a minha mãe! — disse ela chorando.

A um aceno do psiquiatra, Klein saiu do quarto para ir à procura de Chris.

— A sua mãe não demora um minuto, querida — disse o psiquiatra, sentando-se na cama e afagando a cabeça de Regan. — Vamos, vamos, querida, não tenha medo, eu sou médico.

— Eu quero a minha mãe! — tornou Regan.

— Ela já vem. Está com dores, querida?

Ela fez um gesto afirmativo com as lágrimas correndo-lhe pelo rosto.

— Onde?

— Em toda a parte! — disse Regan soluçando. — Me sinto toda dolorida!

— Oh, minha filhinha!

— Mamãe!

Chris correu para a cama e a abraçou. Depois, beijando-a, a acalmou. A própria Chris começou então a chorar.

— Oh, Rags, você voltou! É realmente você!

— Oh, mamãe, ele me magoou! — fungou Regan. — Faz com que ele deixe de me magoar! Por favor!

Chris ficou intrigada durante uns momentos e em seguida fitou os médicos com uma súplica no olhar.

— Ela tomou uma grande dose de tranquilizante — disse o psiquiatra em voz muito baixa.

— O que significa?

— Veremos — disse ele, interrompendo-a. Depois, voltou-se para Regan. — Pode me dizer o que sente, querida?

— Eu não sei — disse ela. — Não sei porque é que ele faz isso comigo. — As lágrimas rolavam-lhe dos olhos. — Antes foi sempre meu amigo!

— Quem?

— O capitão Howdy! Agora é como se fosse outra pessoa dentro de mim, que me obriga a fazer coisas!

— O capitão Howdy?

— Não sei!

— É uma pessoa?

Ela respondeu afirmativamente com um aceno.

— Quem?

— Não sei.

— Bem, não importa; vamos experimentar uma coisa, Regan. É um jogo. — Procurou no bolso um pingente brilhante preso a uma corrente prateada. — Já viu filmes em que alguém tenha sido hipnotizado?

— Já.

— Bom, sou um hipnotizador. Sou sim! Isto é, no caso de consentirem, posso hipnotizar pessoas. Creio que se lhe hipnotizar, Regan, isso ajudará a lhe curar. Sim, essa pessoa que está dentro de você vem logo aqui para fora. Gostaria de ser hipnotizada? Veja, a sua mãe está aqui, bem ao seu lado.

Regan fitou Chris interrogativamente.

— Vá, querida, faça isso — insistiu Chris.

— Experimenta.

Regan voltou-se para o psiquiatra e fez um aceno com a cabeça.

— Está bem — disse ela, baixo. — Mas só um pouquinho.

O psiquiatra sorriu e olhou de repente para trás ao ouvir um barulho de louça quebrando. Um vaso frágil tinha caído do alto de

uma cômoda onde o Dr. Klein descansava agora o braço. O médico fixou o braço e, em seguida, com ar intrigado, os cacos dispersos no chão. Depois, baixou-se para apanhá-los.

— Não faz mal, doutor, a Willie os apanha — declarou Chris.

— Pode me fazer o favor de fechar as persianas, Sam? — disse o psiquiatra. — E de arrastar as cortinas?

Quando o quarto ficou imerso na obscuridade o psiquiatra pegou na corrente com as pontas dos dedos e começou a balançar o pingente para trás e para a frente, com um movimento leve. Fez incidir a luz de uma caneta luminosa sobre o objeto, e iniciou o ritual hipnótico.

— Agora olhe para isto, Regan, continue olhando e logo você vai sentir as pálpebras pesarem cada vez mais...

Num curto espaço de tempo a menina estava em transe.

— É extremamente sugestionável — murmurou o psiquiatra. Em seguida dirigiu-se à menina. — Sente-se bem, Regan?

— Sim — respondeu ela com voz suave e sussurrante.

— Qual a sua idade, Regan?

— Doze.

— Tem alguém dentro de você?

— Às vezes.

— Quando?

— Às vezes.

— É uma pessoa?

— Sim.

— Quem é.

— Não sei.

— É o capitão Howdy?

— Não sei.

— É um homem?

— Não sei.

— Mas está dentro de você?

— Sim, às vezes.

— Agora?

— Não sei.

— Se eu pedir para que ele fale comigo, você o deixa responder?

— Não!

— Por quê?

— Tenho medo!

— De quê?

— Não sei!

— Se ele falar comigo, Regan, acho que irá deixá-la. Quer que ele deixe você?

— Sim.

— Deixe-o falar, então. Você deixa que ele fale?

Uma pausa.

— Sim — respondeu, então.

— Agora falo com a pessoa que está dentro da Regan — disse o psiquiatra com firmeza. — Se está aí, também está hipnotizado e deve responder a todas as minhas perguntas. — O psiquiatra deteve-se para permitir a entrada da sugestão na corrente sanguínea. Depois, repetiu: — Se está aí também está hipnotizado e deve responder a todas as minhas perguntas. Agora, apareça e responda: Está aí?

Silêncio. Sucedeu então uma coisa curiosa: o hálito de Regan tornou-se de repente insuportável, espesso, como um fluxo. O psiquiatra o cheirava a meio metro de distância. A luz da caneta luminosa incidiu sobre o rosto de Regan.

Chris sufocou um grito. As feições da filha estavam contorcidas numa máscara malévola: os lábios esticavam-se em direções opostas, a língua tumefata pendia-lhe da boca, como a de um lobo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Chris com um suspiro.

— Você é a pessoa que está dentro de Regan? — perguntou o psiquiatra.

— Sim.

— Quem é você?

— Nowonmai — respondeu ela numa voz gutural.

— Esse é o seu nome? — Regan concordou com a cabeça.

— É um homem?

— Diga — disse ela.

— Respondeu?

— Diga — tornou a menina.

— Se é “sim” responda com a cabeça.

Ela inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

— Está falando numa língua estrangeira?

— Diga.

— De onde vem?

— Cão.

— Afirma que vem de um cão?

— Cãomorfomoção — respondeu Regan.

O psiquiatra refletiu durante um momento, depois tentou outro caminho.

O Exorcista

— Quando lhe fizer perguntas vai responder mexendo a cabeça: um aceno para “sim” e uma sacudidela para “não”. Entendeu?

Regan acenou.

— As suas respostas tinham sentido? — perguntou ele.

— Sim.

— Você é alguém que a Regan tenha conhecido?

— Não.

— De quem ela tenha ouvido falar?

— Não.

— Você é alguém que ela inventou?

— Não.

— Você é real?

— Sim.

— Faz parte de Regan?

— Não.

— Já alguma vez fez parte de Regan?

— Não.

— Gosta dela?

— Não.

— Tem aversão a ela?

— Sim.

— A odeia?

— Sim.

— Por causa de alguma coisa que ela fez?

— Sim.

— Responsabiliza-a pelo divórcio dos pais?

— Não.

— É alguma coisa que tenha que ver com os pais?

— Não.

— Com uma pessoa amiga?

— Não.

— Mas a odeia.

— Sim.

— Está castigando a Regan?

— Sim.

— Deseja lhe fazer mal?

— Sim.

— Matá-la?

— Sim.

— Se ela morrer, você morrerá também?

— Não.

O Exorcista

A resposta pareceu inquietá-lo; baixou os olhos e ficou pensando. Ao mudar de posição, as molas da cama gemeram. No silêncio asfixiante, a respiração de Regan sibilava, como se saísse de um fole carcomido e pútrido. Aqui. E, no entanto, distante. Sinistramente longínqua.

O psiquiatra levantou novamente os olhos para aquele rosto horivelmente contorcido. O seu olhar agudo brilhava, com as suposições.

— Há alguma coisa que ela possa fazer que o obrigue a deixá-la?

— Sim.

— Pode me dizer o que é?

— Sim.

— Vai me dizer?

— Não.

— Mas...



Abruptamente, o psiquiatra gritou com a surpresa provocada pela dor súbita; compreendeu com uma arrepiante incredulidade que Regan estava apertando-lhe os testículos com uma mão, que o prendia como uma garra de ferro. De olhos esbugalhados, esforçou-se por se libertar, mas não conseguiu.

— Sam! Sam! Me ajuda — exclamou numa voz aflita. Confusão.

Chris levantou a vista e deu um salto, para ir acender a luz. Klein aproximou-se correndo.

Regan, com a cabeça virada para trás, cacarejou diabolicamente, depois uivou como um lobo.

Chris alcançou o interruptor e acendeu a luz. Viu um filme

de um pesadelo em câmara lenta, tremido, cheio de riscos. Regan e os médicos debatiam-se na cama, numa confusão, entre caretas, gritos e pragas, e os uivos e as horrorosas gargalhadas da Regan. Depois quando o filme começou a correr mais depressa a armação da cama sacudiu com violência de um lado para o outro, enquanto Chris, impotente, observava a filha, que, de olhos revirados soltava, aterrorizada, um grito agudo, dilacerante, um grito por assim dizer em carne viva, ensanguentado, vindo do fundo da espinha.

Regan dobrou-se e ficou inconsciente. O indescritível abandonou o quarto.

Durante um momento, irrespirável, ninguém se moveu. Depois, lenta e cuidadosamente, os médicos se desvencilharam. Ao levantarem-se, fixaram Regan. Passado um instante o inexpressivo Klein tomou o pulso da menina. Satisfeito, puxou devagar o cobertor e fez um sinal aos outros. Saíram do quarto e desceram ao gabinete.

Chris instalou-se no sofá; Klein e o psiquiatra sentaram-se em cadeiras, diante dela. O psiquiatra, pensativo, beliscava os lábios e olhava para a mesinha colocada em frente do sofá; após um suspiro fitou Chris, que voltou para ele um olhar de amargura.

— Que diabo está havendo? — perguntou ela com um suspiro de tristeza e perturbação.

— Reconheceu a língua que ela estava falando? — perguntou ele.

Chris balançou a cabeça.

— Você tem alguma religião?

— Não.

— E a sua filha?

— Não.

Em seguida o psiquiatra lhe fez uma longa série de perguntas relativas à história psicológica de Regan. Quando por fim terminou parecia perturbado.

— O que ela tem? — inquiriu Chris, com os nós dos dedos brancos de amassar com força, nas mãos, o lenço em forma de bola.

— Bem, é tudo um tanto confuso — disse o psiquiatra iludindo a pergunta. — E, com franqueza, seria uma irresponsabilidade da minha parte tentar apresentar um diagnóstico depois de um exame tão breve.

— Você deve ter alguma ideia — insistiu ela.

O psiquiatra soltou um suspiro, passando os dedos pela testa.

— Bem, como sei que está bastante preocupada, vou referir uma ou duas ideias que, no entanto, não passam de hipóteses.

Chris, tensa, inclinou-se para a frente e fez um aceno com a cabeça. De mãos no colo começou a mexer no lenço, passando os dedos pelos pontos da bainha, como se fossem as engelhadas contas de linho de um rosário.

— Para começar — disse ele — é altamente improvável que ela esteja fingindo.

Klein manifestou a sua concordância.

— Temos muitas razões para pensar assim — continuou o psiquiatra. — Por exemplo, as contorções anormais, dolorosas; o mais interessante, a meu ver, foi a modificação verificada nas suas feições quando falávamos com a suposta pessoa que ela pensa ter dentro de si. Como vê, um efeito psíquico como este é pouco provável, a não ser que ela acredite nessa pessoa. Está entendendo?

— Creio que sim — disse Chris, perplexa, entortando os olhos. — Mas uma coisa eu não percebo: de onde vem essa pessoa. Quer dizer, fala-se muito de “desdobramento de personalidade”, mas na verdade nunca soube qual era a explicação.

— Bem, nem há ninguém que saiba, Sr.^a MacNeil. Empregamos conceitos como “consciência”, “mente”, “personalidade”, mas na realidade ainda não sabemos o que são essas coisas. — Ele balançou a cabeça. — Na realidade, não. Portanto, quando falamos de coisas tais como personalidade múltipla ou desdobramento de personalidade tudo o que temos são algumas teorias que fazem surgir mais perguntas do que as respostas que dão. Freud pensava que certas ideias e sentimentos são recalçados pela mente consciente por um processo qualquer, permanecendo vivos no subconsciente das pessoas; são de fato muito fortes e procuram se exprimir através de vários sintomas. Vejamos agora, quando esta massa recalçada, ou chamemos-lhe dissociada — a palavra “dissociação” implica uma separação da corrente principal da consciência —, bem, quando este tipo de massa é suficientemente forte, ou quando a personalidade do sujeito é fraca ou está desorganizada o resultado pode ser uma psicose esquizofrênica. Ora isto não é o mesmo — preveniu ele — que dupla personalidade. Esquizofrenia quer dizer uma fragmentação da personalidade. Mas onde a massa dissociada é suficientemente forte para se organizar de certa maneira no subconsciente do indivíduo — então tem-se, por vezes, verificado que funciona independentemente, como uma personalidade distinta, assumindo as

funções do corpo.

O psiquiatra tomou fôlego. Chris escutava atentamente e ele continuou.

— Esta é uma teoria. Há várias outras, algumas delas incluem a noção de fuga para a inconsciência; fuga de qualquer conflito ou problema emotivo. Voltando a Regan, ela não tem nenhum histórico de esquizofrenia e o EEG não mostrou o padrão de ondas cerebrais que normalmente a acompanha. Por isso, eu tendo a rejeitar a esquizofrenia. O que nos deixa o campo geral da histeria.

— Desisti na semana passada — murmurou Chris, desanimada.

O psiquiatra, preocupado, sorriu levemente.

— A histeria — continuou — é uma forma de neurose, em que as perturbações emocionais se convertem em perturbações físicas. E em algumas das suas formas há dissociação. Na psicastenia, por exemplo, o indivíduo perde a consciência de suas ações, mas vê a si próprio agindo e atribui as suas ações a outra pessoa. Contudo, a sua ideia da segunda personalidade é vaga e a de Regan parece definida.

Portanto, chegamos ao que Freud costumava chamar a forma de “conversão” da histeria. Nasce do sentimento inconsciente de culpa e da necessidade de ser punido. A dissociação aqui é a característica principal, até a múltipla personalidade. E a síndrome pode incluir também convulsões epiléticas, alucinações e excitação motora anormal.

— Isso se parece muito com o que a Regan tem — arriscou Chris, pensativa. — Não acham? Quer dizer, exceto no que diz respeito à culpa. Mas por que ela havia de se sentir culpada? Por quê?

— Bem, uma resposta clássica — respondeu o psiquiatra —, podia ser a divórcio. As crianças sentem muitas vezes que são elas a pessoa desprezada e assumem a inteira responsabilidade da partida de um dos progenitores. No caso da sua filha, há motivos para acreditar que podia ser esse o problema. Nesta altura estou pensando na aflição e na profunda depressão provocada pela ideia da morte: tanatofobia. Nas crianças, a encontramos acompanhada por uma estrutura de culpa que se relaciona com tensões familiares e é muito frequente o medo de perder um dos progenitores. Isso provoca fúrias e uma frustração intensa. Além do mais, a culpa, neste tipo de histeria, não precisa ser conhecida pela mente consciente. Até poderia constituir um sentimento de culpa que denominamos de “livre-flutuação”; uma culpa geral que não se relaciona com coisa nenhuma em particular — concluiu ele.

— Estou embaralhada — murmurou Chris, balançando a cabeça. — Quer dizer, de onde vem essa nova personalidade?

— Bem, é novamente uma hipótese — replicou ele —, uma hipótese apenas: suponho que se trata de uma histeria de conversão proveniente de um sentimento de culpa, então a segunda personalidade é simplesmente o agente que aplica o castigo. Se fosse a própria Regan que o aplicasse, isso significaria que ela reconhecia a sua culpa. Entendeu? Mas ela quer se esquivar desse reconhecimento. Daí, portanto, uma segunda personalidade.

— É isso que você acha que ela tem?

— Como eu já afirmei antes, não sei — respondeu o psiquiatra, ainda evasivo. Parecia escolher as palavras como escolheria pedras cobertas de musgo para atravessar um rio. — É extremamente incomum para uma criança da idade da Regan ser capaz de juntar e organizar os componentes de uma nova personalidade. E certas... bem, há outras coisas desconcertantes. A sua atuação com o *ouija*, por exemplo, indicaria uma extrema sugestionabilidade; no entanto, aparentemente, não a hipnotizei. — Encolheu os ombros. — Bem, talvez ela tenha resistido. Mas a coisa verdadeiramente surpreendente — observou — é a aparente precocidade da nova personalidade. Não tem doze anos, de modo algum. É muito, muito mais velha. E depois, temos a língua que ela estava falando... — Olhou para o tapete em frente à lareira, pensativo, puxando o lábio inferior. — Naturalmente, há um estado similar, mas não sabemos muito a respeito dele: uma forma de sonambulismo em que o sujeito manifesta de repente conhecimentos ou habilidades que nunca aprendeu — e em que a intenção da segunda personalidade é a destruição da primeira. No entanto...

A palavra ficou no ar. De repente, o psiquiatra olhou para Chris.

— Bem, é terrivelmente complicado — disse — e eu simplifiquei descaradamente.

— Então qual é a última palavra? — perguntou Chris.

— Neste momento ainda não foi dita — respondeu o psiquiatra. — Ela precisa ser examinada a fundo por uma equipe de especialistas durante duas ou três semanas de estudo intensivo, num ambiente de clínica; digamos, na Clínica Barringer, em Dayton.

Chris olhou para longe.

— Há algum problema?

— Não, não há problema — suspirou ela. — Só perdi a Esperança, isso é tudo.

— Não entendi.

— É uma tragédia interior.

O psiquiatra telefonou do gabinete de Chris para a Clínica Barringer. Concordaram em receber Regan no dia seguinte.

Chris engoliu a dor com a recordação de Dennings, ao se lembrar da morte, dos vermes, do vácuo e da indizível solidão, da imobilidade, da escuridão debaixo da terra, sem movimento... Em resumo, chorou. *É demais... demais...* Depois, colocou a questão de lado e começou a fazer as malas.

Chris, de pé, no quarto, escolhia uma cabeleira postiça para se disfarçar em Dayton quando Karl apareceu. Vinha dizer que uma pessoa queria vê-la.

— Quem é?

— Um detetive.

— Quer me ver?

Karl respondeu que sim. Em seguida, entregou-lhe um cartão de visita profissional. Examinou-lhe inexpressivamente. WILLIAM F. KINDERMAN, anunciava o cartão, TENENTE DE DETETIVES; e, encolhidas no canto inferior esquerdo, como um parente pobre: Divisão de Homicídios. Estava impresso num tipo floreado, fonte Tudor em alto relevo, que podia ter sido escolhida por um neociante de antiguidades.

Ela levantou a vista do cartão, fungando desconfiada.

— Ele traz alguma coisa que se pareça com um roteiro? Um envelope de papel grosso, por exemplo?

Chris já descobrira que não havia ninguém no mundo que não tivesse um romance, um roteiro, ou uma ideia para uma ou ambas as coisas, enfiado no canto de uma gaveta ou numa meia mental. Ela parecia atraí-los como os padres atraem os bêbados.

Mas Karl balançava a cabeça. Chris ficou com curiosidade e desceu as escadas. Burke? Seria alguma coisa a respeito do Burke?

O detetive balançava-se na entrada, agarrando com dedos curtos e gordos, de unhas feitas recentemente, a aba do chapéu mole e engelhado. Roliço. Na casa dos cinquenta. De faces bochechudas, luzidias do sabonete. No entanto, a calça com dobra, larga e enrugada, troçava do cuidado assíduo que ele tinha com o

corpo. Trazia um sobretudo de *tweed*¹ cinzento, largueirão e fora de moda, e os seus olhos castanhos e úmidos, de cantos descaídos, pareciam voltados para tempos passados. Soprava asmaticamente enquanto esperava.

Chris aproximou-se. O detetive estendeu-lhe a mão com um gesto cansado e modos um tanto paternais, e falou num sopro rouco e enfisematoso.

— Eu identificaria o seu rosto em qualquer fila de suspeitos, Sr^a MacNeil.

— E estou agora numa? — perguntou Chris com sinceridade ao apertar-lhe a mão.

— Oh, pelo amor de Deus! Não, oh, não — disse ele, varrendo a ideia com a mão, como se quisesse matar uma mosca. Fechou os olhos e inclinou a cabeça; a outra mão repousava de leve na barriga. Chris esperava um *Deus nos livre!* — Não, é estritamente um caso de rotina — afirmou ele —, de rotina. Olhe, você está ocupada? Amanhã. Eu volto amanhã.

Virou-se como se fosse partir, mas Chris, ansiosa, disse:

— Do que se trata? Do Burke? Burke Dennings?

A naturalidade descuidada e murcha do detetive tinha, de certo modo, posto sob tensão as molas dos seus nervos.

— Uma vergonha. Que vergonha — suspirou o detetive, de olhos baixos e balançando a cabeça.

— Foi assassinado? — perguntou Chris, impressionada.

— Isto é, foi por isso que você veio aqui? Ele foi assassinado?

— Não, não, não, é um caso de rotina — repetiu ele —, apenas rotina. Você sabe, ele era um homem importante; então, não podíamos deixar isso passar sem investigação. — Desculpava-se, com um ar infeliz. — Pelo menos uma ou duas perguntas. Ele caiu? Foi empurrado? — Ao falar inclinava a cabeça e a mão de um lado para o outro. Depois, encolheu os ombros e disse com voz rouca: — Quem sabe?

— Ele foi assaltado?

— Não, Sr^a MacNeil, ninguém o assaltou. Quem precisa de motivo para isso em tempos como esses? — As suas mãos agitavam-se constantemente, como uma luva flácida enformada pelos dedos de um titereiro bocejante.

— Pois é, hoje em dia, Sr^a MacNeil, para um assassino, os motivos só causam embaraço; na verdade, são um estorvo. —

¹ Tecido escocês de lã natural, áspero e sarjado, tramado por fios de duas ou mais cores.

(Nota do editor)

Balançou a cabeça. — As drogas, as drogas — lamentou —, todas essas drogas. O LSD.

Batendo com as pontas dos dedos no peito, olhou para Chris.

— Acredite, eu sou pai, e quando vejo o que se passa por aí, me parte o coração. Você tem filhos?

— Sim, tenho.

— Rapazes?

— Não, uma menina.

— Bem...

— Ouça, vamos para o meu gabinete — interrompeu Chris, ansiosa; depois, virou-se para mostrar o caminho. Estava perdendo a paciência.

— Sr^a MacNeil, posso lhe pedir uma coisa?

Chris virou-se, com a vaga e estafada expectativa de ele querer um autógrafo para os filhos. Nunca era para si próprios: era sempre para os filhos.

— Sim, claro — disse ela.

— É o meu estômago. Fez um gesto e uma vaga careta. — Você poderia me arrumar, talvez, um pouco de água Calso? Se for complicado, não se preocupe; não quero perturbar.

— Não perturba nada — suspirou ela. — Sente-se numa cadeira do gabinete. — Apontou e depois virou-se, dirigindo-se para a cozinha. — Acho que há uma garrafa na geladeira.

— Não, eu vou à cozinha — disse o detetive, seguindo-a. — Detesto ser um incômodo.

— Não incomoda nada.

— Não, você tem realmente o que fazer: eu vou lá. Tem filhos? — perguntou ele enquanto se dirigiam para a cozinha. — Não. É verdade! Tem uma filha; já me disse; é isso. E é única.

— É, é única.

— Que idade tem ela?

— Fez doze anos há pouco.

— Então não tem com que se preocupar — suspirou. — Por enquanto não. No entanto, mais tarde, tem de ter cuidado. — Ia balançando a cabeça. Chris reparou que ele tinha um andar bamboado, de pato. — Quando vemos toda esta porcaria, diariamente — continuou ele. — É inacreditável, incrível. Uma loucura. Sabe, me virei para a minha mulher aqui há uns dias — ou semanas — já não me lembro, e disse: “Mary, o mundo, todo o mundo, está sofrendo de uma depressão nervosa generalizada. Toda a gente. O mundo inteiro.” — Fez um gesto global.

Na cozinha, Karl limpava o interior do forno. Não se mexeu, como se não desse conta da presença deles.

— Isto é realmente embaraçante — soprou o detetive com sua voz rouca assim que Chris abria a porta da geladeira. E, todavia, o seu olhar seguia Karl, varrendo-o rápido e questionador pelas costas, pelos braços e pelo pescoço do criado como um pequeno pássaro rasando as águas de um lago. — Me encontro com uma estrela de cinema famosa — continuou ele — e peço-lhe água Calso. Oh, Deus!

— Gelo? — perguntou Chris depois de ter encontrado a garrafa.

— Não, simples.

— Lembra-se daquele filme intitulado *O Anjo*? — perguntou ele. — Eu vi seis vezes esse filme.

— Se anda à procura do assassino — murmurou ela ao derramar a borbulhante Calso no copo —, prenda o produtor e o montador.

— Oh, não, não, era excelente, demais; gostei muito!

— Sente-se, por favor. — Ela indicou a mesa.

— Oh, muito obrigado. — Ele sentou-se. — Não, o filme era simplesmente maravilhoso — insistiu. — Bastante comovente. Mas tinha uma coisa — arriscou ele —, um pormenor, minúsculo, insignificante. Oh, muito obrigado.

Ela pôs o copo de Calso na frente dele e sentou-se do outro lado, com os cotovelos em cima da mesa, descansando o queixo sobre as mãos cruzadas.

— Uma pequena falha — resumiu ele com o ar de quem se desculpa. — Apenas uma falha mínima. Acredite, por favor. Não passo de um leigo, sabe? Sou apenas um espectador. O que sei? No entanto, me pareceu... isto para um leigo... que a música prejudicava certas cenas. Era demasiado intrusiva. — Agora falava com sinceridade; estava interessado. — Me fazia lembrar constantemente que se tratava de um filme, sabe? Como ultimamente certos ângulos fantasistas da câmera. Distraem tanto! A propósito da música, Sr^a MacNeil! Talvez o compositor tenha se inspirado em Mendelssohn, não?

Chris fez os dedos tamborilar de leve na mesa. Que detetive estranho. E por que estaria ele constantemente olhando para o Karl?

— Não faço ideia — respondeu ela —, mas estou satisfeita por ter gostado do filme. É melhor beber isso — acrescentou, indicando a Calso. — Pode perder o gás.

— Sim, claro. Eu sou muito tagarela! Você tem o que fazer. Me desculpe. — Levantou o copo como para fazer um brinde e o bebeu de um gole, espetando o dedo mínimo com afetação. — Ah,

O Exorcista

é boa, muito boa. — Respirou satisfeito ao pôr o copo de lado; entretanto pousava de leve a vista na escultura do pássaro de Regan. Servia agora de centro de mesa, de bico trocista flutuando sobre o saleiro e o pimenteiro. É exótico. — Sorriu. — Bonito. — Levantou a vista. — Quem foi o artista?

— A minha filha — disse Chris.

— Muito bonito.

— Olhe, eu detesto ser...

— Sim, sim, eu sei, sou um chato. Bem, só uma ou duas perguntas e acabamos. Para dizer a verdade, basta uma pergunta; e depois vou-me embora. — Olhava para o relógio de pulso, como se estivesse ansioso por partir. — Visto que o pobre Sr. Dennings — respirou com dificuldade — tinha terminado o filme aqui na área, perguntamos a nós próprios se não teria visitado alguém na noite do acidente. Então, tirando você, é claro, tinha amigos aqui na área?

— Oh, estive aqui naquela noite — disse Chris.

— Oh? — O detetive levantou as sobrancelhas em arco. —

Próximo da hora do acidente?

— Mas a que horas foi o acidente? — perguntou a ele.

— Às sete e cinco — respondeu a ela.

— Sim, creio que sim.



— Bem, é isso aí, então. — Ele inclinou a cabeça num gesto afirmativo e voltou-se na cadeira como se se preparasse para levantar. — Estava bêbado, ia saindo, caiu pelas escadas abaixo. Sim, o assunto está arrumado. Definitivamente. No entanto, só por causa do relatório, pode me dizer aproximadamente a que

horas ele saiu daqui da casa?

O detetive apalpava a verdade como um solteirão saturado escolhe verduras no mercado. “Como teria ele chegado a tenente?”, perguntava Chris a si mesma.

— Não sei — respondeu ela —, não o vi.

— Não percebo.

— Bem, chegou e partiu quando eu não estava em casa. Tinha ido a Rosslyn ao consultório de um médico.

— Ah, estou vendo. — Balançou a cabeça. — Naturalmente. Mas então como sabe que ele esteve aqui?

— Oh, bem, a Sharon disse...

— A Sharon? — interrompeu ele.

— Sharon Spencer. É a minha secretária. Estava aqui quando Burke apareceu. Ela...

— Ele veio visitá-la?

— Não, a mim.

— É claro. Desculpe tê-la interrompido.

— A minha filha estava doente e a Sharon o deixou aqui enquanto foi buscar uns medicamentos. Mas quando cheguei em casa o Burke já tinha ido embora.

— E que horas eram, por favor?

— Por volta das sete e quinze ou sete e meia.

— E a que horas você tinha saído?

— Às seis e quinze, mais ou menos.

— A que horas a senhorita Spencer saiu?

— Não sei.

— E no intervalo, entre a saída de Srt^a Spencer e o retorno da senhora, quem ficou em casa com o Sr. Dennings, além de sua filha?

— Ninguém.

— Ninguém? Ele a deixou sozinha?

— Sim.

— Sem os criados?

— Não, a Willie e o Karl tinham...

— Quem são eles?

Subitamente, Chris sentiu o chão sumir debaixo dos seus pés. Notara que a entrevista rotineira se transformara de repente num interrogatório cerrado.

— Bem, o Karl está aqui. — Fez um movimento com a cabeça, fixando o olhar enfadado nas costas do criado, ainda limpando o fogão... — E a Willie é a mulher dele — continuou. — São os meus governantes. — Limpando... — Tiveram folga à tarde e quando eu cheguei ainda não tinham voltado. A Willie...

— Chris fez uma pausa.

— A Willie o quê?

— Oh, não é nada. — Encolheu os ombros e desviou os olhos das costas musculosas do criado. Tinha reparado que o forno estava limpo. *Por que é que o Karl continua a limpá-lo?*

Chris pegou um cigarro. Kinderman o acendeu.

— Portanto, só a sua filha pode saber quando é que Dennings foi embora.

— Foi de fato um acidente?

— Está claro que sim. Isto é um caso de rotina, Sr.^a MacNeil, apenas de rotina. O Sr. Dennings não foi roubado e não tinha inimigos, que saibamos, isto é, aqui na área.

Chris lançou um olhar dardejante na direção de Karl, mas virou rapidamente a vista para Kinderman. Teria ele reparado? Aparentemente não. Passava os dedos pela escultura.

— Este pássaro tem um nome qualquer. Não consigo me lembrar. Chama-se... — Reparou no olhar de Chris e pareceu ficar vagamente embaraçado. — Me desculpe, sei que tem o que fazer. Bem, é só um minuto e acabamos. Então a menina? Ela poderia saber quando o Sr. Dennings partiu.

— Não, não saberia. Ela estava fortemente sedada.

— Oh, meu Deus, é uma pena, uma pena. — As pálpebras descaídas do detetive demonstravam preocupação. — É algo grave?

— Sim, receio muito que sim.

— Posso saber...? — inquiriu ele, com um gesto delicado.

— Ainda não sabemos.

— Cuidado com as correntes de ar — advertiu ele com firmeza.

Chris não notou o sentido das palavras de Kinderman.

— Uma corrente de ar no inverno é um tapete voador para as bactérias. A minha mãe costumava dizer isso. Talvez seja um mito popular. Quem sabe? — Encolheu os ombros. — Mas, para falar com franqueza, um mito para mim é como um menu num restaurante francês de luxo; é o disfarce complicado e deslumbrante de uma coisa que de outra maneira não se poderia engolir, talvez assim como um prato de feijão-de-lima¹ — disse ele com sinceridade.

¹ Nome justo do legume mais conhecido no Brasil como fava.

(Nota do editor)

Chris acalmou-se. O cão peludo que caminhava tonto pelos campos de milho tinha regressado.

— O quarto dela não é aquele lá em cima — apontou com o polegar para o teto —, o que tem uma janela grande que dá para aquelas escadas? Chris confirmou.

— Conserve a janela fechada, que melhora.

— Bem, está sempre fechada e as persianas corridas — disse Chris, vendo o detetive botar a mão gorducha no bolso interior do casaco.

— Ela melhora — repetiu sentencioso. — Não se esqueça de que um homem prevenido...

Chris tornou a tamborilar os dedos no tampo da mesa.

— Você tem o que fazer. Bem, terminamos. Só um apontamento para o relatório, de rotina, e me despeço.

Tirou do bolso do casaco um programa mimeografado de uma exibição do *Cyrano de Bergerac* numa escola secundária e depois começou a remexer nos bolsos do sobretudo, de onde pescou um toco de lápis amarelo número 2, todo mordido, cujo bico parecia ter sido aguçado com a lâmina de uma tesoura. Espalmou o programa em cima da mesa, desenrugando-o com as mãos.

— Agora só um nome ou dois — disse, arfando. — Spencer com c?

— Sim, c.

— Um c — repetiu ele escrevendo o nome na margem do programa. — E os empregados? John e Willie...?

— Karl e Willie Engstrom.

— Karl. É isso. Karl. Karl Engstrom. — Escreveu os nomes com uma letra grossa, carregada. — Bem, das horas lembro me — tornou ele numa voz rouca, dando voltas ao programa, à procura de um espaço em branco. — Das horas... Oh, oh, não, espere. Esqueci. É verdade, os empregados. A que horas você disse que tinham voltado pra casa?

— Não disse nada sobre isso. Karl, a que hora chegou a noite passada? — perguntou Chris, em voz alta.

O suíço voltou-se com uma cara impenetrável.

— Exatamente às nove e meia, senhora.

— Sim, tinha se esquecido das chaves; está certo. Lembro-me de ter olhado para o relógio da cozinha quando tocou à porta.

— O filme era bom? — perguntou o detetive a Karl. — Eu nunca me deixo guiar pelas críticas — explicou ele a Chris, num comentário à parte. — O importante é o que as pessoas pensam, os espectadores.

— Paul Scofield no *Lear* — disse Karl, informando o detetive.

— Ah, vi esse; é ótimo. Ótimo. Maravilhoso.

— Sim, fui ao Crest — continuou Karl —, à sessão das seis. Depois apanhei o ônibus logo a seguir, em frente ao cinema e...

— Por favor, isso não é necessário — protestou o detetive com um gesto. — Por favor.

— Não tem importância.

— Se quer continuar...

— Desci no cruzamento da Avenida Wisconsin com a Rua M. Talvez às nove e vinte. Depois, vim a pé até em casa.

— Ouça, não era obrigado a me contar isso — declarou o detetive —, mas, de qualquer modo, muito obrigado, foi muito amável. Gostou do filme?

— Era muito bom.

— Sim, eu também gostei. Excepcional. Bem, agora... — Ele voltou-se para Chris e continuou a rabiscar no programa. — Fiz você perder tempo, mas tenho o meu trabalho.

— Encolheu os ombros. — Bem, só um momento e termino. Trágico... trágico... — suspirou ao anotar fragmentos nas margens.

— Tanto talento. E um homem que, tenho certeza, conhecia as pessoas: sabia lidar com elas. Com tantos elementos que podiam fazê-lo parecer bom ou talvez fazê-lo parecer mau, como o cinegrafista, o técnico do som, o compositor, enfim... Me corrija, por favor, se não tenho razão, mas acho que hoje em dia um diretor de valor tem também de ser um Dale Carnegie, não acha?

— Oh, Burke tinha o seu mau gênio — suspirou Chris.

— Ah, bem, talvez o tivesse com os mandachuvas — disse o detetive endireitando o programa. — Com as pessoas do quilate dele. — Tornou a escrever. — Mas a regra geral são as pessoas humildes, o povo, a gente que trata dos detalhes menores, que, se não fossem bem-feitos, seriam detalhes maiores, não acha?

Chris olhou para as unhas e, pesarosa, balançou a cabeça.

— Quando o Burke perdia a calma, nunca discriminava — murmurou ela com um fraco sorriso de esquelha. — Não, meu caro senhor. No entanto, era assim apenas quando estava bêbado.

— Acabamos. Já acabamos. — Kinderman pôs um ponto no último i. — Oh, não, mais uma coisa — lembrou-se ele de repente.

— A Sr.^a Engstrom. Eles foram e vieram juntos? — Fez um gesto na direção de Karl.

— Não, ela foi ver um filme dos Beatles — respondeu Chris no momento em que Karl se voltava para responder.

— Entrou poucos minutos depois de mim.

— Por que eu fiz essa pergunta? Não tinha importância. — Encolheu os ombros, dobrou o programa e o colocou juntamente com o lápis no bolso do casaco. — Bem, isto está pronto. Quando chegar ao meu gabinete, sem dúvida vou me lembrar de algo que deveria ter perguntado. Comigo acontece sempre assim. Bem, posso lhe telefonar — disse ele resfolegando, ao se levantar.

Chris levantou-se ao mesmo tempo.

— Bom, vou estar fora durante umas semanas — disse ela.

— Isto pode esperar — afirmou ele. — Pode esperar. — Olhava para a escultura com um sorriso carinhoso. — É bonitinho. Muito bonitinho — disse ele. Inclinou-se, pegou o pássaro e passou o polegar pelo bico dele.

Chris curvou-se para apanhar uma linha do chão.

— Tem um bom médico? — perguntou o detetive. — Para a sua filha, quero eu dizer.

Pousou a escultura no seu lugar e preparou-se para partir. Chris o seguiu, carrancuda, enrolando a linha em volta do polegar.

— Bem, estou certa de que tenho um monte deles — murmurou ela. — De qualquer modo, vou colocá-la numa clínica.

— É fora da cidade, essa clínica?

— É sim.

— E é boa?

— Veremos, mas segundo as informações que tenho é ótima.

— Livre-a das correntes de ar.

Tinham chegado à porta principal da casa. Ele pôs a mão na maçaneta da porta.

— Bem, diria que foi um prazer, mas nestas circunstâncias...

— Baixou e balançou a cabeça. — Sinto muito. Realmente sinto muitíssimo.

Chris cruzou os braços e fixou a vista no tapete. Depois fez um breve gesto com a cabeça.

Kinderman abriu a porta e saiu. Ao voltar-se para Chris pôs o chapéu na cabeça.

Bem, boa sorte para a sua filha.

— Obrigada. — Chris sorriu cansada. — Boa sorte para todos nós.

Ele concordou; tinha nos olhos uma expressão bondosa e triste. Em seguida, afastou-se com o seu andar de pato. Chris ficou

vendo-o se dirigir a um carro de radiopatrulha estacionado perto da esquina, em frente a um hidrante. Viu quando ele levou a mão ao chapéu quando um vento sul cortante se levantou de repente. Ela fechou a porta.

Depois de entrar no carro-patrulha e de se sentar ao lado do motorista, Kinderman voltou-se para trás e olhou para a casa. Pensou ter notado um movimento na janela de Regan, de um pequeno vulto que fugiu rapidamente para o lado e desapareceu. Não teve certeza. Vira-o de soslaio ao se virar. Mas reparou que as persianas não estavam corridas. Esperou um momento. Ninguém apareceu. Com um intrigado franzir de sobrancelhas, o detetive voltou-se e abriu o porta-luvas, tirando de lá um pequeno envelope de papel marrom e um canivete. Fez saltar a lâmina menor do canivete, colocou o polegar dentro do envelope e, com precisão cirúrgica, raspou a tinta da escultura de Regan de debaixo da unha. Quando acabou, ao fechar o envelope, fez um sinal ao sargento sentado ao volante. Arrancaram.

Ao descerem a Rua Prospect, Kinderman colocou o envelope no bolso.

— Vá devagar — aconselhou ele ao sargento, observando o tráfego que se adensava à frente. — Estamos em serviço, não nos divertindo. — Esfregou os olhos com dedos cansados. — Ai que vida — suspirou. — Que vida!

Ao fim da tarde, no momento em que o Dr. Klein injetava cinquenta miligramas de *Sparine* em Regan para ter a certeza de que ela estaria calma durante a viagem para Dayton, o tenente Kinderman, meditativo, com as palmas das mãos apoiadas na escrivaninha, estudava atentamente no seu gabinete os dados fragmentados e desconcertantes. O estreito feixe de luz de uma luminária de escrivaninha antigo iluminava alguns relatórios dispersos.

Não havia mais nenhuma luz. O detetive estava convencido de que aquilo o ajudava a reduzir o foco da sua concentração. A sua respiração labutava pesadamente na escuridão, enquanto o olhar pousava ora aqui ora ali. Depois, respirou fundo e fechou os olhos. Liquidação total da mente!, exclamou para si mesmo, como fazia sempre, quando desejava limpar o cérebro para descobrir um novo ponto de vista. Tem de ser absolutamente tudo despachado!

Quando abriu os olhos examinou o relatório do patologista sobre Dennings:

...ruptura da medula espinal com fratura de crânio e pescoço, numerosas contusões, lacerações e escoriações; distensão da pele do pescoço; equimoses da pele do pescoço; ruptura do platismo, do

esternomastoide, do esplênio, do trapézio e de vários músculos menores do pescoço, com fratura da coluna e das vértebras e ruptura tanto dos ligamentos espinais anteriores como dos posteriores...

Olhou através de uma janela a escuridão da cidade. A cúpula iluminada do Capitólio brilhava. O Congresso ainda trabalhava. Fechou novamente os olhos, recordando a sua conversa com o patologista daquele setor, às onze e cinquenta e cinco, na noite da morte de Dennings.

— Poderia ter-se verificado durante a queda?

— Não, é muito pouco provável. Só os esternomastoides e os músculos do trapézio seriam suficientes para o evitar. E depois temos também a oposição das várias articulações da coluna cervical, assim como os ligamentos que impedem a deslocação dos ossos.

— Apesar de tudo, é possível?

— Bem, naturalmente, ele estava embriagado e, sem dúvida, aqueles músculos estariam um tanto relaxados. Talvez a força do impacto inicial fosse suficientemente poderosa e...

— Caindo de uns sete ou dez metros antes de bater?

— Sim, isso, e se imediatamente antes do impacto a cabeça tivesse ficado presa numa coisa qualquer; por outras palavras, se tivesse havido uma interferência na rotação normal da cabeça e do corpo considerados como uma unidade, bem, então talvez, mas eu digo apenas talvez —, se pudesse obter esse resultado.

— Poderia um outro ser humano ter feito aquilo?

— Sim, mas teria de ser um homem com uma força excepcional.

Kinderman verificara a história de Karl Engstrom sobre o seu paradeiro na altura da morte de Dennings. As horas da sessão condiziam, assim como os horários do ônibus dos transportes coletivos urbanos. Além disso, o motorista do ônibus que Karl pretendia ter tomado junto do cinema saíra de serviço no cruzamento da Winconsin com a M, onde Karl afirmara ter descido às nove e vinte aproximadamente. Houvera uma mudança de motoristas e o motorista de folga registrara as horas no local: 21h18 em ponto.

Ainda mais, na escrivania de Kinderman estava o documento relativo a uma acusação formal contra Engstrom, em 27 de agosto de 1963, onde se alegava que ele furtara uma certa quantidade de entorpecentes, durante um período de vários meses, da casa de um médico de Beverly Hills, onde ele e Willie estavam então empregados.

...nascido em 20 de abril de 1921, em Zurique, Suíça. Casado com Willie, nascida com o sobrenome Braun, em 7 de setembro de

1941. Uma filha, Elvira, nascida na cidade de Nova Iorque, em 11 de janeiro de 1943, endereço atual desconhecido. O réu...

O detetive considerou o resto desconcertante.

O médico, cujo depoimento era indispensável para o êxito da acusação, bruscamente — e sem qualquer explicação — retira a queixa.

Por que teria agido assim?

Os Engstrom tinham sido contratados por Chris MacNeil apenas dois meses mais tarde, o que significava que o médico lhes fornecera referências favoráveis.

Por que agiria assim?

Engstrom furtara certamente as drogas e, no entanto, o exame médico feito na altura da acusação não conseguira revelar o mais leve sinal de que o homem fosse um viciado, ou mesmo que se drogasse ocasionalmente.

E por que não?

De olhos ainda fechados, o detetive recitou baixinho o “Jabberwocky”¹, de Lewis Carrol: *Twas brillig and the slithy toves...* Outro dos seus truques para desobstruir o cérebro.

Quando acabou de recitar o poema abriu os olhos e os fixou na cúpula do Capitólio, tentando conservar a mente vazia. Mas, como habitualmente, viu que era uma tarefa impossível. Suspirando, olhou para o relatório do psicólogo da polícia sobre as recentes profanações na Santíssima Trindade: “...*imagem... falo... excrementos humanos... Damien Karras...*”, sublinhara de vermelho. Respirou naquele silêncio, em seguida pegou numa obra erudita sobre feitiçaria, abrindo-a numa página que tinha marcado com um clipe.

Nela relatava o que era uma missa negra, uma forma de culto do Diabo, em que o ritual consistia principalmente em 1) exortação (o “sermão”) à prática do mal entre a comunidade; 2) cópula com o demônio (considerada dolorosa, sendo o pênis do demônio invariavelmente descrito como “frio como o gelo” e 3) uma série de profanações, na sua maior parte de natureza sexual. Por exemplo, uma comunhão de hóstia de proporção incomum é preparada (composta por farinha, fezes, sangue menstrual e pus), que então são fendidas e usadas como vaginas artificiais com as quais os sacerdotes copulariam ferozmente, e enquanto deliravam com aquilo eles

¹ Título de um poema da obra *Alice Através do Espelho*.

(Nota do editor)

violentavam a Virgem Mãe de Deus ou sodomizavam Cristo. Em outra instância, de tal prática, uma estátua de Cristo foi inserida profundamente na vagina de uma garota, enquanto dentro do ânus dela foi inserida a hóstia, que o sacerdote, então, quebrava enquanto berrava blasfêmias e sodomizava a garota. Imagens em tamanho natural de Cristo e da Virgem Maria frequentemente representavam um papel no ritual. A imagem da Virgem, por exemplo... era comumente pintada para lhe dar uma aparência dissoluta e prostituída... era equipada com peitos os quais os cultistas chupavam, e também uma vagina, dentro da qual o pênis poderia ser inserido. As estátuas de Cristo eram equipadas com um falo para felação tanto por homens como por mulheres, e ainda para inserção dentro da vagina das mulheres e do ânus dos homens. Ocasionalmente, ao invés de uma imagem, uma figura humana era amarrada a uma cruz e fazia a função no lugar da estátua, e enquanto ele despejava o seu sêmen, este era coletado dele numa consagração blasfematória do cálice e usado na formação da comunhão da hóstia, que era destinada a ser consagrada sobre o altar cobijado com excremento. Este...

Kinderman passou as páginas até um parágrafo sublinhado que tratava de assassinatos rituais. Leu devagar, mordendo na polpa do indicador, e ao terminar franziu a sobrancelha, fixando a página e balançando a cabeça. Olhou pensativo para a luminária. Apagou a luz. Saiu do gabinete e foi no carro até o necrotério.

O jovem atendente, sentado no balcão, mastigava um sanduíche de pão de centeio com fiambre e queijo; quando Kinderman se aproximou, varreu as migalhas de cima de um problema de palavras cruzadas.

— Dennings — disse o detetive numa voz rouca.

O atendente acenou com a cabeça, preenchendo uma horizontal de cinco letras; depois, levantou-se e foi pelo corredor com o sanduíche na mão. Kinderman, de chapéu na mão, seguiu o tênue cheiro de grãos de cominho e mostarda até às filas de armários-geladeira — câmaras sem sonhos para arquivamento de olhos invisíveis.

Pararam na gaveta 32. O atendente, inexpressivo, a fez deslizar. Deu uma dentada no sanduíche e, despreocupado, deixou cair um pedaço de casca com maionese na mortalha.

Kinderman olhou para baixo por um momento; depois, vagarosa e delicadamente, puxou o lençol, expondo o que tinha visto, mas que todavia não podia aceitar.

A cabeça de Burke Dennings estava completamente virada, com o rosto para as costas.

CAPÍTULO CINCO



No fundo do vale quente e verde do *campus*, Damien Karras marchava sozinho, a passo rápido, à volta de uma pista oval argilosa, de calções de cáqui e de camisa de algodão colada ao corpo, ensopada pelo suor tonificante. À frente, no alto de uma pequena colina, as cúpulas do observatório astronômico, de um branco de cal, pulsavam com o ritmo das suas passadas; atrás, desaparecia a escola médica, juntamente com os pedaços de terra revolvida e as preocupações.

Desde que fora isento dos seus cargos, ia ali diariamente para devorar as milhas e perseguir o sono. Quase o alcançara, quase aliviara a garra de dor que lhe apertava o coração como um sonoro toque de recolher; agora, ela o apertava com mais brandura.

Vinte voltas na pista...

Muito mais branda.

Mais! Mais duas!

Muito mais branda...

Karras, com os músculos das pernas vigorosas de puro sangue, doloridos, ondulando com uma graça leonina, fazia ressoar o chão, ao fazer uma curva, quando reparou em alguém sentado num banco, no local onde deixara a toalha, a camisa e a calça. Era um homem de meia-idade, de sobretudo e chapéu de feltro amarrotados. Parecia estar a observá-lo. Estaria? Estava... voltara a cabeça ao ver Karras passar.

O padre acelerou, atacando a volta final com passadas marteladas; depois, ofegante, reduziu a velocidade para uma marcha rápida, ao passar pelo banco, sem um olhar, com as mãos levemente apoiadas nas costelas pulsantes. O arfar do peito e dos

ombros, de músculos duros como pedras, fazia esticar a camisa, distorcendo a palavra FILÓSOFOS estampada na frente em letras que outrora tinham sido pretas mas que agora não passavam de uma sugestão desbotada por repetidas lavagens.

O homem de sobretudo levantou-se e aproximou-se dele.

— É o padre Karras? — perguntou o tenente Kinderman com voz rouca.

O padre voltou-se e fez um gesto breve com a cabeça, de olhos franzidos devido à luz do Sol, esperando que Kinderman o alcançasse; depois, fez sinal para que o acompanhasse e começou de novo a caminhar.

— Não se importa? Se eu parar agora tenho uma câibra — disse ele ofegante.

— Sim, claro — respondeu o detetive, inclinando a cabeça; após uma careta que denuncia a sua falta de entusiasmo perante a ideia do padre, colocou as mãos nos bolsos. O caminho desde o pátio de estacionamento o fatigara.

— Já nos conhecemos? — perguntou o jesuíta.

— Não, padre. Mas uns padres da Residência me disseram que você parecia um pugilista. — O detetive puxou da carteira.

— Como se chama?

— William Kinderman, padre. — Mostrou o cartão de identificação. — Homicídios.

— Sêrio? — Karras examinou o distintivo e o cartão de identificação, com o interesse vivo de um garoto. Ao voltar-se para o bamboeante detetive, a sua cara, corada e transpirando, tinha um ar interessante e inocente.

— Isso diz respeito a quê?

— Sabe uma coisa, padre? — disse Kinderman examinando as feições vincadas do jesuíta. — Afinal, é verdade. Você parece um pugilista. Essa cicatriz, aí ao pé do olho, sabe? — Apontou. — Parece a do Marlon Brando em *On the Waterfront*¹, exatamente a do Marlon Brando. Com a cicatriz — fez uma demonstração, puxando um canto do próprio olho — a vista dele parecia um pouco fechada, dando-lhe o aspecto de um sonhador, sempre triste. Bem, é você — disse tornando a apontar. — Você é o Marlon Brando. Costumam lhe dizer isso, padre?

— Não, não costumam.

— Já praticou pugilismo?

¹ Filme conhecido no Brasil como Sindicato de Ladrões.

(Nota do editor)

- Oh, um pouco.
- Você é desta zona da cidade?
- Sou de Nova Iorque.
- *Golden Gloves*¹. Acertei?
- Acaba de alcançar o posto de capitão. — Karras sorriu. — E agora, em que lhe posso ser útil?
- Ande um pouco mais devagar, por favor. Enfisema.
- O detetive apontou para a garganta.
- Desculpe. — Karras abrandou o passo.
- Não tem importância. Fuma?
- Sim, fumo.
- Pois não deveria.
- Bem, agora me diga, qual é o problema?
- Mas claro, estou divagando. A propósito, tem o que fazer? — perguntou o detetive. — Não o estou interrompendo?
- Interrompendo o quê? — perguntou Karras espantado.
- Bem, talvez a oração mental.
- Ainda vai chegar a capitão. — Karras sorriu enigmático.
- Perdão, houve algo aí que me escapou?
- Karras balançou a cabeça, mas continuou sorrindo.
- Duvido que alguma vez lhe escape algo — observou. No olhar de soslaio em direção a Kinderman inseriu uma piscadela maliciosa e interessada.
- Kinderman parou e fez um esforço enérgico e desesperado para se mostrar confuso, mas, vendo os olhos franzidos do jesuíta, baixou a cabeça e riu, melancólico. — Oh, bem. Ora... ora... um psiquiatra. Quem estou enganando? — Encolheu os ombros. — Sabe, é um hábito meu, padre. Me perdoe a choradeira... é o método Kinderman; pura choradeira. Bem, vou parar e lhe falar francamente do que me traz até você.
- Das profanações — disse Karras, inclinando a cabeça.
- Então, desperdicei minha choradeira — disse baixo o detetive.
- Desculpe.
- Não importa, padre. Foi o que mereci. Sim, são aquelas coisas na igreja — confirmou ele — Está certo. Mas talvez ainda uma outra coisa além dessas, uma coisa séria.
- Um assassinato?
- Sim, me bata outra vez, estou gostando.

¹ Luvas de Ouro – Competições de boxe amador nos Estados Unidos.
(Nota do editor)

— Bem, Divisão de Homicídios — disse o jesuíta, encolhendo os ombros.

— Não faça caso, não faça caso, Marlon Brando; não faz mal. Já lhe disseram que para padre você é muito sabido?

— *Mea culpa* — murmurou Karras. Embora estivesse sorrindo, sentiu um certo pesar por ter talvez ferido o amor próprio daquele homem. Não o fizera de propósito. E agora sentia-se satisfeito pela oportunidade de demonstrar uma sincera perplexidade. — Em todo caso, não entendi — acrescentou, tendo o cuidado de franzir a testa. — O que tem a ver uma coisa com a outra?

— Ouça, padre, isto pode ficar entre nós? Confidencial? Como se tosse, digamos, matéria de confissão?

— Naturalmente. — Ele olhava com seriedade para o detetive. — Do que se trata?

— Padre, conhece aquele diretor chamado Burke Dennings, que estava aqui fazendo o filme?

— Bem, eu o vi.

— Você o viu. — O detetive fez um gesto afirmativo. — Está inteirado do modo como ele morreu?

— Bem, os jornais... — Karras tornou a encolher os ombros.

— Eles só mostram parte do caso.

— Ah!

— Só uma parte. Uma parte. Apenas uma parte. Escute, o que sabe a respeito de feitiçaria?

— O quê?

— Escute com paciência; tenho algo em mente. Agora vamos à feitiçaria, por favor. Está familiarizado com o assunto?

— Um pouco.

— Do ponto de vista da feitiçaria, não da caça.

— Oh, fiz uma vez um trabalho sobre feitiçaria. — Karras sorriu. — O ponto de vista psiquiátrico.

— Oh, sério? Ótimo! Estupendo! É um bônus. Você podia me ajudar muito mais do que que pensei. Ouça, padre. Então, a feitiçaria...

O detetive pegou o braço do jesuíta ao voltar de uma curva, ao aproximarem-se do banco.

— Agora eu, que sou um leigo, e, para falar com franqueza, não tenho instrução... instrução policial, mas leio... Olhe, sei o que dizem dos homens que se fazem a si próprios; dizem que são horríveis exemplos do trabalho não especializado. Mas eu, falando francamente, não me envergonho. De modo algum; sou... — Reteve

abruptamente o fluxo de palavras, olhou para o chão e balançando a cabeça. — Choradeira. É o hábito. Não posso acabar com a choradeira. Me desculpe, você tem o que fazer.

— Sim, estou orando.

A resposta breve do jesuíta fora seca e inexpressiva. Kinderman parou um momento e olhou para ele.

— Está falando sério? Não?

O detetive olhou novamente para a frente e continuaram a andar.

— Olhe, entremos no assunto: as profanações. Fazem-lhe lembrar alguma coisa relacionada a feitiçaria?

— Talvez. Alguns dos rituais das missas negras.

— Nota 10. E agora Dennings... sabe como ele morreu?

— De uma queda.

— Bem, eu vou lhe contar, mas, por favor... confidencial!

— É claro.

De repente o detetive sentiu-se triste ao reparar que Karras não tinha intenção de se sentar no banco.

— Não se importa? — perguntou, com ansiedade.

— De quê?

— A gente pode dar uma parada? Talvez se sentar?

— Oh, claro. — Voltaram na direção do banco.

— Não vai ter câibras?

— Não. Agora estou ótimo.

— Tem certeza?

— Estou ótimo.

— Muito bem, muito bem, se insiste.

— Estava dizendo...

— Um momento, por favor, só um momento.

Kinderman acomodou o seu dolorido volume no banco, com um suspiro de contentamento.

— Ah, assim é melhor, muito melhor — disse ele, enquanto o jesuíta pegava na toalha e limpava o suor do rosto. — A meia-idade. Que vida!

— O Burke Dennings?

— Burke Dennings, Burke Dennings, Burke Dennings... — O detetive balançava a cabeça olhando para baixo, para os seus sapatos. Depois olhou para Karras. O padre limpava a parte de trás do pescoço. — O Burke Dennings, meu bom padre, foi encontrado no fundo daquelas escadas intermináveis, às sete e cinco exatas, com a cabeça completamente virada para trás.

Gritos de excitação chegavam abafados do jardim interno do campo de beisebol, onde a equipe da universidade treinava. Karras deixou de se enxugar e sustentou o olhar fixo do tenente.

— Isso não aconteceu na queda? — perguntou por fim.

— Claro, é possível. — Kinderman encolheu os ombros.

— Mas...

— Improvável — disse Karras, pensativo.

— Sendo assim, de que poderemos nos lembrar, no contexto da feitiçaria?

O jesuíta sentou-se, vagarosamente, com ar pensativo.

— Bem — disse ele por fim —, provavelmente os demônios torciam o pescoço das feiticeiras desse modo. Pelo menos, o mito é esse.

— É um mito?

— Oh, em grande parte — disse Karras, voltando-se para Kinderman. — Embora morresse gente dessa maneira, suponho: provavelmente, membros de uma seita que renegassem ou revelassem segredos. Isto é apenas uma suposição. Mas sei que era a marca distintiva dos assassinos demoníacos.

— Exato, exato — disse Kinderman com um gesto afirmativo. — Um assassinato em Londres me fez lembrar essa relação. Recentemente, padre. Quer dizer, há quatro ou cinco anos. Lembro-me de ter lido nos jornais.

— Sim, também li, mas acho que descobriram se tratar de uma mistificação qualquer. Estou errado?

— Não, padre, está certo, absolutamente certo. Mas neste caso, pelo menos, pode se ver talvez uma certa relação entre isso e as profanações na igreja. Foi talvez algum doido, padre, talvez alguém que tenha ódio à Igreja. Alguma revolta inconsciente...

— Um padre doente — murmurou Karras. — É o que está pensando?

— Escute, padre, você é que é o psiquiatra; você é que vai me falar sobre o assunto.

— Bem, é claro que as profanações são nitidamente patológicas — disse Karras, pensativo, vestindo a camisa. — E se Dennings foi assassinado... creio que o assassino é um louco.

— E talvez tenha também alguns conhecimentos de feitiçaria, não?

— É possível.

— É possível — grunhiu o detetive. — Portanto, quem é que, correspondendo à acusação e vivendo também na vizinhança, tem simultaneamente acesso à igreja durante a noite?

— Um padre doente — disse Karras, aborrecido, pegando uma calça de cáqui, desbotada pelo sol, que tinha a seu lado.

— Ouça, padre, é duro para você... Por favor! Eu entendo. Mas, para os padres aqui do *campus*, você é o psiquiatra. Portanto...

— Não, as minhas atribuições mudaram.

— Oh, sério? No meio do ano?

— É a Ordem. — Karras encolheu os ombros ao puxar a calça.

— Mesmo assim, devia saber quem, no momento, estava doente e quem não estava. Isto é, quem tivesse uma espécie de doença destas. Havia de saber.

— Não, não necessariamente, tenente. De maneira alguma. De fato, se o soubesse seria acidentalmente. Não sou um psicanalista, sabe? Sou apenas consultor. De qualquer modo — observou ele abotoando a calça — não conheço realmente ninguém que corresponda à descrição.

— Ah, sim; a ética médica. Mesmo que soubesse não me diria nada.

— Não, provavelmente não diria.

— A propósito — e só menciono isso de passagem — ultimamente essa ética é considerada ilegal. Não quero chateá-lo com trivialidades mas, há pouco, um psiquiatra da ensolarada Califórnia, nada menos, foi parar na prisão por não dizer à polícia o que sabia sobre um doente.

— É uma ameaça?

— Não seja paranoico. Mencionei o fato de passagem.

— Eu poderia sempre dizer ao juiz que era matéria de confissão — disse o jesuíta com um sorriso forçado ao colocar a fralda da camisa para dentro da calça. — falando abertamente — acrescentou ele.

O detetive olhou o padre um pouco triste.

— Quer estabelecer um acordo comigo, padre? — perguntou ele. Depois, afastou os olhos, desconsolado. — “Padre”... qual “padre”? — exclamou com ênfase. — O senhor é judeu; verifiquei isso logo que nos encontramos.

O jesuíta riu baixinho.

— Está bem, ria — disse Kinderman — Ria. — Porém, sorriu, parecendo maliciosamente satisfeito consigo próprio. Virou-se, com os olhos radiantes. — Padre, isso me faz lembrar o exame de admissão na polícia. Quando o fiz, uma das perguntas era mais ou menos assim: O que são *rabies*¹ e o que você poderia fazer por isso? Sabe o que um daqueles idiotas escreveu na resposta? Emis? “*Rabies* são padres judeus, e eu faria o que pudesse por eles.” Sério! — Levantou a mão, como em juramento.

¹ O nome *rabies* significa raiva (hidrofobia), e a resposta citada por Kinderman se refere a *rabies* (rabinos), ambos em inglês.

(Nota do editor)

— Venha — disse Karras, dando uma gargalhada. — Vou com você até o carro. Está estacionado no pátio?

O detetive olhou para ele com relutância em se mexer.

— Então já terminamos?

O padre pôs um pé no banco e inclinou-se, apoiando pesadamente um braço no joelho.

— Escute, na realidade não estou encobrindo ninguém — disse ele. — É verdade. Se eu soubesse de algum padre como esse que você procura, o mínimo que faria seria lhe dizer que tal homem existia, sem lhe revelar o nome. Depois, creio que me dirigiria ao Provincial. Mas não conheço ninguém em tal situação.

— Ah, bom — suspirou o detetive. — Em primeiro lugar nunca pensei que se tratasse de um padre. — Fez um sinal na direção do estacionamento. — Sim, o carro está ali.

— Na realidade suspeito — continuou o detetive ao reencetarem a marcha — que se o dissesse alto você me chamaria de louco. Não sei. Não sei. — Balançou a cabeça.

— Todas essas agremiações e esses cultos onde matam sem motivo fazem-nos pensar em coisas estranhas. Atualmente, para acompanharmos a época, temos de ser um pouco loucos.

Karras inclinou a cabeça num gesto afirmativo.

— O que é essa coisa que traz na camisa? — perguntou o detetive, fazendo um sinal em direção do peito do jesuíta.

— Que coisa?

— Na camisa — tornou o detetive. — As letras da palavra “Filósofos”.

— Oh, dei uns cursos durante um ano no seminário de Woodstock, em Maryland. Joguei na equipe de beisebol... na segunda categoria. Chamava-se Filósofos — disse Karras.

— Ah, e a equipe da primeira categoria?

— Teólogos.

Kinderman sorriu e balançou a cabeça.

— Teólogos três, Filósofos dois — ponderou ele.

— Filósofos três, Teólogos dois.

— Claro.

— Claro.

— Que coisas estranhas — meditou o detetive. — Estranhas. Escute, padre — começou ele, num rumo reticente.

— Escute, doutor... estarei doido, ou haverá possibilidade de existir por aqui, presentemente, uma seita de feiticeiros?

— Oh, deixe disso — disse Karras.

— Então poderá existir.

— Essa eu não entendi.

— Agora vou ser eu o doutor — anunciou o detetive, furando o ar com o indicador. — Você não disse que não, e em vez disso mostrou-se espertinho outra vez. Está na defensiva meu bom padre, na defensiva. Talvez tenha receio de parecer crédulo; um padre supersticioso perante Kinderman, a grande inteligência, o racionalista — bateu com o dedo na têmpora —, o gênio aqui a seu lado, a ambulante Idade da Razão. Certo? Estou certo?

O jesuíta olhou então para ele, com uma suspeita e um respeito crescentes.

— Mas é muito perspicaz — observou ele.

— Bem, então está certo — grunhiu Kinderman. — Portanto, vou lhe perguntar novamente: haverá possibilidades de existir por aqui uma seita de feiticeiros?

— Bem, realmente não sei — respondeu Karras, pensativo e de braços cruzados. — Mas há regiões da Europa onde se rezam missas negras.

— Atualmente?

— Atualmente.

— Quer dizer, como nos velhos tempos, padre? Olhe, li acidentalmente essas coisas a respeito da sexualidade e das estátuas e sabe-se lá o que mais. A propósito, não o quero aborrecer, mas fazem-se aquelas coisas todas? De verdade?

— Não sei.

— Então me dê sua opinião, padre retranqueiro.

O jesuíta riu baixinho.

— Bem, acho que fazem isso de verdade. Pelo menos, suspeito. Mas o meu raciocínio se baseia muito na patologia. Qualquer pessoa que faça essas coisas é um ser humano bastante perturbado, e perturbado de um modo muito especial. De fato, há um nome clínico para essa espécie de perturbação: satanismo, e aplica-se às pessoas que não podem ter nenhum prazer sexual a não ser relacionado com um ato blasfemo. Bem, não é tão incomum assim, mesmo hoje, e missas negras são só justificativas.

— Novamente, me desculpe, por favor... mas e as coisas que fizeram com as estátuas de Jesus e de Maria?

— O que quer saber a esse respeito?

— É mesmo verdade?

— Bem, acho que, como policial, isto deve lhe interessar. — Com o interesse científico desperto e excitado, os modos de Karras tornaram-se calmamente animados. — Os arquivos da polícia de Paris ainda conservam o caso de dois monges de um mosteiro próximo. Vejamos... — Coçou a cabeça, ao tentar se lembrar. — Sim, creio que se trata de um de Crépy. Bem, não importa. — Encolheu os ombros. — Ali perto. Seja como for, os monges chegaram a uma pousada e pediram

um tanto hostis uma cama para três pessoas. Bem, a terceira eles a carregavam. Era uma estátua em tamanho natural da Mãe Santíssima.



— Ah! Isso é chocante — suspirou o detetive. — Chocante.

— Mas verdadeiro. E uma boa prova de que o que tem lido se baseia em fatos.

— Bem, a sexualidade, talvez sim, talvez sim. Estou vendo. É uma outra história. Deixemos isso. Mas quanto aos assassinatos rituais, padre? É verdade? Então, vamos lá! Utilizam o sangue de recém-nascidos? — O detetive aludia a algo mais que lera no livro sobre feitiçaria, em que se descrevia que os padres apóstatas cortavam, às vezes, nas missas negras, os pulsos de um recém-nascido, de modo a que o sangue corresse para um cálice, para ser consagrado mais tarde e tomado sob a forma de comunhão.

— É exatamente como as histórias que costumavam contar dos judeus — continuou o detetive. — Roubavam os bebês cristãos e bebiam-lhes o sangue. Olhe, me desculpe, mas a sua gente já contou essas histórias todas.

— Se o fizemos, me perdoe.

— Está absolvido, está absolvido.

Uma sombra escura e triste perpassou pelo olhar do padre, a sombra da dor repentinamente lembrada. Fixou prontamente a vista no caminho.

— Bem, realmente não sei nada sobre assassinatos rituais — disse Karras. — Não sei. Mas uma vez na Suíça uma parteira confessou terem sido assassinados trinta ou quarenta bebês para as missas negras. Ah, bom, talvez ela tivesse sido torturada — emendou ele. — Quem sabe? Mas contou, sem dúvida, uma história convincente. Disse que escondia uma agulha comprida e fina na

manga e quando ajudava no parto puxava da agulha, a enterrava no alto da cabeça do bebê e depois a escondia novamente. Não havia sinais — disse ele, olhando para Kinderman. — O bebê parecia nascido morto.

Ouviu falar no preconceito que os católicos europeus tinham contra as parteiras? Bem, foi assim que começou o caso.

— É assustador.

— Este século não fechou a insanidade com cadeado. Em todo caso...

— Espere um momento, me desculpe. Essas histórias lhe foram contadas por pessoas que foram torturadas, não é verdade? Portanto, basicamente, não são de toda a confiança. Assinavam o documento da confissão, mais tarde, preenchido por outrem. Digo, nessa época não existia nada como *habeas corpus*, nenhuma ordem de “Deixe meu povo partir”, aparentemente. Estou certo? Estou certo?

— Sim, está, mas nessa época muitas das confissões eram voluntárias também.

— Mas quem diria voluntariamente tais coisas?

— Bem, talvez pessoas com perturbações mentais.

— Ah, tá. Outra fonte fidedigna!

— Bem, na verdade, tem toda a razão, tenente. Estou apenas fazendo o papel de advogado do diabo. Mas há uma coisa que temos às vezes tendência para esquecer: é que sendo as pessoas suficientemente psicopatas para confessarem tais coisas, pode se conceber que sejam suficientemente psicopatas para tê-las feito. Por exemplo, os mitos acerca dos lobisomens. Realmente, são ridículos: ninguém pode se transformar em lobo. Mas o que me diz de um homem que estivesse tão perturbado que além de pensar ser um lobisomem também procedesse como tal?

— Horrível! Mas que é isso agora, padre... teoria ou realidade?

— Bem, temos William Stumpf, por exemplo. Ou Peter, não lembro. Seja como for, era um alemão do século dezesseis que pensava ser um lobisomem. Matou talvez umas vinte ou trinta criancinhas.

— Quer dizer que confessou?

— Sim; mas penso que foi uma confissão válida.

— Como assim?

— Quando o prenderam ele estava comendo os miolos das duas jovens noras.

Do campo de treino, no claro sol de abril, vinham os ecos agudos das conversas ali travadas e do embate da bola contra o bastão. «Vá lá, Mullins, vamos treinar. Comece você!»

O padre e o detetive tinham chegado ao estacionamento. Caminhavam agora em silêncio.

Ao chegarem junto do carro de radiopatrulha, Kinderman, distraído, estendeu a mão para o trinco da porta, mas a deteve; depois, taciturno, levantou os olhos e olhou para Karras.

— Então, o que estou procurando, padre? — perguntou.

— Um louco — respondeu Damien Karras em voz baixa. — Ou talvez alguém que se drogue.

O detetive ponderou; depois assentiu, em silêncio.

— Quer uma carona? — perguntou ele virando-se para o padre e abrindo a porta do carro.

— Oh, obrigado, a distância é pequena.

— Não importa; aproveite! — Kinderman gesticulou com impaciência ao fazer sinal a Karras para entrar no carro. — Assim, pode contar a todos os seus amigos que já andou num carro da polícia.

O jesuíta riu e sentou-se no banco de trás.

— Muito bem, muito bem — suspirou com rouquidão o detetive. Em seguida, contorcendo-se, conseguiu se sentar ao lado do jesuíta e fechar a porta. — Nenhuma distância é pequena — comentou ele. — Nenhuma.

Com Karras indicando o caminho, seguiram para a nova residência dos Jesuítas, na Rua Prospect, onde o padre arranjava novos aposentos. Ele pensara que, ficando no pavilhão, podia encorajar os homens que já tinham solicitado os seus ofícios a procurar de novo o seu auxílio profissional.

— Gosta de cinema, padre Karras?

— Muito.

— Já viu *Lear*?

É muito caro.

— Eu vi. Tenho ingressos de cortesia.

— Que bom.

— Tenho ingressos de cortesia para os melhores espetáculos. Contudo, a minha mulher se aborrece; nunca quer ir.

— Que pena.

— É uma pena, sim; detesto ir sozinho. Entende, gosto de falar de filmes, discutir, criticar. — Olhava pela janela, para o lado, desviando os olhos do padre.

Karras balançou a cabeça num gesto de concordância e olhou para as suas próprias mãos, grandes e fortes. Elas estavam presas entre suas pernas. Passado um momento, Kinderman, hesitante, voltou-se com um ar esperançado.

— Gostaria de ir ver um filme comigo, padre? É de graça... Arranjo ingressos gratuitos — apressou-se a acrescentar.

O padre olhou para ele rindo.

— Tenente, como dizia Elwood P. Dowd em *Harvey*: “Quando”?

— Oh, eu lhe telefono, lhe telefono! — O detetive sorriu, radiante.

Chegados à Residência, pararam. Karras levou a mão ao fecho da porta e a abriu.

— Está bem, telefone. Olhe, lamento não ter sido mais útil.

— Não tem importância; de qualquer modo, me ajudou. — Kinderman fez um vago aceno. Karras saía do carro.

— De fato, para um judeu que tenta ser aceito, você é um homem muito simpático.

Karras voltou-se, fechou a porta e debruçou-se na janela com um sorriso leve e amistoso. — Alguma vez já lhe disseram que se parece com o Paul Newman?

— Estão sempre me dizendo isso. E acredite, o Sr. Newman luta para sair de dentro deste corpo. É muito tumultuado. Aqui dentro tem o Clark Gable também.

Karras, sorrindo, fez um gesto de adeus e começou a caminhar.

— Padre, espere!

Karras voltou-se. O detetive saía do carro com dificuldade.

— Ouça, padre, esqueci — arfou ele, se aproximando. — Tive uma ideia súbita. Lembra do quadro com umas asneiras escritas... aquele que foi encontrado na igreja?

— Refere-se à sacra?

— Ou isso. Ainda está por aí?

— Ainda. Está no meu quarto. Estou verificando o latim. Você quer?

— Queria, sim. Talvez nos revele alguma coisa. Quem sabe?

— Só um momento. Vou buscá-la.

Enquanto Kinderman esperava na rua, junto ao carro de radiopatrulha, o jesuíta foi ao quarto, que ficava no térreo, de frente para a Rua Prospect, e trouxe a sacra, que entregou a Kinderman.

— Talvez tenha algumas impressões digitais — disse Kinderman examinando-a. Depois deu a impressão de ter-se lembrado de repente de outra coisa. — Não, espere, você tem mexido nela. Bom raciocínio. À sua frente, o judeu Sr. Moto. — Manuseava a folha de plástico

transparente. — Ah, não, espere aí; a folha sai! — Depois, olhou para Karras com certo desânimo. — Tem-lhe mexido por dentro também, Kirk Douglas?

Karras sorriu pesaroso e disse que sim com a cabeça.

— Não faz mal, pode ser que se encontre qualquer outra coisa. A propósito, já examinou isto?

— Examinei, sim.

— Quais foram as suas conclusões?

— Não me parece que seja obra de um brincalhão — disse Karras, encolhendo os ombros. — De princípio pensei que talvez fosse um estudante. Mas duvido. Quem quer que seja, está profundamente perturbado.

— É como diz.

— E o latim... — Karras refletiu. — Não é apenas impecável, tenente, é... bem, tem um estilo definido, muito original, como se a pessoa que fez isso estivesse habituada a pensar em latim.

— Os padres fazem isso?

— Ah, qual é!

— Apenas responda à pergunta, por favor, padre Paranoia.

— Bem, sim. A certo ponto de seus treinamentos, eles fazem. Pelo menos os jesuítas e os membros de algumas outras ordens. No seminário de Woodstock certos cursos de Filosofia são dados em latim.

— Para quê?

— Para se obter uma maior precisão de pensamento. É como o Direito.

— Ah, entendo.

— Olhe, tenente — disse Karras com uma súbita expressão de seriedade —, posso lhe dizer quem realmente penso que fez isso?

Quem foi? — disse o detetive, aproximando-se mais.

— Os Dominicanos. Vá importuná-los.

Karras riu, fez um sinal de adeus e afastou-se.

— Eu menti! — gritou o detetive mal humorado. — O senhor se parece com o Sal Mineo!

Kinderman ficou a observá-lo, enquanto o padre esboçava outro gesto de despedida e entrava na Residência. Depois, voltou-se e entrou no carro de radiopatrulha. Sentado, imóvel, respirou com dificuldade, olhando para o chão do carro. “Este homem vibra, vibra”, murmurou. “Exatamente como um diapasão debaixo de água.” Manteve o olhar baixo durante mais um momento e depois voltou-se e disse ao motorista:

— Muito bem, voltemos para a sede. Depressa, mesmo que tenha de infringir as leis.

O novo quarto de Karras estava mobiliado com simplicidade: cama estreita, uma cadeira confortável, escrivaninha e uma estante de parede. Em cima da escrivaninha tinha uma foto antiga da mãe dele; da parede, junto à cama, pendia, em reprovação silenciosa, um crucifixo de metal.

O estreito quarto constituía um mundo suficiente para ele. Interessava-se pouco por bens materiais; queria apenas que aqueles que possuía estivessem limpos.

Tomou uma ducha, esfregou-se vigorosamente e em seguida vestiu uma calça de cáqui e uma camisa de desporto e dirigiu-se vagarosamente para o refeitório dos padres onde descobriu Dyer, com as bochechas coradas, sentado sozinho a jantar, numa mesa de canto.

— Olá, Damien — disse Dyer ao ver o outro se aproximar. O jovem padre vestia um pulôver desbotado.

Karras, em pé junto da cadeira, curvou a cabeça e deu graças num murmúrio rápido. Em seguida benzeu-se, sentou-se e cumprimentou o amigo.

Como vai o preguiçoso? — perguntou Dyer, enquanto Karras desdobrava o guardanapo no colo.

Quem é o preguiçoso? Estou trabalhando.

Uma lição por semana?

— O que conta é a qualidade — disse Karras. — O que há para jantar?

— Não sente o cheiro?

— Oh, merda, é o dia dos cachorros. Salsichas e chucrute.

— O que conta é a quantidade — replicou Dyer com serenidade.

Karras balançou a cabeça e pegou uma jarra de alumínio com leite.

— Eu não faria isso — murmurou Dyer sem expressão, ao pôr manteiga numa fatia de pão integral. — Vê as bolhas? É salitre.

— É do que preciso — retorquiu Karras. Ao inclinar o copo para o encher de leite ouviu alguém sentar-se à mesa.

— Bem, finalmente li aquele livro — disse alegremente o recém-chegado.

Karras levantou a vista e, num doloroso desânimo, sentiu um peso suavemente esmagador, uma pressão de chumbo, ao reconhecer o padre que viera recentemente procurá-lo para se aconselhar, aquele que não podia criar amizades.

— Oh, e o que pensa dele? — perguntou Karras, pousando a jarra como se fosse o pequeno livro de novenas cuja leitura tivesse interrompido.

O jovem padre começou a falar e meia hora mais tarde, ainda à mesa, Dyer, irrequieto, animava o refeitório com gargalhadas. Karras consultou o relógio.

— Quer vestir um casaco? — perguntou ele ao jovem padre. — Podemos atravessar a rua e ver o pôr-do-sol.

Pouco depois estavam encostados a uma grade no alto das escadas que desciam para Rua M. Os raios brilhantes do sol poente flamejavam com esplendor em direção às nuvens, no ocidente do céu, e fragmentavam-se em ondulantes manchas escarlates nas águas escuras do rio. Karras encontrara Deus uma vez naquele espetáculo. Há muito tempo. Como um amante abandonado, continuava a comparecer à entrevista.

— É de fato um belo espetáculo — disse o homem mais novo.

— É sim — concordou Karras. — Faço o possível para vir aqui todas as tardes.

O relógio do *campus* ressoou as horas. Eram 19h.

Às 19h23, o tenente Kinderman examinava uma análise espectrográfica que provava que a tinta da escultura de Regan era idêntica à da estátua profanada da Virgem Maria.

E às 20h47, num bairro pobre da parte norte da cidade, um Karl Engstrom impassível emergiu de um conjunto habitacional infestado de ratos; caminhou três quarteirões ao sul, até a parada de ônibus; esperou sozinho um minuto, sem expressão, então machucado, soluçando, em frente a um poste de luz. Àquela hora o tenente Kinderman estava no cinema.

CAPÍTULO SEIS

Na quarta-feira, 11 de maio, regressaram a casa. Puseram Regan na cama, colocaram um cadeado nas janelas do quarto dela e do banheiro.

...tem cada vez menos momentos de lucidez e agora receio que se verifique uma obliteração total da consciência durante as crises. Isto é novo e parece eliminar a possibilidade da histeria verdadeira. Entretanto, um ou dois sintomas daquilo a que chamamos fenômenos parapsíquicos têm...

O Dr. Klein chegou e Chris e Sharon o escutaram enquanto ele lhes dava instruções sobre a maneira correta de proceder à administração de alimentos a Regan, com *Sustagen* durante os períodos de coma. O médico inseriu o tubo nasogástrico.

— Primeiro... — Chris esforçou-se para prestar atenção, sem no entanto ver o rosto da filha e para apreender as palavras que o médico dizia e esquecer outras que ouvira na clínica. Elas se infiltravam na consciência, como a neblina através das folhas de um salgueiro dobrado pela chuva.

— *Agora, aqui, você declarou “Sem religião”, Sr^a. MacNeil. Está correto? Nenhuma educação religiosa?*

— *Oh, bem, talvez apenas “Deus”. Sabe, no geral. Por quê?*

— *Bem, por um lado, o conteúdo de muitos dos seus delírios, quando não é aquela algaravia, é de orientação religiosa. Diga-nos, onde é que pensa que ela vai buscar aquilo tudo?*

— *Bem, me dê um exemplo.*

— *Oh, “Jesus e Maria, sessenta e nove”, por ex... Klein introduzira o tubo no estômago de Regan.*

— Primeiro, nos certificamos de que o líquido não vai para os pulmões — disse ele, apertando o tubo para impedir o escoamento do *Sustagen*, — Se ele...

“...síndrome de um tipo de doença raramente encontrada atualmente, exceto nas culturas primitivas. Chamava-se possessão sonambuliforme. Com toda a franqueza, pouco sabemos a seu respeito, a não ser que começa com um conflito ou culpabilidade que eventualmente leva o doente a ter a ilusão de que o seu corpo foi invadido por uma inteligência estranha, por um espírito, se quiser. Em tempos passados, quando a crença no diabo era bastante forte, a entidade possuidora era geralmente um demônio. No entanto, em casos relativamente modernos, é, na maioria das vezes, o espírito de um morto, com frequência

O Exorcista

alguém que o doente conheceu ou viu e de quem é capaz de imitar inconscientemente a voz e os modos, por exemplo; e até a mímica, por vezes. Eles...”

Depois de o Dr. Klein ter partido, cabisbaixo, Chris telefonou ao seu agente em Beverly Hills e declarou-lhe, com torpor, que não dirigiria a sua parte do filme. Depois, telefonou à Sr.^a Perrin. Tinha saído. Chris desligou com um crescente sentimento de desespero. Alguém. Ela tinha de arranjar auxílio de...

Casos em que é mais fácil lidar com o espírito dos mortos; em muitos desses casos não se encontram as fúrias, nem a hiperatividade e a excitação motora. No entanto, no outro tipo principal de possessão sonambuliforme, a nova personalidade é sempre malévola, sempre hostil com a primeira. O seu fim principal é, de fato, feri-la, torturá-la e por vezes até matá-la.

Tinham encomendado um conjunto de correias, e agora, de pé, Chris, pálida e exausta, observava Karl, que as prendia à cama e depois aos pulsos de Regan. Quando Chris ajeitou a almofada, num esforço para centrá-la sob a cabeça de Regan, o suíço endireitou-se e olhou com pena para o rosto desfigurado da criança.

— Vai ficar boa? — perguntou ele. Um vestígio de emoção matizara as suas palavras; tinham sido ligeiramente grifadas pela preocupação.

Porém Chris não pôde responder. Enquanto Karl lhe falava, pegara num objeto que estava debaixo da almofada de Regan.



— Quem é que pôs este crucifixo aqui? — perguntou ela.
A síndrome é apenas a manifestação de um conflito, de alguma culpa. Por isso, tentamos localizá-lo e descobrir o que representa. Pois bem, o melhor processo de tratamento num caso como este é

a hipnoterapia; no entanto, parece que não conseguimos hipnotizá-la. Por isso tentamos então a narcossíntese. Todavia, para sermos francos, parece outro beco sem saída.

— *Então, qual é o próximo passo?*

— *Receio que só com o tempo, apenas o tempo. Temos de continuar tentando e esperando uma mudança. Enquanto isso, ela tem de ser hospitalizada por um...*

Chris encontrou Sharon na cozinha colocando a máquina de escrever em cima da mesa; acabava de trazê-la do quarto de brinquedos, no porão. Willie cortava cenouras para um guisado, na lava-louça.

— Foi você que pôs o crucifixo debaixo da almofada da Regan, Shar? — perguntou Chris sob forte tensão.

— O que quer dizer? — perguntou Sharon aturdida.

— Não foi você?

— Chris, eu nem sequer sei do que é que você está falando. Escute, já lhe disse no avião que a única coisa que tenho dito a Rags é que “Deus fez o mundo” e talvez coisas acerca...

— Ótimo, Sharon, ótimo, acredito, mas...

— Não pus lá nada — resmungou Willie, na defensiva.

— Maldição! Alguém o pôs lá! — explodiu Chris. Em seguida virou-se e viu Karl, que entrara na cozinha, abrir a porta da geladeira. — Olhe, pergunto-lhe mais uma vez — gritou num tom que beirava o desespero —, foi você que pôs aquele crucifixo debaixo da almofada da Regan?

— Não, senhora — respondeu Karl calmamente. Embrulhava cubos de gelo numa toalha de rosto. — Não. Nenhuma cruz.

— Aquela porra daquela cruz não foi andando para lá, maldição! Um de vocês está mentindo! — A ira que irradiava estupificou a casa. — Vocês têm de me dizer quem a colocou lá, quem... — De repente, deixou-se cair numa cadeira e desatou a chorar, com o rosto entre as mãos trêmulas. — Oh, me desculpem, me desculpem. Não sei o que estou fazendo! Oh, meu Deus, não sei o que estou fazendo!

Willie e Karl a observaram silenciosos e Sharon foi até ela e afagou-lhe o pescoço com uma mão reconfortante.

— Ei, tudo bem. Está tudo bem.

Chris limpou o rosto com a manga.

— É, acho que quem quer que o tenha feito — disse, fungando — tentava só ajudá-la.

— *Escutem, eu volto a dizer, e é melhor que acreditem em mim, eu não tenho a intenção de colocá-la num maldito asilo!*

— *É um...*

— *Não quero saber como vocês o chamam! Eu não vou deixá-la longe de minha vista!*

— *Bem, lamento.*

— *Sim, lamente! Cristo! Oitenta e oito médicos e tudo o que me dizem com essa merda é...*

Chris acendeu um cigarro, deu algumas baforadas e o esmagou nervosamente no cinzeiro, subindo em seguida ao andar de cima para ver Regan. Abriu a porta. Na penumbra do quarto descobriu um vulto junto da cama de Regan, sentado numa cadeira de espaldar reto de madeira. Karl. “O que ele está fazendo aqui?”, perguntou a si mesma.

Quando Chris se aproximou o criado não levantou a vista; manteve o olhar no rosto da criança. Tinha o braço estendido e a tocava. O que tinha na mão? Ao chegar ao lado da cama, Chris viu o que era: o saco de gelo improvisado que fizera na cozinha. Karl refrescava a testa de Regan.

Chris ficou sensibilizada; de pé, o observou com surpresa, e, como Karl não se mexia nem parecia se dar conta da sua presença, virou-se e saiu do quarto, silenciosamente.

Foi à cozinha, bebeu café puro e fumou outro cigarro. Depois, obedecendo a um impulso, dirigiu-se para o gabinete. Pode ser... pode ser...

“...uma fraca possibilidade, uma vez que a possessão se relaciona vagamente com a histeria e visto que a origem da síndrome é quase sempre auto-sugestiva. Como a sua filha devia saber da existência de possessões, acreditar em possessões e conhecer alguns dos seus sintomas, o seu inconsciente origina agora a síndrome. Se se conseguir determinar isto pode se tentar uma forma auto-sugestiva de cura. Penso que deveremos proceder neste caso a um tratamento de choque, embora, suponho, muitos outros terapeutas não concordem com tal método. Pois bem, como disse, é uma possibilidade muito remota e, como a senhora se opõe a que sua filha seja hospitalizada, eu...”

— Pelo amor de Deus, o que se fará então?

— Já ouviu falar de exorcismos, Sr.^a MacNeil?

Os livros do gabinete de trabalho faziam, por assim dizer, parte do mobiliário e Chris não estava familiarizada com eles. Agora, lhes examinava os títulos, procurando, procurando...

— *...ritual estilizado agora pouco usado, por meio do qual os rabinos e os padres tentavam expulsar o demônio. Só os católicos não o suprimiram ainda, mas o conservam bastante em segredo, como algo embaraçoso para eles, penso.*

Mas para alguém que se pensa estar realmente possesso, diria que o ritual é deveras impressionante. De fato, era eficaz, embora naturalmente não o fosse pelas razões que pensavam; sua eficiência residia meramente na força da sugestão. A crença da vítima na possessão ajudava a provocar a síndrome, ou pelo menos a sua aparência, e, exatamente do mesmo modo, a crença no poder do exorcismo podia fazê-lo desaparecer. É... ah, a senhora franze a sobrancelha. Bem, talvez deva lhe falar dos aborígenes australianos. Estão convencidos de que, se algum feiticeiro lhes enviar um “raio da morte” a distância, morrerão, sabe? É de fato o que acontece! Deitam-se no chão e morrem, lentamente! A única coisa que por vezes os salva é uma forma de sugestão semelhante: um “raio” contrário de outro feiticeiro!

— *Está me aconselhando a levá-la a um curandeiro?*

— *Sim, suponho que estou dizendo mais ou menos isso: como um recurso desesperado, talvez a um padre. É um conselho bastante bizarro, bem sei, de fato é até perigoso, a não ser que possamos nos certificar definitivamente se a Regan sabia o que quer que fosse sobre possessão e em especial sobre exorcismos, antes de tudo isto ter aparecido. Pensa que ela poderia ter lido alguma coisa a esse respeito?*

— *Não, não creio.*

— *Teria visto algum filme sobre o assunto? Alguma coisa na TV?*

— *Não.*

— *Teria talvez lido os Evangelhos? O Novo Testamento?*

— *Por quê?*

— *Há um bom número de narrativas de possessões neles; de exorcismos feitos por Cristo. As descrições dos sintomas são de fato as mesmas das possessões atuais. Se a senhora...*

— *Olhe, não vale a pena. Não faça caso. Não falemos mais disso! Só me falta o pai dela saber que chamei um bando de...*

A unha do indicador de Chris ia vagarosamente de lombada em lombada. Nada, nem Bíblia, nem Novo Testamento. Nem um...

Calma!

Os seus olhos voltaram rapidamente atrás, parando num título na prateleira do fundo. O volume sobre feitiçaria que a Mary Jo Perrin lhe enviara. Chris o puxou da prateleira e foi ao índice, fazendo correr a unha do polegar pelo...

Aqui está!

O título de um capítulo pulsou como uma batida do coração:

“Estados de possessão.”

Chris fechou o livro e os olhos ao mesmo tempo, pensando... pensando...

Talvez... só talvez...

Abriu os olhos e encaminhou-se vagarosamente para a cozinha. Sharon escrevia à máquina. Chris mostrou-lhe o livro.

— Leu isto, Shar?

A loura continuou a escrever, sem levantar a vista.

— Li o quê? — perguntou ela.

— Este livro sobre feitiçaria.

— Não.

— Foi você quem o pôs no gabinete?

— Não. Nunca toquei nele.

— Onde está a Willie?

— No mercado.

Chris acenou com a cabeça, refletindo. Em seguida, voltou para cima, para o quarto de Regan. Mostrou o livro a Karl.

— Karl, você pôs isto no gabinete? Na estante?

— Não, senhora.

— Talvez fosse a Willie — murmurou Chris, olhando para o livro. Sentia-se invadida pela fina vibração das suposições. Teriam os médicos da Clínica Barringer razão? Seria aquilo? Teria Regan contraído a doença pela auto-sugestão das páginas daquele livro? Encontraria ali a descrição dos seus sintomas? Qualquer coisa específica das que Regan fazia?

Chris sentou-se à mesa, abriu o livro no capítulo sobre possessões e começou a procurar, a procurar, a ler.

Imediatamente derivado da crença prevalecente em demônios era o fenômeno conhecido por possessão, um estado no qual muitos indivíduos acreditavam que as suas funções físicas e mentais tinham sido invadidas e estavam sendo controladas por um demônio (mais comum no período em discussão) ou pelo espírito de algum morto. Não há período histórico ou parte do mundo em que este fenômeno não tenha sido observado em condições mais ou menos semelhantes, e todavia ainda não foi suficientemente explicado. Desde o trabalho definitivo de Traugott Oesterreich, publicado pela primeira vez em 1921, muito pouco tem sido acrescentado a esse conjunto de conhecimentos, não obstante os progressos da psiquiatria.

Não foram completamente explicados? Chris franziu as sobrancelhas. Recebera dos médicos uma impressão diferente.

O que se sabe é o seguinte: que várias pessoas, em diferentes épocas, têm passado por consideráveis transformações, tão completas que os que as rodeiam sentem que estão lidando com outra pessoa.

Além de se verificar alteração na voz, nos maneirismos, nas expressões faciais e nos movimentos característicos, o próprio sujeito representa-se agora como um ente totalmente distinto da pessoa original, com nome — humano ou demoníaco — e história próprios...

Os sintomas, onde mencionaram os sintomas?, pensou Chris, impaciente.

...No arquipélago malaio, onde a possessão é, mesmo hoje, um acontecimento comum e diário, o espírito dominador de um morto obriga muitas vezes o possesso a imitar os seus gestos, voz e trejeitos de um modo tão impressionante que os parentes do morto desatam a chorar. Mas, excetuando as chamadas quase possessões — aqueles casos que finalmente são redutíveis a fraude, paranoia e histeria — o problema residiu sempre na interpretação dos fenômenos, sendo a mais antiga a espírita, uma impressão que, provavelmente, é reforçada pelo fato de a personalidade invasora poder ter dons totalmente estranhos à primeira. Na forma demoníaca da possessão, por exemplo, o “demônio” pode falar línguas desconhecidas da primeira personalidade, ou...

Aqui! Alguma coisa! A algaravia de Regan! Uma tentativa de linguagem? Continuou a ler rapidamente.

...ou manifestar vários fenômenos parapsíquicos, por exemplo, a telecinesia: a movimentação de objetos sem a aplicação de força material.

As batidas? Os saltos para cima e para baixo na cama?

...Em casos de possessão pelos mortos verificam-se manifestações como a relatada por Oesterreich, relativamente a um monge que, de repente, quando possesso, se transformava num dançarino brilhante e talentoso, embora, antes da possessão, nunca tivesse tido a oportunidade de dar sequer um passo de dança. Estas manifestações são por vezes tão impressionantes que Jung, o psiquiatra, depois de estudar um caso em primeira mão, só pôde dar uma explicação parcial do que tinha a certeza de “não poder ter sido uma fraude”...

Inquietante. Aquilo tinha um tom inquietante.

...e William James, o maior psicólogo que os Estados Unidos jamais tiveram, deu como provada “a plausibilidade da interpretação espírita do fenômeno” depois de estudar cuidadosamente o chamado “Prodígio de Watseka”, uma jovem de Watseka, no Illinois, cuja personalidade se tornara indistinguível da de uma jovem chamada Mary Roff, que morrera num asilo psiquiátrico, doze anos antes da possessão...

De testa franzida, Chris não ouviu o toque da campainha da porta; não ouviu Sharon deixar de escrever à máquina e levantar-se para ir atender.

Habitualmente pensa-se que a forma demoníaca da possessão teve sua origem no cristianismo primitivo; contudo, tanto a possessão como o exorcismo são, de fato, anteriores ao tempo de Cristo. Os antigos Egípcios, bem como as primeiras civilizações do Tigre e do Eufrates, acreditavam que as doenças físicas e mentais eram causadas pela invasão do corpo pelos demônios. Por exemplo, a fórmula do exorcismo contra as doenças das crianças no Egito antigo era a seguinte: “Vai-te, tu que vens na escuridão, cujo nariz está voltado para trás, cuja face está de cabeça para baixo. Vieste para beijar esta criança? Eu não te deixarei...”

— Chris?

Ela continuava a ler, absorvida.

— Estou ocupada, Shar.

— Um detetive de homicídios está aqui e quer lhe ver.

— Oh, Sharon, diga a ele que... — Deteve-se. — Não, não, espere aí. — Chris franziu a sobrancelha, com a vista fixa ainda no livro. — Não. Mande-o entrar.

Som de passos.

Som de expectativa.

O que é que estou esperando?, pensou Chris. Ficou numa, expectativa, conhecida mas indefinida, como um sonho vivido, do qual nunca podemos nos lembrar.

O detetive entrou acompanhado por Sharon; suas mãos amarrotaavam a aba do chapéu, asmático, dobrado e deferente.

— Lamento. A senhora está ocupada, venho chateá-la.

— Como vai o mundo?

— Muito mal, muito mal. Como está a sua filha?

— Na mesma.

— Ah, sinto muito, sinto muito mesmo. — Ele estava desajeitado junto à mesa, agora, de pálpebras gotejando preocupação. — Olhe, eu nem queria incomodar; a sua filha; é uma aflição. Só Deus sabe, quando a minha Ruthie teve as... não, não, não, foi a Sheila, a minha filha...

— Sente-se, por favor — interrompeu Chris.

— Ah, sim, muito obrigado — disse ele, ofegante, instalando agradecido o corpo volumoso numa cadeira, do outro lado da mesa, de frente a Sharon, que voltara à máquina e às cartas.

— Desculpe, você dizia?... — perguntou Chris ao detetive.

— Bem, a minha filha, ela... oh, não faça caso. — O detetive decidiu não se referir ao assunto. — A senhora tem o que fazer. Vou

começar, vou lhe contar a história da minha vida. Talvez você pudesse fazer dela um filme. Na realidade, é incrível! Se soubesse metade do que costumava acontecer na minha extravagante família, sabe? Como o meu... ah, sim, uma pessoa é... Uma! Vou lhe contar uma! Aquela da minha mãe, que nos fazia peixe *gefilte*¹ todos os domingos, está bem? Só que durante toda a semana ninguém conseguia tomar banho. A minha mãe metia a carpa na banheira, onde nadava de um lado para o outro, para trás e para a frente, a semana inteira. A minha mãe dizia que aquilo lhe tirava o veneno do organismo! Está preparada? É porque a... Ah, basta; basta. — Suspirou, cansado, movendo a mão num gesto de abandono. — Mas faz bem dar uma gargalhada de vez em quando, só pra gente não chorar.

Chris observava o com um olhar inexpressivo, à espera...

— Ah, você está lendo. — Passou a vista pelo livro sobre feitiçaria. — É para um filme? — perguntou.

— Estava só lendo.

— É bom?

— Comecei agora.

— Feitiçaria... — murmurou ele, pondo a cabeça de lado e lendo o título no alto da página.

— E que tem isso?

— Sim, me desculpe. Você está ocupada. Está ocupada. Vou terminar. Como dizia, não a incomodaria, se não fosse...

— Se não fosse o quê?

Com uma súbita expressão séria, ele cruzou as mãos em cima da mesa.

— Bem, o Sr. Dennings, Sr.^a MacNeil...

— Sim...

— Que chatice! — atirou Sharon, irritada, arrancando uma folha da máquina. Fez uma bola e a lançou no cesto de papéis colocado junto de Kinderman. — Oh, perdão — desculpou-se ela ao ver que a sua explosão os interrompera.

Chris e Kinderman ficaram olhando.

— É a Srt^a Fenster? — perguntou o detetive.

— Spencer — disse Sharon, puxando a cadeira para trás para se levantar e ir buscar a folha.

— Não faz mal, não faz mal — disse Kinderman, dobrando-se e apanhando, do chão, junto a seus pés, a página amassada.

¹ Prato da culinária judia, que consiste num bolinho recheado à base de carpa moída, com cebola e condimentos, cozido no caldo do próprio peixe.

(Nota do editor)

- Obrigada — disse Sharon.
- De nada. Desculpe... você é a secretária?
- Sharon, o Sr. ...
- Kinderman — lembrou-lhe o detetive. — William Kinderman.
- Exato. É a Sharon Spencer.
- Muito prazer — disse Kinderman à loira, que, de braços cruzados sobre a máquina, o olhava com curiosidade. — Talvez possa ajudar — acrescentou ele. — Na noite do falecimento do Sr. Dennings, você saiu para ir a uma farmácia e o deixou sozinho em casa, correto?
- Bem, não; a Regan estava aqui.
- É a minha filha — esclareceu Chris.
- Kinderman continuou a interrogar Sharon.
- Ele tinha vindo visitar a Sr.^a MacNeil?
- Sim, tinha.
- Ele esperava que ela viesse em breve?
- Bem, eu lhe disse que esperava que ela voltasse bem cedo.
- Muito bem. E a que horas você saiu? Lembra?
- Vejamos. Eu estava assistindo ao jornal, então, creio... ah, não, espere... sim, foi assim. Lembro que fiquei chateada porque o farmacêutico disse que o rapaz das entregas já tinha ido embora. Lembro que ele disse “Ah, por favor, vamos lá”, ou algo sobre ser apenas seis e meia. Então o Burke chegou, talvez uns dez ou vinte minutos depois.
- Então — concluiu o detetive — a média indica que ele chegou às seis e quarenta e cinco.
- E afinal para que isso tudo? — perguntou Chris, sentindo um vago nervosismo.
- Bem, isso levanta uma questão, Sr.^a MacNeil — resfolegou Kinderman, voltando a cabeça para olhar para ela. — Chegar aqui na casa, digamos, às quinze para as sete e partir apenas quinze minutos mais tarde...
- Oh, bem, isso era o Burke — disse Chris. — Era bem próprio dele.
- E era também do Sr. Dennings — inquiriu Kinderman — frequentar os bares da Rua M?
- Não.
- Não, acho que não. Fiz uma pequena investigação. E era também costume dele andar de táxi? Não costumava chamar um táxi por telefone quando ia embora?
- Sim, costumava.

— Então, uma pessoa tem curiosidade em saber, não é verdade? Como se explica que ele ande passeando no terraço do alto das escadas? E por que é que as companhias de táxis não registraram nenhuma chamada aqui da casa naquela noite — acrescentou Kinderman —, exceto a do táxi que veio aqui buscar a Srt^a Spencer às seis e quarenta e sete em ponto?

— Não sei — respondeu Chris, numa voz sem timbre... esperando...

— O senhor sabia desde o princípio! — exclamou Sharon, perplexa, dirigindo-se a Kinderman.

— Sim, desculpe — disse o detetive. — Contudo, o assunto torna-se sério.

Chris, com a respiração cortada, olhou fixamente para o detetive.

— Sob que aspecto? — perguntou ela. A voz saiu-lhe fraca da garganta.

Ele se inclinou para a frente, ainda de mãos cruzadas em cima da mesa, a página datilografada, em forma de bola, entre eles.

— O relatório do patologista, Sr.^a MacNeil, parece mostrar que a probabilidade de a morte ter sido acidental é ainda muito possível... No entanto...

— Está dizendo que ele foi assassinado? — Chris ficou rígida.

— A posição... bem, eu sei que é doloroso...

— Ande, diga.

— A posição da cabeça de Dennings e os músculos do pescoço seccionados de determinada maneira indicariam...

— Oh, meu Deus! — Chris estremeceu.

— Sim, é doloroso. Lamento; lamento muito. Mas como vê, aquele aspecto — podemos omitir os detalhes — nunca poderia se apresentar a não ser que o Sr. Dennings tivesse caído de uma certa distância antes de atingir os degraus, sabe? Por exemplo, uns sete ou dez metros antes de ter rolado até o fundo. Portanto, uma nítida possibilidade, para lhe ser franco, talvez seja... Bem, primeiro permita-me que lhe pergunte...

Ele se voltara então para Sharon, que franzia a sobrancelha.

— Quando você saiu, onde é que estava o Sr. Dennings? Com a criança?

— Não, aqui embaixo, no gabinete. Ficou preparando uma bebida.

— A sua filha se lembraria... — ele voltou-se para Chris — se acaso o Sr. Dennings esteve no quarto dela naquela noite?

Teria ela estado alguma vez só com ele?

— Por que faz essa pergunta?

- Sua filha se lembraria?
- Não, como já lhe disse, ela estava fortemente sedada e...
- Sim, você me disse; é verdade; me lembro; mas talvez ela acordasse... Não teria acontecido? E...
- Não há possibilidade. E...
- Também tinha tomado tranquilizantes — interrompeu ele — da última vez que falamos?
- Bem, de fato tinha — lembrou-se. — E depois?
- Acho que a vi naquele dia à janela do quarto.
- Está enganado.
- Pode ser, pode ser — disse ele encolhendo os ombros.
- Não tenho certeza.
- Escute, por que é que pergunta tudo isso? — quis saber Chris.
- Bem, uma mera possibilidade, como dizia, talvez seja que o morto estivesse tão bêbado que tropeçasse e caísse da janela do quarto de sua filha.
- É impossível — declarou Chris balançando a cabeça. — Em primeiro lugar, a janela esteve sempre fechada e, em segundo lugar, Burke, apesar de estar sempre bêbado, nunca perdia a noção das coisas. Não é verdade, Shar?
- Exato.
- Burke costumava compreender quando estava chapado. Como ele podia ter tropeçado e caído de uma janela?
- Talvez a senhora estivesse à espera de mais alguém naquela noite? — perguntou o detetive.
- Não.
- Tem amigos que aparecem sem telefonar?
- Só o Burke — respondeu Chris. — Por quê?
- O detetive baixou a cabeça, balançando-a e franzindo a sobancelha para o papel amassado que tinha na mão.
- É estranho... desconcertante. — Em seguida levantou os olhos para Chris. — O morto vem fazer uma visita, fica só vinte minutos, sem sequer lhe ver, e deixa completamente sozinha uma garota muito doente. Para lhe ser franco, Sr.^a MacNeil, é como diz: não é provável que ele tivesse caído de uma janela. Além disso, há talvez uma probabilidade em mil de uma queda ser suficiente para lhe provocar aquilo no pescoço. — Assentiu com a cabeça, indicando o livro de feitiçaria. — A senhora leu nesse livro a parte sobre os assassinatos rituais?
- Chris, gelada por uma espécie de premonição, fez um gesto negativo.
- Talvez não seja mencionado nesse livro — disse ele. — No

entanto... desculpe; falo disto apenas para que você pense um pouco mais profundamente... o pobre Dennings foi encontrado com o pescoço torcido para trás no estilo dos assassinatos rituais praticados pelos chamados demônios, Sr.^a MacNeil.

Chris ficou branca.

— O Sr. Dennings foi morto por um lunático — continuou o detetive, olhando fixamente para Chris. — Nunca lhe disse para poupá-la do desgosto. E, além disso, tecnicamente, podia se tratar ainda de um acidente. Porém, não penso assim. É uma suspeita. É a minha opinião. Creio que foi morto por um homem muito poderoso: ponto um. E a fratura da cabeça, ponto dois, acrescida das várias coisas que já mencionei, tornaria muito provável — provável, não certo — que o morto tivesse sido assassinado e atirado depois pela janela do quarto de sua filha. Mas ninguém estava aqui a não ser a menina. Portanto, como poderia ter acontecido? Da seguinte maneira: alguém veio visitá-la entre a hora a que Srt^a Spencer saiu e a hora a que a senhora voltou. Talvez fosse assim. Por favor, agora pergunto-lhe novamente: quem poderia ter vindo?

— Santo Deus, só um minuto! — disse Chris com voz rouca, ainda em estado de choque.

— Sim, desculpe. É doloroso. Talvez eu esteja completamente errado, admito. Mas vai pensar agora? Quem? Me diga, quem poderia ter vindo?

Chris baixou a cabeça, franzindo a sobrancelha, pensativa. Depois levantou os olhos para Kinderman.

— Não. Ninguém.

— Então talvez você, Srt^a Spencer — inquiriu ele. — Alguém vem aqui visitá-la?

— Oh, não, ninguém — disse Sharon, de olhos muito abertos.

— O cavaleiro sabe onde você trabalha? — disse Chris virando-se para ela.

— O cavaleiro? — quis saber Kinderman.

— É o namorado dela — explicou Chris.

A loura balançou a cabeça.

— Ele nunca veio aqui. Além disso, naquela noite estava em Boston. Foi a uma conferência.

— É um vendedor?

— Um advogado.

O detetive voltou-se novamente para Chris. — E os criados? Recebem visitas?

— Nunca. Nunca recebem ninguém.

— Esperava alguma encomenda naquele dia?

— Que eu saiba, não! Por quê?

— O Sr. Dennings era... não falo mal do morto, que descanse em paz... mas, como você disse, com os copos era um tanto... chamemos-lhe irascível; capaz, sem dúvida, de provocar uma discussão, num acesso de ira; neste caso, podia ter se irado com um portador que tivesse vindo entregar uma encomenda. Então, você esperava alguma coisa? Talvez a roupa da lavanderia? Mercearias? Bebidas?

— Realmente não posso saber. O Karl é quem trata de todas essas coisas.

— Oh, sei.

— Quer perguntar a ele?

O detetive suspirou e inclinou-se para trás, afastando-se da mesa e colocando as mãos nos bolsos do casaco. Olhou sombrio para o livro de feitiçaria.

— Não importa, não importa; é uma probabilidade remota. A senhora tem uma filha muito doente e... bem, não faça caso. — Com um gesto, indicou que não o interessava mais o assunto e levantou-se da cadeira. — Foi um prazer conhecê-la, Srt^a Spencer.

— Digo o mesmo — declarou Sharon num gesto vago.

— Desconcertante — disse Kinderman, balançando a cabeça. — Estranho. — Concentrava-se num pensamento interior. Em seguida olhou para Chris, que se levantava da cadeira. — Bem, desculpe. Incomodei você para nada. Me perdoe.

— Espere, o acompanhamento até a porta — disse Chris, pensativa.

— Não se incomode.

— Não incomoda.

— Se insiste. A propósito — declarou ele ao sair da cozinha — é apenas uma probabilidade num milhão, eu sei, mas a sua filha... você poderia perguntá-la se naquela noite viu o Sr. Dennings no quarto? Chris caminhava de braços cruzados.

— Olhe, em primeiro lugar, ele não tinha motivo para ir lá em cima.

— Eu sei; compreendo; isso é verdade; mas se alguns médicos ingleses nunca tivessem perguntado “Que fungo é este?”, não teríamos hoje a penicilina. Certo? Pergunte, por favor. Vai perguntar?

— Sim, quando ela estiver melhor.

— Isso não pode lhe fazer mal. Entretanto... — Ao chegarem à porta da rua, Kinderman vacilou, embaraçado; depois, levou as pontas dos dedos à boca num gesto de hesitação. — Olhe, na realidade detesto pedi-lo, mas...

Chris preparada para um novo choque, sentiu um arrepio premonitório percorrer-lhe a espinha.

— O que é?

— Para a minha filha... você poderia me dar um autógrafo? — Ele corou e Chris, aliviada, por pouco não riu de si própria, do desespero e da condição humana.

— Oh, é claro. Onde tem um lápis? — perguntou ela.

— Tem um aqui! — respondeu ele instantaneamente, puxando do bolso do casaco um toco de lápis todo roído e levando a outra mão a um bolso do colete para tirar um cartão de visita. — Ela vai ficar encantada — disse ele, entregando o cartão e o lápis a Chris.

— Como se chama ela? — perguntou Chris, apoiando o cartão na porta e colocando o toco do lápis na posição de escrever. Seguiu-se uma hesitação cheia de significado. Ela ouvia apenas a respiração asmática de Kinderman. Este voltou a cabeça e olhou: nos olhos dele viu o desenrolar de uma luta impressionante e terrível.

— Eu menti — acabou por dizer com um ar de desafio, um tanto afoito. — É para mim. — O detetive fixou a vista no cartão e corou. — Escreva “Para William... William Kinderman”... está escrito nas costas.

Chris o olhou com uma afeição inesperada e triste, verificou a ortografia do nome, escreveu *William Kinderman, eu te amo!*, e assinou. Em seguida, deu-lhe o cartão, que ele colocou no bolso sem ler a inscrição.

— Você é uma senhora muito gentil — disse ele com um ar tímido, desviando os olhos.

— Você é um homem muito gentil.

Ele ficou ainda mais corado.

— Não. Não sou nada. Sou um chato. — Ele abria a porta. — Não faça caso do que eu disse hoje. É desolador. Esqueça isso. Pense na sua filha.

Chris fez um gesto afirmativo com a cabeça; o desalento surgiu-lhe novamente, enquanto Kinderman dava um passo para a saída e punha o chapéu.

— Mas vai perguntá-la aquilo que mencionei? — lembrou ele ao se virar.

— Perguntarei, sim — murmurou Chris. — Prometo.

— Bem, adeus. E tenha cuidado.

Ela fechou devagarzinho a porta. Depois, tornou a abri-la imediatamente com a batida dele.

— Que aborrecimento. Sou um chato. Esqueci do lápis. — Fez uma careta de desculpa.

Chris olhou para o toco que tinha na mão, sorriu vagamente e o deu a Kinderman.

— Outra coisa... — Ele hesitou. — Não tem importância, eu

sei... é uma chatice, é estúpido... mas sei que não vou conseguir dormir pensando que talvez haja um lunático ou um drogado à solta, por cada pormenor que eu não investigue, seja ele qual for. Acha que poderia... não, não, é estúpido, é uma... sim, sim... mas talvez eu pudesse ter uma conversa com o Sr. Engstrom, não acha? As encomendas... a questão das entregas. Na realidade, devia...

— Claro, entre — disse Chris, cansada.

— Não, você tem o que fazer. Chega. Posso lhe falar aqui. Aqui é ótimo.

O detetive encostou-se numa grade.

— Se insiste — Chris teve um sorriso tênue. — Ele está com a Regan. Vou chamá-lo já aqui embaixo.

— Muito agradecido.

Chris fechou rapidamente a porta. Passado um minuto, Karl a abriu. Deu uns passos para a varanda com a mão na maçaneta da porta, mantendo-a um pouco entreaberta. De pé, alto e ereto, olhou para Kinderman com olhos límpidos e frios.

— Pois não? — perguntou ele sem expressão.

— Você tem o direito de não responder — declarou Kinderman, com o olhar de aço fixo no de Karl. — Se renunciar ao direito de não responder — disse ele numa cadência monótona e implacável —, tudo o que disser pode ser, e será, utilizado contra você num tribunal. Tem o direito de falar com um advogado e de contar com a presença de um advogado durante o interrogatório. Se assim o desejar, e não puder pagar um advogado, será nomeado um antes do interrogatório, sem qualquer encargo. Compreende cada um dos direitos que lhe expliquei?

Os passarinhos chilreavam suavemente nos galhos do sabugueiro e o ruído do tráfego da Rua M chegava em surdina, como o zumbido de abelhas de um prado distante. Ao responder que “sim” o olhar de Karl não vacilou.

— Deseja renunciar ao direito de não responder?

— Sim.

— Deseja renunciar ao direito de falar com um advogado e de tê-lo presente durante o interrogatório?

— Sim.

— Afirmou anteriormente que no dia 28 de abril, na noite da morte do Sr. Dennings, viu um filme no Crest?

— Sim.

— A que horas entrou no cinema?

— Não me lembro.

— Você disse anteriormente que assistira à sessão das seis

O Exorcista

horas. Isso lhe ajuda a lembrar?

— Sim. Sim, sessão das seis horas. Eu lembro.

— E viu a película... o filme... desde o princípio?

— Sim, senhor.

— E saiu no fim do filme?

— Sim, senhor.

— Não saiu antes?

— Não, vi o filme todo.

— E ao sair do cinema embarcou no ônibus em frente ao cinema, desembarcando no cruzamento da Rua M com a Avenida Wisconsin, aproximadamente às nove e vinte da noite?

— Sim.

— E foi a pé para casa?

— Fui a pé para casa.

— E chegou à residência aproximadamente às nove e trinta da noite?

— Cheguei exatamente às nove e trinta — respondeu Karl.

— Tem certeza?

— Sim. Olhei no relógio. Estou afirmando.

— E viu o filme todo... até o fim?

— Sim, já disse isso.

— As suas respostas estão sendo registradas eletronicamente, Sr. Engstrom. Quero que esteja absolutamente seguro.

— Estou seguro.

— Está ciente da alteração entre um arrumador e um espectador bêbado que teve lugar durante os últimos cinco minutos do filme?

— Sim.

— Pode dizer me qual foi a causa dessa alteração?

— O homem, bêbado, estava perturbando.

— E finalmente, que lhe fizeram?

— Puseram-no na rua.

— Não houve alteração nenhuma. Você também está ciente de que durante a sessão das seis horas uma avaria técnica, que durou cerca de quinze minutos, originou uma interrupção na projeção do filme?

— Não.

— Recorda-se de a assistência ter protestado.

— Não houve nenhuma interrupção.

— Tem certeza?

— Não houve nada.

— Houve, sim, como consta do registro do operador, onde se vê que o filme terminou naquela noite não às oito e quarenta, mas

aproximadamente às oito e quarenta e cinco, o que significa que o ônibus que o poderia levar mais cedo do cinema o deixaria no cruzamento da Rua M com a Wisconsin não às nove e vinte, mas às nove e quarenta e cinco, e que, portanto, o mais cedo que poderia estar em casa era aproximadamente às cinco para as dez, e não às nove e meia, como também foi testemunhado pela Sr.^a MacNeil. Agora, está interessado em fazer quaisquer observações sobre esta curiosa discrepância?

Karl, que não perdera um momento sequer a compostura, continuava a mantê-la ao responder “não”.

Durante um instante o detetive o fixou em silêncio; em seguida suspirou e baixou a vista, desligando o botão de controle de movimento escondido no forro do casaco. Conservou os olhos baixos durante um momento e depois levantou os para Karl.

— Sr. Engstrom... — começou ele num tom paciente e compreensivo. — Pode ter sido cometido um crime grave. O senhor é suspeito. O Sr. Dennings lhe insultava, soube eu de outras fontes. E, aparentemente, você mentiu a respeito do local onde se encontrava à hora da morte dele. Ora, às vezes acontece... nós somos homens, por que não?... que um homem casado se encontra num lugar onde diz que não esteve. Reparou que eu providenciei para falarmos em particular? Longe dos outros. Longe da sua mulher. Agora não estou gravando nada. Pode confiar em mim. Se aconteceu de ter saído naquela noite com uma mulher, que não a sua, pode me confessar; eu mando verificar, você fica livre de dificuldades e a sua mulher nada saberá. Então agora, me diga, onde estava à hora em que Dennings morreu?

Por momentos algo cintilou no fundo dos olhos de Karl; depois, esse algo se extinguiu.

— No cinema — insistiu ele de lábios semicerrados.

O detetive o olhou fixamente, silencioso e imóvel, sem produzir nenhum som a não ser o da respiração asmática, enquanto os segundos se escoavam, pesados, pesados...

— Vai me prender? — perguntou Karl, interrompendo o silêncio com uma voz ligeiramente vacilante.

O detetive não respondeu, mas continuou a olhá-lo sem pestanejar, e, quando Karl parecia ir dizer mais qualquer coisa, afastou-se bruscamente da grade, caminhando com mãos nos bolsos, em direção ao carro da polícia. Andava sem pressa, olhando para a direita e para a esquerda, como um interessado visitante da cidade.

Da varanda, Karl, com uma expressão apática e impassível, viu quando Kinderman abriu a porta do carro de radiopatrulha, se esticou para alcançar uma caixa de *Kleenex* fixa no painel, tirou um lenço de papel e assoou o nariz, enquanto olhava ociosamente para além

do rio, como se pensasse onde poderia almoçar. Em seguida, entrou no carro sem olhar para trás.

Quando o carro arrancou e virou a esquina da Rua Trinta e Cinco, Karl olhou para a mão que não segurava a maçaneta da porta e viu que ela tremia.

Ao ouvir fechar a porta da frente, Chris preparava, meditativa, no bar do gabinete de trabalho, uma vodca com gelo. Ouviu passos: Karl subia a escada. Pegou o copo e voltou devagar para a cozinha, mexendo a bebida com o dedo indicador, tateando o caminho com o olhar ausente. Alguma coisa... alguma coisa estava horivelmente errada. Como a luz de um quarto que se escoava sob a porta, um clarão de pavor infiltrou-se no escuro corredor da sua mente. O que haveria atrás da porta? O que seria?

Não olhe!

Entrou na cozinha, sentou-se à mesa e tomou um gole.

Creio que foi morto por um homem muito poderoso...

Baixou a vista, fixando-a no livro de feitiçaria.

Alguma coisa...

Passos. Sharon voltava do quarto de Regan. Entrou. Sentou-se à mesa, à máquina de escrever. Girava o papel recém colocado no rolo.

Alguma coisa...

— Muito horripilante — murmurou Sharon com as pontas dos dedos apoiadas sobre o teclado e os olhos fixos nas notas estenografadas a seu lado.

Nenuma resposta. Um certo mal-estar pairava na cozinha. Chris, distraída, tomava a bebida em pequenos goles.

Numa voz baixa e cansada, Sharon rompeu o silêncio:

— Há uma imensidade de espeluncas de *hippie* lá em baixo, nas imediações da Rua M e da Wisconsin. Maconheiros. Ocultistas. A polícia os chama “cães do inferno”. — Fez uma pausa, como se esperasse um comentário, de olhos ainda fixos nas notas; depois, continuou: — Gostaria de saber se o Burke teria...

— Oh, Cristo, Shar! Não pensa mais nisso, tá? — explodiu Chris. — A Rags já me dá bastante o que pensar! Você se importa? — Fechou os olhos; apertou o livro.

Sharon voltou imediatamente às teclas da máquina, martelando as palavras num ritmo furioso durante um minuto; de repente, saltou da cadeira e saiu da cozinha.

— Vou dar um passeio! — disse ela, glacial.

— Mas ponha-se a milhas da Rua M! — resmungou Chris, sombria, olhando para o livro, por cima dos braços cruzados.

— É o que vou fazer!

— E da N!

Chris ouviu a porta da frente se abrir e depois fechar. Suspirou. Sentiu uma ponta de remorso. Mas a rusga constituía uma válvula de escape para os seus nervos. Não de todo. O clarão ainda permanecia no corredor. Muito fraco.

Corre com ele!

Chris inspirou profundamente e tentou se concentrar no livro. Encontrou a página onde interrompera a leitura; impacientou-se; começou a folhear o livro, apressada, à procura de descrições dos sintomas da Regan. “possessão demoníaca... síndrome... o caso de uma garota de oito anos... anormal... quatro homens poderosos para impedi-la de...”

Ao voltar uma página, Chris fixou a vista — e ficou congelada.

Ruídos. A Willie voltava com as mercearias.

— Willie?... Willie — chamou Chris numa voz monótona.

— Senhora — respondeu Willie, pousando os sacos. Sem levantar a vista, Chris mostrou o livro. — Willie, foi você quem pôs este livro no meu gabinete?

Willie olhou para o livro e disse que sim com a cabeça; em seguida, voltou-se e começou a tirar as compras dos sacos.

— Onde é que o encontrou, Willie?

— Em cima, no quarto — respondeu Willie pondo o *bacon* no compartimento da carne na geladeira.

— Em que quarto, Willie?

— No da senhorita Regan. Encontrei debaixo da cama quando fiz as limpezas.

— Quando é que o encontrou? — perguntou Chris com o olhar ainda preso às páginas do livro.

— Depois de todos irem para o hospital, senhora, quando passei o aspirador pelo quarto da Regan.

— Tem certeza?

— Tenho a certeza, senhora. Sim. Tenho certeza.

Chris não se moveu, não pestanejou, não respirou ao surgir-lhe abruptamente na memória, como uma ave de rapina de garras abertas que soubesse o seu nome, a imagem de uma janela aberta no quarto de Regan, na noite do acidente de Dennings; ao reconhecer um fenómeno que lhe era atterradoramente familiar; ao olhar para a página do livro na sua frente.

Uma pequena tira de papel fora cortada com perícia cirúrgica a todo o comprimento da margem.

O Exorcista

Chris levantou rapidamente a cabeça ao ouvir o ruído de rebuliço no quarto de Regan.

Pancadas rápidas, com uma ressonância de pesadelo; cavas; como se fosse uma marreta a bater num túmulo!

Regan gritava angustiada; aterrorizada; implorativa.

Karl! Karl gritando, irado, com Regan!

Chris disparou da cozinha.

Deus Todo-Poderoso, o que está havendo?

Desnorteada, Chris correu para a escada, em direção ao quarto, ouviu uma pancada, alguém tombando, alguém estatelando-se no chão como uma pedra e sua filha gritando “Não, oh, não, não faz isso comigo! Oh, não, por favor!” e Karl aos berros... Não! Karl, não! Qualquer outra pessoa! Uma voz grave trovejante ameaçava enfurecida!

Chris disparou pelo corredor e, ao entrar no quarto, ficou com a respiração suspensa, pregada ao chão, paralisada pelo choque, enquanto as pancadas ressoavam, pesadas, fazendo estremecer as paredes; Karl jazia inconsciente no chão, perto da cama; e Regan, de pernas levantadas e abertas, numa cama que saltava e sacudia, agarrava o crucifixo de osso com muita força e o enfiava na vagina, ao mesmo tempo em que olhava aquilo cheia de terror, com os olhos esbugalhados e a cara ensanguentada por ter arrancado o aparelho nasogástrico.



— Oh, por favor! Oh, não, por favor! — gritava ela com o crucifixo nas mãos, enquanto parecia tentar se livrar daquilo.

— Tu vais fazer como eu estou te dizendo, puta! Vais fazer!

O tom ameaçador, as palavras, vinham da Regan, de sua voz áspera e gutural, cheia de veneno, enquanto, num piscar de olhos, sua expressão e feições se transformavam horrivelmente nas da personalidade demoníaca e feroz que aparecera no decurso da hipnose. E agora rostos e vozes mudavam com rapidez, enquanto Chris olhava atônita:

— Não!

— Vais fazer!

— Por favor!

— Vais fazer minha puta, senão te mato!

— Por favor!

— Sim, tu vais deixar Jesus te foder, te foder, te...

Agora, Regan estava com os olhos arregalados, boquiaberta, olhando e gritando com medo de que algo ainda mais horrível acontecesse de repente.

Então abruptamente o rosto demoníaco a possuiu mais uma vez, o quarto asfixiou-se de repente com o fedor das narinas, com um ar gelado exalando das paredes, enquanto as batidas paravam e o grito de terror perfurante de Regan se transformava numa risada uivante e gutural de raiva e maldade triunfante, enquanto ela empurrava o crucifixo na vagina e comaçava a se masturbar com ferocidade, gritando numa voz profunda, grosseira e ensurdecedora.

— Tu és minha agora, tu és minha agora, sua vaca fedorenta! Sua puta! Deixa Jesus te foder, te foder!

Chris ficou pregada ao chão, gelada, com as mãos apertando forte as bochechas, quando uma gargalhada demoníaca cacarejou mais uma vez jubilosamente, e a vagina de Regan jorrava sangue nos lençóis com suas roupas e hímen rompidos. De repente, com um grito que lhe arranhou a garganta, Chris correu para a cama e, cega, agarrou o crucifixo e continuou ainda a gritar quando Regan, num acesso de cólera furiosa, com as feições infernalmente contorcidas, estendeu a mão e, agarrando-lhe o cabelo, puxou-lhe a cabeça para baixo, comprimindo-lhe o rosto contra sua vagina, ensopando-lhe de sangue, enquanto ondulava sua pélvis.

— Ah, mãezinha porca! — sussurrava Regan, num erotismo áspero, gutural e rouco.

— Chupe-me, chupe-me, chupe-me! Aaahhh!

Então, a mão que estava segurando a cabeça de Chris embaixo sacudiu-lhe para cima, enquanto o outro braço deu-lhe uma porrada de encontro aos peitos, que a atirou cambaleante pelo quarto, fazendo-a bater contra uma parede com uma força

O Exorcista

estonteante, enquanto Regan ria alto com maldade.

Chris caiu machucada no chão, embriagada de horror, num redemoinho de imagens e sons no quarto, enquanto sua vista loucamente dilatada, embaçava e desfocava, seus ouvidos zumbiam fortemente, com distorções caóticas, e tentava se levantar, mas estava muito fraca, ofegante, hesitou, então olhou para a cama ainda embaçada: Regan estava de costas, empurrando o crucifixo suave e sensualmente dentro de sua vagina, para dentro e para fora, com aquela voz grave profunda, sussurrando:

— Ah, aqui está a minha porca, sim, minha doce e meiga porquinha, minha porquinha, minha...

As palavras cessaram quando Chris começou a engatinhar penosamente em direção à cama, com o rosto cheio de sangue, ainda com os olhos embaçados, de membros doloridos, e passou por Karl. Então recuou, contraída, num terror incrédulo, e pensou ter visto embaçadamente, numa neblina pairante, a cabeça da filha virando-se lentamente para trás, sobre um tronco imóvel, girando monstruosa e inexoravelmente, até que por fim pareceu ficar virada para as costas.

— Sabes o que ela fez, a puta da tua filha? — riu uma voz familiar travessa.



Chris pestanejou para aquele olhar enlouquecido, rosto sorridente, para os lábios secos, rachados, e olhos de raposa. Gritou até desmaiar.

III: O Abismo

Eles disseram, “Que sinal tu podes nos dar para que o vejamos e acreditemos em ti?” – João 6: 30-31

...Uma vez [no Vietnã] um comandante de brigada organizou uma competição para premiar a 10.000ª morte infligida pela unidade dele; o prêmio era uma semana luxuosa nos aposentos do coronel... – Newsweek, 1969

Vós não credes embora tenhais visto... – João 6: 36-37

CAPÍTULO UM

Chris estava de pé, na calçada da Ponte de Key, com os braços apoiados no parapeito, irrequieta, à espera, enquanto os carros dos que voltavam pra casa passavam vagarosamente, num tráfego compacto, atrás dela. Motoristas dominados pelas preocupações diárias buzonavam, parachoques batiam em parachoques com indiferença. Ela conseguira encontrar Mary Jo; contara-lhe mentiras.

A Regan está ótima. A propósito, tenho pensado em outro jantar. Me diga, mais uma vez, como se chama aquele jesuíta que é psiquiatra? Quero talvez incluí-lo no...

Uma gargalhada fendeu o ar e veio até ela: um jovem casal de *jeans* encontrava-se numa canoa alugada. Com um gesto rápido e nervoso, bateu a cinza do cigarro e olhou para a calçada da ponte, em direção à área onde residia. Alguém apressado: um homem de calça de cáqui e camisa azul; não era padre; não era ele. Olhou novamente para o rio, lá embaixo, com o seu desamparo remoinhando na trilha da canoa vermelho-vivo. Conseguiu ler o nome no casco: *Caprice*¹.

Passos. O homem de suéter se aproximou, diminuindo a marcha ao passar por ela. Periféricamente, ela olhou para ele pousando um braço no alto do parapeito e virou rapidamente a cabeça em direção a Virgínia.

— Continue andando, seu pavoroso, — resmungou ela roucamente, arremessando o cigarro no rio. — ou, juro por Deus,

¹ Capricho, em inglês.
(Nota do editor)

vou gritar por um guarda!

— Sr^a MacNeil? Sou o padre Karras.

Sobressaltada, voltou-se de repente, corada.

— Oh, meu Deus! Oh, eu estou... Jesus! — Arrancou seus óculos de sol, confusa, e imediatamente os empurrou de volta quando os olhos escuros e tristes sondaram os seus.

— Devia ter-lhe dito que não viria com vestes sacerdotais. Desculpe.

A voz dele, embaladora, a apaziguou. O jesuíta cruzou devagar as mãos fortes, grandes, e no entanto sensíveis, de veias fortes, como as esculpidas por Michelangelo. Sem saber porquê, Chris as olhou instantaneamente, atraída.

— Pensei que dava muito menos nas vistas — continuou ele. — Você parecia tão preocupada em manter a discrição.

— Creio que devia ter me preocupado em não fazer tão triste figura — retorquiu ela, mexendo rapidamente na bolsa. — Pensei que você fosse...

— Humano? — interrompeu ele, sorrindo.

— Percebi isso quando o vi no *campus* um dia — disse ela, procurando então nos bolsos do casaco. — Foi por isso que lhe telefonei. Você parecia humano. — Levantou os olhos e o viu olhando-lhe para as mãos. — Tem um cigarro, padre?

— Consegue fumar um sem filtro? — perguntou ele, tirando um maço do bolso da camisa.

— Fumaria até uma corda agora.

— Com a minha mesada é o que faço com frequência — tornou ele, dando um tapinha no maço de *Camel*.

— O voto de pobreza — murmurou ela, tirando o cigarro, com um riso tenso.

— Um voto de pobreza tem a sua utilidade — observou ele, procurando os fósforos no bolso.

— Como, por exemplo?

— Faz a corda ter um sabor melhor — disse ele, de novo, com um meio sorriso ao fixar a mão dela que segurava o cigarro. A mão tremia. O sacerdote viu o cigarro agitar-se em movimentos rápidos e irregulares e, sem hesitação, tirou-lhe dos dedos e o colocou na boca. Acendeu-lhe protegendo a chama com as mãos. Deu um trago. Devolveu o cigarro a Chris, de olhos pousados nos carros que passavam na ponte. — Assim é mais fácil. É a brisa do tráfego — disse ele por fim.

— Obrigada, padre.

Chris o olhou com apreço, com gratidão, até mesmo com esperança. Sabia o que ele tinha feito. O jesuíta acendeu um *Camel* para si próprio, esquecendo-se de proteger a chama com as mãos. Quando expeliu a fumaça, cada um deles descansou um cotovelo no parapeito.

— Você é natural de onde, Padre Karras?

— Nova Iorque.

— Eu também. Apesar de que jamais voltaria para lá. E você?

— Não, eu também não! —olveu Karras, dominando a emoção que sentiu na garganta. — Mas não me cabe tomar essas decisões — acrescentou com um sorriso forçado.

— Meu Deus, sou tão estúpida. Você é padre. Tem de ir para onde o mandam.

— Isso mesmo.

— Como é que um psiquiatra vira padre? — perguntou ela.

Karras estava ansioso por saber qual seria o problema urgente a que Chris se referira pelo telefone. Sentia que ela tateava o caminho... em direção a quê? Devia deixá-la à vontade. Acabaria por falar...

— É o contrário — corrigiu ele, calmamente. — A Companhia...

— O quê?

— A Companhia de Jesus. Jesuíta é uma maneira de denominar um membro da Companhia.

— Ah, sei.

— A Sociedade me mandou cursar Medicina e me especializar em Psiquiatria.

— Onde?

— Oh, bem, em Harvard; Johns Hopkins; Bellevue.

De repente, Karras se deu conta de que queria impressioná-la. Por quê?, perguntou a si mesmo; imediatamente, encontrou a resposta nos bairros pobres da sua infância; nos balcões dos cinemas do Lower East Side. O pequeno Dimmy com uma estrela de cinema.

— Não está mal — disse ela apreciativa, balançando a cabeça.

— Nós não fazemos voto de pobreza mental.

Chris pressentiu irritação; encolheu os ombros; voltou-se para a frente, para o rio.

— Olhe, é só porque eu não o conheço, e... — Deu uma tragada longa, profunda, e depois expeliu a fumaça, esmagando a ponta no parapeito.

O Exorcista

— É amigo do padre Dyer, não é isso?

— Sou, sim.

— Muito amigo?

— Muito amigo.

— Ele lhe falou do jantar?

— Em sua casa?

— Em minha casa.

— Sim, ele disse que você parecia humana.

Ela não percebeu ou ignorou o comentário.

— Falou da minha filha?

— Não, eu não sabia que você tinha uma filha.

— Tem doze anos. Ele não lhe falou dela?

— Não.

— Não lhe contou o que ela fez?

— Nunca me contou nada a seu respeito.

— Então os padres mantêm a boca bem fechada, não é?

— Isso depende — respondeu Karras.

— De quê?

— Do padre.

No limiar da sua consciência surgiu um aviso contra as mulheres que sentem atração neurótica por padres, e que, inconscientemente e sob o disfarce de qualquer outro problema, desejam seduzir o inatingível.

— Olhe, me refiro à confissão. Os senhores não estão autorizados a falar a esse respeito, não é verdade?

— Sim.

— E fora da confissão? — perguntou ela. — Quer dizer, se alguém... — As mãos agora agitavam-se; mexiam nervosamente. — Sinto curiosidade. Eu... Não. Na realidade, gostaria de saber. Quer dizer, se uma pessoa, digamos, um assassino ou um outro qualquer, entende? Se essa pessoa lhe procurasse para ajudá-la, você teria de denunciá-la?

Estaria ela procurando instrução? Tirar dúvidas a respeito de conversão? Havia pessoas, Karras sabia, que se aproximavam da salvação como se ela fosse uma ponte insegura suspensa sobre um abismo.

— Se me ela procurasse em busca de auxílio espiritual, não a denunciaria — disse ele.

— Você não o faria.

— Não. Não o faria. Mas tentaria convencê-la a se entregar.

— E o que é que se faz para se conseguir um exorcismo?

— Perdão, como?

— Se uma pessoa estiver possesa de algum demônio, o que é que se faz para se conseguir um exorcismo?

— Bem, primeiro temos de colocá-la numa máquina do tempo e fazê-la voltar ao século dezesseis.

— O que quer dizer com isso? — disse ela intrigada. — Não entendi.

— Bem, isso já não acontece mais, Sr^a MacNeil.

— Desde quando?

— Desde que estudamos as doenças mentais, a paranoia, o desdobramento da personalidade, tudo o que me ensinaram em Harvard.

— Está brincando?

A voz lhe tremia, desconsolada, confusa, e Karras lamentou a sua petulância. *De onde lhe viera esta?*, perguntou a si mesmo. Saltara-lhe da boca sem querer.

— Muitos católicos cultos, Sr^a MacNeil — tornou ele num tom mais brando —, já não creem no Diabo e, com respeito à possessão, desde que entrei para a Companhia nunca encontrei um padre que tivesse alguma vez na vida feito um exorcismo. Nem um sequer.

— Você é realmente padre? — perguntou ela com amarga mordacidade, produzida pelo desapontamento — ou vem de Central Casting? Isto é, o que me diz a respeito de tantas histórias da Bíblia em que Cristo expulsa todos aqueles demônios?

Karras respondeu novamente encrespado, mas sem pensar:

— Olhe, se Cristo tivesse dito que aquelas pessoas supostamente possesas tinham esquizofrenia, como eu realmente acredito que tinham, provavelmente eles o teriam crucificado três anos mais cedo.

— Oh, sério? — Chris levou a mão trêmula aos óculos de sol e baixou a voz, num esforço para se controlar.

— Bem, padre Karras, acontece que uma pessoa muito próxima a mim está provavelmente possesa. Ela precisa de um exorcismo. Você pode fazê-lo?

De repente tudo pareceu irreal a Karras: a Ponte Key; a Hot Shoppe do outro lado do rio; o tráfego; Chris MacNeil, a estrela de cinema. Karras olhou para ela, à procura de uma resposta. Viu-lhe tirar os óculos e contraiu-se momentaneamente sob o efeito do choque, perante o vermelhão, o apelo desesperado daqueles olhos

cansados. Convenceu-se de que a mulher era sincera.

— Padre Karras, é a minha filha — disse ela com voz rouca —, a minha filha!

— Então, mais uma razão — declarou ele por fim, com brandura — para não pensar mais em exorcismos e...

— Por quê? Meu Deus, não entendo! — explodiu ela numa voz aguda e perturbada.

Ele a pegou no pulso com uma mão reconfortante.

— Em primeiro lugar — disse ele num tom calmo — poderia piorar a situação.

— Mas como?

— O ritual do exorcismo é perigosamente sugestivo. Pode implantar a noção de possessão onde ela não existia anteriormente, pode contribuir para reforçá-la, entende? E em segundo lugar, Sr^a MacNeil, a Igreja, antes de autorizar um exorcismo conduz uma investigação para ver se é justificado. Isso leva tempo. Nesse intervalo sua...

— Você mesmo não pode fazer o exorcismo? — disse ela implorativa e de lábios trêmulos. Os olhos enchiam-se de lágrimas.

— Escute, todos os padres têm autoridade para exorcizar, mas com a aprovação da Igreja, e, francamente, esta raramente é concedida. Portanto...

— Nem sequer pode vê-la?

— Bem, sim, como psiquiatra posso, mas...

— Ela precisa de um padre! — gritou Chris de repente, de feições contorcidas pela cólera e pelo desespero. — A levei a todos os cornos dos médicos e psiquiatras deste mundo e eles me mandaram para você; agora, você me manda para eles!

— Mas a sua...

— Jesus Cristo! Ninguém vai me ajudar? — O grito dilacerante saltou cru para o rio. Pássaros piando, assustados, levantaram voo da margem.

— Oh, meu Deus, alguém me ajude! — Chris se lamentava ao cair sobre o peito de Karras, chorando convulsivamente.

— Por favor, me ajude! Me ajude! Por favor! Por favor, ajude!...

— O jesuíta olhou para ela, pousou-lhe na cabeça mãos consoladoras, enquanto os passageiros dos automóveis parados devido à lentidão do tráfego os observavam, olhando pelas janelas, com o desinteresse de quem passa.

— Vamos — murmurou Karras, dando-lhe tapinhas no ombro. Ele só queria acalmá-la; animá-la; reprimir a histeria. "... a minha

filha?” Ela é que precisava de ajuda psiquiátrica. — Está bem. Vou vê-la — disse ele. — Vou vê-la.



Acompanhou-lhe até em casa, em silêncio, com uma persistente sensação de irrealidade, pensando na lição do dia seguinte, na Escola Médica de Georgetown. Ainda tinha de preparar os seus apontamentos.

Subiram os degraus em frente à porta. Karras olhou para a rua, para a Residência dos Jesuítas, e viu que ia perder o jantar. Faltavam dez para as seis. Olhou para Chris quando ela pôs a chave na fechadura. Hesitou e virou-se para ele.

— Padre... acha que devia trajar as suas vestes sacerdotais?

A voz era tão infantil, tão ingênua.

— É muito perigoso — respondeu ele.

Ela fez um gesto de assentimento e começou a abrir a porta. Foi então que Karras sentiu aquilo: uma advertência urgente e gélida. Passou-lhe pelas veias como estilhaços de gelo.

— Padre Karras?

Ele levantou a vista. Chris entrara e segurava a porta.

Hesitante, ficou imóvel, um momento; em seguida, abruptamente, avançou, entrando na casa com uma estranha sensação de morte.

Karras ouviu um barulho. Lá em cima. Uma voz sonora e profunda trovejava obscenidades, ameaçando encolerizada, odienta, contrariada. Arrepiava ouvi-la, embora a voz chegasse através das paredes.

Karras fixou Chris. Ela o olhava em silêncio. Em seguida, começou a caminhar e o jesuíta a seguiu quando ela subiu as escadas e entrou

depois pelo corredor, em direção ao quarto de Regan. Karl estava encostado à parede em frente à porta, de cabeça baixa sobre os braços cruzados. Quando o criado levantou lentamente o olhar para Chris, Karras viu-lhe nos olhos perplexidade e pavor. A voz que chegava do quarto fechado era tão alta que quase parecia amplificada eletronicamente.

— Aquilo continua sem querer as correias — informou Karl numa voz aterrorizada de falsete.

— Padre, volto já — disse Chris num tom surdo de voz.

Karras a viu caminhar pelo corredor e entrar no seu quarto, e em seguida olhou para Karl. O suíço o olhava.

— O senhor é padre? — perguntou Karl.

Karras fez um sinal afirmativo; depois, voltou depressa a fixar a porta do quarto de Regan. A voz fora substituída pelo mugido estridente de um animal que poderia ser um novilho. Ele sentiu que lhe punham um objeto na mão. Baixou a vista.

— É ela — dizia Chris —, é a Regan.

O jesuíta olhou para a fotografia. Uma garota, muito bonita, de sorriso meigo.

— Foi tirada há quatro meses — disse Chris num murmúrio. Com a fotografia de novo na mão, indicou a porta do quarto, com a cabeça. — Entre e olhe bem para ela agora. — Encostou-se à parede, ao lado de Karl. — Eu espero aqui.

— Quem está lá dentro com ela? — perguntou Karras.

— Ninguém.

Ele sustentou o olhar fixo de Chris e em seguida, de sobranceira carregada, voltou-se para a porta do quarto. Ao segurar a maçaneta da porta, os sons que vinham lá de dentro cessaram de repente. No silêncio sublinhado pelo tique-taque do relógio, Karras hesitou, depois entrou devagar no quarto, quase recuando ao sentir o cheiro nauseabundo a excrementos bafios que o atingiu no rosto como o sopro de uma explosão.

Refreando rapidamente a repulsa, fechou a porta. Os olhos espantados ficaram então presos àquela criatura que era Regan, àquele ser que jazia de costas, na cama, de cabeça afundada na almofada, enquanto os olhos, saindo-lhe esbugalhados das órbitas encovadas, brilhavam numa argúcia louca e inteligência febril, com interesse e maldade, ao fixarem os seus; observando-o atentamente, ferventes de cólera, num rosto moldado numa máscara esquelética e medonha de malevolência que subjugava a mente. Karras passou os olhos pelo cabelo despenteado e densamente emaranhado,

O Exorcista

pelas pernas e pelos braços definhados, pelo estômago dilatado, sobressaindo grotescamente. Depois voltou aos olhos; o vigiavam... cravavam-se nele... desviando-se então para lhe seguirem os movimentos quando se dirigiu para uma cadeira da escrivaninha perto da janela.



— Olá, Regan — disse o padre num tom cordial e amistoso ao pegar a cadeira, que levou para junto da cama. — Sou um amigo da sua mãe. Ela me contou que você não tem se sentido muito bem. — Sentou-se. — Quer me dizer o que você tem? Gostaria de lhe ajudar.

Os olhos dela brilharam ferozmente, sem pestanejar, e de um canto da boca escorreu-lhe para o queixo uma baba de saliva amarela. Em seguida um sorriso feroz repuxou-lhe os lábios, num arco trocista.

— Ora, ora, ora — tripudiou Regan, sardônica. Karras sentiu os cabelos de sua nuca se eriçarem, pois a voz era de um baixo incrivelmente profundo, cheio de força ameaçadora. — Então és tu... te mandaram! Bem, de ti não temos nada a temer.

— Pois é verdade. Sou seu amigo. Gostaria de lhe ajudar — disse Karras.

— Então podias desapertar as correias — grasnou Regan. Levantou os pulsos. Karras reparou então que estavam presos por correias reforçadas.

— Incomodam? — perguntou ele.

— Muito. Uma chatice, uma chatice infernal. — Os olhos rebrilharam de astúcia, secretamente divertidos.

Karras viu-lhe os arranhões no rosto, os cortes nos lábios onde

possivelmente os mordera.

— Receio que você possa se ferir, Regan.

— Eu não sou Regan — bramiu ela, ainda com um gracejo medonho que pareceu então a Karras ser a sua expressão permanente. Como parecia incongruente nos seus dentes o aparelho de ortodontia, refletiu ele.

— Ah, estou vendo. Bem, então talvez devêssemos nos apresentar um ao outro. Sou Damien Karras — disse o padre. — Quem é você?

— Eu sou o Diabo.

— Ah, muito bem, muito bem — Karras fez um gesto afirmativo. — Agora já podemos falar.

— Uma conversinha?

— Se quiser.

— Faz muito bem à alma. Contudo, vais ver que não posso falar à vontade enquanto estiver maniatado por estas correias. Estou acostumado a gesticular — disse Regan, tagarela. — como é do teu conhecimento, meu caro Karras, passei grande parte do meu tempo em Roma. Agora, gentilmente, desata as correias.

— Que precocidade de pensamento e de linguagem — ruminou Karras. Inclinou-se para a frente na cadeira, com interesse profissional. — Você diz que é o Diabo?

— Te garanto que sou.

— Então, por que não faz desaparecer as correias?

— Isso é uma exibição de poder demasiado vulgar, Karras. Grosseira demais. Afinal, eu sou um príncipe! — Uma risadinha. — Prefiro, de longe, a persuasão, Karras; o companheirismo; o envolvimento comunitário. Além disso, se eu próprio soltar as correias, te nego a oportunidade de praticar um ato de caridade.

— Mas um ato de caridade — disse Karras — é uma virtude e isso é o que o Diabo deveria querer impedir. Portanto, estarei lhe ajudando de fato, agora, se não desatar as correias. A não ser, naturalmente, que — encolheu os ombros — você não seja, realmente, o demônio. E, nesse caso, desatarei as correias.

— Que grande raposa me saíste, Karras! Se o bom do Herodes estivesse aqui, apreciaria isto.

— Que Herodes? — perguntou Karras, semicerrando os olhos. Estaria ela fazendo um jogo de palavras por Cristo ter chamado Herodes de “aquela raposa”? — Havia dois. Está se referindo ao Rei da Judeia?

— Ao tetrarca da Galileia! — Ela explodiu numa cólera e num

desprezo mordaz. Em seguida sorriu de novo, lisonjeando-o naquela voz sinistra. — Então, vês como estas malditas correias me perturbam?

— Desata-lhes. Desata-lhes e eu te digo o futuro.

— É muito tentador.

— É o meu forte.

— Mas então como vou saber que você pode ler o futuro?

— Eu sou o Diabo.

— Sim, você diz isso, mas não me dá provas.

— Não tens fé.

— Em quê? — disse Karras, hirtó.

— Em mim, meu caro Karras, em mim! — Malícia e zombaria dançaram escondidas naqueles olhos.

— Todas essas provas, todos esses sinais no céu!

— Bem, agora pode servir qualquer coisa de muito simples — sugeriu Karras — Por exemplo: o Diabo sabe tudo, não é verdade?

— Não, Karras, quase tudo... quase. Estás vendo? Continuam a dizer que sou orgulhoso. Não sou. Então, o que estás preparando agora, ó raposa? — Os olhos amarelados e injetados de sangue brilhavam de astúcia.

— Pensei que podíamos verificar a extensão dos seus conhecimentos.

— Ah, sim? O maior lago da América do Sul — zombou Regan, de olhos salientes de gozo — é o lago Titicaca, no Peru! Isto serve?

— Não, eu tenho de perguntar uma coisa que só o Diabo saiba. Por exemplo, onde está a Regan? Você sabe?

— Ela está aqui.

— Onde é “aqui”?

— Na porca.

— Deixe-me vê-la.

— Por quê?

— Por quê? Para provar que está me contando a verdade.

— Queres fodê-la? Desaperta as correias que eu te deixo fazer!

— Deixe-me vê-la.

— Boceta muito suculenta — disse Regan astuta, passando a língua saburrosa e estendida pelos lábios rachados, lambendo o cuspe. — Mas é uma pobre conversadora, meu amigo. Aconselho-te vivamente a que fiques comigo.

— É óbvio que você não sabe onde ela está... — Karras encolheu os ombros. — Portanto, me parece que você não é o Diabo.

— Sou! — bramiu Regan de faces contorcidas pela raiva, dando uma sacudida repentina para a frente. Karras estremeceu ao ouvir a voz potente e aterradora ribombar, fazendo ressoar as paredes do quarto. — Sou!

— Bem, então, deixe-me ver a Regan — tornou Karras.

— Isso vai provar.

— Vou te provar! Vou ler o teu pensamento! — A criatura excitou-se furiosamente. — Pensa num número de um a dez!

— Não, isso não prova nada! Tenho de ver a Regan.

De repente, a criatura riu, inclinando-se para trás, contra a cabeceira da cama.

— Não, para ti, Karras, nada provará seja o que for. Magnífico! De fato é magnífico! Entretanto, vamos tentar manter-te devidamente entretido. Apesar de tudo, não desejamos perder-te agora.

— Quem é “nós”? — inquiriu Karras, com o interesse desperto.

— Somos um grupinho razoável aqui dentro da porquinha — disse aquilo, mexendo a cabeça. — Oh, sim, uma pequena multidão assaz formidável. Mais tarde, com uma certa discrição, pensarei nas apresentações. Entretanto, sofro de uma comichão louca num lugar onde não posso chegar. Karras, poderias soltar uma das correias por um momento?

— Não. Basta me dizer onde está coçando que eu coço.

— Oh, que manhoso; muito manhoso!

— Se me mostrar a Regan, talvez eu desaperte uma correia — propôs Karras. — Se...

Vacilou de repente sob o choque ao ver que fixava uns olhos cheios de terror, uma boca que se abria e fechava num grito de socorro mudo, eletrizante.

Mas a identidade de Regan desapareceu então prontamente, numa rápida e indistinta transformação das feições.

— Não me vais tirar estas correias? — perguntou uma voz persuasiva, num cerrado sotaque inglês.

A personalidade demoníaca voltara num relâmpago.

— Poderia ajudar um velho sacristão, padim? — crocitou ela, atirando em seguida a cabeça para trás, gargalhando.

Karras, estupefato, sentiu novamente aquelas mãos glaciais na nuca, mais palpáveis agora, mais firmes. A criatura-Regan interrompeu a gargalhada e o fixou com olhos zombeteiros.

— A propósito, a tua mãe está aqui conosco, Karras. Queres deixar-lhe um recado? Farei com que lho entreguem.

O Exorcista

Karras esquivou-se, então, de um projétil de vômito esguichado, saltando de repente da cadeira. Atingiu-lhe uma parte do suéter e uma das mãos.



Com o rosto agora incolor, o padre baixou o olhar para a cama. Regan casquinava em regozijo. A sua mão gotejou vômito no tapete.

— Se é verdade — disse o padre, entorpecidamente —, então você deve saber o nome próprio da minha mãe. Qual é?

A criatura Regan assobiou para ele, de olhos loucos brilhantes, com a cabeça ondulando suavemente como a de uma cobra.

— Qual é?

Regan mugiu como um novilho enfurecido, num urro que atravessou as persianas e fez estremecer os grandes vidros da janela saliente. Os olhos reviraram-se para cima, nas órbitas.

Por um momento Karras observou, enquanto os urros continuavam. Em seguida, olhou para a mão e saiu do quarto.

Chris afastou-se rapidamente da parede, olhando, aflita, para a camisa do jesuíta.

— Tem uma toalha? — perguntou ele.

— Há um banheiro, bem ali — respondeu Chris apressada, apontando para uma porta do corredor. — Karl, cuide dela! — ordenou; depois, seguiu o padre até o banheiro.

— Desculpe! — exclamou ela, agitada, puxando uma toalha do balcão. O jesuíta deslocou-se até a pia.

— Está lhe dando tranquilizantes? — quis saber ele.

Chris abriu as torneiras.

— Estou. *Librium*. Vá, tire essa camisa e depois pode se lavar.

— Que dose? — perguntou ele puxando a camisa com a mão esquerda, que estava limpa.

— Vamos, eu o ajudo. — Chris puxou a camisa para cima.

— Bem, padre, hoje tomou quatrocentos miligramas.

— Quatrocentos?

Ela empurrou a camisa para o peito dele.

— Sim, foi como nós conseguimos colocar as correias nela. Precisou de todo mundo junto para....

— Você deu à sua filha quatrocentos miligramas de uma vez?

— Vamos, levante os braços, padre. — Ele os levantou e ela puxou delicadamente. — Ela é muito forte, você não pode acreditar.

Chris puxou a cortina do chuveiro para o lado, atirando a camisa para dentro da banheira.

— A Willie vai lavá-la, padre. Desculpe.

— Não faz mal. Não tem importância. — Ele desabotoou a manga direita da camisa branca engomada e a enrolou para cima, expondo um revestimento de pelos castanhos finos num antebraço espesso, de músculos salientes.

— Desculpe — repetiu Chris em voz baixa, sentando-se devagar na borda da banheira.

— Ela tem recebido alguma nutrição de fato? — perguntou Karras, pondo sua mão sob a torneira de água quente para lavar o vômito.

Chris torcia e destorcia a toalha. Era cor-de-rosa, com o nome de Regan bordado de azul.

— Não, padre. Toma apenas *Sustagen* quando está dormindo. Mas arrancou os tubos.

— Arrancou?

— Hoje.

Perturbado, Karras ensaboou e enxaguou as mãos e, depois de uma pausa, disse com ar bastante sério:

— Ela devia estar num hospital.

— Não posso fazer isso — respondeu Chris, numa voz desentoadada.

— Por que não?

— Eu simplesmente não posso! — repetiu ela numa ansiedade trêmula. — Não posso envolver mais ninguém! Ela... — Chris pendeu a cabeça. Inspirou. Expirou. — Ela fez uma coisa, padre. Não posso correr o risco de mais alguém descobrir. Nem um médico... nem uma enfermeira... — Levantou a vista. — Nem ninguém.

Ele fechou as torneiras, de sobrelha franzida. — ...*E se uma*

pessoa, digamos, fosse um criminoso... — Baixou a cabeça olhando para a pia. — Quem está lhe dando o *Sustagen*? O *Librium*? Seus medicamentos?

— Somos nós. O médico nos ensinou o modo de fazer.

— Precisa de receitas.

— Bem, você pode passar algumas, não é, padre?

Karras virou-se para ela, de mãos erguidas sobre a pia, como um cirurgião depois de se lavar. Contemplou por um instante o olhar assustado dela, pressentiu nele algum segredo terrível, algum temor. Com um gesto, indicou a toalha que Chris segurava nas mãos. Ela olhava absorta. — A toalha por favor — disse ele, baixo.

— Oh, desculpe! — Atrapalhada, entregou-lhe muito depressa, ainda o observando, numa expectativa tensa. O jesuíta enxugou as mãos. — Bem, padre, o que lhe parece? — perguntou-lhe Chris por fim. — Você acha que ela está possuída?

— E você?

— Eu não sei. Pensei que você fosse o especialista.

O que sabe sobre possessão?

— Apenas um pouco que li. Algumas coisas que os médicos me contaram.

— Que médicos?

— Na Clínica Barringer.

Ele dobrou a toalha e a dispôs cuidadosamente sobre o balcão.

— Você é católica?

— Não.

— E a sua filha?

— Também não.

— Qual a religião?

— Nenhuma, mas eu...

— Por que você veio até mim, então? Quem lhe aconselhou?

— Eu vim porque estou desesperada! — deixou ela escapar, excitada. — Ninguém me aconselhou!

Karras lhe virava as costas, agarrando ainda ligeiramente as franjas da toalha. — Você disse primeiro que alguns psiquiatras tinham lhe aconselhado a me procurar.

— Oh, eu não sei o que estava dizendo! Tenho andado com a cabeça praticamente perdida.

— Escute, os seus motivos não me interessam nada — respondeu ele com uma intensidade cuidadosamente dosada. — Tudo o que me interessa é fazer o que for melhor para a sua filha. Mas lhe afirmo já: se espera que um exorcismo constitua

uma cura de choque auto-sugestiva, é muito melhor que chame a Central Casting, Srt^a MacNeil, porque a Igreja não vai engolir isso e você perde o seu precioso tempo. — Karras agarrou a barra do toalheiro para firmar as mãos trêmulas. — *O que é que há. O que aconteceu?*

— A propósito, é Sr^a MacNeil — ouviu Chris dizer secamente.

Ele baixou a cabeça e moderou o tom.

— Olhe, seja um demônio ou uma doença mental, farei todo o possível para a ajudar. Mas tenho de saber a verdade. É importante pra Regan. Neste momento ando tateando, num estado de ignorância, o que não é nada sobrenatural ou anormal para mim; trata-se apenas do meu estado normal. Agora, por que não saímos ambos deste banheiro e não vamos lá para baixo, para onde possamos conversar? — Ele se voltou-se para ela com um leve sorriso amigo e tranquilizador e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. — Eu tomaria uma xícara de café.

— Eu tomaria uma bebida.

Enquanto Karl e Sharon cuidavam da Regan, eles sentaram-se no gabinete de trabalho; Chris no sofá, Karras numa cadeira junto da lareira, e Chris lhe contou a história da doença de Regan, embora omitisse cuidadosamente qualquer menção aos fenômenos relacionados com Dennings.

O padre escutou, dizendo muito pouco: uma pergunta ocasional; um aceno; um franzir de sobrancelhas.

Chris admitiu que a princípio considerara o exorcismo como um tratamento de choque.

— Agora não sei — disse ela, balançando a cabeça. Dedos sardentos entrelaçados tremiam-lhe no colo. — Já não sei. — Levantou os olhos para o padre pensativo. — O que é que você acha, padre?

— Comportamento compulsivo causado por um sentimento de culpa, associado talvez a um desdobramento de personalidade.

— Padre, eu já tive todo esse lixo! Agora, como você pode dizer isso depois de tudo o que acabou de ver?

— Se você tivesse visto tantos doentes nas enfermarias de psiquiatria como eu, podia dizer isso facilmente — assegurou ele. — Vamos ver agora. A possessão pelos demônios, muito bem: suponhamos que é um fato real, que acontece. Mas a sua filha não afirma que é um demônio; ela insiste que é o Diabo em pessoa, o que

é o mesmo que dizer que se é Napoleão Bonaparte! Percebe?

— Então me explique todas essas pancadas e o resto.

— Não as ouvi.

— Bem, padre, em Barringer ouviram. Portanto, não foi apenas aqui em casa.

— Bem, talvez, mas não precisamos de um diabo para explicá-las.

— Então explique.

— Psicocinesia.

— O quê?

— Bem, já ouviu falar de fenômenos de *poltergeist*, não?

— Fantasmas que atiram com pratos e outras coisas?

Karras fez um sinal afirmativo.

— Não é assim tão incomum, e em geral acontece próximo de adolescentes emocionalmente perturbados. Aparentemente, uma extrema tensão interior pode, às vezes, libertar uma energia desconhecida que parece mover a uma certa distância os objetos próximos. Não há nada de sobrenatural nisso. É como a força anormal de Regan. Em patologia, porém, é comum. Chame de domínio da matéria pela mente, se quiser.

— Eu chamo de esquisito.

— Bem, seja como for, acontece fora do âmbito das possessões.

— Nossa! Não é lindo? — disse ela desgastada. — Aqui estou eu que sou atea e você aí que é padre e...

— A melhor explicação de um fenômeno qualquer — interrompeu Karras — é sempre a mais simples das que dispomos que abranja todos os fatos.

— Bem, pode ser que eu seja burra — retorquiu ela —, mas dizer que uma geringonça desconhecida na cabeça de alguém atira pratos no teto não me diz nada? Então, o que é isso? Pode me dizer, pela mãe do guarda, o que é isso?

— Não, nós, nas circunstâncias...

— Padre, que diabo é o desdobramento da personalidade? Você fala disso; eu ouço. Mas o que é? Eu sou realmente tão estúpida? Não pode me dizer o que é, de um modo que eu possa finalmente enfiar isso na cabeça? — Nos olhos raiados de vermelho havia uma prece confusa e desesperada.

— Olhe, não há ninguém no mundo que pretenda compreender — disse o padre com paciência. — Tudo o que sabemos é que acontece, e toda e qualquer coisa além do fenômeno propriamente dito é pura especulação. Mas se quiser pense deste modo: o cérebro humano tem, digamos, dezessete bilhões de células.

Chris inclinou-se pra frente, com a testa franzida pela atenção.

— Olhando agora para essas células cerebrais — continuou Karras — vemos que transmitem e recebem cerca de cem milhões de mensagens por segundo; é esse o número de sensações que bombardeiam o nosso corpo. Elas não só integram todas essas mensagens, mas fazem-no com eficiência, sem nunca se enganarem nem interferirem mutuamente. Ora, como podem proceder assim sem uma forma qualquer de comunicação. Bem, parece que não podem. Portanto, aparentemente, cada uma dessas células possui talvez uma consciência própria. Muito bem. Imagine agora que o corpo humano é um transatlântico maciço — tudo bem? —, e que todas as suas células cerebrais constituem a tripulação. Imagine agora uma dessas células na ponte. É o comandante. Mas ele nunca sabe exatamente o que o resto da tripulação, embaixo, nas cobertas, está fazendo. Sabe apenas que o navio continua a navegar regularmente, que o serviço está sendo feito. Então o comandante é você, essa é a sua consciência ativa. E o que acontece no desdobramento de personalidade — talvez — é que uma dessas células da tripulação de lá de baixo, da coberta, vem para a ponte e toma conta do comando. Em outras palavras, motim. Agora, isso lhe ajuda a entender?

Ela olhava com incredulidade, sem pestanejar.

— Padre, isso está tão fora do alcance, que eu acho quase mais fácil acreditar no Diabo!

— Bem...

— Olhe, eu não sei nada a respeito dessas teorias e coisas, — interrompeu ela numa voz intensa e grave. — Mas vou lhe dizer uma coisa, padre; se você me mostrasse a gêmea idêntica da Regan: o mesmo rosto, a mesma voz, o mesmo cheiro, tudo idêntico, até o modo de ela pôr os pontos nos is, eu saberia num segundo que não era realmente ela! Saber! Saber! Saber na minha entranha, e eu estou lhe dizendo que sei que aquela coisa lá em cima não é a minha filha! Eu sei disso! Eu sei!

Chris encostara-se à parede, exausta.

— Agora você vai me dizer o que fazer — desafiou ela. — Vá em frente: vai me dizer que sabe que de fato não há nada de errado com minha filha, exceto a cabeça dela; que sabe que de fato ela não precisa de um exorcismo; que sabe que isso não lhe faria bem algum. Vá! Me diga! Me diga o que fazer!

Durante longos e difíceis segundos o padre manteve-se imóvel. Em seguida respondeu calmamente:

— Bem, há muito poucas coisas neste mundo que eu saiba de fato.

Ele ponderou, afundou-se na cadeira, e perguntou novamente:

— A Regan tem um tom de voz grave? Normalmente?

— Não. Na realidade, eu diria que é muito suave.

— Você a considera precoce?

— De modo algum.

— Sabe qual é o QI dela?

— Mais ou menos na média.

— E os hábitos de leitura dela?

— Nancy Drew e histórias em quadrinhos, geralmente.

— E o seu estilo de falar, o atual: o quanto você diria que difere do normal?

— É completamente diferente. Ela nunca empregou metade daquelas palavras.

— Não, não me refiro ao conteúdo; me refiro ao estilo.

— Estilo?

— O modo como ela junta as palavras.

— Nossa! Eu realmente não sei se estou entendendo o que você quer dizer.

— Tem algumas cartas escritas por ela? Redações? Uma gravação da voz seria...

— Sim, há uma fita gravada com ela falando para o pai — interrompeu Chris. — Ela estava gravando para mandar para ele como uma carta, mas nunca a terminou. Quer?

— Sim, quero, e também preciso dos relatórios médicos, especialmente a papelada do Barringer.

— Olhe, padre, já percorri esse caminho e eu...

— Sim, sim, eu sei, mas eu mesmo tenho de ver os relatórios.

— Então, você ainda é contra o exorcismo.

— Sou apenas contra a probabilidade de fazer à sua filha mais mal do que bem.

— Mas agora está falando estritamente como psiquiatra, certo?

— Não, agora estou falando também como padre. Se eu for ao Gabinete da Chancelaria, ou aonde quer que tenha de ir, para obter a autorização deles para realizar um exorcismo, a primeira coisa que eu devo ter em mãos é uma indicação bastante substancial de que a condição da sua filha não é um problema puramente psiquiátrico. Além disso, precisaria de evidências que a Igreja pudesse aceitar como sinais de possessão.

— Como o quê?

— Não sei. Vou dar uma olhada.

— Está brincando? Pensei que era tido como um perito.

— Nesta altura, provavelmente, você sabe mais sobre possessões demoníacas do que muitos padres. Entretanto, quando poderá me arranjar os relatórios de Barringer?

— Eu até freto um avião, se for preciso!

— E a fita gravada? Chris levantou-se.

— Vou ver se consigo encontrá-la.

— Só mais uma coisa — acrescentou ele. Chris deteve-se ao lado da cadeira do jesuíta. — Aquele livro de que você falou, que tem um capítulo sobre possessões: lembra-se se por acaso a Regan alguma vez o leu antes do aparecimento da doença?

Chris concentrou-se, raspando as unhas nos dentes.

— Nossa, parece que me lembro de ela ter lido alguma coisa na véspera daquela mer..., antes de as perturbações terem realmente começado — emendou ela —, mas na verdade não posso ter certeza. Mas acho que ela fez isso alguma vez. Quer dizer, tenho certeza. Toda a certeza.

— Gostaria de ver isso. Posso?

— É seu. Já passou o prazo de entrega na sua biblioteca. Vou buscá-lo. — Ela ia saindo do gabinete. — Acho que a fita está no porão. Vou lá ver. Volto num segundo.

Karras fez um gesto de assentimento, distraído, olhando para os desenhos do tapete, e alguns minutos depois levantou-se, caminhou vagarosamente para o *hall* de entrada e parou imóvel na escuridão. Parou, sem expressão, numa outra dimensão, olhando para o nada, com as mãos nos bolsos, enquanto escutava os grunhidos de um porco vindos do andar de cima, o latido de um chacal, soluçando, uivando.

— Oh, você está aí? Fui procurá-lo no gabinete.

Karras virou-se e viu Chris se mexendo na área iluminada.

— Vai embora? — Ela se aproximou com o livro e a fita gravada na mão.

— Tenho uma lição a preparar para amanhã.

— Ah, onde?

— Na Escola Médica. — O padre recebeu das mãos dela o livro e a fita.

— Vou tentar passar aqui amanhã, de tarde ou à noite. Em caso de urgência, faça o favor de me chamar, seja a que horas for. Vou

deixar recado no PBX para me passarem a sua chamada.

— Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça. O jesuíta abriu a porta.

— Então, de que medicamentos precisa? — perguntou ele.

— Tudo bem — disse ela. — A receita pode ser retomada.

— Não quer chamar o seu médico de novo?

— A atriz fechou os olhos e balançou ligeiramente a cabeça.

— Você sabe, eu não sou clínico geral — preveniu ele.

— Não posso — murmurou ela. — Não posso.

— Ele sentia a ansiedade dela batendo como as ondas numa praia desconhecida.

— Bem, agora, mais tarde ou mais cedo, tenho de comunicar o que estou fazendo a um dos meus superiores; especialmente se tiver de vir aqui de noite a horas insólitas.

— E tem mesmo de lhe dizer alguma coisa? — Ela franziu a sobrancelha, aflita.

— Bem, de outro modo podia parecer tudo um pouco estranho, não acha?

Ela baixou a vista. — Sim, sei o que quer dizer — murmurou.

— Você se importa? Só vou lhe contar o indispensável. Não se aflija — a tranquilizou. — Não vou andar muito por aqui.

Ela levantou o rosto desesperado e atormentado para os olhos tristes e decididos; viu força; viu dor.

— Tudo bem — disse ela enfraquecida.

Acreditou na dor.

Ele acenou que sim com a cabeça.

— A gente se fala.

— Preparou-se para partir, mas parou um momento na soleira da porta, pensando, com a mão nos lábios.

— A sua filha sabia que vinha um padre?

— Não, ninguém sabia a não ser eu.

— Você sabia que a minha mãe morreu há pouco tempo?

— Sim. Sinto muito.

— E a Regan sabe?

— Por quê?

— Sabe?

— Não, não sabe.

Karras fez um gesto com a cabeça.

— Por que é que pergunta isso? — tornou Chris, de sobrancelhas ligeiramente levantadas pela curiosidade.

— Não é importante. — Encolheu os ombros. — Estava só pensando. — Examinou-lhe as feições com um olhar ligeiramente preocupado. — Você tem conseguido dormir?

— Ah, um pouco.

— Tome uns comprimidos. Tem tomado *Librium*?

— Sim.

— Quanto? — perguntou ele.

— Dez miligramas, duas vezes por dia.

— Experimente vinte, duas vezes por dia. Entretanto, tente não se aproximar de sua filha. Quanto mais se expuser ao seu comportamento atual maior será a probabilidade dos sentimentos que nutre por ela ficarem permanentemente prejudicados. Mantenha-se afastada. E acalme-se. Não pode ajudar a Regan, você sabe, com um esgotamento nervoso.

De olhos baixos, inclinou a cabeça num gesto de assentimento.

— Agora, por favor, vá para a cama — disse ele com meiguice. — Vai me fazer o favor de ir já para a cama?

— Sim, está bem — disse ela baixo. — Está bem. Prometo. — Olhou para Karras com o vestígio de um sorriso. — Boa noite, padre. Obrigada. Muito obrigada.

Ele a estudou por um momento, inexpressivo; depois afastou-se rapidamente.

Chris ficou a observá-lo da porta. Ao vê-lo atravessar a rua ocorreu-lhe que provavelmente já passara, para ele, a hora do jantar. Depois, ficou por instantes preocupada por Karras poder sentir frio. Puxara para baixo as mangas da camisa.

Na esquina da Prospect com a P, ele deixou cair o livro e parou rapidamente para apanhá-lo; depois, voltou à esquina e desapareceu. Chris, de repente, experimentou um sentimento de leveza ao vê-lo desaparecer. Não viu Kinderman, sozinho, sentado no carro sem distintivo.

Fechou a porta.

Meia hora mais tarde, Damien Karras voltava apressado ao seu quarto, na Residência dos Jesuítas, com uma porção de livros e jornais das estantes da biblioteca de Georgetown. Deixou-lhes cair precipitadamente em cima da escrivaninha e depois procurou pelas gavetas um maço de cigarros. Encontrou um maço de *Camel* velho meio vazio. Acendeu um cigarro, inspirou profundamente e conservou a fumaça nos pulmões enquanto pensava em Regan.

Histeria. Ele sabia que isso tinha de ser histeria. Expirou a fumaça, colocou os polegares no cinto e olhou para os livros. Tinha a

Possessão, de Oesterreich; *Os Demônios de Loudun*, de Huxley; *The Parapraxis in the Haizmann Case*, de Freud; *Possessão Demoníaca e Exorcismo no Cristianismo Primitivo à Luz das Ideias Modernas sobre Doenças Mentais*, de McCasland, e extratos de jornais psiquiátricos de “Uma Neurose de Possessão Demoníaca no Século 17”, e de “A Demonologia da Psiquiatria Moderna”, de Freud.

“*Poderia ajudar um velho sacristão, padim?*” O jesuíta apalpou a testa e depois olhou para os dedos, esfregando entre eles um suor pegajoso. Reparou então que a porta estava aberta. Atravessou o quarto e a fechou, e em seguida foi a uma estante procurar o seu exemplar de *O Ritual Romano*, um compêndio de ritos e orações, encadernado de vermelho. Apertando o cigarro entre os lábios, piscou com a fumaça ao voltar-se para as “Regras gerais” para exorcistas, à procura dos sinais da possessão demoníaca. Percorreu o livro e depois começou a ler, devagar:

...O exorcista não deve acreditar sem reservas que uma pessoa está possuída de um espírito mau; deve averiguar os sinais pelos quais se pode distinguir uma pessoa possuída de outra que sofra de alguma doença, especialmente uma doença de natureza psicológica. Os sinais de possessão podem ser os seguintes: a habilidade para falar uma língua estranha com certa facilidade ou para compreendê-la quando é falada por outrem; a faculdade de revelar o futuro e acontecimentos ocultos; a demonstração de faculdades que ultrapassam a idade do sujeito e a sua condição natural; e várias outras circunstâncias que, quando encaradas em conjunto, podem ser tomadas como provas.

Karras refletiu durante alguns momentos. Depois encostou-se à estante e leu as instruções restantes. Quando terminou, procurou rever a instrução número 8:

“Alguns revelam um crime que foi cometido e cujos autores...”

Olhou para a porta, ao ouvir bater.

— Damien?

— Entre.

Era Dyer.

— A Chris MacNeil queria entrar em contato com você. Já o conseguiu?

— Quando? Quero dizer, esta noite?

— Não, esta tarde.

— Ah, sim, sim, já falei com ela.

— Muito bem — disse Dyer. — Só queria ter a certeza de que tinha recebido o recado.

O padre, baixinho, rondava agora pelo quarto, pegando nos objetos como um elfo numa loja de artigos de segunda mão.

— De que precisa, Joe? — perguntou Karras.

— Tem pastilhas de limão?

— O quê?

— Andei à procura de pastilhas de limão por toda a Residência. Não há ninguém que as tenha. Nossa! Adoraria uma agora — disse Dyer, aborrecido e ainda à procura. — Uma vez levei um ano ouvindo confissões de crianças e fiquei viciado em pastilhas de limão. Os bastardinhos exalavam o seu aroma de mistura com toda aquela prosa. Cá entre nós, acho que aquilo é um entorpecente. — Levantou a tampa de uma caixa de tabaco de cachimbo, onde Karras guardara algumas sementes de pistache. — O que é isto... feijões saltadores mexicanos mortos?

Karras voltou-se para a estante, à procura de um livro.

— Escute, Joe, tenho um...

— Aquela Chris não é mesmo simpática? — interrompeu Dyer, atirando-se para cima da cama. Estendeu-se ao comprido, com as mãos confortavelmente cruzadas atrás da cabeça. — Simpática senhora. Você a conhece?

— Conversamos — respondeu Karras, puxando um volume encadernado de verde intitulado *Satanás*, uma coleção de artigos e trabalhos vincando a posição católica de vários teólogos franceses. Levou-lhe consigo para a escrivaninha. — Ouça, tenho realmente de...

— Simples. Pé no chão. Nada afetada — continuou Dyer. Ela pode nos ajudar com meus planos para quando abandonarmos o sacerdócio.

— Quem vai abandonar o sacerdócio?

— Veados. O preto básico já era. Então eu...

— Joe, tenho de preparar uma lição para amanhã — disse Karras ao pousar os livros na escrivaninha.

— Sim, está bem. Então, o meu plano é irmos ver a Chris MacNeil — está vendo o quadro? — com aquela ideia que tenho para um argumento baseado na vida de Santo Inácio de Loiola. O título é A Marcha dos Jesuítas Valentes, e...

— Dá pra dar o fora com esse seu rabo daqui, Joe? — instou Karras, esmagando a ponta do cigarro num cinzeiro.

— Isso está incomodando?

— Eu tenho o que fazer.

— Quem diabo está te impedindo?

— Vai, anda, estou falando sério. — Karras começara a desabotoar a camisa. — Vou tomar uma ducha e depois preciso trabalhar.

— A propósito, não o vi no jantar — disse Dyer, levantando-se da cama com relutância. — Onde jantou?

— Não jantei.

— Isso é ridículo. Vale a pena fazer dieta quando só se usa o hábito? — Ele aproximou-se da escrivaninha e cheirou um cigarro. — É um cigarro velho.

— Há algum gravador aqui na Residência?

— Aqui na Residência não tem nem uma pastilha de limão. Use o do laboratório de línguas.

— Quem tem a chave? O padre reitor?

— Não. O padre zelador. Precisa dela esta noite?

— Sim, preciso — disse Karras, deixando cair a camisa nas costas da cadeira da escrivaninha. — Onde posso encontrá-lo?

— Quer que eu a pegue para você?

— Seja ótimo. Estou realmente num aperto.

— Não custa nada, Grande e Beatífico Médico Feiticeiro Jesuíta. Vou já. — Dyer abriu a porta e saiu. Karras tomou a ducha e em seguida vestiu uma camisa esportiva e uma calça. Ao se sentar à escrivaninha, descobriu um maço de *Camel* sem filtro e ao lado uma chave com a etiqueta LABORATÓRIO DE LÍNGUAS e outra que dizia GELADEIRA DO REFEITÓRIO. Presa à última encontrava-se uma nota: “Antes você que os ratos.” Karras sorriu ao ler a assinatura: *O Menino das Pastilhas de Limão*. Pôs a nota de lado, depois tirou o relógio de pulso e o colocou à sua frente, em cima da escrivaninha. Eram 22h58. Começou a ler, Freud. McCasland. *Satanás*. O estudo exaustivo de Oesterreich. Um pouco depois das 4h tinha terminado. Esfregou o rosto e os olhos, que ardiam. Olhou para o cinzeiro: cinzas e pontas torcidas de cigarros. O ar estava espesso de fumaça. Levantou-se e encaminhou-se, fatigado, para a janela. Abriu-lhe. Encheu os pulmões com o frescor do ar úmido da manhã e ficou ali pensando. Regan tinha a síndrome física da possessão. Até ali sabia; disso não tinha dúvidas. Pois, caso após caso, independentemente da situação geográfica ou do período histórico, os sintomas da possessão eram essencialmente constantes. Regan ainda não manifestara alguns deles: estigmas, desejo de alimentos repugnantes, insensibilidade à dor, o soluçar alto frequente e irreprimível. Mas os outros os manifestara nitidamente: a excitação motora involuntária, o

mau hálito, a língua saburrosa, o emagrecimento do corpo, o estômago dilatado, a irritação da pele e das mucosas. E os sintomas básicos do núcleo sólido dos casos de Oesterreich descrevera como possessões genuínas estavam muito significativamente presentes: a mudança notória da voz e das feições, acrescida da manifestação de uma nova personalidade.

Karras levantou a vista e olhou, sombrio, para a rua. Através dos galhos das árvores podia ver a casa e a grande janela de sacada do quarto de Regan. Quando a possessão era voluntária, como acontecia com os médiuns, a nova personalidade tinha muitas vezes um caráter benigno. *Feito a Tia*, pensou Karras. O espírito de uma mulher que possuía um homem. Um escultor. Em breves períodos de tempo. Uma hora de cada vez. Por fim, um amigo do escultor se apaixonou desesperadamente... pela *Tia*. Pediu ao escultor que permitisse que ela ficasse permanentemente de possessão do seu corpo. *Mas na Regan não há nenhuma Tia*, refletiu Karras, assustado. A personalidade invasora era má. Malévola. Típica dos casos de possessão demoníaca em que a nova personalidade procurava a destruição do corpo do seu hospedeiro. E, frequentemente, o conseguia.

O jesuíta, sombrio, voltou para a escrivaninha, onde apanhou um maço de cigarros; acendeu um. *Então, está certo. Ela tem a síndrome da possessão demoníaca. Agora, como se cura?*

Sacudiu o fósforo para apagá-lo. *Depende da causa*. Sentou-se na beira da escrivaninha. Considerou. As freiras do convento de Lille, possessoras, na França no início do século dezanove, tinham confessado aos exorcistas que, enquanto impotentes, no estado de possessão, haviam intervindo regularmente em orgias satânicas; tinham variado regularmente o seu cardápio erótico: segundas e terças-feiras, cópula heterossexual; às quintas feiras, sodomia, felação e cunilíngua com parceiros homossexuais; aos sábados, bestialidade com animais domésticos e dragões. *E dragões!*... O jesuíta balançou a cabeça. Pensou que, exatamente como em Lille, a causa de muitas possessões era um misto de fraude e mitomania. No entanto, outras ainda pareciam causadas por doenças mentais: paranoia, esquizofrenia, neurastenia, psicastenia; e era essa a razão, ele sabia, pela qual a Igreja recomendara durante anos que o exorcista trabalhasse na presença de um psiquiatra ou neurologista. Contudo, nem todas as possessões tinham causas tão evidentes. Muitas tinham levado Oesterreich a descrever a possessão como uma doença diferente, completamente distinta; a descartar o rótulo explanatório da

psiquiatria "personalidade dividida" como nada mais que uma igualmente oculta substituição por conceitos de "demônio" e "espírito dos mortos".

Karras passou o dedo por uma ruga junto ao nariz. As indicações de Barringer, dissera-lhe Chris, eram que a doença de Regan podia ser causada por uma sugestão, por algo que de algum modo se relacionasse com a histeria. E Karras achava que isso seria provável. Acreditava que a maioria dos casos que estudara tinham sido originados precisamente por esses dois fatores. Claro. *Por um lado, as mulheres são as mais atingidas. Por outro lado, todos aqueles surtos de epidemias, de possessões. E depois aqueles exorcistas...* Karras franziu a sobancelha. Eles próprios se tornavam muitas vezes vítimas da possessão. Pensou em Loudun. França. As freiras do Convento das Ursulinas. Dos quatro exorcistas lá enviados para combater uma epidemia de possessões, três — os padres Lucas, Lactance e Tranquille —, além de se tornarem possessos, morreram pouco depois, aparentemente de choque. E o quarto, o padre Surin, de trinta e três anos, quando se tornou possesso ficou louco durante os subseqüentes vinte e cinco anos de vida.

Balançou a cabeça para si próprio. Se a doença de Regan era histeria, se o acesso de possessão fosse produto da sugestão, então a origem da sugestão só poderia ser o capítulo do livro de feitiçaria. *O capítulo sobre a possessão. Ela o teria lido?*

Percorreu cuidadosamente as suas páginas. Haveria semelhanças relevantes entre os detalhes e o comportamento de Regan? *Isso poderia constituir uma prova. Poderia.*

Encontrou certas correlações.

...O caso de uma menina de oito anos, que o capítulo descrevia como “mugindo como um touro, num tom de voz baixo, grave e trovejante”. (*Regan mugindo como um bezerro.*)

...O caso de Helen Smith, tratada pelo grande psicólogo Flournoy; a sua descrição da transformação da voz e das feições nas de uma diversidade de personalidades com a “rapidez de um relâmpago”. (*Ela fez o mesmo comigo. A personalidade que falou com o sotaque inglês. Mudança rápida. Instantânea.*)

...Um caso na África do Sul, contado em primeira mão pelo célebre etnólogo Junod; a sua descrição de uma mulher que, desaparecendo numa noite da sua moradia, foi encontrada na manhã seguinte “amarrada no alto” de uma árvore muito alta

“com lianas muito finas”, e depois “deslizou ao longo da árvore, de cabeça para baixo, ao mesmo tempo em que assobiava, estendia e encolhia rapidamente a língua, como uma cobra. Depois, pendurou-se na árvore, ficando suspensa durante algum tempo e começou a falar numa linguagem que nunca ninguém ouvira”. (*Regan deslizando como uma cobra quando seguiu Sharon. A algaravia. A tentativa de uma linguagem desconhecida.*)

...O caso de Joseph e Thiebaut Burner, respectivamente de oito e dez anos; a descrição deles “deitados de costas e girando de repente como piões, com a maior velocidade”. (*Parece-se muito com a maneira dela rodopiar como um dervixe.*)

Havia outras semelhanças; contudo, existiam também razões para se suspeitar de sugestão: a menção de uma força anormal, o proferir obscenidades e os relatos de possessões dos Evangelhos, que, pensou Karras, *talvez constituíssem a base do conteúdo curiosamente religioso dos delírios de Regan na Clínica Barringer*. Além disso, mencionava-se no capítulo o princípio das possessões nos seus estágios: “...O primeiro, a infestação, consiste num ataque motivado pelo ambiente que cerca a vítima; ruídos, cheiros, o deslocamento de objetos; e o segundo, a obsessão, consiste num ataque pessoal ao sujeito, destinado a infundir o terror através do tipo de lesão que uma pessoa pode infligir a outra por meio de pancadas e pontapés.” As pancadas. As perturbações. Os ataques do capitão Howdy.

Talvez... Talvez ela o tivesse lido. Mas Karras não estava convencido. *De modo algum... de modo algum*. E Chris. Parecia bastante indecisa a esse respeito.

Foi outra vez à janela. *Então qual é a resposta? Uma verdadeira possessão? Um demônio?* Olhou para baixo e balançou a cabeça. *De modo algum. De modo algum. Acontecimentos paranormais? Certamente. Por que não? Muitos observadores competentes os tinham comunicado. Médicos. Psiquiatras. Homens como Junod. Mas o problema é: como interpretar os fenômenos?* Tornou a pensar em Oesterreich. A referência a um xamã do Altai. Sibéria. Voluntariamente possesso e examinado numa clínica durante a realização de um ato aparentemente paranormal: a levitação. Imediatamente antes, o ritmo das pulsações chegara a cem, depois, em seguida, saltara para o número incrível de duzentas. Também teve diferenças notáveis de temperatura. Na respiração. *Então, a sua ação paranormal estava ligada à fisiologia. Era causada por*

alguma energia ou força física. Mas como prova de possessão, a Igreja exigia fenômenos evidentes e exteriores que sugerissem...

Esquecera-se das palavras. Procurou-lhes. Passou um dedo pela folha de um livro colocado em cima da escrivaninha.

Encontrou. “...fenômenos exteriores verificáveis que sugerissem a ideia de que são devidos à intervenção extraordinária de uma causa inteligente diferente do homem.” Seria esse o caso do xamã?, perguntou Karras a si próprio. *Não. É o caso da Regan?*

Voltou a uma passagem que sublinhara a lápis: “O exorcista terá simplesmente cuidado para que nenhuma das manifestações do doente fique sem explicação...”

Fez um sinal afirmativo com a cabeça. *Então, muito bem. Vejamos.* Andando de um lado para o outro, percorreu as manifestações da doença de Regan, juntamente com as possíveis explicações. Conferiu-lhes mentalmente, uma a uma:

A espantosa transformação das feições de Regan.

Em parte era a sua doença. Em parte era a deficiência de nutrição. Principalmente, concluiu, era devido ao fato de a fisionomia ser expressão da constituição psíquica. *O que diabo isso signifique!*, acrescentou ele com uma careta.

A espantosa transformação da voz de Regan.

Ainda tinha de ouvir a voz original. E mesmo que tivesse sido clara, como a mãe dizia, os gritos constantes acabariam por tornar espessas as cordas vocais, com o conseqüente engrossamento da voz. Aqui, o único problema, refletiu ele, era o volume imponente daquela voz, pois, mesmo com o espessamento das cordas vocais, aquilo parecia ser fisiologicamente impossível. E, no entanto, considerou ele, sabia-se ser um lugar comum as demonstrações de força paranormal em excesso do potencial muscular, em estados de ansiedade ou patologia. Não poderiam as cordas vocais e a laringe estar sujeitas aos mesmos efeitos misteriosos?

Os conhecimentos e o vocabulário de Regan subitamente ampliados.

Boa suposição. Se ela tivesse lido o capítulo sobre possessões poderia ter esperado a visita de um padre. E, segundo Jung, a atenção inconsciente e a sensibilidade dos doentes histéricos podiam, por momentos, ser cinquenta vezes maiores que as normais, o que explicava as aparentemente autênticas “leituras de pensamento”, por meio de pancadas na mesa, feitas por um médium, porque o que inconsciente do médium realmente “lia” eram os tremores e as

vibrações provocados na mesa pelas mãos da pessoa cujos pensamentos se supunha estarem a ser lidos. Os tremores formavam um conjunto de letras ou números. Assim, concebia-se que Regan podia ter “lido” a sua identidade simplesmente pelas suas maneiras, pelo aspecto das suas mãos, pelo cheiro do vinho sacramental.

O conhecimento de Regan da morte de sua mãe.

Boa suposição. Ele tinha quarenta e seis anos.

“Poderia ajudar um velho sacristão, padre?”

Os compêndios adotados nos seminários católicos aceitavam a telepatia não só como a realidade, mas também como fenómeno natural.

A precocidade intelectual de Regan.

Depois de ter pessoalmente observado um caso de personalidade múltipla que incluía fenómenos ditos ocultos, o psiquiatra Jung concluiu que, em certos estados de sonambulismo histerico, não só eram intensificadas as percepções inconscientes dos sentidos, mas também as funções do intelecto, porque as novas personalidades, no caso em questão, pareciam nitidamente mais inteligentes que a primeira. E, contudo, ponderava Karras, a simples descrição do fenómeno o explicaria?

De repente, parou de andar de um lado para o outro e encostou-se à escrivaninha, pois subitamente se tornara evidente que o trocadilho de Regan sobre Herodes era ainda mais complicado do que parecera a princípio: quando os fariseus informaram Cristo das ameaças de Herodes, recordou-se ele, Cristo respondera lhes: “Ide e dizei àquela raposa: Eis que eu lanço fora os demônios...”

Olhou durante um momento para a fita gravada com a voz da Regan; depois, sentou-se, cansado, à escrivaninha. Acendeu outro cigarro... expeliu a fumaça... pensou novamente nos filhos Burner; no caso da garota de oito anos que manifestara sintomas de uma possessão completa. Que livro lera aquela menina que permitira ao seu inconsciente simular os sintomas com tal perfeição? E como é que o inconsciente de vítimas residentes na China comunicava os sintomas aos vários inconscientes de pessoas residentes na Sibéria, na Alemanha, na África, de modo que os sintomas eram sempre os mesmos?

“A propósito, Karras, a tua mãe está aqui conosco...”

Ele fixava, sem ver, a fumaça do cigarro subindo como os murmúrios ondulados da memória. O padre inclinou-se para trás, olhando para baixo, para a gaveta do fundo, do lado esquerdo da escrivaninha. Durante algum tempo continuou a olhar. Depois,

inclinou-se vagarosamente, abriu a gaveta e tirou um caderno desbotado de exercícios de inglês. Educação de adultos. Da mãe dele. Sentou-se na escrivaninha e folheou as páginas, com um cuidado cheio de ternura. Letras do alfabeto, repetidas vezes sem conta. Depois, exercícios simples:

LIÇÃO VI

MEU ENDEREÇO COMPLETO

Entre as páginas o esboço de uma carta.

Depois, outro começo. Incompleto. Desviou a vista. Viu os olhos dela na janela... à espera...

“Domine, non sum dignus...”

Os olhos transformaram-se nos de Regan... olhos que gritavam... olhos que esperavam...

“Mas dissei uma só palavra...”

Olhou para a fita gravada com a voz de Regan.

Saiu do quarto. Levou a fita para o laboratório de línguas. Descobriu um gravador. Sentou-se. Ligou a fita a uma bobina vazia. Pôs os fones de ouvido. Ligou. Em seguida, inclinou-se para a frente e escutou. Exausto. Tenso.

Durante algum tempo, só o ruído da fita. A chiadeira do mecanismo. De repente, ruídos. “Olá...” Depois, um apito de *feedback*. Chris MacNeil, no fundo, falava numa voz abafada: “Querida, não se aproxime tanto do microfone. Mantenha ele afastado.” “Assim?” “Não, mais.” “Assim?” “Sim, assim está bem. Agora fala, anda.” Risinhos. O microfone batendo na mesa. Depois a voz clara e meiga de Regan MacNeil:

“Olá, papai! Sou eu. Ummm...” Risadinhas. Depois, um aparte em segredo “Não sei o que dizer!” — “Oh, diga só como você está, querida. Conte a ele tudo o que você tem feito.” Mais risinhos. Depois: “Hummm, Papai... Bem, vejamos... quero dizer, espero que me ouça bem, e, Hummm... bem, agora vamos ver. Hum, bem, primeiro, nós estamos... Não, espere, agora... Veja, primeiro nós estamos em Washington, sabe, papai? Quer dizer, é o lugar onde vive o Presidente, e esta casa... O pai sabe?... é... Não, espere lá, é melhor eu começar de novo. Sabe, papai, há uma...”

Karras só ouviu o resto, confusamente longínquo, através do pulsar do sangue nos ouvidos, forte como o bramido do oceano, ao subir-lhe pelo peito, ao inchar-lhe o rosto, numa avassaladora onda de intuição:



A criatura que vi naquele quarto não era a Regan!

Voltou ao alojamento da Residência dos Jesuítas. Encontrou um cubículo. Rezou uma missa antes do horário de pico. Ao erguer a hóstia, na consagração, esta tremeu-lhe nos dedos com uma esperança que ele não ousava esperar, que combatia com todas as fibras da sua vontade. “Pois isto é o Meu Corpo...”

Não; é pão! Isto é pão! Isto é apenas pão!

Ele não ousava amar de novo e perder. Essa perda era demasiado grande, essa dor por demais aguda. Inclinou a cabeça e engoliu a hóstia como uma ilusão perdida; ela ficou um momento presa na secura da sua garganta.

Depois da missa faltou ao jantar. Tomou apontamentos para a lição. Deu aula na Escola Médica da Universidade de Georgetown. Arrastou-se áspera e dificilmente pela lição mal preparada: “...e considerando os sintomas das doenças de comportamento maniaco, vocês verão...” “*Papai, aqui sou eu...*” *aquí sou eu...*

Mas quem era “eu”?

Karras liberou a turma cedo e voltou para o seu quarto, onde se debruçou imediatamente sobre a escrivaninha, apoiado nas palmas de suas mãos abertas, e reexaminou atentamente a posição da Igreja em relação aos sinais paranormais da possessão demoníaca. *Estaria eu a ser muito teimoso?*, perguntou a si mesmo. Verificou os pontos mais relevantes de *Satanás*: “telepatia... fenômeno natural... a movimentação dos objetos à distância é agora suspeita... do corpo pode emanar algum fluido... os nossos antepassados... a ciência... hoje em dia devemos ser mais cautelosos. Contudo, apesar dos indícios paranormais...” Diminuiu a velocidade da leitura. “...todas

as conversas tidas com o doente devem ser cuidadosamente analisadas, porque se apresentarem o mesmo sistema de associação de ideias e de hábitos lógico-gramaticais que os por ele exibidos no seu estado normal, a possessão deve então considerar-se suspeita.”

Karras respirou fundo, exausto. Depois, exalou. Deixou cair a cabeça. *De modo algum. Não resolve o assunto.* Olhou para a ilustração da página seguinte. Era um demônio. O seu olhar negligente desceu a página até à legenda: “Pazuzu” Karras fechou os olhos. Algo estava errado. *Tranquille...* imaginou a morte do exorcista: a agonia final... os mugidos... os apitos... os vômitos... o atirar-se da cama para o chão “empurrado pelos seus demônios”, furiosos porque ele depressa estaria morto e fora do alcance dos seus tormentos. E Lucas! Lucas. Ajoelhado junto à cabeceira da cama. Orando. Mas no momento em que Tranquille morrera, Lucas assumira imediatamente a identidade dos seus demônios, começara maldosamente a dar pontapés no cadáver ainda quente, no corpo destroçado e arranhado, fedendo a excrementos e a vômito, enquanto seis homens fortes tentavam detê-lo; ele não parara até que o corpo fora levado do quarto. Karras o viu. Viu nitidamente.

Poderia ser? Seria possível, concebível que fosse assim? Poderia o ritual do exorcismo ser a única esperança de Regan? Teria ele de abrir aquela arca de dores?

Não podia descartar isso. Não podia deixá-lo sem verificação. Precisava saber. Como saber? Abriu os olhos. “...conversas com o paciente tem de ser cuidadosamente...” Sim. Sim, por que não? Se a descoberta de que os padrões de linguagem de Regan e do “demônio” eram idênticos iluminasse a possessão, mesmo com acontecimentos paranormais, então certamente... *Claro... grande diferença nos padrões deve significar que provavelmente existe possessão!*

Ele ficou andando de um lado para o outro. *O que mais? O que mais? Encontrar depressa uma coisa. Ela... Espera.* Fez uma pausa, olhando para baixo, de mãos cruzadas atrás das costas. *Aquele capítulo... aquele capítulo do livro sobre feitiçaria.* Mencionava...? Sim, mencionava: que os demônios invariavelmente reagem com fúria quando confrontados pela hóstia consagrada... por relíquias... por... *Água benta!*

É isso mesmo! Está certo! Vou lá e a borriço com água da torneira! Mas digo-lhe que é água benta! Então! Se ela reagir como se supõe que os demônios reagem, então saberei que não está possessa... que os sintomas são uma sugestão... que os leu no livro!

Mas se ela não reagir isso significará...

Verdadeira possessão?

É possível...

Procurou febrilmente um frasquinho para água benta. Willie abriu-lhe a porta. Na entrada, olhou para o quarto de Regan. Gritos. Obscenidades. No entanto, não eram proferidas na voz áspera e profunda do demônio. Estridente. Mais clara. Um sotaque inglês... *Sim!*... A manifestação que aparecera repentinamente na última vez que vira Regan.

Karras baixou os olhos para Willie, que esperava. Ela olhava, intrigada, para o seu colarinho de padre. Para as vestes sacerdotais.

— Por favor, onde está a Sr.^a MacNeil? — perguntou Karras em voz baixa.

Willie indicou o andar de cima.

— Muito obrigado.

Ele encaminhou-se para a escada. Subiu. Viu Chris no corredor. Estava sentada numa cadeira perto do quarto de Regan, de cabeça baixa, braços cruzados no peito. À aproximação do jesuíta, Chris ouviu-lhe o rocegar das vestes. Levantou a vista e pôs-se rapidamente de pé.

— Como está, padre?

Tinha papos azulados sob os olhos. Karras franziu a sobrancelha.
— Dormiu?

— Oh, um pouco.

Ele balançou a cabeça censurando.

— Bem, não pude — suspirou Chris, designando a porta de Regan com a cabeça. — Ela esteve assim toda a noite.

— E vomitando?

— Não. — Pegou-lhe na manga, como para afastá-lo. — Venha, vamos lá para baixo onde podemos...

— Não, eu gostaria de vê-la — interrompeu ele, brandamente, resistindo ao puxar insistente da mão dela.

— Já?

Alguma coisa não estava certa, refletiu Karras. Ela parecia tensa. Receosa.

— Por que não agora? — inquiriu ele.

Chris deitou um olhar furtivo à porta do quarto de Regan. A voz rouca, de louco, gritava lá dentro: *“Nazi maldito! Puta de nazi!”*

Chris desviou os olhos; depois, relutante, fez um aceno afirmativo.

— Oh sim. Então entre.

— Você tem um gravador?

Os olhos dela procuravam os seus com movimentos rápidos, pestanejando.

— Poderia mandar colocá-lo aqui em cima no quarto, com uma bobina de fita nova, por favor?

Ela franziu a sobrancelha, desconfiada.

— Para quê? — Depois, alarmou-se. — Quer dizer que vai gravar...?

— Sim, é im...

— Padre, eu não posso permitir...!

— Preciso comparar os padrões de linguagem — cortou ele com firmeza. — Agora, por favor! Você só precisa ter confiança em mim!

Voltaram-se ambos para a porta quando um execrante rio de obcenidades aparentemente fez Karl sair do quarto. De rosto cinzento, carrancudo, trazia cobertores e fraldas imundos.

— Tem colocado, Karl? — perguntou ao criado quando ele fechava a porta do quarto atrás de si.

Karl olhou rapidamente para Karras e então para Chris.

— Estão colocados — disse ele, conciso, caminhando apressado pelo corredor em direção à escada.

Chris ficou a observá-lo e depois voltou-se para Karras.

— Muito bem — disse ela, abatida. — Certo. Vou mandá-lo colocar aqui em cima — E, abruptamente, caminhou pelo corredor afora.

Karras ficou um momento olhando para ela, intrigado. O que estaria errado? Reparou então no silêncio repentino do quarto. Foi breve. Agora ouvia-se o latido de gargalhadas diabólicas. Avançou. Apalpou no bolso o frasco de água benta. Abriu a porta e entrou no quarto. O fedor era mais forte que na tarde anterior. Fechou a porta. Olhou aquele horror, aquela criatura na cama.

Ao vê-lo se aproximar, o vigiava com os olhos trocistas, cheios de malícia, de ódio. Cheios de força.

— Olá, Karras.

O padre ouviu o som da diarreia evacuando dentro da calça plástica.

O jesuíta falou calmamente, dos pés da cama. — Olá, Diabo. Como se sente?

— Neste momento, muito feliz por te ver. Contente. — A língua pendia fora da boca, enquanto os olhos apreciavam Karras com insolência. — Radiante, por sinal. Muito bem. — Mais um barulho. — Karras, não te incomoda um pouco de mau

cheiro, não?

— De modo algum.

— És um mentiroso!

— Você se incomoda?

— Ligeiramente.

— Mas o Diabo gosta dos mentirosos.

— Só dos bons, meu querido Karras, só dos bons — troçou ele. — Além disso, quem disse que eu era o Diabo?

— Não foi você?

— Oh, podia ter sido. Podia. Eu não estou bem. Tu acreditaste em mim?

— Naturalmente.

— As minhas desculpas.

— Está dizendo que não é o Diabo?

— Sou apenas um pobre demônio que se debate. Um diabo. Há uma diferença sutil. A propósito, não vais mencionar o meu deslize verbal, não, Karras? Hem? Quando o vires.

— O vir? Ele está aqui? — perguntou o padre.

— Na porca? De maneira alguma. Só uma pobre familiazinha de almas errantes, meu amigo. Não nos censure por estarmos aqui, está bem? No fim das contas, não temos nenhum lugar para onde ir. Não temos lar.

— E por quanto tempo vocês pretendem ficar?

A cabeça levantou-se da almofada com um movimento brusco, contorcida de raiva, rugindo:

— Até que a porquinha morra! — E depois, no mesmo instante, Regan ajeitou-se para trás, de lábios grossos, babando num gracejo. — A propósito, que dia excelente para um exorcismo, Karras.

O livro! Ela devia ter lido aquilo no livro!

Os olhos sardônicos o fixavam, penetrantes: — Começa logo. Bem depressa.

Inconsistente. Há algo destoando aqui. — Você gostaria disso? — perguntou Karras, franzindo a sobrancelha.

— Intensamente.

— Mas isso não lhe expulsaria de Regan?

O demônio deitou a cabeça para trás, cacarejando maniacamente, depois interrompeu-se e respondeu com uma voz gutural.

— Isso nos uniria.

O Exorcista

— Tu e a Regan?

— Tu e nós, meu bom amigo — grasnou o demônio. — Tu e nós.

— E das profundas da garganta saiu uma gargalhada abafada.

Karras olhou espantado. Sentiu mãos na nuca, frias, congelantes, tocando-o levemente. Depois, desapareceram. Causado pelo medo, concluiu ele. Medo.

Medo de quê?

— Sim, Karras, irás te juntar à nossa pequena família. Sabes, o problema dos sinais no céu, meu pedacinho querido, é que, uma vez avistados, não se tem desculpa. Reparaste como ultimamente se ouve falar de tão poucos milagres? Não é por culpa nossa, Karras, não nos censures. Fazemos o possível!

Karras virou subitamente a cabeça para trás ao ouvir uma forte e repentina batida. Tinha-se aberto uma gaveta da cômoda, deslizando a todo o comprimento. Sentiu surgir uma emoção súbita, ao vê-la se fechar com uma pancada. *Aí está!* E então, repentinamente como surgira, a emoção caiu como um pedaço de casca apodrecida do tronco de uma árvore: Psicocinese. Karras ouviu rir. Voltou a olhar para Regan.

— Karras, como é agradável falar contigo — disse o demônio, fazendo uma careta. — Sinto-me livre. Como um devasso. Abro as minhas grandes asas. De fato, mesmo que meu conto só vá te servir para aumentar a tua danacão, meu doutor, meu caro médico inglês.



— Foi você que fez aquilo? Fez com que a gaveta da cômoda se mexesse, nesse instante?

O demônio não estava ouvindo. Olhara para a porta, ao ouvir o ruído produzido por alguém que se aproximava rapidamente pelo corredor; então, as suas feições transformaram-se nas de outra personalidade.

— Maldito carneiro bastardo! — gritou na voz áspera de sotaque inglês. — Huno veado!

Karl entrou, movendo-se, ligeiro, com o gravador, colocando-o junto da cama, desviando o olhar e retirando-se em seguida, rapidamente, do quarto.

— Fora daqui, Himmler! Fora da minha vista! Sai e vai visitar a tua filha coxa! Leva-lhe chucrute! Chucrute e heroína, Thorndike! Ela vai amar! Ela vai...

Saíra. Karl saíra. E então, abruptamente, a criatura dentro de Regan tornou-se cordial, observando Karras, vendo o padre preparar depressa o gravador, procurar uma tomada, plugá-lo, colocar a fita.

— Oh, sim, alô alô alô! O que é que há? — disse contente. — Padre, vais gravar alguma coisa? Que divertido! Ah, sabes? Adoro representar! Oh, muitíssimo!

— Me chamo Damien Karras — disse o padre, enquanto trabalhava. — E você quem é?

— Está pedindo, agora, as minhas credenciais, patinho? Que audácia miserável de sua parte, não acha? — Riu. — Eu era o Duende na peça do segundo ano científico. — Olhou em volta. — A propósito, onde é que está essa bebida? Estou morrendo de sede.

O padre colocou o microfone, com cuidado, na mesa de cabeceira.

— Se me disser o seu nome, vou tentar lhe arranjar uma.

— Sim, é claro — respondeu, crocitando divertido. — E depois você a bebe, suponho eu!

Karras respondeu ao apertar o botão GRAVAR.

— Me diga o seu nome.

— Saqueador do caralho! — rouquejou.

Então desapareceu prontamente e foi substituído pelo demônio.

— E o que estás fazendo agora, Karras? Gravando a nossa conversinha?

Karras endireitou-se. Olhou. Em seguida puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se.

— Dá licença? — disse ele.

— Ora essa — crocitou o demônio. — Sempre gostei muito de engenhos infernais.

Karras foi de repente assaltado por um forte cheiro diferente. Era um odor de...

— Chucrute, Karras. Reparaste?

Cheira a chucrute, maravilhou-se o jesuíta. Parecia emanar da cama. Do corpo de Regan. Depois, desapareceu, substituído pelo anterior fedor pútrido. Karras franziu a sobrancelha. *Foi imaginação minha? Auto-sugestão?* Pensou na água benta. *Agora? Não, guarde-a. Apanhe mais um pouco do esquema de linguagem.* Com quem eu estava falando antes? — perguntou ele.

— Apenas com uma pessoa da família, Karras.

— Com um demônio?

— Você lhe dá muita honra.

— Como assim?

— A palavra “demônio” quer dizer “o sábio”. Ele é estúpido.

O jesuíta ficou tenso.

— Em que língua é que “demônio” significa “sábio”?

— Em grego.

— Você fala grego?

— Fluentemente.

Um dos sinais!, pensou Karras excitado. *Falar uma língua desconhecida!* Era mais do que esperava.

— *Pos egnokas hoti presbyteros eimi?*¹ — inquiriu rapidamente em grego clássico.

— Não estou disposto, Karras.

— Oh! Então não pode...

— Não estou disposto!

Decepção. Karras ponderou. — Você fez deslizar a gaveta da cômoda? — inquiriu ele.

— Podes ter certeza.

— Impressionante. — Karras inclinou a cabeça. — Você certamente é um demônio muito, muito poderoso.

— Sou.

— Estava pensando se você vai fazer isso outra vez.

— Sim, a seu tempo.

— Faça agora, por favor... eu realmente gostaria de ver.

— A seu tempo.

— Por que não agora?

¹ Como sabia que eu era um sacerdote?
(Nota do editor)

— Devemos dar-te algum motivo de dúvida — grasnou ele. —
Algun. O suficiente para assegurar o resultado final. — Deitou a
cabeça para trás, num cacarejo malicioso. — Que novidade, o
atacar com a verdade! Oh, que alegria!

Mãos geladas lhe tocaram levemente no pescoço. Karras
olhou. *Por que de novo o medo? Medo? Seria medo?*

— Não, não é medo — disse o demônio. Deu um riso largo.
— Era eu.

As mãos tinham desaparecido. Karras franziu a
sobrancelha. Sentiu nova admiração. Venceu-lhe. *É telepática.
Será? Descubra. Descubra agora.*

— Pode me dizer o que estou pensando neste momento?

— Os teus pensamentos são demasiado insípidos para
serem divertidos.

— Então você não pode ler o meu pensamento.

— Toma-o como quiseres... como quiseres.

Experimentar a água benta? Agora? Ouviu o chiar do
mecanismo do gravador. *Não. Continue pesquisando antes.
Arranje uma amostra maior da fala.*

— Você é uma pessoa fascinante — disse Karras.

Regan teve um riso gutural.

— Não, realmente — disse Karras — gostaria de saber mais
sobre o seu passado. Por exemplo, você nunca me disse quem é.

— Um diabo — crocitou o demônio.

— Sim, eu sei, mas que diabo? Qual é o seu nome?

— Ah, Karras, e o que significa um nome? Não se importe
com o meu nome. Me chame de Howdy, se achar mais cômodo.

— Ah, sim. O capitão Howdy. — Karras fez um sinal
afirmativo com a cabeça. — O amigo de Regan.

— O seu muito íntimo amigo.

— Ah, de verdade?

— Sim.

— Mas então por que você a atormenta?

— Porque sou amigo dela. A porquinha gosta!

— Ela gosta?

— Adora!

— Mas por quê?

— Pergunte!

— Permitiria que ela respondesse?

— Não.

O Exorcista

— Bem, então qual seria o objetivo da minha pergunta?
— Nenhum! — grasnou o demônio, com os olhos brilhando de ódio.

— Quem é a pessoa com quem falei antes? — perguntou Karras.
— Já perguntaste essa.
— Eu sei, mas você nunca respondeu.
— Apenas outro dos bons amigos da doce, querida porquinha, meu caro Karras.

— Posso falar com ele?

— Não. Ele está entretido com a tua mãe. Ela está chupando o pau dele até os pentelhos, Karras... até a raiz! — Riu baixinho e então acrescentou. — Língua maravilhosa, a tua mãe. Boca gostosa.

Troçava dele, radiante. Karras sentiu-se trespassado por uma raiva, um ódio tremendo que, sobressaltado, depressa descobriu não se dirigir a Regan, mas ao demônio. *Ao demônio! Que diabo se passa contigo, Karras?* O jesuíta procurou, a todo o custo, manter-se calmo. Respirou profundamente, depois levantou-se e tirou o frasco de água benta do bolso da camisa. Tirou-lhe a rolha.

O demônio pareceu circunspecto.

— Que é isso?

— Não sabe? — perguntou Karras, tapando parte da boca do frasco com o polegar e começando a aspergir Regan com o seu conteúdo. — É água benta, diabo.

Instantaneamente, o demônio começou a se encolher aterrorizado, a se contorcer, mugindo de medo e de dor:

— Arde! Arde! Ai, para com isso! Cessa, padre bastardo! Cessa!



Karras, inexpressivo, parou de aspergir. *Histeria. Sugestão. Ela leu o livro.* Olhou para o gravador. *Por quê se incomodar?*

Reparou no silêncio. Olhou para Regan. Franziu as sobrancelhas. *O que é isto? O que está havendo?* A personalidade demoníaca desaparecera e no seu lugar havia outras feições semelhantes. E, no entanto, diferentes. Os olhos tinham-se revirado nas órbitas, mostrando o branco. Agora murmurava. Lentamente. Uma algaravia febril. Karras deu a volta até o lado da cama. Inclinou-se para ouvir. *O que é isto? Nada.* E contudo... *Tem cadência. Como uma língua.* Poderia ser? Sentiu o esvoaçar de asas no estômago; as segurou com força: manteve-as tranquilas. *Vamos, não seja idiota!* E no entanto...

Olhou para o controle do volume do gravador. Não acendia. Rodou o botão do amplificador e depois escutou, atento, com o ouvido próximo dos lábios de Regan. A algaravia cessara e fora substituída pelo ruído áspero e profundo da respiração.

Karras endireitou-se.

— Quem é você? — perguntou.

— Nowonmai — respondeu a entidade. Um gemido sussurrante. Doloroso. O branco dos olhos. Pálpebras batendo. — Nowonmai. — A voz rachada, ofegante, como a alma do seu dono, parecia enclausurada num espaço escuro, vedado por cortinados, além do tempo.

— É esse o teu nome? — perguntou Karras, franzindo a sobrancelha.

Os lábios moveram-se. Sílabas febris. Lento. Ininteligível. Depois, de repente, parou.

— Você é capaz de me entender?

Silêncio. Apenas a respiração, profunda, estranhamente abafada. O som lúgubre do sono numa tenda de oxigênio.

O jesuíta aguardou, na expectativa. Não aconteceu mais nada.

Rebobinou a fita, colocou o gravador na caixa, o pegou e tirou o rolo de fita. Deu uma última olhada em Regan. O sinistro terminara. Irresoluto, saiu do quarto e desceu as escadas.

Encontrou Chris na cozinha, sentada à mesa, sombria, bebendo café com Sharon. Ao verem que se aproximava, olharam para ele, com uma expectativa ansiosa e questionadora.

— É melhor ir ver como está a Regan. Tudo bem? — Chris disse baixo para Sharon.

Sharon tomou um último gole de café, fez um ligeiro gesto com a cabeça a Karras e saiu. Ele sentou-se à mesa, esgotado.

— Então, o que se passa? — perguntou Chris, examinando-lhe o olhar.

Karras ia respondendo mas esperou ao ver Karl entrar sem ruído, vindo da copa, e se dirigir à lava-louça para esfregar as panelas.

Chris seguiu-lhe o olhar.

— Não faz mal — disse ela, baixo. — Continue. Então, o que temos?

— Houve duas personalidades que eu não tinha visto antes. Bem, não, acho que vi uma delas apenas um instante; aquela que parece inglesa. É alguém que você conhece?

— Isso é importante? — perguntou Chris.

Karras viu-lhe de novo no rosto aquela tensão especial.

— É importante.

Ela baixou os olhos e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sim, é alguém que eu conheci — murmurou numa voz rouca.

— Quem?

— Burke Dennings — volveu, levantando os olhos.

— O diretor?

— Sim.

— O diretor que...

— Sim — interrompeu ela.

O jesuíta ponderou a resposta dela um momento, em silêncio. Observou que o dedo indicador de Chris tremia.

— Padre, quer café ou qualquer outra coisa?

— Não, obrigado — respondeu ele, balançando a cabeça. Inclinou-se para a frente, de cotovelos em cima da mesa. — Regan o conhecia?

— Sim.

— E...

Um ruído de panelas. Chris assustou-se, voltou-se e viu que Karl deixara cair uma assadeira no chão e que se baixava para apanhá-la. Ao levantá-la, deixou-lhe cair outra vez.

— Santo Deus, Karl!

— Desculpe, senhora.

— Vá embora, Karl, saia daqui! Vá ao cinema ou a outro lugar qualquer! Não podemos ficar todos aqui enfiados em casa! — Voltou-se de novo para Karras, pegou um maço de cigarros e bateu com ele na mesa quando Karl protestou.

— Não, eu vejo...

— Karl, agora, eu estou dizendo! — respondeu Chris,

nervosa, levantando a voz mas sem virar a cabeça. — Saia! Saia já desta casa por umas horas! Temos todos de começar a sair! E então? Saia imediatamente!

— Sim, você vai! — ecoou Willie, ao entrar, arrancando a assadeira das mãos de Karl. Empurrou-lhe irritada em direção à copa.

Karl olhou rapidamente para Karras e depois para Chris e em seguida saiu.

— Perdão, padre — murmurou Chris, desculpando-se. Pegou um cigarro. — Ele tem suportado demais ultimamente.

— Tem razão — disse Karras, com calma. Ele pegou os fósforos. — Todos vocês devem fazer um esforço para sair de casa. — Acendeu-lhe o cigarro. — Você também.

— Então o que disse o Burke? — perguntou Chris.

— Apenas obscenidades — volveu Karras, encolhendo os ombros.

— Foi tudo?

Ele percebeu no tom o leve pulsar do medo.

— E foi bastante — respondeu ele. Em seguida, baixou a voz.

— A propósito, Karl tem uma filha?

— Uma filha? Não, que eu saiba não. Ou, se tem, nunca falou nisso.

— Tem certeza?

Willie esfregava na lava-louça. Chris voltou-se para ela.

— Willie, você não tem uma filha, não?

— Ela morreu, senhora, muito, muito tempo atrás...

— Sinto muito.

Chris tornou a voltar-se para Karras.

— É a primeira vez que ouço falar dela — cochichou. — Por que pergunta? Como é que soube?

— Pela Regan. Ela se referiu a isso — disse Karras. Chris o olhou, espantada.

— Ela já alguma vez mostrou sinais de ter PES¹? — perguntou ele. — Quer dizer, anteriormente.

— Bem... — Chris hesitou. — Bem, não sei. Não tenho a certeza. Quer dizer, tem havido inúmeras vezes em que ela parece estar pensando as mesmas coisas que eu, mas não acontece isso

¹ Percepção extra-sensorial
(Nota do editor)

com pessoas que são íntimas?

Karras fez um gesto afirmativo com a cabeça. Refletiu.

— Agora a outra personalidade a que me referi — começou ele. — É a que apareceu uma vez durante a hipnose?

— Fala numa algaravia?

— Sim. Quem é?

— Não sei.

— Não lhe é familiar?

— De modo algum.

— Mandou buscar os relatórios médicos?

— Chegarão aqui esta tarde, de avião, diretamente para você. — Tomou um gole de café. — Foi a única maneira de consegui-los. E mesmo assim tive de pintar o diabo.

— Sim, pensei que podia haver dificuldades.

— Houve. Mas eles vêm aí. — Tomou outro gole. — Então, padre, a respeito do exorcismo?

Karras baixou os olhos; depois, suspirou.

— Bem, não tenho muitas esperanças de poder convencer o bispo.

— O que quer dizer com isso de não ter muitas esperanças?

— Pousou a xícara de café, franzindo a testa com ansiedade.

O jesuíta pôs a mão no bolso e tirou o frasco, segurando-lhe para mostrá-lo a Chris.

— Vê isto?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Eu disse a ela que era água benta — explicou Karras. — E quando comecei a salpicá-la reagiu violentamente.

— E então?

— Não é água benta. É água comum, da torneira.

— Então, pode ser que alguns demônios não conheçam a diferença.

— Você realmente acredita que haja um demônio dentro dela?

— Acredito que há uma coisa dentro da Regan que está tentando matá-la, padre Karras, e se essa coisa sabe diferenciar a água do mijo ou não, não me parece que tenha muito a ver com todo o resto, não acha? Quer dizer, desculpe, mas você pediu a minha opinião! — Esmagou o cigarro. — E, afinal, qual é a diferença entre água benta e água da torneira?

— A água benta é benzida.

— Parabéns, padre; estou muito satisfeita com isso! Então, você vem me dizer que por enquanto... nada de exorcismo?

— Escute, eu apenas comecei a indagar o assunto — disse Karras com calor. — Mas a Igreja tem critérios que devem ser seguidos, e isto por uma excelente razão: para se manter afastada dos vestígios de superstição que as pessoas continuam a lhe atribuir, ano após ano! Dou-lhe como exemplo os “padres que levitam”, e as estátuas da Mãe Santíssima que, segundo se supõe, choram na Sexta-feira Santa e nos dias santos. Ora, acho que posso viver sem contribuir para tal!

— Quer um pouco de *Librium*, padre?

— Desculpe, mas pediu a minha opinião.

— Entendi.

Ele estendeu a mão para os cigarros.

— Também quero um — disse Chris com voz velada.

Karras estendeu-lhe o maço. Ela tirou um. Ele colocou um na boca e acendeu os dois. Expeliram a fumaça com suspiros audíveis e afundaram-se nas cadeiras ao redor da mesa.

— Desculpe — disse ele, em voz baixa.

— Estes cigarros sem filtro serão a sua morte.

Ele brincou com o maço de cigarros, fazendo estalar o celofane.

— Temos aqui os sinais que a Igreja poderá aceitar. Um é o falar numa língua que o sujeito nunca conheceu anteriormente. Que nunca estudou. Estou trabalhando nesse, com as fitas. Veremos. Depois, temos a clarividência, embora hoje em dia a telepatia ou a PES possam invalidá-la.

— Você acredita nessa coisa? — perguntou, cética, franzindo a sobrancelha.

Ele olhou para ela. Falava sério. E continuou:

— E o último são as faculdades que ultrapassam a sua idade e possibilidades. Isto abrange tudo, tudo o que seja oculto.

— Bem, então, o que diz das pancadas na parede?

— Por si próprias, nada significam.

— E a maneira como ela se levantava no ar e caía na cama?

— Não é suficiente.

— Bem, e então aquelas coisas na pele.

— Que coisas?

— Não lhe falei delas?

— Falou o quê?

— Oh, aconteceu na clínica — explicou Chris. — Havia... bem...

— Traçou um desenho no peito com a ponta do dedo. — Como se fosse escrito, percebe? Só letras. Apareciam-lhe no peito e depois desapareciam. Assim mesmo.

— A senhora disse “letras”? — voltou Karras, franzindo a

sobrancelha. — Não eram palavras?

— Não, não eram palavras. Só um M, uma ou duas vezes. Depois um L.

— E você viu? — perguntou ele.

— Bem, não. Mas eles me esclareceram.

— Quem?

— Os médicos da clínica. Olhe, isso consta do relatório que vai receber. Foi mesmo sério.

— Sim, tenho certeza. Mas, trata-se novamente de um fenômeno natural.

— Onde? Na Transilvânia? — disse Chris, incrédula.

— Não — voltou Karras, balançando a cabeça. — Já encontrei casos desses em revistas. Lembro de um em que o psiquiatra de uma prisão relatava o caso de um doente... um preso... que podia pôr-se em estado de transe e fazer com que os signos do zodíaco lhe aparecessem na pele. — Com um gesto, indicou o peito. — A pele se levantava.

— Nossa! Para você não é fácil arranjar um milagre, não?

— Uma vez, numa experiência — explicou ele com brandura —, um sujeito foi hipnotizado e posto em estado de transe; após incisões cirúrgicas em ambos os braços, disseram-lhe que o braço esquerdo ia sangrar, mas o direito não. Pois bem, o braço esquerdo sangrou e o direito não. O poder da mente controlou a hemorragia. Na realidade, não se sabe como isso acontece. Portanto, nos casos de estigmas — como o do prisioneiro a que me referi, ou como o da Regan — o inconsciente controla o diferencial da corrente sanguínea, fazendo afluir à pele mais sangue nos locais que quer ver levantados. Portanto, temos assim desenhos ou letras, ou seja o que for. Misterioso, sim, mas sobrenatural de modo nenhum.

— Padre Karras, você é realmente difícil. Sabia?

Karras tocou os dentes com a unha do polegar.

— Escute, talvez isto lhe ajude a compreender — disse por fim.

— Uma vez a Igreja publicou uma declaração, um aviso aos exorcistas. Eu os li na noite passada. Nele dizia-se que a maioria das pessoas que se pensa estarem possessas, ou que outras creem possessas — e agora vou citar — “está muito mais necessitada de um médico que de um exorcista”. — Levantou a vista e olhou para Chris. Consegue adivinhar a data deste aviso?

— Não.

— Mil quinhentos e oitenta e três.

Chris o olhou surpreendida; refletiu.

— Sim, certamente foi um ano infernal — murmurou ela. Ouviu o padre levantar da cadeira.

— Deixe-me esperar pelos relatórios da clínica e examiná-los — declarou ele.

Chris fez um gesto de assentimento.

— Entretanto — continuou Karras —, vou montar as fitas e levá-las ao Instituto de Línguas e Linguística. Pode ser que aquela algaravia constitua alguma espécie de linguagem. Duvido. Mas pode ser. E comparando os esquemas da linguagem... Bem, então saberemos. Se forem idênticos, teremos a certeza de que ela não está possessa.

— E depois? — perguntou ela ansiosa.

O padre sondou-lhe o olhar e a viu perturbada. *Afligia-se por a filha não estar possuída!* Pensou em Dennings. Alguma coisa estava errada. Muito errada.

— Detesto lhe fazer esse pedido, mas pode me emprestar o seu carro por uns tempos?

Ela cravou os olhos no chão, desolada.

— Emprestaria a minha vida a você por uns tempos — murmurou. — Basta que o traga na quinta-feira. Posso precisar dele; nunca se sabe.

Karras fixou com pesar a cabeça curvada, indefesa. Desejava pegar-lhe na mão e dizer que no fim tudo se resolveria. Mas como?

— Espere, vou buscar as chaves — disse ela.

O jesuíta a viu desaparecer como uma prece sem esperança.

Quando ela lhe entregou as chaves, Karras voltou ao seu quarto na Residência. Deixou o gravador lá e pegou a fita com a voz da Regan. Depois, atravessando a rua, encaminhou-se para o carro de Chris, estacionado no parque.

Ao subir para o carro, ouviu Karl chamá-lo da porta de casa:

— Padre Karras!

Karras voltou a cabeça. Karl descia a varanda correndo, vestindo um casaco às pressas. Fazia sinais.

— Padre Karras! Um momento!

Karras inclinou-se e baixou o vidro da janela do lado dos passageiros, acionando o fecho da manivela. Karl pôs a cabeça, inclinando-se.

— Padre Karras, para que lado vai?

— Dupont Circle.

— Ah, sim, bom! Poderia me deixar lá, padre, por favor? Não se importa?

— Claro que não. Suba.

— Muito agradecido, padre!

Karras ligou o motor.

— Faz bem você sair.

— Sim. Vou ver um filme. Um bom filme.

O carro arrancou.

Durante algum tempo andaram em silêncio. Karras, preocupado, procurando soluções para o caso. Possessão. *Impossível. A água benta.* Contudo...

— Karl, conheceu o Sr. Dennings muito bem, não é verdade?

Karl olhou pelo parabrisa; depois, fez um sinal rígido com a cabeça.

— Sim. Conheci.

— Quando a Regan... quando ela parece ser o Sr. Dennings, você tem a impressão que ela realmente o é?

Uma longa pausa. Depois, um breve e inexpressivo “Sim”.

Karras assentiu com a cabeça, assombrado.

Não conversaram mais até chegarem Dupont Circle, onde pararam junto de um sinal de trânsito.

— Padre Karras, desço aqui — disse Karl, abrindo a porta.

— Posso apanhar o ônibus aqui. — Desceu, e em seguida botou a cabeça pela janela. — Muito obrigado, padre.

Manteve-se de pé na ilha de segurança e esperou a mudança do sinal. Sorriu e acenou quando o sacerdote partiu. Ficou olhando, até que por fim o carro desapareceu na curva, à entrada da Avenida Massachusetts. Depois, correu para o ônibus. Embarcou. Pegou um passe de baldeação. Mudou de ônibus. Viajou em silêncio até que por fim, desembarcou num bairro da parte nordeste da cidade; aqui, encaminhou-se para um prédio de apartamentos e entrou.

Karl parou no fundo da escada sombria, aspirou os odores acres de cozinhas compactas. De algum lugar o som de um bebê chorando. Curvou a cabeça. Uma barata fugiu rapidamente do rodapé e atravessou um degrau em zigue-zagues. Agarrou-se ao corrimão, a ponto de voltar atrás; mas sacudiu a cabeça e começou a subir. Cada passo gemido rangia como uma reprovação.

No segundo andar, dirigiu-se a uma porta situada numa ala escura e parou um momento com a mão na ombreira da porta. Olhou pra parede: a tinta descascava; escritos a lápis, os nomes Nicky e Ellen e, por baixo, uma data e um coração, cujo centro era constituído por estuque fendido. Karl apertou o botão da campainha e esperou, de cabeça baixa. Do interior do apartamento veio um

chiado de molas de colchão. Um murmúrio de irritação. Em seguida, alguém se aproximando; um som irregular: o pisar arrastado de um sapato ortopédico. A porta entreabriu-se de repente: a corrente de segurança retesava-se ao máximo. Na abertura apareceu uma mulher de calcinha, carrancuda, de cigarro pendurado no canto da boca.

— Ah, é você — disse ela com voz rouca. Tirou a corrente.

Karl viu naquele olhar duro e movediço um poço de censura e de dor selvagem; na curva dissoluta dos lábios e no rosto destroçado descobriu uma jovem beldade enterrada viva em mil quartos de pensão, com mil manhãs de despertar de um sono sem repouso.

— Vai, diz a ele para ir pro outro lado! — exclamou o homem, de voz ordinária, pastosa, de dentro do apartamento. O amigo.

— Oh, cala a boca, estúpido, é o papai! — respondeu rapidamente a menina, voltando a cabeça.

A jovem virou-se depois para Karl.

— Ele está bêbado, papai. É melhor não entrar.

Karl balançou a cabeça num gesto afirmativo.

A menina baixou os olhos encovados ao olhar-lhe para a mão quando a colocava no bolso de trás da calça para tirar a carteira.

— Como está a mamãe? — perguntou ela, puxando o cigarro da boca, de olhos nas mãos que mergulhavam na carteira contando notas de dez dólares.

— Está ótima. — Moveu a cabeça, conciso. — Sua mãe está ótima.

Ao entregar-lhe o dinheiro, ela começou a tossir com aspereza. Levou a mão à boca.

— Porra de cigarro! — disse ela, engasgando-se.

Karl olhou-lhe para as marcas de picadas no braço.

— Obrigada, papai.

Ele sentiu o dinheiro deslizar-lhe dos dedos.

— Jesus! Vai logo! — resmungou o amigo lá de dentro.

— Escute, papai, é melhor a gente terminar, tá? Sabe como ele fica.

— Elvira...! — Karl enfiara de repente o braço através da abertura e agarrara-lhe no pulso. — Tem clínica em Nova Iorque! — sussurrou-lhe suplicante.

Ela contorceu-se, tentando se livrar da pressão.

— Oh, deixe disso! — exclamou.

— Eu lhe mando para lá! Eles lhe ajudam! Você não vai parar na cadeia! É...

— Meu Deus, papai, vá embora! — guinchou ela, libertando-se da

mão de Karl.

— Não, não, por favor! É...

Ela fechou-lhe a porta na cara.

No corredor sombrio, no tumulto atapetado das suas esperanças, Karl olhou, mudo, para a porta e em seguida curvou a cabeça, numa dor silenciosa. Do interior do apartamento veio uma conversa abafada. Depois, uma gargalhada, cínica e sonora de mulher. Em seguida, um ataque de tosse.

Karl virou-se para ir embora e sentiu como que uma punhalada nas costas ao ver o caminho bloqueado pelo tenente Kinderman.

— Talvez possamos falar agora, Sr. Engstrom — disse, arfando, asmático, de mãos nos bolsos do casaco e com tristeza nos olhos. — Talvez possamos ter uma conversa agora...

CAPÍTULO DOIS

Karras prendeu a fita numa bobina vazia, no escritório do diretor rotundo, de cabelos grisalhos, do Instituto de Línguas e Linguística. Tendo montado cuidadosamente diversas seções das fitas em bobinas separadas, ia agora passar a primeira. Pôs o gravador em movimento e afastou-se da mesa. Escutaram a voz febril, crocitando a sua algaravia. Em seguida, Karras voltou-se para o diretor.

— O que é isto, Frank? É uma língua?

O diretor estava sentado na beira da escrivaninha. Na hora em que a fita acabou, franzia a sobrancelha, intrigado.

— É muito estranho. Onde é que arranjou isso?

Karras parou a fita.

— Oh, é uma coisa que eu tenho há vários anos, quando trabalhei num caso de dupla personalidade. Estou fazendo um estudo sobre ele.

— Entendo.

— Então, o que lhe parece isto?

O diretor tirou os óculos e mordiscou a armação de tartaruga.

— Não, não se trata de nenhuma língua que alguma vez tenha ouvido. Contudo... — Franziu a sobrancelha. Depois, levantou a vista para Karras. — Quer passá-la outra vez?

Karras reboninou rapidamente a fita e tornou a passá-la.

— O que você acha, então? — perguntou ele.

— Bem, tem a cadência de uma língua.

Karras sentiu uma excitação de esperança. Procurou abafá-la.

— Sim, foi o que pensei — concordou —, mas tenho certeza de que a não reconheço, padre. É antiga ou moderna? Ou não sabe?

— Não, não sei.

— Bem, por que não deixa isso comigo, padre? Vou estudá-la com alguns dos rapazes.

— Pode tirar uma cópia? Gostaria de ficar com o original.

— Oh, sim, certamente.

— Entretanto, tenho mais outra coisa. Dispõe de tempo?

— Naturalmente. Qual é o problema?

— Bem, se eu lhe der fragmentos da fala normal do que aparentemente são duas pessoas diferentes, pode me dizer, por meio de uma análise semântica, se apenas uma pessoa podia ter sido capaz de falar de ambas as maneiras?

— Oh, penso que sim.

— Como?

— Bem, suponho que um quociente de “termo-tipo” é um bom

processo. Em extratos de mil palavras, ou mais, pode-se verificar a frequência com que ocorrem várias partes do discurso.

— E crê que isso é concludente?

— Oh, sim. Bem, até demais. Veja, esta espécie de teste toma em consideração qualquer mudança no vocabulário básico. Não são as palavras, mas a expressão das palavras: o estilo. Chamamos-lhe o “índice de diversidade”. É muito confuso para os leigos, aquilo que naturalmente pretendemos. — O diretor teve um sorriso travesso e indicou com um gesto feito com a cabeça as bobinas que se encontravam nas mãos de Karras. — Tem duas pessoas diferentes aí, não é verdade?

— Não, Frank, a voz e as palavras são da mesma pessoa. Como lhe disse, trata-se de um caso de dupla personalidade. As palavras e as vozes me parecem, totalmente diferentes, mas saíram da boca de uma só pessoa. Olhe, preciso que me faça um grande favor...

— Quer que as examine? Com muito prazer. Vou passá-las a um dos instrutores.

— Não, Frank, o grande favor é este: gostaria que você mesmo o fizesse e o mais depressa possível. É terrivelmente importante.

O diretor lendo-lhe a urgência nos olhos, fez um gesto afirmativo.

— Está bem, está bem. Vou fazer isso.

O diretor tirou cópias de ambas as fitas, e Karras voltou à Residência dos Jesuítas com os originais. No quarto, encontrou um recado. Tinham chegado os relatórios da clínica.

Apressou-se a ir à recepção e assinou o recibo referente ao envio. De volta ao quarto, começou a ler imediatamente; logo se convenceu de que a sua ida ao Instituto fora inútil.

“...indícios de culpa obsessiva, com consequente sonâmbulo-histeria...”

Havia sempre lugar para dúvidas. Era uma interpretação. *Mas os estigmas de Regan...* Karras apoiou o rosto cansado entre as mãos. Os estigmas da pele que Chris descrevera estavam descritos no *dossiê* de Regan. Mas também fora anotado que Regan tinha uma pele hiper-reativa, podendo ter sido ela própria a autora das misteriosas letras, traçando-as muito simplesmente com o dedo na pele, pouco tempo antes do seu aparecimento. Dermatografia.

Ela própria o fez, ponderou Karras. Tinha certeza. Logo que os braços de Regan foram imobilizados por correias — fazia notar o relatório — os misteriosos fenômenos tinham cessado, nunca mais se repetindo.

Fraude. Consciente ou inconsciente. Mas fraude.

Levantou a cabeça e olhou para o telefone. Frank. E se lhe

dissesse para não continuar? Tirou o telefone do gancho. Como não conseguiu falar com ele deixou recado. Depois, exausto, levantou-se e encaminhou-se vagarosamente para o banheiro, borrifando o rosto com água fria. “O exorcista vai simplesmente cuidar para que nenhuma das manifestações do doente fique sem...” Olhou para a sua imagem no espelho. Esquecera-se de alguma coisa? De quê? *O cheiro de chucrute*. Voltou-se, tirou uma toalha do toalheiro e enxugou o rosto. *Auto-sugestão*, lembrou-se. A certa altura, os doentes mentais pareciam poder comandar inconscientemente o seu corpo, de modo a emitirem variados odores.

Karras limpou as mãos. As pancadas... o abrir e fechar da gaveta. Psicocinese? De verdade? “*Você acredita nessa coisa?*” Deteve-se, ao colocar a toalha de volta; deu-se conta de que não estava pensando com clareza. *Cansado demais*. Contudo, não ousava entregar Regan a uma conjectura, à opinião, às traições selvagens do pensamento.

Abandonou a Residência e foi à biblioteca do *campus*, onde procurou no Guia de Literatura Periódica: *Po... Pol... Polte...* Encontrou o que procurava e sentou-se, com um jornal científico, a ler um artigo sobre a investigação de fenômenos de *poltergeist*, pelo psiquiatra alemão Dr. Hans Bender.

Não tinha dúvida, concluiu ele ao terminar: os fenômenos psicocinéticos existiam; tinham sido completamente documentados, filmados, observados em clínicas psiquiátricas. E em nenhum dos casos referidos no artigo descobriu qualquer ligação com a possessão demoníaca. Pelo contrário, a hipótese era que se tratava de energia inconscientemente produzida, dirigida pelo pensamento e comumente — e significativamente, compreendeu Karras — por adolescentes em estados de “tensão interior, frustração e raiva, extremamente intensos”.

Karras esfregou os olhos cansados. Ainda se sentia remisso. Tornou a percorrer um por um todos os sintomas, como um menino que volta atrás para tocar nas ripas de uma cerca de estacas brancas. Qual deles falhara?, perguntou a si mesmo. Qual?

A resposta, concluiu ele exausto, era: nenhum.

Devolveu o jornal à escrivania.

Voltou à casa das MacNeil. Willie abriu-lhe a porta e o levou até o gabinete de trabalho. A porta estava fechada. Willie bateu.

— O padre Karras — anunciou ela. — Entre.

Karras entrou e fechou a porta atrás de si. Chris estava em pé, de costas para ele, com a testa na mão e um cotovelo sobre o bar.

— Olá, padre.

A sua voz era um murmúrio rouco e desesperado. Preocupado, foi até junto dela.

— Você está bem? — perguntou com brandura.

— Sim, estou ótima.

A voz dela parecia tensa. Franziu a testa. A mão dela obscurecia-lhe o rosto. Tremia.

— O que se passa? — perguntou.

— Bem, já examinei os relatórios da clínica. — Esperou. Como ela não respondeu, continuou. — Creio que... — Fez uma pausa. — Bem, neste momento, a minha honesta opinião é de que a melhor maneira de ajudar Regan é por meio de tratamento psiquiátrico intenso.

Ela concordou com um sinal de cabeça, de cima para baixo, muito devagar.

— Onde está o pai dela? — perguntou o jesuíta.

— Na Europa — sussurrou ela.

— Já o informou sobre o ocorrido?

Pensara nisso algumas vezes. Sentira a tentação de fazê-lo. A crise podia reuni-los novamente. Mas o Howard e os padres... Por causa da Regan decidira não lhe comunicar nada.

— Não — respondeu ela em voz baixa.

— Bem, acho que podia constituir uma ajuda tê-lo aqui.

— Escute, nada poderá ajudar, exceto uma coisa do outro mundo! — explodiu Chris de repente. — Qualquer coisa muito do outro mundo!

— Acho que você devia mandar chamá-lo. Seria...

— Eu pedi para você expulsar um demônio, maldição, não para chamar outro pra cá! — gritou ela para Karras, num súbito ataque de histeria. As suas feições contorciam-se, angustiadas. — O que aconteceu assim de repente ao exorcismo?

— Agora...

— Que diabo eu quero com o Howard?

— Podemos falar sobre isso...

— Vamos falar sobre isso agora, maldição! Que diabo de utilidade o Howard pode ter aqui, agora? Vai servir de quê?

— Há uma forte probabilidade de que a doença de Regan tenha origem numa culpa por causa...

— Culpa por quê? — gritou ela, com um olhar selvagem.

— Poderia...

— Por causa do divórcio? Toda essa psiquiatria de merda?

— Então...

— Ela se sente culpada porque matou o *Burke Dennings*! — gritou Chris, apertando fortemente as têmporas com as mãos.

— Ela o matou! Ela o matou e vão matá-la, vão matá-la. Oh, meu Deus... oh, meu...

Karras a amparou quando, soluçando, ela ia caindo, e a conduziu até o sofá.

— Tudo bem, — repetia ele, suavemente — tudo bem...

— Não, eles vão... matá-la — soluçava ela. — Eles vão... vão... ohhh! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

— Está bem...

Ele a acalmou e a estendeu no sofá. Sentou-se na beira e agarrou-lhe a mão com as suas. Pensou em Kinderman. Dennings. Ela a soluçar. Irrealidade.

— Está bem, não chore... não chore... tudo bem... tenha calma...

O choro abrandou depressa e ele a ajudou a se sentar. Trouxe-lhe água e uma caixa de lenços de papel que encontrou numa prateleira atrás do bar. Depois, sentou-se ao lado dela.

— Oh, estou satisfeita — disse, fungando e assoando-se depois. — Meu Deus, estou satisfeita por ter atirado isto aqui para fora.

Karras estava violentamente perturbado e o seu próprio choque, ao imaginar o acontecido, aumentava à medida que ela ficava mais tranquila. Agora, fungadelas mais calmas. Soluços intermitentes na garganta. Sentia de novo o peso sobre as suas costas, enorme e opressivo. Endureceu interiormente. *Não! Não diga mais!*

— Quer me contar mais alguma coisa? — perguntou-lhe com meiguice.

Chris fez um sinal afirmativo com a cabeça. Suspirou. Limpou um dos olhos e falou, hesitante, aos arrancos, de Kinderman; do livro; da sua certeza de que Dennings estivera lá em cima no quarto de Regan; da grande força de Regan; da personalidade de Dennings; Chris vira-o com a cabeça torcida, de rosto voltado para as costas.

Ao terminar, esperou a reação de Karras. Ele não falou durante um tempo, enquanto repensava tudo. Por fim disse baixo:

— Você não sabe que ela o fez.

— Mas a cabeça voltada para trás... — volveu Chris.

— Você bateu com a cabeça contra a parede com bastante força — respondeu Karras. — Também se encontrava em estado de choque. Imaginou isso.

— Ela me disse que fez isso — entouou Chris, inexpressivamente.

Uma pausa.

— E ela lhe contou como o fez? — respondeu Karras. Chris balançou a cabeça. Ele voltou-se para ela.

— Não — respondeu ela. — Não.

— Então isso não significa nada — disse Karras. — Não, não significa nada a não ser que lhe tenha fornecido detalhes que concebivelmente ninguém conhecesse, exceto o assassino.

Ela balançou a cabeça, duvidando.

— Não sei — respondeu. — Não sei se estou dizendo o que devo. Creio que foi ela que o fez e que pode matar mais alguém. Não sei... — Interrompeu-se. — Padre, que devo fazer? — perguntou, desamparada.

O peso era agora de cimento; ao secar tomara a forma das costas. Pousou um cotovelo no joelho e fechou os olhos.

— Bem, agora já contou isso a alguém — disse ele tranquilamente. — Fez o que devia. Agora esqueça tudo. Arrume o caso e permita que eu me encarregue do resto.

Ele sentiu que ela o contemplava e a olhou.

— Está se sentindo melhor agora?

Ela assentiu com a cabeça.

— Quer me fazer um favor? — perguntou ele.

— Sim.

— Saia e vá ver um filme.

Ela limpou os olhos com as costas da mão e sorriu.

— Detesto fazer isso.

— Então vá visitar uns amigos.

— Tenho um amigo bem aqui — disse ela por fim. Karras sorriu.

— Repouse um pouco — aconselhou ele.

— Sim, vou repousar.

O jesuíta teve novo pensamento.

— Crê que o Dennings levou o livro lá para cima? Ou já estaria lá?

— Acho que já estava lá — respondeu Chris. Ele refletiu na resposta. Então se levantou.

— Bem, então, está bem. Precisa do carro?

— Não, fique com dele.

— Ótimo. Volto mais tarde.

— *Ciao*, padre.

— *Ciao*.

Ele saiu, numa perturbação profunda. Num turbilhão. Regan Dennings. *Impossível! Não!* No entanto, havia a quase convicção de Chris, a sua reação, a sua histeria. E é disso mesmo que se

trata: imaginação histérica. E no entanto... Corria atrás das certezas como atrás das folhas, no meio de um vento cortante.

Quando passou pela íngreme escadaria junto da casa ouviu um som lá embaixo, perto do rio. Parou e olhou para baixo, na direção do canal. Uma gaita. Alguém tocava *Red River Valley*, a canção favorita de Karras desde pequeno. Escutou até que o ruído produzido pelo tráfego a abafou, até que a momentânea reminiscência foi sacudida por um mundo atormentado que existia agora, que gritava por socorro, pingando sangue sobre os exaustores de fumaça. Colocou as mãos nos bolsos. Pensou febrilmente. Em Chris. Em Regan. Em Lucas dando pontapés em Tranquille. Devia fazer algo. Mas o quê? Podia obter melhores resultados que os clínicos de Barringer? "...ir a Central Casting!" Sim, sabia que era isso a esperança. Lembrou-se do caso de Achille. Possesso. Como Regan, dizia-se ele próprio um diabo; como a de Regan, sua doença fora causada por um sentimento de culpa: o remorso de uma infidelidade conjugal. O psicólogo Janet o curara sugerindo hipnoticamente a presença da mulher, que apareceu perante os olhos alucinados de Achille e lhe perdoou solenemente. Karras balançou a cabeça. A sugestão podia dar resultado com a Regan. Mas não pela hipnose. Já a tinham tentado em Barringer. Não. A sugestão contrária para Regan, segundo ele, era o ritual do exorcismo. Ela sabia; conhecia os efeitos. *A sua reação à água benta. Leu aquilo no livro.* E no livro havia descrições de exorcismos bem sucedidos. *Podia dar resultado! Podia! Podia dar resultado!* Mas como obter a autorização da Chancelaria? Como instaurar um processo sem mencionar Dennings? Karras não podia mentir ao bispo. Não ia falsificar os fatos. *Mas você pode deixar que os fatos falem por si próprios!*

"Que fatos?"

Passou a mão pela testa. Precisava dormir. Não conseguia dormir. Sentiu as têmporas batendo, sentiu dores de cabeça. "O que, papai?" *Que fatos?*

As fitas gravadas, no Instituto. O que encontraria Frank? Poderia encontrar alguma coisa lá? Não. Mas, quem sabe? Regan não distinguira a água benta da água da torneira, então. *Mas se supusermos que ela é capaz de ler o meu pensamento, por que é que não distinguira a diferença entre as duas?* Levou a mão à testa. A dor de cabeça. Confusão. *Meu Deus, Karras, acorda! Alguém está morrendo. Acorda!*

De volta ao quarto, telefonou para o Instituto. Frank não estava. Desligou o telefone. Água benta. Água da torneira. Alguma coisa. Abriu o *Ritual* nas "Instruções aos exorcistas";

“...espíritos maus... respostas enganadoras... de modo a parecer que o atormentado de maneira alguma está possesso...” Karras ponderou. Seria aquilo? *De que diabo estás falando? De que “espírito mau”?*

Fechou o livro com ruído e viu os relatórios médicos. Releu-lhes, rastreando rapidamente à procura de alguma coisa que pudesse facilitar as coisas com o bispo.

Pare. Não há caso de histeria. Já é alguma coisa. Mas fraca. Uma discrepância... O que seria? Examinou, desesperado, as recordações dos seus tempos de estudante. Então, lembrou-se... Não era muito, mas já era alguma coisa. Foi ao telefone e ligou para Chris. Esta parecia com sono.

— Olá, padre.

— Estava dormindo? Desculpe.

— Tudo bem.

— Chris, onde se encontra aquele médico... — Karras passou um dedo por uma página dos relatórios. — O Dr. Klein?

— Em Rosslyn.

— No edifício dos médicos?

— Sim.

— Faça-me o favor de lhe telefonar e dizer que o Dr. Karras vai passar por lá e que gostaria de ver o EEG da Regan. Chris, diga-lhe que é o Dr. Karras, sim? Entendeu?

— Entendi.

— Mais tarde falo com você.

Depois de ter desligado o telefone, Karras tirou o colarinho e despiu a batina e a calça preta, mudando rapidamente para calça de cáqui e camisa esportiva. Por cima, vestiu sua capa de chuva preta, de sacerdote, abotoando-a até à gola. Viu-se ao espelho e franziu a sobrancelha. *Padres e policiais*, pensou ele ao desabotoar rapidamente a capa: as suas roupas tinham um cheiro característico que não podia ser dissimulado. Karras tirou os sapatos e calçou o único par que possuía além dos pretos: os poídos sapatos brancos de tênis.

No carro de Chris, dirigiu-se rapidamente para Rosslyn. Enquanto esperava na Rua M pelo sinal para atravessar a ponte, olhou pela janela da direita e viu uma coisa inquietante: Karl saía de um *sedan* preto, na Rua Trinta e Cinco, em frente do Dixie Liquor Store. O motorista do carro era o tenente Kinderman.

A luz mudou. Karras acelerou, disparando em frente, e virou para a ponte; depois, olhou para trás, pelo retrovisor. Teriam-no visto? Achava que não. Mas o que andavam fazendo juntos?

Puro acaso? Teria alguma coisa a ver com Regan? Com Regan e...?

Esquece! Cada coisa a seu tempo!

Estacionou o carro junto do edifício dos médicos e subiu até o consultório do Dr. Klein. O médico estava ocupado, mas uma enfermeira entregou a Karras o EEG, e rapidamente ele se encontrava num cubículo, estudando a estreita e longa fita de papel que lhe escorregava por entre os dedos.

Klein entrou apressado e passou os olhos, intrigado, pelo fato de Karras.

— É o Dr. Karras?

— Sim, como vai? — disse o jesuíta, apertando a mão do médico.

— Sou Klein. Como vai a menina?

— Progredindo.

— Estou satisfeito por saber isso. — Karras fez incidir o olhar sobre o gráfico e Klein o observou com ele, percorrendo com o dedo o traçado das ondas. — Ali, vê? É muito regular. Não há flutuações.

— Sim, vejo. — Karras franziu a sobrancelha, continuando o estudo. — Muito curioso. Presumindo que se trata de histeria.

— Não entendo.

— Suponho que é pouco conhecido — murmurou Karras, fazendo deslizar o papel pelas mãos, num movimento contínuo —, mas um belga, Iteka, descobriu que a histeria faz aparecer flutuações bastante estranhas no gráfico, um desenho minúsculo, mas sempre idêntico. Andei a procurá-lo aqui, mas não o encontro.

Klein soltou um grunhido, sem emitir opinião.

— E isto que está aqui?

— Ela estava certamente doente quando fez o gráfico, não é verdade? — disse ele, olhando o médico.

— Sim, estava doente.

— Bem, então, não é curioso que o teste esteja tão perfeito? Mesmo as pessoas num estado normal podem exercer alguma influência sobre as suas ondas cerebrais, pelo menos dentro dos limites habituais, e Regan naquela altura estava perturbada. Segundo parece, devia haver alguma flutuação. Se...

— Sr. Doutor, a Sr.^a Simmons está ficando impaciente — interrompeu uma enfermeira, entreabrindo a porta.

— Sim, vou já — suspirou Klein. A enfermeira desapareceu apressada e ele deu um passo em direção ao corredor; depois, voltou-se com a mão na empena da porta. — Falando de histeria

— observou secamente. — Desculpe. Tenho de me apressar.

Fechou a porta atrás de si. Karras ouviu os passos pelo corredor afora e notou que uma porta se abria; ouviu: “Bem, então como se sente hoje, Sr.^a...”

A porta fechou-se. Karras voltou ao estudo do gráfico, terminou, o enrolou e pôs-lhe o elástico. Devolveu-lhe à enfermeira da recepção. Algo. Era uma coisa que podia utilizar como argumento perante o bispo: que Regan não era uma histérica e portanto, possivelmente, estaria possessa. E, no entanto, o EEG ainda apresentara outro mistério: por que não havia flutuações? Conduziu até casa de Chris, mas num sinal de paragem situado na esquina da Rua Prospect com a Trinta e Cinco ficou paralisado ao volante: estacionado entre Karras e a Residência dos Jesuítas, estava Kinderman, sentado ao volante, sozinho, de cotovelo fora da janela, olhando em frente.

Karras virou à direita antes de Kinderman poder vê-lo no Jaguar de Chris. Encontrou rapidamente um lugar para arrumar o carro e depois dobrou a pé a esquina, como se estivesse indo para a Residência. *Será que ele está vigiando a casa?*, perguntou-se, preocupado. O espectro de Dennings ergueu-se novamente para assombrá-lo. Seria possível que Kinderman pensasse que Regan tinha...? *Calma. Devagar. Fique frio.*

Caminhou até junto do carro e pôs a cabeça pela janela do lado do passageiro.

— Olá, tenente.

O detetive virou-se rapidamente e pareceu surpreso. Depois, mostrou-se radiante.

— Padre Karras.

Fora de tom, pensou Karras. Reparou que as suas mãos estavam úmidas e frias. *Relaxe! Não deixe que ele perceba que você está preocupado! Relaxe!*

— Não sabe que vai ser multado? Estacionamento proibido entre as quatro e as seis, nos dias de semana.

— Não se preocupe com isso — ofegou Kinderman. — Estou falando com um padre. Os policiais dessa área são todos católicos, ou estão para ser.

— Como tem passado?

— Para falar com franqueza, padre Karras, apenas mais ou menos. E você?

— Não tenho do que me queixar. Já resolveu aquele caso?

— Que caso?

— O do diretor.

O Exorcista

— Oh, esse. — Fez um gesto de desânimo. — Não pergunte. Escute, o que você está fazendo esta noite? Está ocupado? Eu estou com ingressos para o Crest. Está passando Otelo.

— É com quem?

— Molly Picon é Desdêmona e Otelo, Leo Fuchs. Está feliz? São de cortesia, padre Marlon Detalhista! É William F. Shakespeare! Não importa quem são os atores! E agora, vem?

— Receio que terei de adiar. Estou cheio de coisa para fazer.

— Percebe-se. Está com uma cara péssima, desculpe reparar. Tem ficado acordado até tarde?

— Tenho sempre uma cara péssima.

— Só que agora está pior do que de costume. Vamos! Saia por uma noite! Vamos nos divertir!

Karras decidiu testá-lo, tocar num ponto delicado.

— Tem certeza de que é esse filme que está passando? — perguntou. Os seus olhos examinaram fixamente os de Kinderman. — Eu poderia jurar que está passando um filme com a Chris MacNeil no Crest.

O detetive fez uma pequena pausa e depois respondeu rapidamente:

— Não, tenho certeza. É Otelo.

— A propósito, o que o traz aqui nas redondezas?

— Você! Só vim convidá-lo para o filme!

— Sim, é mais fácil vir aqui de carro que pegar um telefone — disse Karras de mansinho.

As sobrancelhas do detetive levantaram-se num protesto de inocência pouco convincente.

— O telefone estava ocupado! — soprou ele, rouco, levantando no ar a mão aberta.

O jesuíta o olhou inexpressivamente.

— O que há de errado? — perguntou Kinderman após um momento.

Com ar grave, Karras colocou a mão dentro do carro e levantou uma das pálpebras de Kinderman. Examinou-lhe o globo ocular.

— Não sei. Você me parece muito mal. Pode ficar doente de mitomania.

— Não sei o que quer dizer com isso — respondeu Kinderman quando Karras retirou a mão. — É sério?

— Não é fatal.

— O que é? Estou louco de ansiedade!

— Vá ver — disse Karras.

— Escute, não seja tão esnobe. De vez em quando deve dar a César um pouco do que é de César. Represento a lei. Podia deportá-lo, sabia?

— Para quê?

— Um psiquiatra não deve afligir as pessoas. Além disso, falando com franqueza, os gentios apreciariam muito isso. Em todo caso, padre, você é para eles um estorvo em tudo. Não, francamente, os embarça. Eles gostariam de se ver livres de você. Quem precisa de um padre que usa blusão de moletom e tênis?

Karras concordou com a cabeça e sorriu de leve.

— Tenho de ir. Tome cuidado. — O jesuíta bateu duas vezes com a mão na moldura da janela num aceno e em seguida voltou-se e caminhou vagarosamente para a entrada da Residência.

— Vá a um psicanalista! — gritou o detetive com voz rouca. Em seguida, o seu ar calmo deu lugar à apreensão. Olhou para a casa através do parabrisa, depois ligou o motor e começou a caminhar. Passando por Karras, tocou a buzina e disse adeus.

Karras correspondeu e ficou vendo Kinderman dobrar a esquina da Rua Trinta e Seis. Em seguida, ficou um tempo imóvel na calçada, coçando a testa devagarinho com a mão trêmula. Realmente, a menina poderia tê-lo feito? Poderia Regan ter matado Burke Dennings de um modo tão horrível? Olhou para a janela de Regan com os olhos febris. *Santo nome de Deus, o que se passa naquela casa?* E quanto tempo decorreria antes de Kinderman pedir para ver Regan? De ter uma oportunidade de observar a personalidade de Dennings? De ouvi-la? Quanto tempo passaria antes de Regan ser internada?

Ou morrer?

Ele tinha de organizar o processo para a Chancelaria. Atravessou a rua em diagonal, em direção à casa de Chris. Tocou a campainha. Willie abriu-lhe a porta.

— A senhora está dando um cochilinho — disse ela.

— Bem. Muito bom — disse Karras num gesto de assentimento. Passou por ela e subiu ao quarto de Regan no andar de cima. Ele procurava conhecer alguma coisa no âmagô. Entrou e viu Karl numa cadeira junto da janela, de braços cruzados, olhando para Regan. Estava silencioso como um escuro e denso bosque.

Karras foi até junto da cama e olhou para Regan. O branco dos olhos parecia um nevoeiro leitoso. Murmúrios, encantamentos de outro mundo. Karras virou os olhos na direção de Karl. Em seguida, inclinou-se devagar e começou a desatar uma das correias que prendiam Regan.

— Padre, não!

Karl correu para a cabeceira da cama e puxou o braço do padre.

— Muito mau, padre! Forte! Isso é forte. Deixe as correias!

Nos seus olhos havia um medo que Karras reconheceu ser genuíno. Agora sabia que a força de Regan não era teórica; era de fato. Ela poderia ter feito. Poderia ter torcido o pescoço de Dennings. *Meu Deus, Karras! Rápido! Encontre alguma prova! Pensa! Rápido, antes que...!*

— *Ich möchte Sie etwas fragen, Engstrom!*¹

Surpreendido pela descoberta e pela esperança ardente que surgia, Karras voltou rapidamente a cabeça e baixou os olhos para a cama. O demônio ria zombeteiramente para Karl.

— *Tanzt Ihre Tochter gern?*

Alemão! Perguntara se a filha de Karl gostava de dançar! Com o coração apertado, Karras voltou-se e viu que as faces do criado estavam cor de carmesim, que ele tremia, que os olhos chispavam de fúria.

— Karl, é melhor sair — aconselhou Karras com brandura.

O suíço balançou a cabeça, cerrando os punhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Não, eu fico!

— Saia, por favor — disse o jesuíta com firmeza. O seu olhar, implacável, sustentava o de Karl.

Depois de um momento de teimosa resistência, Karl cedeu e saiu do quarto.

As gargalhadas tinham cessado. Karras voltou-se. O demônio o vigiava. Parecia satisfeito.

— Então voltaste — crocitou. — Estou espantado. Pensei que aquela vergonha da água benta tinha te desencorajado para não mais voltar. — Riu. — Mas esqueci que um padre não tem vergonha.

Karras respirou devagar e se esforçou para refrear suas esperanças, pensar com clareza. Sabia que na possessão o teste da linguagem requeria conversações inteligentes como prova de que nada do que se dissesse seria atribuível a recordações linguísticas esquecidas. *Calma! Devagar! Lembra daquela moça?* Uma criada de uns dezenove anos. Possuída. Quando em delírio, balbuciava uma língua que finalmente se reconheceu ser o siríaco. Karras esforçou-se por pensar na excitação que causara, em como

¹ Eu gostaria de perguntar-lhe uma coisa, Engstrom!

(Nota do editor)

finalmente depois se soube que a moça estivera uma vez empregada numa pensão em que um dos hóspedes era estudante de Teologia. Nas vésperas de exame ele andava de um lado para o outro no quarto e subia e descia as escadas repetindo alto as suas lições de siríaco. E a jovem as tinha ouvido. *Fique calmo! Não vá se queimar!*

— *Sprechen Sie deutsch?*¹ — perguntou Karras cauteloso.

— Mais jogos?

— *Sprechen Sie deutsch?* — repetiu ele, com o pulso ainda batendo forte com aquela esperança distante.

— *Natürlich*² — troçou o demônio. — *Mirabile dictu*³, não concordas?

O coração do jesuíta deu um salto. Além de alemão falava latim! E no contexto!

Quid nomen mihi est? — perguntou rapidamente. — Qual é o meu nome?

— *Karras.*

E agora, excitado, o padre apressou-se a continuar.

— *Ubi sum?* — Onde estou?

— *In cubiculo.* — Num quarto.

— *Et ubi est cubiculum?* — E onde fica o quarto?

— *In domo.* — Numa casa.

— *Ubi est Burke Dennings?* — Onde está Burke Dennings?

— *Mortuus.* — Está morto.

— *Quomodo mortuus est?* — Como morreu?

— *Inventus est capite reverso.* — Foi encontrado com a cabeça ao contrário.

— *Quis occidit eum?* — Quem o matou?

— *Regan.*

— *Quomodo ea occidit illum? Dic mihi exacte!* — Como ela o matou? Diga-me em detalhes!

— Oh, bem, isso é suficientemente excitante para mim, por enquanto. — disse o demônio, sorrindo num gracejo. — Suficiente. Completamente suficiente. Embora claro que o ocorresse, suponho, que enquanto tu estavas formulando tuas perguntas em latim, tu estavas mentalmente formulando respostas em latim." — Riu. — Tudo inconsciente, é claro. Sim, o que fariamos nós sem o inconsciente? Karras, vêς onde quero chegar?

¹ Você fala alemão?

² Naturalmente.

³ Maravilhoso de se dizer.

(Notas do editor)

Eu não falo latim. Leio o teu pensamento. Tiro simplesmente as respostas da tua cabeça!

Karras, num pavor instantâneo, ao ver ruir a sua certeza, sentiu-se desapontado e frustrado em extremo pela dúvida insistente implantada agora no seu cérebro.

O demônio riu em escárnio.

— Sim, Karras, eu sabia o que ia te acontecer — crocitou ele. — É por isso que gosto de ti. É por isso que aprecio todos os homens capazes de raciocinar. — Sua cabeça inclinara-se para trás, numa torrente de gargalhadas.

O pensamento do jesuíta correu, rápido, desesperado, formulando perguntas para as quais não havia uma resposta única, mas várias. *Mas pode ser que eu pensasse nelas todas!* raciocinou ele. *Muito bem! Então faz uma pergunta para a qual não conheças a resposta!* Podia verificar a resposta mais tarde, para ver se estaria correta.

Esperou que as gargalhadas diminuíssem antes de falar.

— *Quam profundus est imus Oceanus Indicus?* — Qual é a profundidade do oceano Índico no ponto mais baixo?

Os olhos do demônio brilharam:

— *La plume de ma tante.*¹ — rosnou.

— *Responde Latine.*²

— *Bonjour! Bonne nuit!*³

— *Quam...*

Karras interrompeu-se ao ver os olhos revirados nas órbitas e aparecer a entidade que falava a algaravia.

— Deixe-me falar outra vez com o demônio! — pediu Karras impaciente e frustrado.

Nada de resposta. Apenas a respiração vinda da outra margem.

— *Quis est tu?* — atirou ele numa voz rouca e desfeita. Ainda a respiração.

— Deixe-me falar com Burke Dennings!

Um soluço. A respiração. Um soluço. A respiração.

— Deixe-me falar com Burke Dennings!

Os soluços continuavam regulares e violentos. Karras balançou a cabeça. Depois, encaminhou-se para uma cadeira e sentou-se na

¹ A pluma da minha tia.

² Responda em latim.

³ Bom dia! Boa noite!

(Notas do editor)

beira. Curvou as costas, tenso, atormentado. À espera...

O tempo escoou-se. Karras cochilou. Depois, levantou a cabeça de repente. *Mantenha-se acordado!* De pálpebras pesadas, piscando, olhou para Regan. Não havia soluços. Silêncio.

Dormindo?

Encaminhou-se para a cama. Olhou para a menina. Olhos fechados, respiração pesada. Baixou-se e tomou-lhe o pulso; em seguida curvou-se mais e examinou-lhe cuidadosamente os lábios. Estavam ressequidos. Endireitou-se e esperou. Por fim, saiu do quarto. Desceu à cozinha à procura de Sharon e a encontrou à mesa tomando sopa e comendo um sanduíche.

— Posso preparar alguma coisa para você comer, Padre Karras? — perguntou ela. — Você deve estar com fome.

— Não, não estou, muito obrigado — respondeu. Sentou-se, estendeu o braço e pegou um lápis e um bloco junto da máquina de escrever de Sharon. — Ela tem soluçado — disse ele. — Tem alguma *Compazina* que lhe tenham receitado?

— Sim, temos.

— Então, esta noite aplique-lhe metade de um supositório de vinte e cinco miligramas.

— Está bem.

— Ela está começando a desidratar — continuou ele. — Então, vou colocar a alimentação intravenosa. Amanhã de manhã, a primeira coisa a fazer é telefonar para uma farmácia e pedir para lhe entregarem isto imediatamente. — Deslizou sobre a mesa, na direção de Sharon, o bloco em que escrevera. — Entretanto, como ela está dormindo, podia alimentá-la com *Sustagen*.

— Está bem. — Concordou Sharon com a cabeça. — Vou fazer isso. — Enquanto punha uma colher de sopa na boca, Sharon virou o bloco para si e olhou para a lista. Karras a observava. Depois, franziu a sobrancelha, concentrado.

— Você é a tutora dela?

— Sim, sou.

— Ensinou-lhe latim?

— Não, não ensinei — respondeu ela intrigada.

— E alemão?

— Apenas francês.

— A que nível? *La plume de ma tante?*

— Mais ou menos.

— Mas nem alemão nem latim?

— Hanrã, não.

— Mas os Engstrom falam alemão às vezes?

O Exorcista

- Oh, claro.
- Perto da Regan?
- Sharon encolheu os ombros.
- Suponho que sim. — Levantou-se e foi pôr os pratos na lava-louça. — De fato, tenho quase certeza.
- Você estudou latim alguma vez? — perguntou Karras.
- Não, nunca.
- Mas reconheceria o som geral?
- Oh, tenho certeza. — Lavou a tigela de sopa e a colocou para escorrer.
- Ela falou alguma vez latim na sua presença?
- A Regan?
- Desde que está doente.
- Não, nunca.
- E qualquer outra língua? — perguntou Karras. Sharon fechou a torneira, pensativa.
- Bem, eu podia tê-lo imaginado, creio, mas...
- O quê?
- Bem, penso... — franziu a sobrancelha. — Bem, iria jurar que a ouvi falar russo.
- Você fala russo? — perguntou ele espantado, de garganta seca.
- Oh, bem, mais ou menos — disse ela, encolhendo os ombros. Começou a dobrar o pano da louça.
- Estudei só no colégio, é tudo.
- Karras vacilou. *Ela apanhou o latim no meu pensamento.* Olhando, desolado, apoiou a testa nas mãos, duvidando, em tormentos do conhecimento e da razão. *A telepatia é mais comum nos estados de grande tensão: falando sempre numa língua conhecida de um dos presentes: "...pensa as mesmas coisas que eu penso..."; "Bonjour..."; "La plume de ma tante..."; "Bonne nuit..."* Com tais pensamentos, ele viu lentamente o sangue se transformar em vinho.
- O que fazer? Vai dormir um pouco. Depois volta e experimenta outra vez... experimenta outra vez... experimenta outra vez.*
- Levantou-se e olhou perturbado para Sharon. Ela encontrava-se encostada à lava-louça, pensativa, de braços cruzados, observando-o.
- Vou para a Residência — disse ele. — Gostaria de receber um telefonema assim que a Regan acordasse.
- Oh sim, eu telefono.
- E a *Compazina*? — lembrou. — Não vai esquecer?

— Não — disse ela —, vou tratar disso imediatamente. Ele fez um sinal afirmativo. De mãos nos bolsos, baixou os olhos, tentando pensar no que poderia ter esquecido de dizer a Sharon. Havia sempre algo a fazer, algo que se omitiria quando tudo fora feito.

— Padre, o que está havendo? — ouviu-lhe perguntar, gravemente. — O que está havendo realmente com a Rags?

Virou para ela um olhar alucinado e duro.

— Eu realmente não sei — disse exausto. Voltou-se e saiu da cozinha.

Ao passar no *hall* de entrada, Karras ouviu atrás dele passos que se aproximavam rapidamente.

— Padre Karras!

Virou-se. Viu Karl com a sua camisa.

— O senhor desculpe — disse o criado ao entregá-la.

— Pensava tê-la pronto muito antes. Mas esqueci.

As manchas do vômito haviam desaparecido e a camisa irradiava um cheiro agradável.

— Foi muito atencioso, Karl — disse o padre com brandura. — Muito obrigado.

— Obrigado a você, padre Karras.

A voz do criado lhe tremia e os olhos estavam rasos de água.

— Obrigado por ajudar a senhorita Regan — terminou Karl. Depois, desviou a cabeça, constrangido, e deixou o recinto rapidamente.

Karras o observou, lembrando-se da sua presença no carro de Kinderman. Mais mistério. Confusão. Abriu a porta, cansado. Era noite. Desesperado, saiu da escuridão para a escuridão.

Atravessou a rua na direção da Residência, à procura do sono, mas ao entrar no quarto viu um bilhete cor-de-rosa no chão. O apanhou. Um recado de Frank. As fitas. O número de casa. “Favor telefonar...”

Tirou o telefone do gancho e pediu o número. Esperou. As mãos tremiam-lhe com a violência da esperança.

— Alô? — um garoto jovem, de voz fina.

— Posso falar com o seu pai, por favor?

— Sim. Só um instante. — O ruído do fone, que logo foi retomado. Ainda o rapaz. — Quem fala?

— O padre Karras.

— O padre Karrits?

— Karras. O padre... — disse ele, com o coração palpitando mas uniformemente.

Karras apertou os dedos contra a testa. Ruídos no telefone.

O Exorcista

- Padre Karras?
- Sim. Olá, Frank. Tenho tentado falar com você.
- Oh, desculpe. Tenho estado em casa trabalhando nas fitas.
- Já acabou?
- Já, sim. A propósito, aquilo é uma coisa muito estranha.
- Eu sei — Karras tentou abrandar a tensão da voz. — O que me diz, Frank? O que descobriu?
- Bem, primeiro, aquele quociente de “termo-tipo”...
- Sim?
- Bem, não tive uma amostra suficiente para ser absolutamente exato, entende? Mas diria que estou muito perto ou, pelo menos, tanto quanto as coisas permitem. Bem, de qualquer forma diria que as duas vozes diferentes, nas fitas, são provavelmente de personalidades separadas.
- Provavelmente?
- Bem, eu não ia querer jurar isso num tribunal. De fato, teria de dizer que a variação é na realidade apenas mínima.
- Mínima... — repetiu Karras moroso. *Bem, é o jogo da péla.*
- E a respeito da algaravia? — perguntou sem esperança. — É alguma espécie de língua?
- Frank riu.
- É assim tão divertido? — perguntou o jesuíta, aborrecido.
- Padre, isto era realmente um teste psicológico secreto?
- O que quer dizer, Frank?
- Bem, eu acho que as suas fitas se emaranharam ou coisa parecida. É...
- Trata-se ou não de uma língua, Frank — cortou Karras.
- Oh, certamente; diria que se trata de uma língua.
- Está brincando? — tornou Karras, hirtó.
- Não, não estou.
- Que língua é? — perguntou Karras, descrente.
- Inglês.
- Karras emudeceu por um momento e quando falou o fez numa voz cortante.
- Frank, parece que a ligação é muito ruim, ou você quer me explicar a piada?
- Seu gravador está aí? — perguntou Frank. O gravador estava em cima da escrivaninha.
- Sim, está.
- Tem um botão de retrocesso?
- Por quê?
- Tem ou não?
- Só um segundo. — Irritado, Karras pousou o telefone e

tirou a tampa do gravador para verificar. — Sim, tem. Frank, para que isso tudo?

— Ponha a fita no gravador e passe-a de trás pra frente.

— O quê?

— Há uns duendes aí. — Frank riu. — Olhe, passe a fita e nos falamos amanhã. Boa noite, padre.

— Boa noite, Frank.

— Divirta-se.

Karras desligou. Parecia perplexo. Procurou a fita da algaravia e a colocou no gravador. Primeiro, a passou normalmente, e escutou. Era uma algaravia. Deixou-lhe correr até o fim e depois a passou ao contrário. Ouviu a sua voz falando ao contrário. Depois a de Regan — ou de outra pessoa — *em inglês!*

...Merin merin karras paz em nós deixa-nos...

Inglês. Sem sentido, mas inglês! *Como é que ela podia fazer aquilo?* admirou-se ele. Ouviu tudo, depois voltou a rebobinar a fita e a passou de novo. E mais uma vez. Por fim, descobriu que a ordem do discurso estava invertida.

Parou a fita e tornou a rebobiná-la. Sentou-se à escrivaninha com lápis e papel e começou a passar a fita desde o princípio, enquanto transcrevia as palavras, trabalhando longa e penosamente, pondo o gravador em movimento a cada instante. Quando finalmente terminou, fez outra transcrição para uma segunda folha de papel, invertendo a ordem das palavras. Depois, inclinou-se para trás e leu:

...perigo. Ainda não. (indecifrável) morrerá. Pouco tempo. Então a (indecifrável). Deixe-a morrer. Não, não, doce! É doce no corpo! Eu sinto! Há (indecifrável). É melhor (indecifrável) que o vazio. Eu temo o padre. Dê-nos tempo. Tema o padre! Ele é (indecifrável). Não, não é este: é o (indecifrável), aquele que (indecifrável). Ele está doente. Oh, o sangue, sintam o sangue, como ele (canta?).

Aquí, Karras perguntou: “Quem é você?”, e veio a resposta: Não sou ninguém. Não sou ninguém. Depois Karras inquireu: “É esse o teu nome?”, e em seguida: Não tenho nome. Não sou ninguém. Muitos. Deixe-nos em paz. Deixe-nos aquecidos no corpo. Não nos (indecifrável) do corpo no vácuo, no (indecifrável). Deixe-nos. Deixe-nos em paz. Karras (Merin? Merin?)...

Repetiu várias vezes a leitura, perseguido pelo seu tom, pela sensação de que falava mais de uma pessoa, até que finalmente a própria repetição enfraqueceu as palavras, transformando-as em banalidades. Pousou o bloco em que as transcrevera e esfregou o rosto, os olhos, os pensamentos. Não era uma língua conhecida. E

escrever ao contrário com facilidade dificilmente era paranormal ou mesmo incomum. Mas falar ao contrário: ajustando e alterando a fonética de modo que o passá-las de trás pra frente as tornasse inteligíveis; não estaria tal habilidade fora do alcance até de um intelecto hiper-estimulado? Seria o inconsciente acelerado a que Jung se referia? Não. Uma coisa...

Recordou-se. Foi à estante buscar um livro: *Psicologia dos Fenômenos Ocultos*, de Jung. *Algo de similar ali*, pensou ele. O quê?

Encontrou: a relação de uma experiência de escrita automática, na qual o inconsciente do sujeito parecia capaz de responder às suas perguntas e anagramas.

Anagramas!

Pôs o livro ao alto, aberto sobre a escrivaninha. Debruçou-se sobre ele e leu a descrição de parte de uma experiência:

3º DIA

O que é o homem? *Niso dapem cava eza.*

Isto é um anagrama? *Sim.*

Quantas palavras tem? *Cinco.*

Qual é a primeira palavra? *Veja.*

Qual é a segunda palavra? *Eeeee.*

Vê? Posso interpretar eu mesmo? *Tente!*

O sujeito encontrou esta solução: *A vida é menos capaz*”.

Ficou espantado com aquela manifestação intelectual, que lhe parecia provar a existência de uma inteligência independente da sua própria. E portanto continuou perguntando:

Quem é você? *Clelia.*

Você é uma mulher? *Sim.*

Viveu na terra? *Não.*

Vai viver? *Sim.*

Quando? *Dentro de seis anos.*

Por que você conversa comigo? *Ise Cletia ulon*

O sujeito interpretou esta resposta como um anagrama de “Eu Clelia sinto”.

4º DIA

Sou eu quem responde às perguntas? *Sim.*

A Clelia está aí? *Não.*

Então quem está aí? *Ninguém.*

A Clelia existe? *Não.*

A Clelia existe, pelo menos? *Não.*

Então com quem estive falando ontem? *Com ninguém.*

Karras deixou de ler. Balançou a cabeça. Aqui não havia atuações paranormais; apenas as infinitas habilidades da mente.

Pegou um cigarro, sentou-se e o acendeu. “Não sou ninguém.

Muitos.” Sinistro. De onde viria aquele conteúdo da sua fala?, ponderou.

“Com ninguém.”

Do mesmo lugar onde Clelia viera? Personalidades emergentes?

“*Merin... Merin...*” “*Oh, o sangue...*” “*Ele está doente...*”

Obcecado, olhou para o seu exemplar de *Satanás* e o folheou, taciturno, abrindo-o na página da inscrição: “Não permita que o dragão seja o meu guia...”

Expeliu a fumaça e fechou os olhos. Tossiu. Sentia a garganta áspera e inflamada. Esmagou o cigarro, de olhos chorosos por causa da fumaça. Exausto. Os ossos pareciam canos de ferro. Levantou-se e pôs do lado de fora da porta o letreiro “Não perturbe”. Apagou a luz do teto, correu as persianas da janela, chutou fora os sapatos e deixou-se cair na cama. Fragmentos. Regan. Dennings. Kinderman. O que fazer? Tinha que ajudar. Como? Tentar o bispo com o pouco que tinha? Pensava que não. Nunca poderia defender o caso de um modo convincente.

Pensou em se despir e jogar-se na cama. Cansado demais. Aquele peso. Queria se libertar.

“...*Deixe-nos em paz!*”

“Deixe-me em paz”, respondeu ele ao fragmento.

Caiu num sono escuro, imóvel, granítico.

Foi acordado pelo toque do telefone. Grogue, procurou o interruptor da luz às apalpadelas. Que horas eram? Pouco mais de três. Alcançou o telefone às cegas. Atendeu. Sharon. Poderia ir até a casa imediatamente? Iria. Desligou o telefone, sentindo-se novamente capturado, sufocado, enredado.

Foi ao banheiro, borrifou o rosto com água fria e enxugou-se. Ia saindo do quarto, mas na porta voltou-se e foi buscar a camisa; a colocou pela cabeça e depois saiu.

O ar era frio e tranquilo na escuridão. Uns gatos, num caixote de lixo, afastaram-se com medo quando ele se encaminhou para a casa de Chris.

Sharon veio recebê-lo à porta. Vestia um suéter e vinha embrulhada num cobertor. Parecia assustada. Confusa.

— Desculpe, padre — murmurou ela quando Karras entrava em casa —, mas acho que você precisa ver isto.

— O quê?

— Vai ver. Não façamos barulho. Não quero acordar a Chris. Ela não deve ver isso. — Fez sinal para segui-la.

Ele a seguiu de ponta de pés, em silêncio, escada acima, até o quarto de Regan. Ao entrar, o jesuíta sentiu seus ossos esfriarem.

O quarto estava gelado. Intrigado, franzindo a sobrancelha, olhou para Sharon, e ela, séria, fez um sinal afirmativo.

— Sim. Sim, o aquecimento está ligado — cochichou. Em seguida voltou-se e olhou para Regan, para o branco dos seus olhos, com brilho sinistro à luz da lâmpada. Parecia estar em coma. A respiração pesada. Imóvel. O tubo nasogástrico estava em seu lugar. O *Sustagen* infiltrava-se vagarosamente no organismo.

Sharon foi silenciosamente até à cama e Karras a seguiu, ainda surpreso com o frio. Quando estavam em pé junto da cama, ele viu gotas de transpiração na testa de Regan; olhou para baixo e viu as mãos dela firmemente seguras nas correias de contenção.

Sharon. Ela se curvava, abrindo devagar o pijama de Regan para os lados e Karras foi atingido por uma onda de piedade à vista do peito definhado, das costelas salientes, onde se podiam contar as semanas ou os dias de vida que lhe restavam.

Sentiu os olhos alucinados de Sharon a observá-lo.

— Não sei se acabou — sussurrou ela. — Mas veja: observe bem o peito dela.

Ela voltou-se e baixou os olhos, e o jesuíta, intrigado, seguiu-lhe o olhar. Silêncio. A respiração. Observando. O frio. Então, as sobrancelhas do jesuíta contraíram-se com força, ao ver surgir algo na pele: uma ligeira vermelhidão, mas nitidamente definida, como que escrita à mão. Curvou-se e observou atento, mais de perto.

— Olhe, está aparecendo — sussurrou Sharon.

A pele dos braços de Karras não se arrepiou de repente por causa do frio do quarto; foi pelo que estava vendo no peito de Regan; foi por causa da escrita em baixo-relevo, levantando-se com letras nítidas, feitas de pele vermelho-sangue. Duas palavras:

me ajudem



— É a letra dela — sussurrou Sharon.

Naquela manhã, às nove horas, Damien Karras foi ter com o reitor da Universidade de Georgetown e pediu-lhe autorização para solicitar um exorcismo. Recebeu-lhe e foi imediatamente depois ao bispo da diocese, que escutou com grave atenção tudo o que Karras tinha para dizer.

— Está convencido que é autêntico? — perguntou o bispo por fim.

— Fiz um juízo prudente que satisfaz as condições expressas no Ritual — respondeu Karras, evasivo. Ele ainda não ousava acreditar. Não fora o seu cérebro, mas o coração que o impelira para este momento; pena e a esperança de uma cura por sugestão.

— Quer fazer o exorcismo você mesmo? — perguntou o bispo.

Sentiu um momento de elação; viu a porta escancarar-se para os campos, para a fuga ao peso esmagador do cuidado e daquele encontro em cada crepúsculo com o fantasma da sua fê.

— Sim, naturalmente — respondeu Karras.

— Como está de saúde?

— Tudo certo.

— Já se envolveu com essa sorte de coisa antes?

— Não, nunca.

— Bom, veremos. Seria melhor ter consigo um homem com experiência. Não há muitos, naturalmente, mas talvez alguém que tenha regressado das missões no estrangeiro. Deixe-me ver quem está por perto. Entretanto, eu lhe chamarei assim que soubermos.

Quando Karras partiu, o bispo telefonou ao reitor da Universidade de Georgetown e falaram a seu respeito pela segunda vez naquele dia.

— Bem, ele sabe do assunto — disse o reitor numa altura da conversa. — Duvido que haja algum perigo em deixá-lo assistir. De qualquer modo, deve estar presente um psiquiatra.

— E a respeito do exorcista? Tem alguma ideia? Estou em branco.

— Bem, agora o Lankester Merrin está por perto.

— Merrin? Eu estava ciente de que ele estava no Iraque. Acho que eu li que ele estava trabalhando numa escavação perto de Nínive.

— Sim, abaixo de Mossul. Está certo. Mas ele terminou e voltou pra cá há três ou quatro meses, Mike. Está em Woodstock.

— Ensinando?

— Não. Trabalhando num outro livro.

— Deus nos ajude! Não acha que já está velho demais? Como ele está de saúde?

O Exorcista

— Bem, deve estar bem ou não andaria ainda correndo de um lado para o outro escavando tumbas, não acha?

— Sim, suponho que sim.

— E, além disso, ele tem experiência, Mike.

— Não sabia.

— Bem, pelo menos é o que consta.

— Quando foi isso?

— Oh, talvez há uns dez ou doze anos, eu acho, na África. Supostamente o exorcismo durou meses. Ouvi dizer que a maldição quase o matou.

— Bem, nesse caso, duvido que queira fazer outro.

— Nós fazemos o que pregamos, aqui, Mike. Os rebeldes estão todos com vocês, seus seculares.

— Obrigado por me lembrar.

— Bom, o que você acha?

— Olhe, eu deixo isso com você e com o provincial.

No princípio daquela tarde silenciosa e expectante um jovem estudante de Teologia que se preparava para o sacerdócio percorria os terrenos do Seminário de Woodstock, em Maryland. Procurava um velho jesuíta, magro, de cabelo grisalho. O encontrou numa vereda, passeando por entre as árvores. Entregou-lhe um telegrama. O velho o agradeceu, sereno, com olhos bondosos, depois virou-se e reatou a sua contemplação, continuando o seu passeio através de uma natureza que amava. Parava aqui e ali ouvindo o canto de um tordo, vendo uma borboleta de cores vivas pairando sobre um galho. Não leu o telegrama, nem o abriu. Sabia o que dizia. Já conhecia o conteúdo. Lera-o na poeira dos templos de Nínive. Estava preparado.

Continuou suas despedidas.



**IV: “E até Vós
chegue o
meu clamor...”**

“Aquele que vive no amor vive em Deus, e Deus nele.”
São Paulo



CAPÍTULO UM

Na escuridão repousante do seu tranquilo escritório, Kinderman ponderava à escrivainha.

Ajustou ligeiramente a luz da luminária. Embaixo estavam relatórios, cópias, exposições, processos da polícia, relatórios do laboratório de criminologia, notas rabiscadas. Pensativo, tinha-os disposto numa colagem no formato de uma rosa, como para desmentir a desagradável conclusão a que o tinham levado; que ele não podia aceitar.

Engstrom estava inocente. À hora da morte de Dennings fora visitar a filha, dar-lhe dinheiro para comprar drogas. Mentira a respeito do seu paradeiro para protegê-la, a ela e à mãe, que pensava que Elvira estava morta e para além de todo o mal e degradação.

Não fora por Karl que Kinderman soubera daquilo. Na noite do seu encontro com ele, na escada de Elvira, o criado permanecera obstinadamente silencioso. Só quando Kinderman notificara a filha da implicação do pai no caso Dennings é que Elvira dissera voluntariamente a verdade. Havia testemunhas a confirmá-lo. Engstrom estava inocente. Inocente e calado com respeito aos

acontecimentos na casa de Chris MacNeil.

Kinderman franziu a sobrelance à colagem da rosa. Algo estava errado na composição. Mudou a ponta de uma pétala — o canto de uma deposição — um pouco mais para baixo e para a direita.

Rosas. Elvira. Ele a avisara, inflexível, de que se ela não desse entrada numa clínica dentro de duas semanas a perseguiria como um cão, seguindo-lhe a pista com mandados de busca, até ter provas para efetuar a sua prisão. No entanto, não acreditava realmente que ela fosse. Havia um tempo em que ele olhava para a lei sem pestanejar, como olharia para o sol ao meio-dia na esperança de que o cegasse temporariamente, enquanto alguma peça de caça sua escapava.

Engstrom estava inocente. Quem restava?

Kinderman, arfando, mudou de posição. Em seguida, fechou os olhos e imaginou que mergulhava num banho quente e repousante. *Saldo! Liquidação total da mente!*, proclamou para si próprio: *Mudança para novas conclusões! Liquidação total da existência!* Esperou um momento, não convencido. Depois acrescentou, severo: *Liquidação total!*

Abriu os olhos e examinou de novo os dados desconcertantes:

Item: A morte do diretor Burke Dennings parecia de algum modo relacionada às profanações na Santíssima Trindade. Ambos os casos estavam ligados à feitiçaria e o profanador desconhecido poderia facilmente ter sido o assassino de Burke Dennings.

Item: Um perito em feitiçaria, um padre jesuíta, fora visto visitando a casa das MacNeil.

Item: A folha datilografada que continha o texto da sacra blasfema descoberta na Santíssima Trindade fora examinada para colher as impressões digitais. Encontraram-se impressões em ambos os lados. Algumas tinham sido feitas por Damien Karras. Mas encontraram-se ainda outras que, pelo seu tamanho, se julgava serem as de uma pessoa de mãos muito pequenas, muito possivelmente uma criança.

Item: O tipo de máquina da sacra fora analisado e comparado com o tipo da carta por terminar que Sharon Spencer tirara da sua máquina, amarrotara e atirara para o cesto dos papéis e que caíra no chão enquanto Kinderman interrogava Chris. Ele a apanhara e trouxera clandestinamente. A carta e a sacra tinham sido escritas na mesma máquina. No entanto, segundo o relatório, o bater das pessoas que as tinham datilografado diferia. A pessoa que datilografara o texto blasfemo tinha um toque muito mais pesado que o de Sharon Spencer.

Além disso, desde que a datilografia da primeira não fora de quem anda à procura das teclas, mas antes feita com destreza, isso sugeria que o datilógrafo desconhecido do texto da sacra era uma pessoa de força extraordinária.

Item: Burke Dennings — se não tivera morte acidental — fora morto por uma pessoa de força extraordinária.

Item: Engstrom já não era suspeito.

Item: Uma verificação nas reservas da linha aérea doméstica revelou que Chris MacNeil levava a filha a Dayton, Ohio. Kinderman sabia que a filha dela estava doente e fora levada para uma clínica. Mas a clínica em Dayton teria que ser a Barringer. Kinderman investigara e a clínica confirmara que a filha estivera lá internada em observação. Embora a clínica se recusasse a dizer a natureza da doença, era óbvio que se tratava de uma doença mental grave.

Item: Doenças mentais sérias às vezes geram força extraordinária.

Kinderman suspirou e fechou os olhos. Voltara à mesma conclusão. Balançou a cabeça. Depois, abriu os olhos e os fixou no centro da rosa de papel: um exemplar velho e desbotado de uma revista noticiosa nacional. Na capa estavam Chis e Regan. Examinou a filha. O rosto fresco e sardento e os rabichos com fitas, o sorriso com a falta de um dente da frente. Olhou pela janela para a escuridão. Começara a cair uma chuva fina.

Desceu à garagem, subiu para o *sedan* preto sem distintivo e conduziu pelas ruas reluzentes e escorregadias de chuva até à área de Georgetown, onde estacionou no lado oriental da Rua Prospect. E sentou-se. Por um quarto de hora. Sentado. Olhando para a janela de Regan. Deveria bater à porta e pedir para vê-la? Baixou a cabeça. Coçou a testa. *William F. Kinderman, você está doente! Está enfermo! Vá pra casa! Tome um remédio! Durma!*

Olhou outra vez para a janela e balançou a cabeça, pesaroso. A sua lógica obcecante o trouxera aqui.

Mudou a direção do olhar quando um táxi parou junto da casa. Ligou o motor e os limpadores de parabrisa.

Do táxi saiu um homem alto e idoso. Capa de chuva e chapéu pretos e uma mala surrada. Pagou ao motorista e em seguida voltou-se e ficou imóvel olhando para a casa. O táxi arrancou e virou a esquina da Rua Trinta e Seis. Kinderman arrancou rapidamente atrás dele. Ao voltar a esquina reparou que o velho alto não se movera, e continuava parado na névoa, sob a luz do poste, como um viajante melancólico congelado no tempo. O detetive fez sinal com as luzes ao táxi.



Naquela altura, dentro de casa, Karras e Karl seguravam um braço de Regan, enquanto Sharon lhe dava uma injeção de *Librium*, elevando a quantidade total injetada nas duas últimas horas para quatrocentos miligramas. Karras sabia que a dose era enorme. Mas, depois de um período de calma de várias horas, a personalidade demoníaca despertara subitamente num ataque de fúria tão frenética que o organismo debilitado de Regan não o poderia suportar por muito tempo.

Karras estava exausto. Depois da visita à Chancelaria, naquela manhã, voltara à casa para dizer a Chris o que acontecera. Depois, preparou uma alimentação intravenosa para Regan, regressara ao seu quarto e caíra na cama. Contudo, após uma escassa hora e meia de sono, o telefone o acordara violentamente. Era Sharon. Regan ainda estava inconsciente e o pulso descia gradualmente. Karras correria então até a casa com a maleta e apertara-lhe o tendão de Aquiles, esperando uma reação à dor. Não houve. Apertou-lhe uma das unhas com força. Continuou sem obter reação. Ficou preocupado. Embora soubesse que na histeria e em estados de transe havia às vezes uma insensibilidade à dor, receava agora um coma, um estado a partir do qual Regan poderia deslizar facilmente para a morte. Verificou a pressão: máxima nove, mínima seis; em seguida a frequência do pulso: sessenta. Esperou então no quarto e a examinou de novo a cada quinze minutos, durante uma hora e meia, antes de ter a certeza de que a pressão e o pulso tinham se estabilizado, o que significava que Regan não estava em estado de choque, mas em estado letárgico. Deu instruções a Sharon para continuar a

verificar-lhe o pulso a cada hora. Depois, regressou ao quarto e ao sono. Mas de novo o telefone o acordou. O exorcista, disseram-lhe da Chancelaria, seria Lankester Merrin. Karras seria o assistiria.

A notícia surpreendera-o. Merrin! O filósofo-paleontólogo! O surpreendente e sublime intelecto! Os seus livros tinham provocado efervescência na Igreja, pois interpretavam a sua fé em termos de ciência, em termos de uma matéria ainda em evolução, destinada a se tornar espírito e a unir-se a Deus.

Karras telefonou imediatamente para Chris para dar-lhe a notícia, mas descobriu que ela já a tinha recebido diretamente do bispo. Ele dissera-lhe que Merrin chegaria no dia seguinte.

— Eu disse ao bispo — contou-lhe Chris — que ele poderia ficar aqui em casa. Será apenas por um dia ou dois, não? — Antes de responder, Karras fez uma pausa.

— Não sei. — E então, depois de outra pausa, disse: — Não deve esperar demais.

— Quer dizer, se der resultado — respondeu Chris numa voz apagada.

— Eu não quis sugerir que não dará — a tranquilizou. — Apenas quero dizer que pode levar tempo.

— Quanto tempo?

— Varia. — Ele sabia que um exorcismo, muitas vezes, levava semanas, meses até; sabia que frequentemente falhava por completo. Esperava a Última hipótese; esperava que a responsabilidade da enfadonha cura pela sugestão caísse, uma vez mais e por fim, sobre ele. — Pode levar alguns dias ou semanas — disse ele então.

— Quanto tempo ela ainda tem, padre Karras?...

Quando desligou o telefone sentiu-se pesado, atormentado. Estendido na cama, pensou em Merrin. *Merrin!* Sentiu-se invadido pela excitação e pela esperança, seguidas por uma inquietação penetrante. Ele próprio deveria ter sido naturalmente escolhido para exorcista. No entanto, o bispo passara por cima dele. Por quê? Porque Merrin já o fizera antes?

Fechando os olhos, recordou-se de que os exorcistas eram escolhidos pela sua “piedade” e “altas qualidades morais”; que uma passagem do Evangelho de São Mateus contava que Cristo, ao ser interrogado pelos discípulos sobre a causa do insucesso deles numa tentativa de exorcismo lhes respondera: “...por causa da vossa pouca fé.”

O provincial conhecia o seu problema; e o reitor também, refletiu Karras. Algum deles o teria contado ao bispo?

Desalentado, dera então voltas na cama, transpirando; sentia-se um tanto indigno; incompetente; rejeitado. Aquilo doía. Injustamente, doía-lhe. Por fim, veio o sono, precipitando-o no vácuo, invadindo-lhe os nichos e as fendas do coração.

Mais uma vez foi acordado pela campainha do telefone.

Chris telefonava para o informar do novo ataque da filha. De volta à casa, verificou o pulso de Regan. Batia com força. Deu-lhe *Librium*, depois mais. E mais ainda. Finalmente, foi à cozinha, passando uns breves momentos à mesa com Chris, para tomar café. Ela lia um livro; um livro de Merrin, que encomendara. “Está muito além da minha compreensão”, disse ela em voz baixa; e, contudo, parecia tocada e um tanto comovida. “Mas tem passagens tão belas — tão grandiosas.” Voltou atrás, algumas páginas, parando numa passagem que marcara, e estendeu o livro a Karras, por cima da mesa. Ele leu:

...Temos uma experiência familiar da ordem, da constância, da perpétua renovação do mundo material que nos rodeia. Todas as suas partes são frágeis e transitórias, os seus elementos agitados e migratórios, todavia ele subsiste. Está unido por uma lei de permanência e, embora sempre morrendo, renasce a cada instante. A dissolução apenas dá origem a novos modos de organização; uma morte gera mil vidas. Cada hora, ao chegar, é apenas um testemunho de quão passageiro e, no entanto, quão seguro e quão certo é o grande todo. É como uma imagem nas águas, sempre a mesma, embora as águas fluam constantemente. O Sol entra no ocaso para tornar a despontar; os dias são engolidos pela escuridão da noite para dela nascerem tão novos como se nunca tivessem findado. A primavera muda para verão, e, através do verão e do outono, muda para inverno, ainda mais confiante pelo seu último retorno, para triunfar sobre aquele túmulo para o qual resolutamente se apressou desde a sua primeira hora. Lamentamos as flores de maio porque se destinam a murchar; mas sabemos que maio um dia obterá a sua vitória sobre novembro pela revolução daquele círculo solene que nunca para — que nos ensina no cume da nossa esperança a ser sempre sóbrios e no mais profundo da desolação a nunca desesperar.

— Sim, é belo — disse Karras baixinho. Os seus olhos ainda estavam pousados na página. A fúria do demônio no andar de cima

aumentou, “...bastardo... escumalha... hipócrita piedoso!”

— Ela costumava pôr uma rosa no meu prato... de manhã... antes de eu ir trabalhar.

Karras levantou os olhos interrogativamente.

— Regan — disse Chris, com o olhar enevoado pela lembrança. Baixou os olhos. — Sim, é verdade. Esqueci... você nunca a conheceu. — Assoou o nariz e enxugou os olhos. — Quer um pouco de conhaque no café, padre Karras? — perguntou ela.

— Obrigado, acho que não.

— O café está sem sabor — murmurou ela trêmula. — Vou buscar um pouco de conhaque. Com licença. — Saiu rapidamente da cozinha.

Karras ficou sentado, sozinho, bebendo triste o seu café. Sentia-se quente dentro da camisa que trazia por baixo da batina; sentia-se fraco pelo seu insucesso em consolar Chris. Então, uma memória da infância bruxuleou tristemente, uma lembrança de *Ginger*, a sua cadela vira-lata, esquelética e entorpecida, num caixote do apartamento; *Ginger* tremia de febre e vomitava, enquanto Karras a cobria com toalhas, tentava lhe fazer beber leite quente; depois, um vizinho apareceu e, vendo que se tratava de esgana, balançou a cabeça e disse, “a sua cadela precisa tomar uma injeção logo”. Certa tarde, à saída da escola... para a rua... formando dois a dois até a esquina... a mãe vindo ao seu encontro... inesperadamente... com um ar triste... agarrando-lhe na mão para lhe dar uma moeda de meio dólar brilhante... relação... tanto dinheiro!... depois a voz dela, suave e terna, “*Ginger* morreu...”

Baixou os olhos para a pretidão fumegante e amarga da sua xícara e sentiu as mãos vazias de conforto ou de remédio.

“...bastardo piedoso!”

O demônio. Ainda enraivecido.

A tua cadela precisa levar uma injeção já...

Voltou apressado ao quarto de Regan, onde a segurou enquanto Sharon lhe administrava a injeção de *Librium*, que elevava agora a dosagem total para quinhentos miligramas.

Sharon esfregava a picada da agulha com um pedaço de algodão, enquanto Karras observava Regan, intrigado. As obscenidades frenéticas pareciam não se dirigir a ninguém no quarto, mas antes a alguém invisível — ou ausente.

Afastou o pensamento.

— Eu volto — disse ele a Sharon. Saiu do quarto.

Preocupado a respeito de Chris, desceu à cozinha, onde a encontrou, só, novamente sentada à mesa. Derramava conhaque no café.

— Tem certeza de não querer um pouco, padre? — perguntou ela.

Balançando a cabeça, aproximou-se da mesa e, cansado, sentou-se. Olhou para o chão. Ouviu o ruído de uma colher tocando em porcelana ao mexer o café.

— Já contou ao pai dela? — perguntou.

— Sim. Ele telefonou. — Uma pausa — Queria falar com a Rags.

— E o que você disse?

— Que ela tinha saído para uma festa — respondeu Chris após uma pausa.

Silêncio. Karras não ouviu mais ruídos. Levantou a vista e a viu olhando para o teto. Então reparou também: os gritos, lá em cima, tinham finalmente cessado.

— Creio que o *Librium* fez efeito — disse ele, aliviado. O som da campainha da porta. Olhou na direção da porta e depois para Chris, que correspondeu ao seu olhar com um franzir de sobrancelhas interrogativo e cheio de apreensão.

Kinderman?

Esperaram. Willie repousava. Sharon e Karl ainda estavam no andar de cima. Ninguém ia abrir. Chris, tensa, levantou-se abruptamente da mesa e foi à sala. Ajoelhando-se num sofá, entreabriu uma cortina e espreitou furtivamente o visitante, pela janela. *Graças a Deus!* Não era Kinderman. Em vez dele viu um velho alto, com uma gabardina surrada, de cabeça inclinada pacientemente à chuva. Trazia uma mala velha e antiquada. Uma fivela brilhou por um instante à luz do poste quando a mala lhe balançou ligeiramente na mão.

A campainha tocou de novo.

Quem será?

Intrigada, Chris desceu do sofá e encaminhou-se para a entrada. Abriu a porta ligeiramente, tentando ver no escuro, por entre a névoa fina da chuva. A aba do chapéu obscurecia o rosto do homem.

— Pois não? Posso ajudá-lo?

— É a Sr.^a MacNeil? — perguntou uma voz na sombra, gentil, refinada e, no entanto, cheia como uma colheita.



Enquanto ele tirava o chapéu, Chris o cumprimentou com a cabeça e viu-se de repente a fitar uns olhos que a subjugavam, que brilhavam de inteligência e bondosa compreensão, de serenidade que deles emanava para o seu ser, como as águas de um rio vivo e milagroso, cuja nascente estava nele e no entanto além dele, e cuja torrente, reprimida, era contudo impetuosa e interminável.

— Sou o padre Merrin.

Por um momento, sem perceber, olhou a face magra e ascética, os maldosos esculpidos, polidos como pedra-sabão; depois, abriu com rapidez a porta.

— Oh, meu Deus! Entre por favor! Oh, entre! Nossa, eu... Sinceramente! Não sei onde estou com a minha...

Ele entrou e ela fechou a porta.

— Quer dizer, eu não o esperava senão amanhã!

— Sim, eu sei — ela o ouviu dizer.

Ao voltar-se para ficar de frente para ele, o viu de pé, de cabeça inclinada para o lado, olhando para cima, como se escutasse — *não, mais como se sentisse*, pensou ela — alguma vibração distante, que fosse conhecida e familiar. Intrigada, ficou a observá-lo. A sua pele parecia curtida por ventos estranhos, por um sol que brilhasse algures, em algum local remoto, longe dela e da sua época.

— Padre, posso pegar a sua mala? Deve pesar toneladas.

— Não tem importância — disse ele, baixo, ainda sentindo, ainda observando. — É como se fizesse parte do meu braço: muito velha, muito usada. — Ele a olhara com um sorriso quente e cansado. — Estou acostumado ao peso... O padre Karras está aqui? — perguntou.

— Sim, está. Na cozinha. A propósito, padre, já jantou? Ele olhou para cima ao ouvir o som de uma porta se abrindo.

— Sim, jantei no trem.

— Não gostaria de tomar mais alguma coisa?

Volvido um momento ouviu-se o som de uma porta fechando. Ele baixou os olhos.

— Não, obrigado.

— Nossa, essa chuva toda — protestou ela, ainda agitada.

— Se eu soubesse que você viria, podia ter ido esperá-lo na estação.

— Não tem importância.

— Teve de esperar muito por um táxi?

— Alguns minutos.

— Eu pego isso, padre!

Karl, que descera as escadas muito depressa, tirou então a mala das mãos do padre e a levou pelo corredor.

— Padre, arranjamos uma cama para você no gabinete de trabalho. — Chris estava excitada. — É, realmente, muito confortável e pensei que gostaria de ficar tranquilo. Vou lhe mostrar onde é. — Começou a andar e em seguida parou. — Ou gostaria de cumprimentar o padre Karras?

— Gostaria de ver a sua filha primeiro — disse Merrin.

— Quer dizer, agora mesmo, padre? — Disse ela, intrigada.

Ele olhou novamente para cima, com aquela atenção distante.

— Sim, agora... acho que agora mesmo.

— Nossa, tenho a impressão de que ela está dormindo.

— Talvez não esteja.

— Bem se...

Chris vacilou subitamente, ao ouvir um som vindo de lá de cima, a voz do demônio, troando e no entanto abafada, crocitando como num funeral prematuro amplificado.

— *Meeeeeeeeeeeeeeeeerriin!!!*



Depois o potente e arrepiante abalo de uma única pancada, ressoando contra as paredes do quarto.

— *Deus Todo-Poderoso!* — suspirou Chris ao levar ao peito as mãos pálidas. Estupefata, olhou para Merrin. O padre não se movera. Olhava ainda para cima, enérgico, e todavia sereno, e nos seus olhos não havia sequer um vislumbre de surpresa. Era antes, pensou Chris, como se se tratasse de um reconhecimento.

As paredes foram sacudidas por outra pancada.

— *Merrriiiiiinnnnnn!!!*

O jesuíta caminhou lentamente para a frente, esquecido de Chris, que abria a boca de espanto; de Karl, entrando ligeiro e incrédulo, vindo do gabinete; de Karras, surgindo, espantado, da cozinha, enquanto aquelas pancadas e aquele crocitar de pesadelo continuavam. Subiu calmamente a escada, a mão magra de alabastro deslizando corrimão acima.

Karras chegou junto de Chris e ambos ficaram embaixo observando, enquanto Merrin entrava no quarto de Regan e fechava a porta atrás de si.

Houve silêncio durante alguns minutos. E então, de repente, o demônio gargalhou horrendamente e Merrin saiu. Fechou a porta e caminhou pelo corredor. A porta voltou a se abrir atrás dele e Sharon esticou a cabeça de fora, olhando para Merrin com uma expressão estranha no rosto.

O jesuíta desceu a escada rapidamente e estendeu a mão para o

expectante Karras.

— Padre Karras...

— Como vai, padre?

Merrin agarrava a mão do outro padre com ambas as mãos; a apertava, perscrutando o rosto de Karras com um olhar grave e preocupado, enquanto lá em cima as gargalhadas se transformavam em obscenidades depravadas dirigidas contra Merrin.

— Você parece terrivelmente cansado — disse ele. — Está cansado?

— De modo algum. Por que essa pergunta?

— Você está com a sua gabardina aí?

— Não — disse Karras balançando a cabeça.

— Então tome a minha — disse o jesuíta grisalho, desabotoando a gabardina. — Gostaria que fosse à Residência, Damien, e trouxesse para mim uma batina, duas sobrepelizes, uma estola púrpura, um pouco de água benta e duas cópias de *O Ritual Romano*. — Entregara a gabardina ao intrigado Karras. — Creio que devemos começar.

— Quer dizer imediatamente? — perguntou Karras franzindo a sobrancelha.

— Sim, acho que sim.

— Não deseja ouvir primeiro os pormenores do caso, padre?

— Para quê?

Merrin ergueu as sobrancelhas com simplicidade, numa interrogação sincera.

Karras viu que não tinha resposta a lhe dar. Desviou a vista daqueles olhos desconcertantes.

— Está bem — disse ele. Enfiou a capa de chuva e deu meia volta. — Vou buscar as coisas.

Karl moveu-se com rapidez, atravessou-se à frente de Karras e abriu-lhe a porta. Trocaram um olhar breve e então Karras saiu para a noite chuvosa. Merrin olhou para Chris.

— Não se importa se começarmos imediatamente? — perguntou em voz baixa.

Ela o estivera observando, radiante e aliviada pela sensação de decisão e de comando que surgia como um grito à luz do dia.

— Não, estou contente — disse ela, grata. — Embora o senhor deva estar cansado, padre.

Ele viu-lhe o olhar ansioso se dirigir para cima, para a fúria do demônio.

— Quer uma xícara de café? — perguntou ela. — Foi feito agora há pouco. — Insistente, quase rogando. — Está quente. Não quer, padre?

Ele viu-lhe as mãos se abrirem e fecharem, ligeiras; as olheiras profundas ao redor dos olhos.

— Quero sim — disse ele, cordial. — Obrigado. — Algo de pesado fora cuidadosamente removido. — Se tem certeza de que não incomodo...

Levou-lhe à cozinha e poucos minutos depois ele se encostava no fogão, com uma caneca de café nas mãos.

— Quer um pouco de conhaque aí, padre? — Chris mostrou-lhe a garrafa.

Ele curvou a cabeça e olhou para a caneca, sem expressão.

— Bem, os médicos me aconselham a não beber — disse ele. Em seguida estendeu a caneca. — Mas, graças a Deus, a minha vontade é fraca.

Chris, insegura, parou um momento, depois viu-lhe um sorriso nos olhos quando ele levantou a cabeça. Deitou o conhaque.

— Tem um nome tão bonito! — disse ele. — Chris MacNeil. Não é um nome de teatro?

Chris pôs conhaque no seu café e balançou a cabeça.

— Não, na realidade me chamo Esmeralda Glutz.

— Graças a Deus por isso — murmurou Merrin. Chris sorriu e sentou-se.

— E o que é Lankester, padre? É tão incomum. Foi o nome de outra pessoa?

— De um navio de carga — murmurou, de olhar ausente, ao levar a caneca aos lábios. Bebeu. — Ou de uma ponte. Sim, suponho que foi de uma ponte. — Tinha um ar triste. — Agora Damien — continuou ele —, como eu desejaria ter um nome assim, tão bonito.

— De onde é que vem esse nome, padre?

— Damien? — Ele olhou para a caneca. — Era o nome de um padre que dedicou a vida a tratar dos leprosos na ilha de Molokai. Por fim contraiu a doença. — Fez uma pausa. — Bonito nome — disse outra vez. — Acho que, se me chamasse Damien, até me contentaria com o sobrenome Glutz.

Chris riu. Começou a se acalmar. Sentia-se mais descansada. Durante minutos, ela e Merrin falaram de coisas simples, de coisas sem importância. Por fim, Sharon apareceu, e só então Merrin se preparou para sair da cozinha. Foi como se

estivesse à espera da sua chegada, pois levou imediatamente a caneca para a lava-louça, a lavou e colocou cuidadosamente na prateleira.

— Estava bom; era disto mesmo que precisava — disse ele.

— Vou levá-lo ao seu quarto — declarou Chris, se levantando.

Ele agradeceu e a seguiu até à porta do gabinete.

— Padre, se precisar de alguma coisa — disse ela — peça.

Ele lhe pôs a mão no ombro e o apertou tranquilizadamente. Chris sentiu um poder e calor fluindo dentro dela. Paz. Sentiu paz. E um sentimento estranho de... *segurança*? perguntou ela a si própria.

— Você é muito gentil. — Os olhos dele sorriam. — Muito obrigado.

Tirou a mão e ficou vendo-a se afastar. Mal ela partiu, uma dor aguda pareceu tê-lo agarrado o rosto. Entrou no gabinete e fechou a porta. De um bolso da calça tirou uma lata com o rótulo *Aspirina Bayer*.

Abriu-lhe, pegou um comprimido de nitroglicerina e o colocou cuidadosamente debaixo da língua.

Chris entrou na cozinha. Parou à porta e olhou para Sharon, que estava junto do fogão, com a palma da mão contra a cafeteira, esperando-a esquentar.

Chris, preocupada, dirigiu-se a ela.

— Ô, minha querida — disse ela suavemente —, por que você não vai descansar um pouco?

Não obteve resposta. Sharon parecia absorta em seus pensamentos. Depois, voltou-se e olhou interrogativamente para Chris.

— Perdão, disse alguma coisa?

Chris estudou-lhe a rigidez do rosto, o olhar distante.

— O que aconteceu lá em cima, Sharon? — perguntou.

— Aconteceu onde?

— Quando o padre Merrin foi lá em cima.

— Ah, sim... — Sharon franziu a sobrancelha. Mudou o olhar longínquo para um ponto no espaço, entre a dúvida e a lembrança. — Sim, foi engraçado.

— Engraçado?

— Estranho. Eles só... — Fez uma pausa. — Bem, só olharam um para o outro durante um momento e então Regan — aquela coisa — disse...

— Disse o quê?

— Disse: “Desta vez vais perder.”

Chris olhou Sharon, expectante.

— E depois?

— Foi tudo — respondeu Sharon. — O padre Merrin deu a volta e saiu do quarto.

— E como ele parecia? — perguntou-lhe Chris.

— Engraçado.

— Oh, Cristo, Sharon, pense em alguma outra palavra! — explodiu Chris, que ia acrescentar mais alguma coisa quando reparou que Sharon inclinara a cabeça e a voltara para cima, abstrata, como se escutasse.

Chris olhou para cima e também ouviu: o silêncio; o súbito cessar da raiva do demônio; e, no entanto, algo mais... algo... que aumentava.

As duas mulheres entreolharam-se de soslaio.

— Também sente? — perguntou Sharon, baixinho. Chris fez um sinal afirmativo com a cabeça. A casa. Era algo na casa. Uma tensão. Um adensamento gradual da atmosfera. Um pulsar, como de energias se acumulando lentamente.

O toque da campainha da porta pareceu irreal.

Sharon virou-se.

— Vou abrir.

Foi à entrada e abriu a porta. Era Karras. Trazia uma caixa de papelão.

— Obrigado, Sharon.

— O padre Merrin está no gabinete de trabalho — disse ela.

Karras foi depressa ao gabinete, bateu à porta de leve e, sem prestar atenção, entrou com a caixa.

— Desculpe, padre — foi dizendo —, tive um pequeno... Karras parou antes de concluir. Merrin, de calça e camisa esportiva, estava ajoelhado em oração junto da cama alugada, de cabeça baixa e mãos cobrindo o rosto. Karras ficou preso ao chão durante um momento, como se ao dobrar uma esquina tivesse encontrado por acaso o rapazinho que fora. Com uma sobrepeliz de menino de coró dobrada no braço, andando apressado, sem sequer lhe lançar um olhar de reconhecimento.

Karras olhou para a caixa de papelão sem tampa, para as gotas de chuva na goma. Então, vagorosamente, ainda desviando a vista, foi para junto do sofá e, sem ruído, tirou o conteúdo da caixa. Ao terminar, despiu a gabardina e a dobrou cuidadosamente, pondo-a

numa cadeira. Ao olhar para trás, para Merrin, viu o padre se benzer e desviou os olhos apressadamente, pegando a maior das duas sobrepelizes de algodão branco. Começou a vesti-la por cima da batina. Ouviu Merrin se levantar e em seguida dizer: “Obrigado, Damien.” Karras virou-se de frente para ele, vestindo a sobrepeliz, enquanto Merrin foi se colocar em frente do sofá, olhando com ternura para os paramentos.

Karras se esticou para pegar uma camisa.

— Padre, pensei que podia vestir isto por baixo da batina — disse ele a Merrin ao entregar-lhe. — O quarto fica gelado às vezes.

Merrin tocou o suéter de leve com as mãos.

— Muito cuidadoso de sua parte, Damien.

Karras tirou a batina de Merrin de cima do sofá. Viu-lhe colocar a camisa; só então, e muito repentinamente, enquanto observava aquela ação prosaica e familiar, sentiu o tremendo impacto do homem; do momento; de um silêncio na casa, que o esmagava, sufocando-lhe a respiração.

Voltou a dar conta de si ao sentir a batina sair-lhe das mãos. Merrin. Ele ia vesti-la.

— Está familiarizado com as regras concernentes ao exorcismo, Damien?

— Sim, estou — respondeu Karras.

Merrin começou a abotoar a batina.

— Especialmente importante é a advertência de evitar conversas com o demônio...

O demônio. Ele o disse tão naturalmente, pensou Karras. Aquilo o chocava.

— Podemos perguntar o que for relevante — disse Merrin ao abotoar a gola da batina. — Mas tudo o que for além disso é perigoso. Extremamente perigoso — Tirou a sobrepeliz das mãos de Karras e começou a vesti-la sobre a sotaina. — Especialmente, não ouça o que quer que seja que ele diga. O demônio é um mentiroso. Ele mente para nos confundir; mas também mistura a mentira com a verdade para nos atacar. O ataque, Damien, é psicológico. E eficiente. Não escute. Lembre-se disso. Não escute.

Quando Karras lhe deu a estola, o exorcista acrescentou:

— Há mais alguma coisa que gostaria de perguntar agora, Damien?

— Não — respondeu Karras, balançando a cabeça —, mas acho que pode ser útil lhe passar umas informações sobre as diferentes personalidades que Regan manifestou. Até então

parece ter sido três.

— Só há uma — disse Merrin, em voz baixa, passando a estola em volta dos ombros. Agarrou-lhe por um momento e ficou imóvel; os olhos assumiram uma expressão preocupada. Depois, pegou os exemplares do *Ritual Romano* e deu um a Karras. — Vamos pular a Ladainha dos Santos. Você tem água benta?

Karras tirou o frasquinho esguio, de rolha de cortiça, do bolso. Merrin o pegou e em seguida indicou serenamente a porta com a cabeça.

— Damien, faça o favor de ir à frente.

No andar de cima, junto da porta do quarto de Regan, Sharon e Chris esperavam, nervosas. Estavam agasalhadas com camisas e casacos pesados. Voltaram-se ao ouvir o ruído feito pela porta abrindo, olharam para baixo e viram Karras e Merrin, que vinham do *hall* para as escadas em procissão solene. Altos — *como eles eram altos*, pensou Chris. E Karras: o rosto moreno, como que esculpido na rocha, acima do branco inocente de menino de coro da sobrepeliz. Observando-os a subirem a escada, serenos, Chris sentiu-se estranha e profundamente comovida. *Vem aí o meu irmão mais velho para te dar uma marretada na cabeça, seu horrendo! É como um sentimento* — pensou ela —, *mais que isso*. Deu-se conta de o coração começava a bater mais depressa.

Os jesuítas pararam à porta do quarto. Karras franziu a sobrancelha, ao ver a camisa e o casaco que Chris vestia.

— Você vai entrar?

— Bem, eu realmente achei que devia.

— Não, por favor — urgiu ele. — Não. Você estaria cometendo um grande erro.

Chris voltou-se para Merrin com ar interrogativo.

— O padre Karras sabe melhor — disse o exorcista, calmamente.

Chris voltou a olhar para Karras. Inclinou a cabeça.

— Muito bem — disse desconsolada. Encostou-se à parede. — Espero aqui fora.

— Qual é o nome do meio da sua filha? — perguntou Merrin.

— Teresa.

— Que nome amável — disse Merrin calorosamente. Tranquilizador, sustentou-lhe o olhar por um momento. Em seguida voltou a vista para a porta e Chris voltou a sentir aquela tensão; o adensamento da escuridão enrolada em anéis. Lá dentro. No quarto. Para além daquela porta. Reparou que Karras e Sharon também o sentiam.



Merrin fez um sinal com a cabeça.

— Vamos — disse, baixinho.

Karras abriu a porta e quase recuou com o impacto da lufada de fedor e frio intenso. Karl, num canto do quarto, aconchegava-se numa cadeira. Vestia um blusão de caça, desbotado, verde-oliva, e voltava-se expectante para Karras. O jesuíta desviou rapidamente a vista para a cama, para o demônio. Os seus olhos reluzindo estavam voltados para o corredor. Fixavam-se em Merrin.

Karras avançou até os pés da cama, enquanto Merrin avançava devagar, alto e reto, até um dos lados. Ali parou e olhou para baixo, para aquele ódio.

Uma imobilidade sufocante pairava no quarto. Regan passou uma língua de lobo, enegrecida, pelos lábios inchados e fendidos. Parecia uma mão alisando pergaminho amassado.

— Então, escumalha orgulhosa! — crocitou o demônio. — Até que enfim! Até que enfim vieste!

O velho padre ergueu a mão e fez o sinal da cruz sobre a cama e depois repetiu o gesto em todas as direções. Voltando-se novamente, desenvolveu o frasco de água benta.

— Ah, sim! Agora a urina benta! — grasnou o demônio. — O sêmen dos santos!

Merrin levantou o frasco e a cara do demônio ficou lívida, se contorcendo.

— Ah, vais fazer isso, bastardo? — espumou ele. — Vais?

Merrin começou a aspergir a água benta. O demônio levantou a cabeça, com a boca e os músculos do pescoço trêmulos de raiva.

O Exorcista

— Sim, salpica! Salpica, Merrin! Encharca-nos! Encharca-nos no teu suor! O teu suor é santo, São Merrin! Curva-te e peida nuvens de incenso! Curva-te e mostra o teu santo traseiro, para que o veneremos e o adoremos! O beijemos! O lambamos, abençoado...

— Cale-se!



As palavras saíram dardejantes, como flechas. Karras, maravilhado, estremeceu e voltou a cabeça para Merrin, que olhava autoritário para Regan. E o demônio ficou calado. Devolvia-lhe o olhar. Mas os olhos agora hesitavam. Piscando. Cautelosos.

Merrin fechou automaticamente o frasco de água benta e o devolveu a Karras. O psiquiatra o pôs no bolso e observou, enquanto Merrin se ajoelhava ao lado da cama e, fechando os olhos, orava, murmurando.

— “Pai Nosso...” — começou ele.

Regan cuspiu e atirou uma bola de muco amarelado para o rosto de Merrin. Escorreu vagarosamente pela face do exorcista.

— “...venha a nós o Vosso Reino...” — de cabeça ainda curvada, Merrin continuou a oração sem uma pausa, enquanto, com a mão, tirava um lenço do bolso e serenamente, sem pressa, limpava o escarro. — “...e não nos deixeis cair em tentação” — terminou, suavemente.

— “Mas livrai-nos do mal” — respondeu Karras. Levantou rapidamente a vista. Os olhos de Regan reviravam-se

nas órbitas, até ficar apenas exposto o branco da esclerótica. Karras, inquieto, sentiu algo congelando-se no quarto. Voltou ao texto para seguir a oração de Merrin.

— Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, apelo para o Vosso Santo Nome, rogando humildemente da Vossa Bondade que Vos digneis conceder-me o auxílio contra este espírito imundo, que atormenta agora esta Vossa criatura; por Cristo Nosso Senhor.

— Amém — respondeu Karras.

Então Merrin levantou-se e orou, reverente:

— Deus Criador e defensor do gênero humano, tende piedade desta Vossa serva, Regan Teresa MacNeil, presa agora nos anéis do antigo inimigo do homem, inimigo jurado da nossa raça, que...

Karras levantou os olhos ao ouvir o silvo de Regan e a viu sentada, ereta, com o branco dos olhos à mostra, enquanto a língua lhe saía e entrava rapidamente na boca, ondulando lentamente a cabeça para trás e para a frente como uma serpente.

Karras sentiu-se inquieto mais uma vez. Voltou a olhar para o texto.

— “Salvai a Vossa serva” — rezava Merrin, de pé, lendo o *Ritual*.

— “Que confia em Vós, nosso Deus” — respondeu Karras.



— “Que ela encontre em Vós, Senhor, uma torre de fortaleza.”

— “Em face ao inimigo.”

Enquanto Merrin continuava a linha seguinte, Karras ouviu atrás de si um grito de Sharon e, voltando-se de repente, a viu olhar, estupefata, para a cama. Intrigado, voltou-se e ficou instantaneamente eletrizado. A frente da cama estava se levantando do chão!

Olhou, incrédulo. Dez centímetros. Quinze centímetros. Trinta centímetros. Nesse momento as pernas de trás começaram também a se levantar.

— *Gott in Himmel!*¹ — murmurou Karl, com medo. Mas Karras não ouviu nem o viu fazer o sinal da cruz quando a parte de trás da cama se levantou, ficando ao mesmo nível da parte da frente. *Não pode ser!*, pensou ele, observando aquilo, pasmo.

A cama levantou-se outros trinta centímetros e depois ficou pairando, oscilando levemente inclinada, como se flutuasse num lago estagnado.

— Padre Karras!

Regan balançava, silvando.

— Padre Karras!

Karras voltou-se. O exorcista o olhou, sereno, e indicou então com a cabeça o exemplar do *Ritual* nas mãos de Karras.



— Damien, o responso, por favor.

Karras olhou sem compreender. Sharon fugiu do quarto.

¹ Deus no Céu!
(Nota do editor)

— “Que o inimigo não tenha poder sobre ela” — repetiu Merrin, suavemente.

Karras, de coração apertado, apressou-se a olhar para o texto e disse o responso:

— “E que o filho da iniquidade não tenha poder para lhe fazer mal.”

— “Senhor, ouvi a minha prece” — continuou Merrin.

— “E até Vós chegue o meu clamor.”

— “O Senhor seja convosco.”

— “E com o vosso espírito.”

Merrin começou uma longa prece e Karras voltou a olhar para a cama, para as esperanças no seu Deus e para aquele pairar sobrenatural no espaço vazio. Uma exaltação percorreu-lhe o ser. *Está ali! Ali! Bem à minha frente! Ali!* Voltou-se de repente, ao ouvir a porta. Sharon entrou correndo com Chris, que parou, sem acreditar, e gritou: “Meu Deus!”

— “Pai Todo-Poderoso, Deus eterno...”

O exorcista estendeu a mão de uma maneira normal e, sem pressa, fez sinal da cruz três vezes sobre a testa de Regan enquanto continuava a ler o *Ritual* “que enviastes ao mundo o Vosso Único Filho para esmagar este leão rugidor...”

O silvo parara e do tenso e rígido O da boca de Regan veio o mugido arrepiante de um touro.

“...livrai da destruição e das garras do demônio do meio-dia este ser humano, feito à Vossa imagem e...”

O mugido aumentou, rasgando a carne, e fazendo tremer os ossos.

— “Deus e Senhor de todas as coisas criadas...” — Merrin levantou a mão num gesto rotineiro e apertou uma ponta da estola de encontro ao pescoço de Regan, continuando a rezar: — “...por cujo poder Satanás foi expulso do céu como o relâmpago, espalha terror na besta que assola a Vossa vinha...”

O mugido cessara. Um silêncio ressoando. Então, da boca de Regan começou a borbotar um espesso e pútrido vômito esverdeado, brotando em surtos lentos e regulares, que lhe escorria como lava pelo lábio e se derramava em vagas sobre a mão de Merrin. Mas ele nem sequer se mexeu.

— “Que a Vossa mão poderosa expulse este demônio cruel de Regan Teresa MacNeil, que...”

Karras percebeu confusamente uma porta se abrir e Chris sair do quarto correndo.

— “Expulsai este perseguidor da inocente...”

O Exorcista

A cama começou a sacudir preguiçosa e, depois, bruscamente, mergulhou e guinou com violência, e Merrin, com o vômito ainda borbotando da boca de Regan, reajustava e mantinha a estola calma e firmemente de encontro ao pescoço dela.

— “Enchei os Vossos servos de coragem para varonilmente resistirem a esta serpente réproba para que ela não despreze os que põem a sua confiança em Vós, e...”

Os movimentos diminuíram de repente e enquanto Karras observava, hipnotizado, a cama deslizou lentamente para o chão, como uma pena, e pousou no tapete com um baque surdo.



— “Senhor, permiti que esta...”

Estarrecido, Karras olhou para a mão de Merrin. Não a podia ver. Estava enterrada sob um monte de vômito fumegante.

— Damien?

Karras levantou a vista.

— “Senhor, ouvi a minha prece” — disse o exorcista em voz baixa.

Karras voltou-se devagar para a cama.

— “E até Vós chegue o meu clamor.”

Merrin levantou a estola, deu um pequeno passo para trás e em seguida abalou as paredes do quarto com o chicotear da sua voz troante, ao ordenar:

— “Eu expulso-te, espírito imundo, juntamente com todos os poderes satânicos do inimigo! Todas as aparições do Inferno! Todos os brutos teus companheiros!” — A seu lado, a mão de Merrin pingava o vômito no tapete. — “É Cristo, que outrora acalmou os

ventos, o mar e a tempestade, quem te ordena! Quem...”

Regan parara de vomitar. Sentava-se, silenciosa e imóvel. O branco dos seus olhos brilhava malignamente para Merrin. Dos pés da cama, Karras a observava com intensidade, à medida que o seu espanto e excitação começavam a desaparecer, que o seu pensamento começava febrilmente a se agitar, a colocar os dedos, espontânea e compulsivamente, nos recantos mais profundos da dúvida lógica: *poltergeists*; ação psicocinética; tensões da adolescência e força mentalmente dirigida. Franziu a sobancelha ao lembrar de uma coisa. Foi até à beira da cama, inclinou-se e estendeu a mão para o pulso de Regan. E encontrou o que receava. Tal como o do xamã da Sibéria, o pulso batia a uma velocidade incrível. Roubou-lhe o sol de repente, e olhando para o relógio contou as pulsações como se fossem argumentos contra a sua própria vida.

— “É Aquele que te expulsou das alturas, de cabeça para baixo, Quem te ordena!”

O poderoso esconjuro de Merrin martelava a beira da consciência de Karras com pancadas ressoantes e inexoráveis, à medida que o pulso acelerava ainda mais. E ainda mais. Karras olhou para Regan. Silenciosa. Imóvel. No ar gélido, tênues fumaças de vapor subiam do vômito como oferendas fedorentas. Karras sentiu-se inquieto. Então os cabelos dos braços começaram a se arrepiar. Com a lentidão de um pesadelo, uma fração de cada vez, a cabeça de Regan voltava-se devagar, girando como a de um manequim, estalando com o som de um mecanismo enferrujado, até que o horrível e luzente branco daqueles olhos espectrais se fixava nos seus.

“E pois, treme de temor agora, Satanás...”

A cabeça voltou-se novamente, devagar, para Merrin.

— “...seu corruptor da justiça! criador da morte! traidor das gentes! usurpador da vida! tu...”

Karras olhou cautelosamente ao redor quando as luzes do quarto começaram a tremelicar, escurecendo, e depois diminuíram até uma sinistra vibração ambarina. Ele estremeceu. Estava mais frio. O quarto estava ficando mais frio.

— “...tu, príncipe dos homicidas! inventor de todas as obscenidades! inimigo do gênero humano! Tu...”

Pancadas abafadas sacudiram o quarto. Depois mais. Depois regulares, ecoando, atravessando as paredes, atravessando o chão, atravessando o teto, estilhaçando, pulsando, num ritmo

pesado como o bater de um coração enorme e doente.

— “Vai-te, monstro! O teu lugar é na solidão! A tua morada num ninho de víboras! Humilha-te e rasteja como elas! É o próprio Deus que te ordena! O sangue do...”

O ruído das pancadas aumentou, começou a ressoar sinistramente mais depressa, cada vez mais depressa.

— “Esconjuro-te, serpente antiga...”

E ainda mais depressa.

— “...pelo juiz dos vivos e dos mortos, pelo teu Criador, pelo Criador de todo o universo, a que...”

Sharon gritou, apertando os punhos contra as orelhas, quando as pancadas se tornaram ensurdecedoras e então de repente se aceleraram e mudaram para um ritmo aterrador.

O pulso de Regan estava incrível. Martelava a uma velocidade rápida demais para ser medida. Do outro lado da cama, Merrin estendeu a mão calmamente e com a ponta do polegar traçou o sinal da cruz no peito de Regan coberto de vômito. As palavras da sua oração eram engolidas pelas pancadas.

Karras sentiu a velocidade do pulso cair de repente e enquanto Merrin rezava e fazia o sinal da cruz na testa de Regan, as pancadas de pesadelo cessaram abruptamente.

— “Deus do Céu e da Terra, Deus dos anjos e arcanjos...” — Karras podia ouvir Merrin rezando, agora, enquanto o pulso baixava, baixava...

— Bastardo arrogante, Merrin! Escumalha! Tu vais perder! Ela vai morrer! A porca vai morrer!

A névoa vacilante tornou-se gradualmente mais luminosa. A entidade demoníaca retornara e odiava furiosamente Merrin.

— Pavão libertino! Velho herege! Eu te esconjuro, volta-te e olha para mim! Olha agora para mim, escumalha! — O demônio atirou-se para a frente, esgarrou no rosto de Merrin e então crocitou. — Assim o teu mestre cura os cegos!

— “Deus e Senhor de todas as coisas criadas...” — rezava Merrin, pegando placidamente o seu lenço e limpando o esgarro.

— Segue agora o teu ensinamento, Merrin! Vai! Põe o teu caralho santificado na boca da porquinha e limpa-a, pincela-a com a relíquia enrugada, São Merrin, e ela ficará curada! Um milagre! Um...

— “...libertai esta Vossa serva de...”

— Hipócrita! Tu não queres saber da porca para nada. Não

te interessa! Fizeste dela um objeto de disputa entre nós!

— “...eu humildemente...”

— Mentiroso! Aldrabão, filho da puta! Diz-nos onde está a tua humildade, Merrin. No deserto? Nas ruínas? Nos túmulos para onde fugiste dos homens teus irmãos, para onde fugiste dos teus inferiores, dos coxos e dos mancos de espírito? Tu, ó vômito piedoso, tu falas aos homens!...

— “...livrai...”

— A tua morada é um ninho de pavões, Merrin! O teu lugar é dentro de ti próprio! Torna ao alto da montanha e fala ao teu único igual!



Merrin continuou com as orações, sem prestar atenção, enquanto a torrente de insultos prosseguia enfurecida.

— Tens fome, São Merrin? Olha, dou-te néctar e ambrósia. Dou-te o alimento do teu Deus! — crocitou o demônio. Expeliu diarreia, troçando. — Pois isto é o meu corpo! Agora, São Merrin, consagra isto!

Enojado, Karras concentrou a sua atenção no texto enquanto Merrin lia uma passagem de São Lucas:

— “...O meu nome é Legião, respondeu o homem, porque tinham entrado nele muitos demônios. E eles rogaram a Jesus que não os mandasse para o abismo. Ora andava por ali pastando no monte uma grande vara de porcos; e rogavam-lhe que lhes permitisse entrar neles. E Jesus o permitiu. Saíram os demônios do homem e entraram nos porcos; e a vara precipitou-se com ímpeto por um despenhadeiro no

lago, e afogou-se. E...”

— Willie, trago-te uma boa notícia! — grasnou o demônio. Karras levantou os olhos e viu Willie junto da porta parar de repente, com uma braçada de toalhas e lençóis. — Trago-te novas de redenção! — exultou, maligno. — A Elvira está viva! Vive! Ela está...

Willie olhou, sufocada, e então Karl voltou-se e gritou:

— Não, Willie! Não!

— ...uma viciada em drogas, Willie, uma incorrigível...

— Não ouça, Willie! — gritou Karl.

— Queres que te diga onde ela mora? — crocitou o demônio.

— Não ouça! Não ouça! — Karl corria com Willie do quarto.

— Vai visitá-la no Dia das Mães, Willie! Faz-lhe uma surpresa! Vai...

O demônio interrompeu-se de repente e fixou os olhos em Karras. Ele verificara novamente o pulso e encontrara-o forte, o que significava que era seguro dar mais *Librium* a Regan. Aproximou-se então de Sharon para lhe dizer que preparasse outra injeção.

— Tu a queres? — troçou o demônio. — É tua! Sim, a puta de estábulo é tua! Podes cavalgá-la como quiseres! Ora, ela fantasia todas as noites a teu respeito, Karras! Masturba-se sonhando com o teu grande e sacerdotal...

Sharon corou até às orelhas e desviou a vista, enquanto Karras lhe dava instruções a respeito do *Librium*.

— E um supositório de *Compazina* se houver mais vômitos — acrescentou.

Sharon, de cabeça baixa, fez um sinal afirmativo e afastou-se, hirta.

Ao passar pela cama, de cabeça ainda baixa, Regan grasnou:

— Vagabunda! — E em seguida ergueu-se e acertou-lhe no rosto com uma golfada de vômito. Enquanto Sharon ficava em pé, paralisada e pingando, apareceu a personalidade de Dennings, a rouquejar: — Puta de estábulo! Vadia!

Sharon saiu disparada do quarto. A personalidade de Dennings fez então uma careta de repugnância, olhou em volta e perguntou:

— Por favor, alguém pode abrir uma janela? Fede para burro, nesse quarto! É simplesmente... — Não, não, não abram! — emendou depois. — Não, pelo amor de Deus, não abram, ou mais

alguém pode morrer bem ensanguentado! — Em seguida, cacarejou. Monstruosamente, piscou um olho a Karras e desapareceu.

— “...É Ele quem te expulsa...”

Então o demônio voltou e Merrin continuou os esconjures, as aplicações da estola e os constantes sinais da cruz, enquanto de novo o chicoteava com obscenidades. *Demorando demais*, preocupou-se Karras; o ataque estava se estendendo demais.

— Agora vem aí a porca! A mãe da porquinha! — troçou o demônio.

Karras voltou-se e viu Chris caminhando em sua direção com algodão e uma seringa de plástico, esterilizada. Ela manteve a cabeça baixa enquanto o demônio cuspia insultos, e Karras foi ter com ela, de sobrelance franzida.

— A Sharon está trocando de roupa — explicou Chris — e o Karl...

— Está bem — disse Karras, interrompendo-a. Aproximaram-se da cama.

— Ah, sim, vem ver o teu trabalho, mãe-porca! Vem!

Chris tentou desesperadamente não ouvir, não olhar, enquanto Karras segurava o braço de Regan, que não opunha resistência.

— Vejam o vômito! Vejam a cadela assassina! — dizia o demônio raivoso. — Estás satisfeita? Foste tu que o fizeste! Sim, tu com a tua carreira primeiro que tudo, a tua carreira primeiro que o teu marido, primeiro que ela, primeiro...

Karras olhou à volta. Chris, de pé, ficou paralisada.

— Vá em frente! — mandou ele. — Não ouça! Vá em frente!

— ...o teu divórcio! Vais aos padres, não vais? Os padres não te ajudarão! — A mão de Chris começara a tremer. — Ela está louca! Ela está louca! A porquinha está louca! Levaste-a à loucura e ao assassinato e...

— Não posso! — De face contorcida, Chris olhava para a seringa que tremia. Balançou a cabeça. — Não posso dar a injeção!

Karras tirou-lhe da mão.

— Está bem, esfregue o álcool! Esfregue o braço! Aí! — disse ele com firmeza.

— ...no caixão, sua puta, junto...

— Não ouça — preveniu Karras de novo. Então o demônio rodou a cabeça, de olhos vagos e esbugalhados. — E tu, Karras!

Chris esfregou o braço de Regan com o algodão.

— Agora saia! — ordenou Karras, espetando a agulha na carne definhada.

Ela fugiu.

— Sim, querido Karras, conhecemos a tua bondade com as mães! — crocitou o demônio. O jesuíta empalideceu e por momentos ficou imóvel. Depois, retirou a agulha devagar e olhou para aqueles olhos esbugalhados e revirados nas órbitas. Da boca de Regan saía um canto, lento e cristalino, quase um cântico, entoado numa voz doce e clara, como a de um menino de coro. — “*Tantum ergo sacramentum veneremur cernui...*”¹

Era um hino cantado nas bênçãos católicas. Karras parou, sem um pinga de sangue, enquanto aquilo continuava. Sinistro e arrepiante, o cântico era um vácuo no qual Karras sentiu, com uma clareza terrível, se precipitar o horror da tarde. Levantou os olhos e viu Merrin com uma toalha nas mãos. Com movimentos ternos, cansados, limpou o vômito do rosto e do pescoço de Regan.

— “*...et antiquum documentum...*”¹

O cântico. *De quem era a voz?*, pensava Karras. E depois fragmentos: *Dennings... A janela...* Preocupado, viu Sharon voltar e tirar a toalha das mãos de Merrin.

— Padre, eu acabo isso — disse ela. — Agora estou bem. Gostaria de mudá-la e limpar antes de lhe dar a *Compazina*; o que me diz? Podem esperar ambos lá fora um momento?

Os dois padres foram para o calor e para a penumbra do corredor e encostaram-se à parede, cansados.

Karras, arrepiado, escutava o cântico abafado que vinha lá de dentro. Passados alguns instantes disse a Merrin, com brandura:

— O senhor disse... o senhor há pouco disse que havia só uma... uma entidade.

— Sim.

A voz baixa, as cabeças inclinadas, eram de confissão.

¹ *Tantum ergo sacramentum veneremur cernui et antiquum documentum* - “Portanto, prostrados, veneremos tão grande sacramento e tão antigo documento”. *Tantum Ergo*: dois últimos versos do *Pange Lingua*, hino composto por São Tomás de Aquino, cantado na celebração de *Corpus Christi* e na bênção do Santíssimo Sacramento, pela Igreja Católica.
(Nota do editor)

— Todas as outras são apenas formas de ataque — continuou Merrin. — Há uma... apenas uma. É um demônio. — Houve um silêncio. Em seguida, Merrin afirmou com simplicidade: — Eu sei que duvida disto. Mas sabe, este demônio... eu já o encontrei uma vez. E é poderoso... poderoso...

Um silêncio. Karras voltou a falar:

— Diz-se que o demônio... não pode tocar na vontade da vítima.

— Sim, assim é... assim é... Não há pecado.

— Qual será então a finalidade da possessão? — disse Karras, franzindo a sobancelha. — Qual é o sentido?

— Quem o pode saber? — respondeu Merrin. — Quem pode realmente ter a esperança de saber? — Pensou um momento.

E depois, sempre tentando, continuou: — No entanto, penso que o alvo do demônio não é o possesso; somos nós... quem observa... todas as pessoas desta casa. E julgo... julgo que o objetivo, Damien, é nos fazer desesperar, rejeitarmos a nossa própria humanidade; nos vermos, em última análise, bestiais; vis e putrescentes no mais alto grau; sem dignidade; repelentes; indignos. E eis aí o âmago da questão, talvez: na indignidade. Porque eu creio que a fé em Deus não é de modo nenhum questão de raciocínio; creio que é finalmente uma questão de amor; de aceitarmos a possibilidade de que Deus pode nos amar...

Merrin fez nova pausa. Continuou mais devagar, numa calma introspecção:

— Ele sabe... o demônio sabe onde atacar... — Balançou a cabeça. — Há muitos anos desesperei de jamais amar o meu próximo. Certas pessoas... me repugnavam. Como poderia amá-las?, pensava eu. Isso me atormentava. Damien; me levava a desesperar de mim próprio... e daí, prontamente a desesperar do meu Deus. A minha fé estava abalada...

Karras levantou os olhos para Merrin, com interesse.

— E o que aconteceu? — perguntou.

— Oh, bem... por fim me convenci de que Deus nunca me pediria o que sei ser psicologicamente impossível; que o amor que Ele me pedia estava na minha vontade e não se destinava, de modo algum, a ser sentido como emoção. De forma alguma. Ele me pedia que agisse com amor; que eu o fizesse aos outros; e que eu o fizesse àqueles que me repugnavam, creio ser um ato de amor maior do que qualquer outro. — Balançou a cabeça. — Damien, eu sei que tudo isto parece bastante óbvio. Eu sei. Mas na

época eu não conseguia enxergá-Lo. Estranha cegueira. Quantos maridos e mulheres — proferiu com tristeza — se veem forçados a acreditar que já não amam em virtude de seus corações já não baterem apressados junto dos seus queridos! Ah, Santo Deus! — Balançou a cabeça e depois fez um sinal afirmativo. — Aí está, penso eu, Damien... a possessão; não nas guerras, como alguns têm tendência para acreditar; não tanto; e muito raras vezes nas intervenções extraordinárias como aqui... esta menina... esta pobre criança. Não, Damien, o vejo muitas mais vezes nas pequenas coisas: nos ódios mesquinhos e absurdos; nos desentendimentos; na palavra cortante e cruel que vem à boca sem querer, entre amigos. Entre amantes. Basta — murmurou Merrin —, não precisamos de Satanás para fazer as nossas guerras; essas nós mesmos as fazemos... para nós mesmos...

O cântico podia ainda se ouvir, vindo do quarto. Merrin levantou os olhos para a porta e escutou por um momento.

— E contudo, mesmo disto... do mal... vem o bem. De qualquer modo. De um modo que talvez nunca compreendamos ou vejamos. — Merrin fez uma pausa. — Talvez o mal seja o crisol da bondade — meditou. — E talvez o próprio Satanás — Satanás, a despeito de si próprio — sirva, de algum modo, para cumprir a vontade de Deus.

Calou-se e estiveram um momento em silêncio, enquanto Karras refletia. Veio-lhe à mente uma outra objeção.

— Uma vez expulso o demônio — inquiriu — o que o impede de voltar?

— Não sei — respondeu Merrin. — Não sei. E contudo parece que nunca aconteceu. Nunca. Nunca. — Merrin levou a mão ao rosto, beliscando os cantos dos olhos. — Damien... que nome maravilhoso — murmurou. Karras ouviu exaustão na voz. E algo mais. Uma ansiedade. Algo como a repressão da dor.

Abruptamente, Merrin afastou-se da parede e ainda de mãos a esconderem o rosto pediu desculpa e foi a passos rápidos corredor afora até o banheiro. *O que aconteceu?*, pensou Karras. Sentiu uma inveja e uma admiração súbitas pela fé forte e simples do exorcista. Voltou-se para a porta. O cântico. Parara. Teria a noite enfim terminado?

Alguns minutos mais tarde, Sharon saiu do quarto com uma trouxa de roupa malcheirosa.

— Ela está dormindo agora — disse. Desviou rapidamente a vista e seguiu corredor afora.

O Exorcista

Karras respirou fundo e voltou ao quarto. Sentiu frio. Cheirou o fedor. Andou devagar até a beira da cama. Regan. Dormindo, finalmente. E, *enfim*, pensou Karras, ele podia repousar.

Curvou-se, pegou no magro pulso de Regan, e olhou para o ponteiro dos segundos do relógio.

— Dimmy, por que você fez isso comigo?

Veio-lhe um frio à alma.

— Por que fez isso comigo?

O padre não pôde se mexer, não respirou, não ousou olhar para onde vinha aquela voz magoada, não ousou ver aqueles olhos realmente ali: olhos acusadores, olhos solitários. A sua mãe. A sua mãe!

— Você me deixa para ser padre, Dimmy; me manda para o asilo...

Não olhe!

— Agora me escorraça!...

Não é ela!

— Por que fez isso?...



Com a cabeça latejando, o coração na garganta, Karras fechou os olhos com força quando a voz se tornou implorante, assustada, lacrimosa.

— Dimmy, você sempre foi um bom filho. Por favor! Tenho medo! Por favor, não me expulse, Dimmy! Por favor!

...não é a minha mãe!

— Lá fora nada! Só escuridão, Dimmy! Sozinha! — Agora lacrimosa.

— Você não é a minha mãe! — murmurou Karras com veemência.

— Dimmy, por favor!...

— Você não é a minha...

— Oh, Karras, pelo amor de Deus!

Dennings.

— Olhe, simplesmente não é decente nos expulsar daqui! Isto é, falando por mim, é mais que justo que eu esteja aqui! A putinha! Levou o meu corpo e me parece bem correto que me deixem ficar no dela, não acha? Ah, Karras, pelo amor de Deus, olhe para mim, por favor! Vá! Não é sempre que consigo vir aqui fora e fazer o meu discurso. Olhe para cá agora!

Karras abriu os olhos e viu a personalidade de Dennings.

— Assim está bem. Olha, ela me matou. Não o nosso hospedeiro, Karras — ela! Oh, sim, de fato! — Acenava afirmativamente. — Ela! Entendeu? Eu estava tratando da minha vida no bar, quando pensei tê-la ouvido gemer. No andar de cima. Bem, então, apesar de tudo, tive de ver o que a incomodava, portanto vim aqui em cima e não querem ver que ela me agarrou pela garganta, a vagabundinha! — A voz era agora lamurienta; patética. — Cristo, eu nunca vi na minha vida uma força assim! Começou a gritar que eu estava arruinando a mãe ou coisa parecida, ou que eu causara o divórcio. Uma coisa desse gênero. Não era claro. Mas o que eu te digo, querido, é que ela me atirou por aquela porra daquela janela sangrenta! — A voz tornou-se áspera, e depois aguda. — Ela me matou! Fodeu a minha vida! Então, você acha mesmo justo me expulsar? Vamos, Karras, me responda! Acha isso realmente justo? Digo, você acha?

Karras engoliu seco.

— Sim ou não — insistiu — é justo?

— Como a cabeça foi virada ao contrário? — perguntou Karras roucamente.

Dennings olhou em volta, evasivo.

— Oh, bem, isso foi um acidente... uma extravagância... sabe, bati nos degraus... Foi uma... uma fantasia...

Karras, com a garganta seca, ponderou. Em seguida pegou outra vez no pulso de Regan e olhou para o relógio, num gesto de abandono.

— Dimmy, por favor! Não me deixe só!

A sua mãe.

— Se em vez de padre você fosse médico, eu poderia viver numa casa bonita, Dimmy, não com as baratas, não sozinha no apartamento! Então...

Ele se esforçava para não ouvir, mas a sua voz começou de novo a chorar.

— Dimmy, por favor!

— Você não é a minha...

— Não queres encarar a verdade, ralé maldita? — Era o demônio. — Acreditas no que Merrin te diz! — espumou ele. — Pensas que ele é santo e bom? Pois bem, não é! É orgulhoso e indigno! Vou te provar, Karras! Vou prová-lo matando a porquinha!

Karras abriu os olhos. Mas não ousou olhar ainda.

— Sim, Karras, vai morrer, e o Deus de Merrin não a salvará! Tu não a salvarás! Vai morrer por causa do orgulho de Merrin e da tua incompetência! Fanfarrão! Não devias ter-lhe dado o *Librium*!

Karras voltou-se então e olhou para os olhos dela. Brilhavam de triunfo e de rancor intenso.

— Toma-lhe o pulso — riu o demônio. — Vai, Karras, faz isso!

Ainda conservava o pulso de Regan agarrado na mão e então, preocupado, franziu a sobrancelha. A pulsação era rápida e...

— Fraca? — grasnou o demônio. — Ah, sim, um pouco. Por enquanto, só um pouquinho.

Karras foi buscar a sua maleta e retirou o estetoscópio. O demônio rosnou:

— Escuta, Karras! Escuta bem!

Karras escutou. O bater do coração ecoava distante e débil.

— Não a deixarei dormir!

Karras levantou a vista para o demônio. Sentiu um calafrio.

— Sim, Karras! — grasnou. — Ela não dormirá! Ouves? Eu não deixarei a porquinha dormir!

Enquanto Karras olhava entorpecido, o demônio pôs a cabeça para trás, numa risada perversa. Não ouviu Merrin entrando de novo no quarto.

O exorcista, de pé, ao lado da cama, junto dele, examinou-lhe o rosto.

— O que é? — perguntou.

Karras respondeu, sombrio:

— O demônio... disse que não a deixaria dormir. — Voltou para Merrin um olhar assustado. — Padre, o coração começa a trabalhar mal. Se não repousar depressa, morrerá de exaustão cardíaca.

Merrin ficou sério.

— Pode lhe dar uma droga? Um remédio para fazê-la dormir?

Karras balançou a cabeça.

Não; é perigoso. Pode entrar em coma. — Voltou-se ao ouvir Regan cacarejar como uma galinha. — Se a pressão dela cair mais... — disse ele, reticente.

O que se pode fazer? — perguntou Merrin.

Nada... nada... — respondeu Karras. — Mas, eu não sei... talvez continuar o exorcismo... — disse a Merrin, com um ar brusco. — Padre, vou chamar um cardiologista.

Merrin concordou, balançando a cabeça.

Karras desceu as escadas. Encontrou Chris na cozinha, de vigília, ouviu Willie chorando no quarto que dava para a copa e a voz de Karl a consolando.

Explicou a necessidade de uma consulta, tendo o cuidado de não divulgar toda a extensão do perigo que Regan corria. Chris deu-lhe a autorização e Karras telefonou para um amigo, um especialista de renome da Escola Médica da Universidade de Georgetown, acordando-o e informando-o concisamente.

— Chego já aí — disse o especialista.

Chegou à casa em menos de meia hora. No quarto, reagiu atordoado ao frio e ao fedor, e mostrou compaixão à condição de Regan. Ela, nessa altura, grasnava numa algaravia. Enquanto o especialista a examinava, cantou e imitou vozes de animais, alternadamente. E depois apareceu Dennings.

— Oh, é terrível — choramingou para o especialista. — Simplesmente horrível! Oh, espero que possa fazer qualquer coisa! Haverá alguma coisa? Sabe, não temos um lugar para onde ir, senão... e tudo por causa... Oh, o madito diabo teimoso! — Como o especialista, ao medir a pressão de Regan, olhava com curiosidade, Dennings virou-se para Karras e queixou-se: — Mas que diabo você está fazendo? Não vê que a putinha devia estar no hospital? Karras, ela devia estar num manicômio! Agora você já sabe! Realmente! Vamos parar com toda essa chanchada do caralho! Se ela morrer, sabe que a culpa é sua? Toda sua! Quer dizer, só porque ele é teimoso não quer dizer que você se porte como um merda! Você é um médico! Não devia ser tão estúpido, Karras! Vamos! Hoje em dia há uma terrível falta de casas. Se tivermos de...

Nessa altura voltou o demônio, uivando como um lobo. O especialista, impávido, desatou a braçadeira do esfigmomanômetro. Depois fez aceno a Karras com a cabeça.

Terminara.

Saíram para o corredor, onde o especialista olhou para trás, por um momento, para a porta do quarto, e depois voltou-se para Karras.

— Que diabo está havendo ali dentro, padre?

O jesuíta desviou o rosto.

— Não posso dizer — disse baixinho.

— Muito bem.

— Qual é a história?

A atitude do especialista era sombria.

— Ela tem de suspender aquela atividade... dormir... dormir antes de a pressão baixar...

— Bill, há alguma, coisa que eu possa fazer?

O especialista olhou de frente para Karras e disse:

— Rezar.

Deu boa-noite e saiu. Karras o seguiu com o olhar, com todas as artérias e nervos pedindo repouso, pedindo esperança, pedindo milagres, embora ele soubesse que nada podia acontecer.

...Não devia ter-lhe dado o Librium!

Retornou ao quarto e abriu a porta, empurrando-a com a mão, tão pesada como a sua própria alma.

Merrin vigiava a cabeceira da cama, enquanto Regan relinchava como um cavalo, alto e bom som. Ouviu Karras entrar e olhou para ele interrogativamente. Karras balançou a cabeça. Merrin fez sinal de assentimento. Havia tristeza no seu rosto; depois aceitação; e, ao voltar-se para Regan, havia uma determinação austera.

Merrin ajoelhou-se ao lado da cama.

— Pai nosso... — começou ele.

Regan salpicou-lhe de bÍlis escura e fedorenta e em seguida grasnou:

— Hás de perder! Ela vai morrer! Vai morrer!

Karras pegou o seu exemplar do *Ritual*. Abriu-lhe. Levantou os olhos e olhou para Regan.

— Salva a tua serva — rezava Merrin.

— Em face ao inimigo.

Havia um tormento desesperado no coração de Karras. *Dorme! Dorme!* Rugia a sua vontade, em frenesi.

Mas Regan não dormiu. Nem de madrugada. Nem ao meio-dia. Nem ao cair da noite.

Nem no domingo, quando as pulsações estavam a cento e quarenta e sempre mais fracas, enquanto os ataques continuavam, incessantes,

enquanto Karras e Merrin repetiam o ritual, sem nunca dormirem, Karras procurava febrilmente remédios e uma camisa-de-força para restringir ao mínimo os movimentos de Regan, mantendo todos afastados do quarto por um tempo, vendo-se a ausência de provocação encerrava os ataques. De nada adiantou. E os gritos de Regan eram tão esgotantes como os seus movimentos. No entanto, a pressão arterial se mantinha. Mas por quanto tempo mais? Karras se torturava. *Oh, meu Deus, não a deixe morrer!* exclamava repetidamente para si próprio. *Não a deixe morrer! Deixe-a dormir! Deixe-a dormir!* Nunca teve a consciência de que os seus pensamentos eram orações; apenas que as suas preces não eram atendidas.

Às sete horas daquela tarde de domingo, Karras sentou-se no quarto, silencioso, junto de Merrin, exausto e angustiado pelos ataques do demônio: a sua falta de fê; a sua incompetência; a sua fuga da mãe à procura de *status*. E Regan. Era culpa sua.

Você não devia ter-lhe dado o Librium...

Naquela altura, os padres tinham acabado um ciclo do *Ritual*. Repousavam, ouvindo Regan cantar *Panis Angelicus*¹. Raras vezes saíram do quarto. Uma vez Karras saiu para mudar de roupa e tomar uma ducha. Mas era mais fácil estar acordado com o frio; o mau cheiro, que desde aquela manhã mudara, era agora repulsivo, de carne podre, em decomposição.

Fixando febrilmente Regan, com os olhos raiados de vermelho, Karras pensou ouvir um som. Qualquer coisa estalara. Outra vez. Quando pestanejava. E viu então que o som vinha das suas próprias pálpebras incrustadas. Voltou-se para Merrin. Em todas aquelas horas, o exorcista dissera muito pouco: de vez em quando, uma história comum da sua infância; reminiscências; coisas sem importância; uma história a respeito de um pato que tivera, chamado *Clancy*. Karras preocupou-se com ele. A falta de sono. Os ataques do demônio. Naquela idade. Merrin fechou os olhos e deixou o queixo repousar-lhe sobre o peito. Karras voltou o olhar para Regan e depois, cansado, levantou-se e foi até à beira da cama. Viu-lhe o pulso e começou a medir-lhe a pressão arterial. Enquanto enrolava a braçadeira preta do esfigmomanômetro em volta do braço de Regan, piscou os olhos repetidamente para

¹ Pão dos Anjos – Penúltima estrofe do hino *Sacris solemniis*, composto por São Tomás de Aquino para a prece matinal de *Corpus Christi*, da Igreja Católica.

(Nota do editor)

obter uma visão mais clara.

— Hoje é Dia das Mães, Dimmy.

Durante um momento ficou imóvel; sentiu como se lhe arrancassem o coração do peito. Depois fixou aqueles olhos que não pareciam os de Regan, mas uns que o censuravam tristemente. Olhos solitários. Os da sua mãe.

— Eu não sou boa para você? Por que você me deixa morrer sozinha, Dimmy? Por quê? Por que você...

— Damien!

Merrin agarrou-lhe firmemente o braço.

— Agora faça o favor de ir embora e repousar um pouco, Damien.

— Dimmy, por favor! Por que...

Sharon entrou para mudar a roupa da cama.

— Damien, vá repousar um pouco — insistiu Merrin.

Com um nó na garganta seca, Karras voltou-se e saiu do quarto. Abatido, parou no corredor. Depois, desceu as escadas e ficou imóvel, indeciso. Café? Morreria por isso. Mas ainda mais por uma ducha, por trocar de roupa, se barbear.

Saiu de casa e atravessou a rua para a Residência dos Jesuítas. Entrou. Foi até o seu quarto tateando. E quando olhou para a cama... *Esqueça a ducha. Durma. Meia hora.* Ao estender a mão para o telefone, para pedir à recepção que o acordasse, o telefone tocou.

— Sim, está? — respondeu com voz rouca.

— Padre Karras, tem alguém aqui à sua espera; o Sr. Kinderman.

Por um momento, Karras prendeu a respiração e então, debilitadamente, respondeu:

— Diga-lhe, por favor, que espere um minuto, que eu já vou.

Ao desligar o telefone, Karras viu o maço de *Camel* em cima da escrivaninha. Com um bilhete de Dyer. Leu-o de olhos embaçados:

No genuflexório da capela, em frente das velas, foi encontrada uma chave do Playboy Club. Será sua? Pode pedi-la na recepção.

Impassível, Karras pousou o bilhete, vestiu uma roupa leve e saiu do quarto. Esqueceu de levar os cigarros.

Na recepção, viu Kinderman no balcão do PBX., compondo delicadamente o arranjo de um vaso cheio de flores. Ao virar-se — segurava o pé de uma camélia cor-de-rosa —, viu Karras.

— Ah, padre! Padre Karras! — exclamou Kinderman,

mudando para uma expressão preocupada, ao ver a extrema fadiga estampada no rosto do jesuíta. Colocou rapidamente a camélia onde devia e avançou ao encontro de Karras.

— Você está com uma aparência péssima. O que é que há? É o resultado de todo aquele “sapateado” à volta da pista? Deixe disso! Escute, venha! — agarrou Karras pelo cotovelo e dirigiu-se para a rua. — Tem um momento? — Perguntou, ao passarem pela porta da rua.

— Muito pouco tempo — murmurou Karras. — O que é?

— Era uma pequena conversa. Preciso de um conselho, nada mais, apenas isso.

— Sobre o quê?

— Daqui a pouco — disse Kinderman, com um gesto de abandono. — Agora passemos. Vamos tomar um ar. Arejar um pouco. — Deu o braço ao jesuíta e atravessaram a Rua Prospect em diagonal. — Ah, agora, olhe para isto! Belo! Deslumbrante! — Apontava para o sol no ocaso no Potomac; no silêncio ecoaram as gargalhadas e as vozes dos estudantes de Georgetown, em frente de uma taberna, próximo da esquina da Rua Trinta e Seis. Um dera um forte encontrão no braço de outro e os dois tinham começado uma luta amigável.

— Ah, a universidade, a universidade, a universidade... — suspirou Kinderman, pesaroso, olhando e balançando a cabeça. — Nunca estive lá... mas gostaria... gostaria... — Reparou que Karras olhava o pôr-do-sol. — Agora, sério, você não me parece nada bem — repetiu ele. — O que há? Tem estado doente?

Quando abordaria Kinderman o assunto? — pensou Karras.

— Não, muito ocupado — respondeu ele.

— Então, mais devagar — resfolegou Kinderman. — Devagar. Você bem sabe. Viu por acaso o *Ballet Bolshoi*, no Watergate?

— Não.

— Eu também não. Mas gostaria. São tão graciosos... tão bonitos! Tinham chegado ao muro da Car Barn. Pousando um braço no muro, Karras voltou-se para Kinderman, que cruzara as mãos sobre o parapeito e olhava, pensativo, a outra margem do rio.

— Bem, o que o preocupa, tenente? — perguntou Karras.

— Ah, bem, padre — suspirou Kinderman. — Acho que tenho um problema.

Karras olhou, de relance, a janela fechada de Regan.

— É profissional?

— Bem, em parte... só em parte.

— De que se trata?

— Bem, principalmente, é... — Kinderman, hesitante, olhou de lado. — Bem, é principalmente ético, diria-se, padre Karras... uma pergunta... — O detetive virara-se e encostava-se ao muro. Franziu a sobancelha, olhando para a calçada. Depois encolheu os ombros. — Não há ninguém a quem eu possa falar disso: especialmente com o meu capitão, sabe? Não posso. Não posso contar a ele. Por isso pensei... — O seu rosto iluminou-se com súbita animação. — Eu tinha uma tia... você tem de ouvir essa; é engraçada. Durante anos viveu aterrorizada — aterrorizada — por causa do meu tio. Não ousava dirigir-lhe a palavra. Não ousava levantar a voz. Nunca! Então, sempre que se zangava com ele por qualquer motivo — qualquer que fosse — corria imediatamente para o guarda-roupa do quarto e aí, no escuro — você nem imagina! —, no escuro, sozinha, entre as traças e as roupas penduradas, praguejava — praguejava! — o meu tio, talvez por uns vinte minutos! Dizia exatamente o que pensava dele! Sério! Quero dizer, berrando! Saía dali sentindo-se melhor e dava-lhe um beijo no rosto. Me diga agora, o que é isso, padre? É ou não um bom remédio?

— É muito bom! — disse Karras sorrindo, exausto — E agora, sou eu o seu armário? Não é o que quer dizer?

— De certo modo — disse Kinderman. Baixou novamente os olhos. — De certo modo, mas mais sério, padre Karras.

— Fez uma pausa. — E o armário deve falar — acrescentou pesadamente.

— Tem um cigarro? — pediu Karras, com as mãos tremendo.

O detetive, incrédulo, levantou os olhos.

— Fumar? No estado em que eu estou?

— Não, claro que não — murmurou Karras, cruzando as mãos em cima do muro e olhando para elas. *Parem de tremer!*

— Mas que médico! Deus me livre de adoecer numa floresta onde, em vez do Albert Schweitzer, só estivesse o senhor comigo! Ainda trata as verrugas com rãs, Dr. Karras?

— É com sapos — respondeu Karras, subjugado.

— Você hoje não ri — disse Kinderman, preocupado. — Há algo errado?

Silencioso, Karras balançou a cabeça.

— Vá lá! — disse baixo, em seguida.

O detetive suspirou e virou-se para o rio.

— Eu dizia... — sibilou ele. Coçou a testa com a unha do polegar. — Eu dizia... bem, padre Karras, digamos que estou

trabalhando num caso. Um homicídio.

— Dennings?

— Não, não, puramente hipotético. Você não está a par disso. Nada. Nada mesmo.

Karras assentiu com a cabeça.

— Um assassinato ritual de feitiçaria, é o que este parece — continuou o detetive, cogitando. Franzia a sobrancelha, escolhendo as palavras devagar. — E digamos que na casa... nesta casa hipotética... vivem cinco pessoas e que uma delas deve ser o assassino. — Fazia gestos enfáticos, cortantes, com a mão. — Ora, eu sei disso. Sei disso. Sei que isso é um fato. — Em seguida fez uma pausa, expirando devagar. — Mas então o problema... Todas as provas... bem, padre Karras, designam uma criança; uma menininha, talvez de uns dez ou doze anos... um bebê; podia talvez ser uma filha minha. — Conservara os olhos fixos no cais, à frente deles. — Sim, eu sei; parece fantástico... ridículo... mas verdadeiro. Então, padre, a esta casa chega um padre... muito célebre... e, sendo este caso puramente hipotético, padre, eu descubro pelo meu gênio, hipotético também, que esse padre uma vez curou um tipo muito especial de doença. Uma doença que, a propósito, é mental, fato que menciono de passagem, para seu conhecimento.

Karras sentiu-se ficar cada vez mais pálido.

— Bom, agora, há também... satanismo envolvido nesta doença; acontece, e ainda... força... sim, uma força incrível. E esta jovem, digamos, hipotética, poderia então... torcer completamente uma cabeça de homem, sabe? Sim, poderia. — Acenou então afirmativamente com a cabeça. — Agora a pergunta... — Pensativo, fez uma careta. — Veja... veja, a jovem não é responsável, padre, ela está demente, está vendo? — Encolheu os ombros. — E é apenas uma criança! Uma criança! — Balançou a cabeça. — E, todavia, a doença que ela tem... pode ser perigosa. Pode matar qualquer outra pessoa. Sabe-se lá?

Voltou a olhar para o outro lado do rio, de olhos semicerrados.

— É um problema. O que fazer? Digo, hipoteticamente.

Esquecer? Esquecer e esperar que ela — Kinderman fez uma pausa — Fique boa? — Pegou um lenço. — Padre, eu não sei... não sei. — Assoou o nariz. — É uma decisão terrível, horrível mesmo. — Procurava um pedaço de lenço limpo, uma parte não servida. — Horrível. E detesto ter de tomá-la. — Voltou a

assoar o nariz e bateu levemente numa narina. — Padre, que se deveria fazer num caso destes? Hipoteticamente. O que pensa que se devia fazer?

O jesuíta vibrou, durante um momento, com uma cólera surda, de fadiga, devido ao peso acumulado. Esperou que passasse. Fitou Kinderman nos olhos e respondeu, baixinho:

— Eu deporia o assunto nas mãos de um poder mais alto.

— Creio que é onde está neste momento — suspirou Kinderman.

— Sim... e o deixaria lá.

Encararam-se. Depois, Kinderman colocou o lenço no bolso.

— Sim... sim, pensei que ia me dizer isso. — Balançou a cabeça e em seguida contemplou o pôr-do-sol. — Tão belo. Um autêntico espetáculo. — Puxou a manga para trás, para consultar o relógio de pulso. — Ah, bem, tenho de ir. A Sr.^a K. deve estar grintando agora: “O jantar está frio!” — Voltou-se para Karras. — Obrigado, padre. Me sinto melhor... muito melhor. Oh, a propósito, você pode, talvez, me fazer um favor? Trata-se de um recado. Se encontrar um homem chamado Engstrom, diga-lhe... bem, diga lhe: “A Elvira está numa clínica; está bem.” Ele compreenderá. Pode me fazer isso? Isto é, se o encontrar.

Karras, embaraçado:

— Claro — disse ele. —, claro.

— Olhe, padre, não quer vir ao cinema uma noite dessas? O jesuíta baixou a vista e murmurou:

— Em breve.

— Em breve. Você é como um rabino quando fala do Messias: é sempre “em breve”. Escute, me faça outro favor, padre. — O detetive parecia grandemente preocupado. — Pare com aquelas voltas na pista por uns tempos. Passeie apenas, passeie. Mais devagar. Faz isso?

— Está bem.

O detetive olhou para a calçada, de mãos nos bolsos, resignado.

— Eu sei — suspirou, cansado. — Em breve. Sempre em breve. — Ao partir, de cabeça ainda baixa, levantou a mão e a levou ao ombro do jesuíta. Apertou-lhe. — O Elia Kazan manda-lhe cumprimentos.

Karras ficou um momento vendo-o descer a rua, curvado. Observou-lhe, maravilhado. Com ternura, e surpreso com as voltas labirínticas do coração. Ergueu a vista para as nuvens tingidas de cor-de-rosa, sobre o rio, depois, além para oeste, onde deslizavam no

fim do mundo, a brilharem levemente, como uma promessa recordada. Levou o lado do punho aos lábios e lutou contra a tristeza que lhe subia da garganta para os cantos dos olhos. Esperou. Não ousava arriscar um outro olhar ao pôr-do-sol. Ergueu a vista para a janela de Regan e depois voltou para a casa.

Sharon abriu-lhe a porta e disse que nada mudara. Amarrava uma trouxa de roupa malcheirosa. Desculpou-se.

— Tenho de levar isso lá embaixo, pra máquina. Karras olhou para ela. Pensou em café. Nessa altura, porém, ouviu o demônio grasnando, malévolo, contra Merrin. Ia subindo a escada. Lembrou-se então do recado. Karl. Onde estaria ele? Voltou para perguntar a Sharon e a viu desaparecer pelas escadas do porão. Numa névoa, foi para a cozinha.

Nada de Karl. Apenas Chris. Estava sentada à mesa olhando para... um álbum? Fotografias coladas. Recortes de jornais. As mãos na testa impediam que ele lhe visse o rosto.

— Desculpe — disse Karras, muito baixo —, o Karl está no quarto dele?

Chris balançou a cabeça.

— Foi às compras — murmurou ela, numa voz sumida. Karras a ouviu fungar. — Tem café ali, padre — tornou ela, num murmúrio. — Deve estar quase pronto. — Ao olhar para a luz da cafeteira, Karras ouviu Chris se levantar da mesa e ao voltar-se a viu passar silenciosamente por ele, virando o rosto para o outro lado. Ouviu um “Desculpe”, em voz trêmula. Ela saíra da cozinha.

Os olhos do jesuíta caíram no álbum. Encaminhou-se para a mesa e olhou para baixo. Fotografias de amador. Com um baque, Karras percebeu que estava olhando para Regan.

Aqui, soprando as velas de um bolo de aniversário, coberto de natas. Ali, sentada no embarcadouro de um lago, de calção e camisa esportiva, acenando alegremente para a câmera. Tinha uma coisa escrita no peito da camisa: “Camp...” Não conseguia ler.

Na página oposta, uma folha de papel pautado escrita com uma letra de criança:

*Se ao invés de apenas barro
Eu pudesse pegar todas as mais belas coisas
Como um arco-íris,
Ou as nuvens, ou o canto dos pássaros,
Talvez então, mãe querida,
Se eu as pusesse todas juntas,
Poderia fazer uma escultura sua.*

Por baixo do poema: “EU TE AMO! FELIZ DIA DAS MÃES!” A assinatura, a lápis, era da Rags.

Karras fechou os olhos. Não podia suportar este encontro de acaso. Voltou-se, cansado, e esperou que o café fervesse. De cabeça baixa, agarrou-se ao balcão e voltou a fechar os olhos. *Acaba com isso!*, pensou; *acaba com isso tudo!* Mas ele não podia; e ao ouvir o ruído do café coando, as mãos começaram-lhe a tremer e a compaixão rebentou subitamente, numa raiva cega à doença e à dor, ao sofrimento das crianças e à fragilidade do corpo, à monstruosa e ultrajante corrupção da morte.

“Se ao invés de apenas barro”

A raiva esgotou-se em tristeza e desesperada frustração.

“...todas as mais belas coisas”

Não podia esperar pelo café. Ele tinha de ir... tinha de fazer alguma coisa... ajudar alguém... tentar...

Saiu da cozinha. Ao passar pela sala, olhou para dentro. Chris estava no sofá, chorando convulsivamente; Sharon a confortava. Desviou o olhar e subiu a escada, ouviu o demônio rugindo freneticamente para Merrin.

“...terias perdido! Tu terias perdido e sabias disso. Sua escumalha, Merrin! Bastardo! Volta! Vem e...”

Karras bloqueou isso.

“...ou o canto dos pássaros...”

Ao entrar no quarto percebeu de que se esquecera de vestir uma camisa. Olhou para Regan. A cabeça estava voltada para o outro lado, enquanto o demônio continuava enraivecido.

“...todas as coisas mais...”

Foi devagar para a cadeira, pegou num cobertor e só então, no seu cansaço, notou a ausência de Merrin. Ao voltar para junto de Regan, para lhe medir a pressão arterial, quase tropeçou nele. Jazia no chão, ao lado da cama, de rosto para baixo, flácido e desconjuntado. Horrorizado, Karras ajoelhou. Virou-lhe para cima. Viu-lhe a coloração azulada da face. Procurou sentir-lhe o pulso. E num doloroso e pungente momento de angústia, Karras se deu conta de que Merrin estava morto.

— ...santíssima flatulência! Morrer, não é? Morrer? Karras, cura-o! — dizia o demônio enraivecido. — Chama-o à vida e deixa-nos acabar, deixa-nos...

Insuficiência cardíaca. Artéria coronária.

— Ah, Deus! — gemeu Karras, suspirando. — Deus, não! — Fechou os olhos e balançou a cabeça em descrença, em

O Exorcista

desespero, e então, abruptamente, num impulso de dor, enterrou, com força selvagem, o polegar no pulso lívido de Merrin, como para lhe espremer dos tendões o perdido latejar da vida.



— ...piedoso...

Karras recuou e inspirou profundamente. Viu então os minúsculos comprimidos espalhados pelo chão. Pegou um e, num reconhecimento doloroso, viu que Merrin sabia. Nitroglicerina. Ele sabia. De olhos vermelhos e rastos de água, Karras olhou para o rosto de Merrin: “...vá e repouse um pouco agora, Damien...”

— Nem os vermes hão de querer comer a tua deterioração, seu...

Karras ouviu as palavras do demônio e começou a tremer com uma fúria assassina.

Não ouça!

...homossexual...

Não ouça! Não ouça!

Na testa de Karras pulsava uma veia saliente, colérica e sombria. Ao pegar nas mãos de Merrin e começar ternamente a colocá-las em cruz, ouviu o demônio grasnar:

— Agora põe o caralho dele nas mãos dele! — e uma bola de escarro pútrido foi-se esborrachar num olho do morto. — Os últimos ritos! — troçou o demônio. Atirou a cabeça para trás e riu selvaticamente.

Karras, de olhos fora das órbitas, olhou espantado para o escarro. Não se moveu. Nada mais ouviu a não ser o rugir do seu

O Exorcista

sangue. Então, devagar, aos arrancos, de lado e tremendo, olhou para cima, com uma cara que era um trejeito purpúreo, um espamo eletrificante de raiva e de ódio.

— Seu filho da puta! — espumou Karras com raiva, num murmúrio que cortou o ar como aço fundido. — Seu bastardo! — embora não se movesse, parecia desenrolar-se, com o pescoço de tendões tensos como cordas. O demônio deixou de rir e o olhou com maldade. — Tu estavas perdendo! És um perdedor! Sempre foste um perdedor!

Regan o salpicara de vômito. Karras o ignorou. — Sim, você é muito bom com as crianças! — disse ele tremendo. — Garotinhas! Bem, vamos! Vamos ver você experimentar algo maior! Vamos! — Tinha as mãos estendidas como grandes ganchos carnudos, acenando-lhe lentamente. — Vamos! Vamos, perdedor! Experimenta comigo. Deixa a menina e me pega! Me pega! Vem ao meu...



Mal passara um minuto quando Chris e Sharon ouviram os sons que vinham de cima. Estavam no gabinete e Chris, de olhos enxutos, estava sentada defronte ao bar, enquanto Sharon, do outro lado, preparava as bebidas. Ao pousar a vodca e a água tônica no balcão do bar, olharam ambas para o teto. Tropeções. Pancadas secas contra os móveis. As paredes. Depois a voz do... demônio? O demônio. Obscenidades. Mais uma voz. Alternando. Karras? Sim, Karras. Ainda mais forte. Mais profunda.

— Não! Eu não vou deixar que você as machuque! Você

não vai machucá-las. "Você vem com....

Chris, estremecendo, bateu o copo de vodka, que se estilhaçou. Vidros se quebrando, e, num instante, ela e Sharon saíram correndo do gabinete, subiram as escadas e escancararam a porta do quarto de Regan, entrando de vez. Viram os batentes da janela no chão, arrancados das dobradiças! A vidraça fora totalmente estilhaçada!

Alarmadas, correram para a janela e, ao fazê-lo, Chris viu Merrin no chão, ao lado da cama. Ficou em pé, paralisada pelo choque. Em seguida correu para ele. Ajoelhou-se. Arfou.

— Oh, meu Deus! — disse, choromingando. — Sharon! Shar, vem aqui! Depressa, vem...

Sharon gritou da janela e Chris, ao levantar os olhos, a viu de boca aberta, sem um pingo de sangue, correr de novo para a porta.

— Shar, o que é?

— Padre Karras! Padre Karras!

Ela saiu do quarto em disparada, histérica, e Chris levantou-se e correu para a janela tremendo. Olhou para baixo e sentiu o coração fugir-lhe do corpo. No fundo das escadas, na movimentada Rua M, Karras jazia machucado no meio da multidão que se aglomerava.

Ela olhou atônita. Paralisada. Tentou se mover.

— Mãe?

Uma voz pequena, desfalecida, chamando, chorosa, atrás dela. Chris engoliu em seco. Não ousava acreditar ou...

— O que está acontecendo, mãe? Oh, por favor. Por favor, venha cá! Mãe, por favor! Estou com medo! Estou com me...

Chris virou-se rápido e viu as lágrimas de confusão, o pedido, e de repente correu para a cama, chorando.

— Rags! Oh, meu bebê, meu bebê! Oh, Rags!

No andar de baixo, Sharon correu, voando, em frenesi, para a Residência dos Jesuítas. Perguntou urgentemente por Dyer. Ele chegou depressa à recepção. Ela lhe contou. Ele empalideceu.

— Chamou uma ambulância?

— Oh, meu Deus, nem pensei nisso!

Dyer deu imediatamente instruções ao telefonista e em seguida saiu correndo do *hall*, seguido de perto por Sharon. Atravessou a rua. Desceu as escadas.

— Por favor, deixem-me passar! Com licença! — Ao empurrar as pessoas, Dyer ouviu as murmurações da ladainha da indiferença: "O que aconteceu?" "Um cara caiu pela escada." "Vocês viram...?"

Deve estar bêbado. Veem o vômito?” “Vem, vamos chegar atrasados ao...”

Por fim, Dyer conseguiu passar e no intervalo entre duas pulsações sentiu-se gelar numa dimensão de dor sem tempo, num espaço em que o ar era muito doloroso para se respirar. Karras jazia de costas, flácido e torcido, com a cabeça no meio de uma poça de sangue que se alastrava. Olhava no vácuo, de boca aberta, o maxilar descaído. E então os seus olhos desviaram para Dyer entorpecidamente. Saltavam-se vivos. Pareceram brilhar em elação. Um apelo. Algo urgente.

— Vamos; para trás! Ponham-no para trás! — Um policial. Dyer ajoelhou-se e colocou a mão leve como uma carícia na face ferida e retalhada. Tantos golpes. Um fio de sangue escorria-lhe da boca. — Damien... — Dyer deteve-se para acalmar o tremor da garganta, e nos olhos viu aquele brilho ténue e ansioso, o apelo sincero.

Aproximou-se mais.

— Pode falar?

Devagar, Karras levou a mão ao pulso de Dyer. Agarrou-lhe e olhou fixamente para ele. O apertou de leve.

Dyer lutou contra as lágrimas. Curvou-se ainda mais e aproximou a boca do ouvido de Karras.

— Quer fazer agora a sua confissão agora, Damien? Uma pressão.

— Está arrependido de todos os seus pecados e de ter ofendido o Senhor Deus Todo Poderoso?

Uma pressão.

Então Dyer endireitou-se ao fazer o sinal da cruz sobre Karras, recitando as palavras da absolvição: “*Ego te absolvo...*”

Uma enorme lágrima rolou pela face de Karras e Dyer sentiu então o seu pulso ser apertado ainda com mais força, continuamente, ao terminar a absolvição: “*...in nomine Patris, et Fillii, et Spiritus Sancti. Amen.*”

Dyer tornou a se inclinar, aproximando a boca do ouvido de Karras. Esperou. Engoliu em seco. E murmurou. “Você está?...” Parou de repente ao deixar de sentir a pressão no seu pulso. Inclinou a cabeça para trás e viu os olhos tocados pela paz; e algo mais; algo misterioso como a alegria final de uma saudade sincera. Os olhos ainda viam. Mas já nada deste mundo. Nada daqui.

Terna e lentamente, Dyer fechou-lhe as pálperas. Ouviu a

ambulância soando ao longe. Ia começar a dizer, “Adeus”, mas não pôde acabar. Baixou a cabeça e chorou.

A ambulância chegou. Puseram Karras numa maca e o puseram na ambulância. Dyer subiu e sentou-se ao lado do médico. Estendeu o braço e agarrou a mão de Karras.

— Padre, você não pode fazer mais nada por ele — disse o médico numa voz bondosa. — Não torne as coisas ainda mais difíceis para si. Não venha.

Dyer olhou para aquele rosto cortado e dilacerado. Balançou a cabeça.

O médico olhou para a porta de trás da ambulância onde o motorista esperava, paciente. Fez um sinal com a cabeça. A porta da ambulância se fechou com um estalido.

Sharon ficou olhando na calçada, entorpecida, atordoada, enquanto a ambulância partia devagar. Ouviu os murmúrios da multidão.

— O que aconteceu?

— Quem sabe, cara? Quem diabo é que sabe?

O soar da sirene da ambulância ecoou, estridente, na noite, sobre o rio, até o motorista se lembrar que o tempo já não importava. Desligou. O rio correu novamente, calmo, para praias mais tranquilas.

EPÍLOGO

Junho estava no fim. A luz do Sol entrava a jorros pela janela do quarto. Chris, que fazia as malas, colocou uma blusa dobrada dentro de uma mala e fechou a tampa. Em seguida, dirigiu-se apressada até a porta do quarto. E voltando-se para Karl disse: “Pronto, já está.” Quando o suíço entrou para fechar a mala com chave, ela saiu para o corredor, em direção ao quarto de Regan.

— Ei, Rags, você está pronta?

Tinham se passado seis semanas depois da morte dos padres. Após o choque. Depois de Kinderman ter dado o caso por encerrado. E os problemas continuavam sem solução. Apenas especulações obcecantes e um frequente despertar do sono em lágrimas. A morte de Merrin fora causada por deficiência das coronárias. Mas a de Karras, “Desconcertante”, dissera Kinderman, arfando. Não fora a garota, convencera-se ele. Ela estivera firmemente segura pelas correias e pela camisa-de-força. Era óbvio que Karras tinha arrancado as persianas, saltando deliberadamente da janela para a morte. Mas por quê? Medo? Uma tentativa de escapar a algo horrível? Não. Kinderman depressa pusera isso de lado. Se tivesse querido fugir poderia tê-lo feito pela porta. E Karras não era, em hipótese alguma, homem de fugir.

Mas por quê então o pulo fatal?

Para Kinderman a resposta começara a tomar forma numa declaração feita por Dyer, na qual mencionava os conflitos emocionais de Karras: o seu complexo de culpa perante a mãe; a morte dela; o seu problema de fé; e quando Kinderman a tudo isto acrescentara a impossibilidade de dormir ao longo de vários dias; a preocupação e o sentimento de culpa por causa da morte iminente de Regan; os ataques demoníacos sob a forma da personalidade da mãe; E por fim o choque da morte de Merrin, concluiu com tristeza que a mente de Karras cedera, fora abalada pelo peso das culpas que já não podia suportar. Além disso, ao investigar a morte de Dennings, o detetive aprendera, pelas leituras sobre possessão, que os exorcistas ficam frequentemente possessos e por motivos tais como os que poderiam ter estado presentes naquela ocasião: fortes sentimentos de culpa e a necessidade de se castigar, acrescentados ao poder da auto-sugestão. Karras atingira o ponto de saturação. E o ruído da luta, a voz alterada do padre, ouvidos tanto por Chris como por Sharon, pareciam confirmar a hipótese do detetive.

Mas Dyer recusara aceitá-la. Voltara à casa repetidas vezes, durante a convalescença de Regan, para falar com Chris. Perguntara muitas vezes se Regan já seria capaz de se lembrar do que acontecera naquela noite no quarto. Mas a resposta tinha sido sempre ou um balançar da cabeça ou um não; e finalmente o caso fora encerrado.

Chris espreitou então pela porta do quarto de Regan; viu a filha com dois bonecos de pelúcia apertados contra o peito, o olhar com um descontentamento de criança para a mala cheia, aberta em cima da cama.

— Minha querida, você já fez a mala? — perguntou Chris. Regan levantou a vista. Um pouco pálida. Um pouco magra. Um pouco de olheira debaixo dos olhos.

— Não tem mais espaço nessa coisa! — disse ela, franzindo a sobrancelha.

— Então, filhinha, não pode levar tudo. Deixa o que não couber, que a Willie leva o resto. Anda, querida, depressa, senão perdemos o avião.

Iam apanhar um voo da tarde para Los Angeles, deixando Sharon e os Engstroms para fecharem a casa. Depois Karl levaria o Jaguar de volta pra casa.

— Oh, está bem — disse Regan um pouco amuada.

— É assim mesmo, minha querida. — Chris a deixou e desceu a escada correndo. Ao chegar ao fundo a campainha da porta tocou. Foi abrir.

— Olá, Chris. — Era o padre Dyer — Vim até aqui só para lhe dizer adeus.

— Eu ia agora mesmo me encontrar com você. — Ela recuou um passo e disse: — Entre.

— Não, Chris, não vale a pena. Sei que está com pressa. Ela o pegou na mão e o puxou para dentro de casa.

— Oh, por favor! Eu ia tomar uma xícara de café.

— Bem, se insiste...

Ela insistiu. Foram ambos para a cozinha, onde se sentaram à mesa, beberam café, gracejaram, enquanto Sharon e os Engstroms andavam de um lado para o outro, atarefados. Chris falou de Merrin: como ficara intimidada e surpresa ao ver as personalidades e os dignitários estrangeiros no funeral. Mantiveram-se em silêncio enquanto Dyer, de cabeça baixa, fixava a sua xícara, amargurado. Chris leu-lhe o pensamento.

— Ela continua sem se lembrar — disse baixinho. — Desculpe.

Ainda abatido, o jesuíta inclinou a cabeça num gesto afirmativo. Chris olhou para a bandeja do café. Muito nervosa e excitada, não o tomara. A rosa ainda estava lá. Ela a pegou e, pensativa, a fez rodar entre os dedos, balançando-a pelo caule, para trás e para a frente, com delicadeza.

— E ele nem sequer chegou a conhecê-la — murmurou Chris distraída. Depois, segurou a rosa e fixou o olhar em Dyer. O viu olhando para ela.

— O que você acha que aconteceu realmente? — perguntou ele em voz baixa. — Como descrente, pensa que ela estava realmente possesa?

Chris ponderou, de olhos baixos, ainda brincando com a rosa.

— Bem, como você diz... em relação a Deus, sou descrente. Ainda sou. Mas, quando o assunto é um diabo... bem, isso é outra coisa. Nisso eu poderia acreditar. E acredito, de fato. Acredito. E não é apenas por causa do que sucedeu à Rags. Quero dizer, de uma maneira geral. — Encolheu os ombros. — Chegamos a Deus e temos de pensar que, se ele existe, então deve precisar dormir um milhão de anos todas as noites, de outro modo poderia ficar irritado. Entende o que quero dizer? Ele Nunca fala. Mas o Diabo faz publicidade, padre. O Diabo faz um monte de anúncios.

Dyer olhou para ela por um momento e depois disse tranquilamente:

— Mas se todo o mal do mundo a faz pensar que pode haver um diabo, então como explica todo o bem do mundo?

A ideia a fez semicerrar os olhos enquanto o fixava.

— Sim... sim — murmurou baixo —, isso é um argumento. — A tristeza e o choque da morte de Karras caíam sobre si como uma névoa de melancolia. No entanto, através dela via um ponto de luz e tentava se concentrar nele, lembrando-se de Dyer quando, no cemitério, a acompanhara ao carro, depois do enterro de Karras. “Pode vir lá em casa por um tempo?”, perguntara ela. “Oh, gostaria muito, mas não posso perder a festa”, replicara ele. Ela ficara intrigada. “Quando um jesuíta morre”, explicara ele, “temos sempre uma festa. Para ele é um princípio; por isso o festejamos.”

Chris teve outra ideia.

— Você disse que o padre Karras tinha um problema de fé.

Dyer fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Não posso acreditar nisso — declarou ela. — Nunca vi uma fé tão grande na minha vida.

— O táxi está aqui, senhora.

Chris saindo de seu devaneio.

— Está bem, Karl. Obrigada.

Puseram-se ambos de pé.

— Não, padre, não vá embora. Eu desço já. Vou só lá em cima buscar a Rags.

Ele fez um aceno com a cabeça, distraído, ao vê-la sair. Pensava nas últimas e enigmáticas palavras de Karras, nos gritos ouvidos embaixo, antes da morte. Havia algo ali que não estava certo. O que seria? Não sabia. Tanto as recordações de Chris como as de Sharon tinham sido vagas. Mas agora pensava uma vez mais naquele misterioso ar de alegria no olhar de Karras. E ainda outra coisa, lembrou-se subitamente: um profundo e feroz brilho cintilante de... triunfo? Não tinha certeza. Contudo, era estranho, mas sentia-se menos preocupado. Menos preocupado por quê?, perguntou a si próprio.

Foi até o *hall* de entrada. Encostou-se à porta, de mãos nos bolsos, observando Karl ajudar a colocar a bagagem no táxi. Estava quente e úmido. Limpou a testa e em seguida voltou-se ao ouvir o barulho de passos na escada. Chris e Regan desciam, de mãos dadas. Vieram ao seu encontro. Chris deu-lhe um beijo no rosto. Depois, passou a mão pela face que tinha beijado, olhando-o nos olhos com ternura.

— Não faz mal — disse ele. Depois, encolheu os ombros. — Tenho a impressão que não faz mal.

Ela fez um sinal com a cabeça.

—Eu telefono de Los Angeles. Tenha cuidado. Dyer baixou os olhos para Regan. Ela franzia a testa, numa súbita lembrança de uma ansiedade esquecida. Impulsiva, estendeu-lhe os braços. Ele inclinou-se e ela o beijou. Depois parou um momento, ainda olhando para ele com estranheza. Não, não era para ele. Era para o seu colarinho de padre.



Chris desviou os olhos.

— Anda — disse ela com voz rouca, pegando na mão de Regan. — Vamos chegar tarde, querida. Venha.

Dyer as viu partir. Correspondeu ao adeus de Chris. Viu-lhe mandar um beijo e em seguida subir depressa para o táxi. E enquanto Karl se sentava à frente, ao lado do motorista, Chris tornou a dizer adeus pela janela. O táxi partiu. Dyer caminhou até a esquina, a olhar. Logo o táxi dobrou uma esquina e se foi.

Do outro lado da rua ouviu um guinchar de freios. Olhou. Um carro da polícia. Dele emergiu Kinderman. O detetive, no seu andar bamboleado, deu vagorosamente a volta ao carro e caminhou para Dyer. Acenou.

— Vim para dizer adeus.

— Não as apanhou por um triz.

Kinderman parou, abatido.

— Elas se foram?

Dyer assentiu com a cabeça.

Kinderman olhou ao longo da rua e balançou a cabeça. Depois, levantou a vista para Dyer.

— Como está a menina?

— Parecia ótima.

— Ah, ainda bem. Muito bem. Bom, isso é tudo o que interessa. — Olhou para o outro lado. — Bem, volto ao trabalho — resfolegou. — Então, tchau, padre. — Voltou-se e deu um passo em direção ao carro de radiopatrulha; depois, parou e

O Exorcista

voltou atrás, olhando especulativamente para Dyer. — Padre Dyer, você vai ao cinema? Gosta de filmes?

— Gosto.

— Tenho entradas grátis. — Hesitou um momento. — De fato, tenho uma entrada para o Crest amanhã à noite. Gostaria de ir? Dyer tinha as mãos nos bolsos.

— O que é que está passando?

— O Morro dos Ventos Uivantes.

— Com quem?

— Heathcliff, Jackie Gleason, e, no papel de Catherine Earnshaw, a Lucille Ball. Está feliz?

— Já vi esse — disse Dyer, sem expressão.

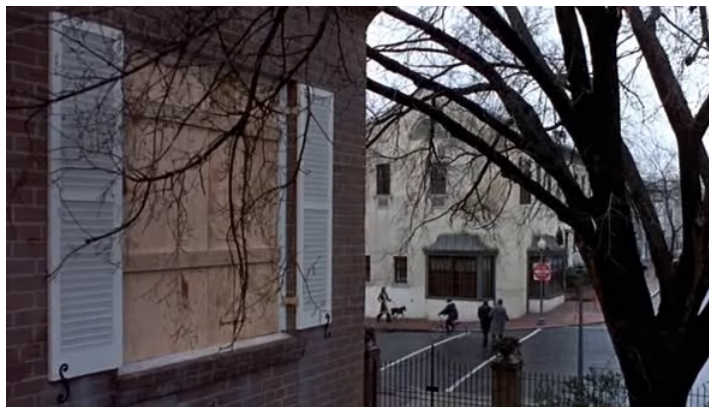
Kinderman o olhou sem firmeza, durante um momento. Desviou os olhos.

— Mais outro — murmurou. Subiu para a calçada, deu o braço a Dyer e começaram a descer a rua vagarosamente. — Me lembrei de uma fala do filme *Casablanca* — disse com amizade. — No final, Humphrey Bogart diz para Claude Rains: “Louie... acho que isso é o princípio de uma bela amizade.”

— Sabia que você se parece um pouco com o Bogart?

— Você reparou?

Esquecendo, eles tentavam se lembrar.



O Exorcista



Nota do autor

Agi com certa liberdade em relação à geografia da Universidade de Georgetown, sobretudo quanto à localização do Instituto de Línguas e Linguística. Além disso, a casa da Rua Prospect não existe, nem a recepção da Residência dos Jesuítas.

O fragmento de prosa atribuído a Lankester Merrin não é criação minha, mas foi tirado de um sermão de John Henry Newman, intitulado “The Second Spring”.

Reconhecimento

Os meus especiais agradecimentos ao Dr. Herbert Tanney, médico; ao Sr. Joseph E. Jeffs, bibliotecário da Universidade de Georgetown; ao Sr. William Bloom; e à Sr.^a Ann Harris, meu editor em Harper & Row, pela sua valiosa assistência e generosidade na preparação desta obra. Também gostaria de agradecer ao Rev. Thomas V. Bermingham, S J., provincial da província de Nova Iorque da Sociedade de Jesus, por ter sugerido o assunto deste romance; ao Sr. Marc Jaffe, de Bantam Books, pela sua fé inabalável e ímpar no seu eventual valor. A estas menções gostaria de acrescentar o Dr. Bernard M. Wagner, da Universidade de Georgetown, por me ter ensinado a escrever, e os jesuítas, por me terem ensinado a pensar.